

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**A INCLUSÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO
ENSINO BÁSICO
NA
PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES**

Um estudo de caso no interior rural

Volume II

CRISTINA MARIA GARCIA SERRA

Orientadora

Professora Doutora Isabel Fialho

Évora

2008

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE QUADROS	iii
ANEXO I – MODELOS DE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA	4
ANEXO II – GUIÕES DAS ENTREVISTAS	5
ANEXO III – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	20
ANEXO IV – QUADROS RELATIVOS À ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	112



170 381

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Situação escolar dos educandos a cargo do encarregado de educação	112
Quadro n.º 2 – As concepções dos professores sobre o conceito de escola inclusiva	112
Quadro n.º 3 – As concepções dos professores sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística na escola	114
Quadro n.º 4 – As concepções dos encarregados de educação imigrantes sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística na escola portuguesa	123
Quadro n.º 5 – Principais obstáculos e factores de favorecimento ao processo de inclusão dos alunos estrangeiros, na perspectiva dos docentes	123
Quadro n.º 6 – Processo de inclusão do educando/filho no ensino básico nacional, na perspectiva dos encarregados de educação	129
Quadro n.º 7 – Principais obstáculos e factores de favorecimento ao processo de inclusão dos alunos estrangeiros, sob a perspectiva dos encarregados de educação imigrantes.....	130
Quadro n.º 8 – Caracterização da relação entre a escola e as famílias imigrantes na perspectiva dos docentes.....	131
Quadro n.º 9 – Caracterização da relação entre a escola e as famílias, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes	135
Quadro n.º 10 – Contributos da formação docente para a gestão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos, na perspectiva dos docentes	136
Quadro n.º 11 – A forma como os professores da EBI c/JI da Ammaia procedem à inclusão dos alunos estrangeiros na sala de aula	140
Quadro n.º 12 – A forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa, na perspectiva dos docentes	144
Quadro n.º 13 – Atitudes dos docentes face aos alunos estrangeiros, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes.....	149
Quadro n.º 14 – Atitudes da EBI c/JI de Ammaia face aos alunos estrangeiros, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes	149
Quadro n.º 15 – Formas de colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes	150

ANEXO I

MODELOS DE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

	Tipo de modelo	Estatuto da LM da criança	Língua de ensino e de aprendizagens	Objectivos sociológicos e educativos	Perfil linguístico de saída visado	Ambientes linguísticos
Modelos monolingues	Regular	Língua maioritária	Língua maioritária	-	Bilinguismo limitado	Ambiente monolingue com ensino LE ¹
	Segregacionista	Língua minoritária	Língua minoritária (sem possibilidade de opção)	Apartheid	Monolinguisimo	Ambientes plurilingues de não convivência
	Separatista		Língua minoritária (por opção própria)	Separatismo	Bilinguismo limitado	
	De submersão		Língua maioritária	Língua maioritária	Assimilacionismo	Monolinguisimo
	De submersão com aulas de apoio					
Modelos bilingues/plurilingues	De transição	Língua minoritária	Inicialmente língua minoritária com transição posterior para a maioritária	Pluralismo e enriquecimento	Bilinguismo e biliteracia	Ambientes plurilingues aditivos
	De imersão	Língua maioritária	Bilingue com ênfase inicial em L2 ²			
	De manutenção da Língua de herança cultural	Língua minoritária	Bilingue com ênfase em L1 ³	Manutenção, Pluralismo e enriquecimento		
	“Two-way/Dual language”	Língua minoritária e língua maioritária	Língua minoritária e língua maioritária			
	Regular bilingue	Língua maioritária	Duas línguas maioritárias			

In. ILTEC, s. d:7

¹ Língua (s) Estrangeira (s)

² Língua Segunda

³ Língua Primeira

ANEXO II

GUIÕES DAS ENTREVISTAS

Guião da entrevista aos professores

Tema: A inclusão de alunos estrangeiros no sistema educativo nacional.

Objectivo geral: Conhecer e identificar as perspectivas dos professores/educadores sobre a forma como eles e a EBI c/JI de Ammaia – Portagem, tentam proceder à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional.

Entrevistadas/os: Um professor/educador representante de cada um dos níveis de ensino ministrado na EBI c/JI de Ammaia – Portagem (Pré-escolar, 1.º ciclo, 2.º ciclo, 3.º ciclo), que tenham tido ou tenham incluídos nas suas turmas alunos estrangeiros.

Determinação dos Blocos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões
Bloco A Legitimação da entrevista e incentivo à colaboração da/o entrevistada/o	Legitimar a entrevista. Justificar o tema e a entrevista, incentivando a colaboração do/a entrevistado/a.	<ul style="list-style-type: none">• Informar a/o entrevistada/o sobre o trabalho em curso (âmbito, responsáveis, objectivos, metodologia, apresentação/divulgação dos dados)• Solicitar a colaboração da/o entrevistada/o, para a consecução do estudo a realizar.• Informar a/o entrevistada/o acerca dos principais objectivos da entrevista.• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.• Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição da/o entrevistada/o.
Bloco B Identificação do entrevistada/o	Identificação pessoal e profissional da/o entrevistada/o	<ol style="list-style-type: none">1. Qual a sua idade?2. Qual a sua situação profissional?3. Há quantos anos exerce funções docentes?4. Em quantas Escolas/ Agrupamentos já exerceu funções docentes?5. Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou nas suas turmas de docência?6. Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na (s) sua (s) turma (s) de docência?7. Já frequentou alguma acção de formação sobre gestão e inclusão da diversidade na escola? Se

<p>Bloco D</p> <p>Inclusão de alunos estrangeiros no sistema educativo nacional</p>	<p>Identificar os principais obstáculos à inclusão dos alunos estrangeiros</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta /dificulta a sua inclusão e sucesso escolar? 2. Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?
	<p>Identificar os principais factores de favorecimento à inclusão dos alunos estrangeiros</p>	<ol style="list-style-type: none"> 3. Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão? 4. Importa-se de sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?
<p>Bloco E</p> <p>Relação escola/família</p>	<p>Identificar a forma como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista à sua inclusão</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista a sua inclusão? 2. Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros? 3. Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/ professores com os pais destes alunos? 4. Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal?
<p>Bloco F</p> <p>Formação <i>versus</i> gestão da diversidade e inclusão dos alunos estrangeiros</p>	<p>Identificar os contributos da formação dos professores com vista à gestão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo? 2. Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê? 3. Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstico na área da língua portuguesa e a gestão flexível do

		sim, qual, onde e há quanto tempo?
<p>Bloco C</p> <p>Escola e diversidade étnico/cultural/linguística</p>	<p>Identificar as concepções dos professores sobre o que é uma escola inclusiva.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Para si o que é uma escola inclusiva? 2. O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?
	<p>Identificar as concepções dos professores sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos na escola portuguesa</p>	<ol style="list-style-type: none"> 3. Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo? 4. A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê? 5. Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê? 6. Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso? 7. Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê? 8. O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem /incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros? Porquê e de que modo? 9. Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?

		<p>currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?</p> <p>4. Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?</p> <p>5. Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.</p>
<p>Bloco G</p> <p>Inclusão dos alunos estrangeiros na EBI c/ JI de Ammaia</p>	<p>Identificar a forma como os professores da EBI c/JI de Ammaia procedem à inclusão dos alunos estrangeiros na sala de aula</p>	<p>1. Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?</p> <p>2. Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribuiu (iram) /contribui (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?</p> <p>3. No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destes alunos? Porquê? De que modo?</p> <p>4. Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma.</p>
	<p>Identificar a forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa</p>	<p>5. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?</p> <p>6. O Projecto Educativo da Escola e o Regimento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?</p> <p>7. Qual a medida, aplicada por esta escola, que, em sua opinião, melhor contribuiu para a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?</p> <p>8. E qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?</p>

		<p>9. Considera que os pais imigrantes vêm as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?</p> <p>10. Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?</p>
<p>Bloco H</p> <p>Colaboração/parcerias com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias</p>	<p>Identificar as formas de colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes</p>	<p>1. Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?</p> <p>2. Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?</p> <p>3. Em que aspecto considera seria mais importante a colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes? Porquê?</p>

Perguntas da entrevista

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Qual a sua situação profissional?
- 3- Há quantos anos exerce funções docentes?
- 4- Em quantas Escolas/ Agrupamentos já exerceu funções docentes?
- 5- Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou nas suas turmas de docência?
- 6- Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na(s) sua(s) turma(s) de docência?
- 7- Já frequentou alguma Acção de Formação sobre gestão e inclusão da diversidade na escola? Se sim, qual, onde e há quanto tempo?
- 8- Para si o que é uma escola inclusiva?
- 9- O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?
- 10- Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo?

- 11- A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?
- 12- Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?
- 13- Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso?
- 14- Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê?
- 15- O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem /incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros? Porquê e de que modo?
- 16- Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?
- 17- Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta /dificulta a sua inclusão e sucesso escolar?
- 18- Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?
- 19- Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão?
- 20- Importa-se de sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?
- 21- Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista a sua inclusão?
- 22- Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros?
- 23- Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/ professores com os pais destes alunos?

- 24- Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal?
- 25- No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo?
- 26- Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê?
- 27- Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstico na área da língua portuguesa e a gestão flexível do currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?
- 28- Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?
- 29- Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.
- 30- Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?
- 31- Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribuiu (iram)/contribuiu (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?
- 32- No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destes alunos? Porquê? De que modo?
- 33- Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma.
- 34- No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?
- 35- O Projecto Educativo da Escola e o Regimento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?
- 36- Qual a medida, aplicada por esta escola, que, em sua opinião, melhor contribuiu para a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

- 37- E qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?
- 38- Considera que os pais imigrantes vêem as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?
- 39- Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?
- 40- Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?
- 41- Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?
- 42- Em que aspecto considera seria mais importante a colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes? Porquê?

Guião da entrevista ao encarregado de educação

Tema: A inclusão de alunos estrangeiros no sistema educativo nacional.

Objectivo geral: Conhecer as expectativas, as representações e as dificuldades das famílias imigrantes face à inclusão dos seus educandos no sistema educativo nacional.

Entrevistado: Pai/mãe/encarregado de educação de um aluno estrangeiro, da EBI c/JI de Ammaia-Portagem.

Determinação dos Blocos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões
<p style="text-align: center;">Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e incentivo à colaboração do entrevistado</p>	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Justificar o tema e a entrevista, incentivando a colaboração do entrevistado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado sobre o trabalho em curso (âmbito, responsáveis, objectivos, metodologia, apresentação/divulgação dos resultados) • Solicitar a colaboração do entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar. • Informar o entrevistado acerca dos principais objectivos da entrevista. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do entrevistado.
<p style="text-align: center;">Bloco B</p> <p>Identificação do entrevistado</p>	<p>Identificação pessoal do entrevistado e sua situação de imigrante</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua nacionalidade? 2. Qual a sua idade? 3. Quais as suas habilitações académicas? 4. Que profissão exercia no seu país? 5. Qual a profissão que exerce em Portugal? 6. Há quanto tempo está a viver em Portugal?
<p style="text-align: center;">Bloco C</p> <p>Conhecer a situação escolar do educando a cargo do encarregado de educação</p>	<p>Identificação e situação escolar do educando/filho do imigrante</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que idade tem o seu educando/filho? 2. Há quanto tempo está ele a viver em Portugal? 3. Em que ano de escolaridade se encontra matriculado o seu filho? 4. Há quantos anos se encontra o seu filho matriculado nesta escola? 5. Em que nível/ano iniciou ele a escolaridade em Portugal? Considera que isso o prejudicou ou beneficiou na adaptação à escola?
		<ol style="list-style-type: none"> 1. Recordando os primeiros dias de aulas do seu

<p align="center">Bloco D</p> <p align="center">Inclusão do educando/filho do imigrante</p>	<p>Conhecer o processo de inclusão do educando/filho do imigrante na escola portuguesa</p>	<p>educando/filho, quais eram, como mãe/pai os seus principais medos/receios/inquietações na altura? Confirmaram-se? Porquê?</p> <p>2. E lembra-se de quais eram os do seu filho? Confirmaram-se? Porquê?</p> <p>3. Como se processou a adaptação dele à escola, ao professor, aos colegas? De que aspectos mais se recorda?</p> <p>4. Na sua opinião, o seu filho possui algumas características pessoais ou culturais que poderão ter interferido, de forma positiva ou negativa, na sua adaptação à escola portuguesa? Porquê? Como?</p>
	<p>Identificar os principais obstáculos sentidos pelas famílias imigrantes e seus filhos perante a sua inclusão na escola portuguesa</p>	<p>5. Qual a principal dificuldade encontrada pelo seu filho durante o processo de inclusão na escola portuguesa?</p> <p>6. E de que forma é que esse obstáculo/problema afectou /dificultou a sua inclusão e sucesso escolar? Já conseguiu ultrapassar essas dificuldades? De que forma?</p> <p>7. Importa-se de indicar outros aspectos, que na sua opinião, condicionam de um modo geral a inclusão dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?</p>
	<p>Identificar os principais factores de favorecimento encontrados pelas famílias e alunos imigrantes aquando da inclusão na escola portuguesa</p>	<p>8. Consegue destacar algum aspecto da escola (organização, funcionamento, professores, colegas, etc.) que considere ter contribuído de modo particularmente positivo para a inclusão do seu filho? Qual? Porquê?</p> <p>9. Importa-se de sugerir alguma iniciativa que, na sua opinião, deveria ser tomada para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?</p>
	<p>Identificar a forma como os professores da EB1 c/JI de Ammaia procedem à inclusão dos alunos estrangeiros na sala de aula</p>	<p>10. Tendo em conta a sua experiência, que avaliação faz da forma como os professores portugueses lidam com os alunos estrangeiros?</p> <p>11. Qual lhe parece ser a principal iniciativa (esforços, actividades ou atitudes) que vê os professores portugueses tomarem para ajudarem na adaptação dos alunos estrangeiros? E o que, na sua opinião, fazem os professores que, pelo contrário, possa dificultar essa adaptação e</p>

		<p>sucesso escolar?</p> <p>12. Em comparação com os professores do seu país, como caracteriza as atitudes dos professores portugueses? E que actividades desenvolvem de diferente ou de forma semelhante os professores do seu país?</p>
<p>Bloco D Inclusão do educando/filho do encarregado de educação imigrante</p>	<p>Identificar a forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa</p>	<p>13. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?</p> <p>14. Já alguma vez leu o que diz o Projecto Educativo da Escola e o seu Regimento Interno relativamente às medidas que a escola deve tomar em relação à adaptação dos alunos estrangeiros? Concorda com essas medidas ou alterava alguma? Porquê?</p> <p>15. Faz parte da Associação de Pais da escola? Porquê?</p> <p>16. Comparativamente aos pais portugueses, como classifica a participação dos pais/encarregados de educação imigrantes na vida da escola?</p> <p>17. Acha que a escola se preocupa com a participação das famílias imigrantes na preparação e organização da vida escolar?</p> <p>18. Qual lhe parece ser a atitude/estratégia/actividade ou medida aplicada por esta escola que melhor pensa estar a contribuir para a adaptação dos alunos estrangeiros à escola? Porquê?</p> <p>19. E qual a medida, por ela aplicada, pelo contrário, que mais lhe parece ter dificultado a adaptação dos alunos estrangeiros? Porquê?</p>

<p>Bloco E</p> <p>Relação escola/família</p>	<p>Conhecer as perspectivas das famílias estrangeiras sobre a forma como a escola se relaciona com eles</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como mãe/pai/encarregado de educação lembra-se qual foi a sua primeira impressão sobre a escola portuguesa? 2. Quais as principais dificuldades que encontrou no relacionamento com a escola? Como as ultrapassou ou tentou ultrapassar? 3. Actualmente, encontra alguma dificuldade no seu relacionamento com a escola? Importa-se de concretizar? 4. Da sua experiência, que diferenças existem, em relação ao seu país, no que diz respeito ao relacionamento entre a escola e as famílias em Portugal? 5. Em comparação com os pais/encarregados de educação portugueses, como considera que são tratados os pais/encarregados de educação imigrantes? Porquê?
<p>Bloco F</p> <p>Escola e diversidade étnico, cultural e linguística</p>	<p>Identificar as concepções dos pais/encarregados de educação imigrantes sobre a gestão da diversidade na escola portuguesa</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas, religiões e línguas na escola? Porquê? 2. Da sua experiência, as escolas portuguesas, possuem os recursos adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê? 3. Concorda com o facto de os alunos estrangeiros, quando chegam a Portugal, serem logo integrados numa turma de alunos portugueses ou, pelo contrário, acha que deveria ser feita a sua adaptação inicial de outra forma? Qual? Porquê? 4. Na sua opinião, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa que seja apenas a família a preocupar-se com isso? Porquê?
<p>Bloco H</p> <p>Colaboração/parcerias com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos</p>	<p>Identificar as formas de colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Considera que a comunidade local, em que actualmente se integra, evidencia atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como? 2. Tem conhecimento de alguma iniciativa que a escola tenha desenvolvido em colaboração/parceria com a comunidade local com vista à inclusão dos alunos estrangeiros e

estrangeiros e suas famílias		suas famílias? Qual? 3. Em que aspecto lhe parece que seria particularmente importante a colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes? Porquê?
------------------------------	--	---

Perguntas da entrevista

- 1- Qual a sua nacionalidade?
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Quais as suas habilitações académicas?
- 4- Que profissão exercia no seu país?
- 5- Qual a profissão que exerce em Portugal?
- 6- Há quanto tempo está a viver em Portugal?
- 7- Que idade tem o seu educando/filho?
- 8- Há quanto tempo está ele a viver em Portugal?
- 9- Em que ano de escolaridade se encontra matriculado o seu filho?
- 10- Há quantos anos se encontra o seu filho matriculado nesta escola?
- 11- Em que nível/ano iniciou ele a escolaridade em Portugal? Considera que isso o prejudicou ou beneficiou na adaptação à escola?
- 12- Recordando os primeiros dias de aulas do seu educando/filho, quais eram, como mãe/pai os seus principais medos/receios/inquietações na altura? Confirmaram-se? Porquê?
- 13- E lembra-se de quais eram os do seu filho? Confirmaram-se? Porquê?
- 14- Como se processou a adaptação dele à escola, ao professor, aos colegas? De que aspectos mais se recorda?
- 15- Na sua opinião, o seu filho possui algumas características pessoais ou culturais que poderão ter interferido, de forma positiva ou negativa, na sua adaptação à escola portuguesa? Porquê? Como?
- 16- Qual a principal dificuldade encontrada pelo seu filho durante o processo de inclusão na escola portuguesa?
- 17- E de que forma é que esse obstáculo/problema afectou /dificultou a sua inclusão e sucesso escolar? Já conseguiu ultrapassar essas dificuldades? De que forma?

- 18- Importa-se de indicar outros aspectos, que na sua opinião, condicionam de um modo geral a inclusão dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?
- 19- Consegue destacar algum aspecto da escola (organização, funcionamento, professores, colegas, etc.) que considere ter contribuído de modo particularmente positivo para a inclusão do seu filho? Qual? Porquê?
- 20- Importa-se de sugerir alguma iniciativa que, na sua opinião, deveria ser tomada para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?
- 21- Tendo em conta a sua experiência, que avaliação faz da forma como os professores portugueses lidam com os alunos estrangeiros?
- 22- Qual lhe parece ser a principal iniciativa (esforços, actividades ou atitudes) que vê os professores portugueses tomarem para ajudarem na adaptação dos alunos estrangeiros? E o que, na sua opinião, fazem os professores que, pelo contrário, possa dificultar essa adaptação e sucesso escolar?
- 23- Em comparação com os professores do seu país, como caracteriza as atitudes dos professores portugueses? E que actividades desenvolvem de diferente ou de forma semelhante os professores do seu país?
- 24- No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?
- 25- Já alguma vez leu o que diz o Projecto Educativo da Escola e o seu Regimento Interno relativamente às medidas que a escola deve tomar em relação à adaptação dos alunos estrangeiros? Concorda com essas medidas ou alterava alguma? Porquê?
- 26- Faz parte da Associação de Pais da escola? Porquê?
- 27- Comparativamente aos pais portugueses, como classifica a participação dos pais/encarregados de educação imigrantes na vida da escola?
- 28- Acha que a escola se preocupa com a participação das famílias imigrantes na preparação e organização da vida escolar?
- 29- Qual lhe parece ser a atitude/estratégia/actividade ou medida aplicada por esta escola que melhor pensa estar a contribuir para a adaptação dos alunos estrangeiros à escola? Porquê?
- 30- E qual a medida, por ela aplicada, pelo contrário, que mais lhe parece ter dificultado a adaptação dos alunos estrangeiros? Porquê?

- 31- Como mãe/pai/encarregado de educação lembra-se qual foi a sua primeira impressão sobre a escola portuguesa?
- 32- Quais as principais dificuldades que encontrou no relacionamento com a escola? Como as ultrapassou ou tentou ultrapassar?
- 33- Actualmente, encontra alguma dificuldade no seu relacionamento com a escola? Importa-se de concretizar?
- 34- Da sua experiência, que diferenças existem, em relação ao seu país, no que diz respeito ao relacionamento entre a escola e as famílias em Portugal?
- 35- Em comparação com os pais/encarregados de educação portugueses, como considera que são tratados os pais/encarregados de educação imigrantes? Porquê?
- 36- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas, religiões e línguas na escola? Porquê?
- 37- Da sua experiência, as escolas portuguesas, possuem os recursos adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?
- 38- Concorda com o facto de os alunos estrangeiros, quando chegam a Portugal, serem logo integrados numa turma de alunos portugueses ou, pelo contrário, acha que deveria ser feita a sua adaptação inicial de outra forma? Qual? Porquê?
- 39- Na sua opinião, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa que seja apenas a família a preocupar-se com isso? Porquê?
- 40- Considera que a comunidade local, em que actualmente se integra, evidencia atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?
- 41- Tem conhecimento de alguma iniciativa que a escola tenha desenvolvido em colaboração/parceria com a comunidade local com vista à inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias? Qual?
- 42- Em que aspecto lhe parece que seria particularmente importante a colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes? Porquê?

ANEXO III

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista a P1

1. Qual a sua idade?

36 anos.

2. Qual a sua situação profissional?

Educadora de infância.

3. Há quantos anos exerce funções docentes?

Há 12 anos.

4. Em quantas Escolas/ Agrupamentos já exerceu funções docentes?

Em 10 escolas.

5. Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou nas suas turmas de docência?

Se calhar o melhor é falar só de Portugal. Pelo menos 6 crianças estrangeiras. Também já trabalhei com crianças bilingues e de outras etnias. Já tive crianças ciganas nas salas onde trabalhei.

Para além disso tiveste uma experiência em Macau numa escola portuguesa...

Numa escola portuguesa onde estavam integradas crianças de outras nacionalidades. Havia crianças portuguesas, tailandesas, chinesas, filipinas...e essas crianças estavam integradas na nossa escola [portuguesa] para aprenderem a língua portuguesa. Foi esse o trabalho que eu desenvolvi em Macau durante 2 anos. Dava apoio às crianças, no sentido de as ajudar a falar português.

6. Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na(s) sua(s) turma(s) de docência?

Duas crianças estrangeiras de origem romena.

7. Já frequentou alguma acção de formação sobre gestão e inclusão da diversidade na escola? Se sim, qual, onde e há quanto tempo?

Nunca participei em nenhuma acção de formação que tivesse esse tema.

Nem nunca tiveste conhecimento que existisse alguma?

Não, fora esta que vai acontecer agora aqui na nossa escola, nunca tive formação específica nessa área.

8. Para si o que é uma escola inclusiva?

Uma escola inclusiva é uma escola que consegue (e pensando em Portugal), é uma escola que consegue receber crianças vindas de outros países, que consegue que elas tenham uma boa adaptação e que consigam ter um percurso escolar regular. O mais regular possível.

9. O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?

Se a criança (e já me aconteceu) entrar numa sala onde há crianças de outras nacionalidades, que já lá estavam na sala perfeitamente adaptadas, a experiência acaba por ser bastante positiva.

As crianças já estando adaptadas e, principalmente já falando a língua, torna-se fácil trabalhar com elas. Trabalha-se de igual para igual.

Se por acaso se recebe uma criança de novo (também já me aconteceu) no início é sempre complicado e as maiores dificuldades serão sempre a barreira da língua. Uma criança portuguesa por si só quando vem pela primeira vez para a escola e vê uma cara nova, muitas vezes é complicado adaptar-se, quanto mais alguém que não percebe nada daquilo que nós lhe estamos a dizer. Isso é um factor que vai dificultar.

De qualquer maneira, a partir do momento em que se consegue ganhar uma certa confiança com a criança e a criança connosco, regra geral em jardim-de-infância, os meninos recebem muito bem o que é diferente, já que mais não seja no início. Mesmo que depois o percam. No início é novo e como é uma novidade isso é sempre bom. Portanto, em jardim-de-infância receber uma criança de outro país é sempre muito salutar e é muito bom para os outros meninos também.

Agora que isso trás dificuldades isso trás. E a primeira barreira, continuo a dizer, a primeira barreira é a língua, apesar de no jardim-de-infância, em idades até aos 6 anos eles aprenderem facilmente a falar a nossa língua. Aprendem primeiro a dizer que querem ir à casa de banho, aprendem a dizer que querem água e porque querem as coisas eles vão chegando à frase e conseguem aprender facilmente. Porque nessas idades, não havendo um problema qualquer subjacente, um problema que eles tenham, eles apreendem facilmente a língua nova.

E isso tanto em relação a alunos estrangeiros como alunos que sejam de outras etnias, de outras culturas...?

Sim, já tive. A trabalhar, pelo menos nestas minhas andanças... Em Assu eu tinha dois miúdos ciganos (que eu a sensação que me dava é que eles iam à escola só quando tinham fome, iam beber o leite escolar ou quando se aproximava uma determinada altura em que os pais tinham que renovar o “rendimento mínimo”, e então iam à escola mais vezes).

Aquela família cigana, da qual aqueles meninos eram oriundos, era uma família que também já estava mais ou menos dentro da comunidade, era mais ou menos aceite pela comunidade o que também tornou a coisa mais fácil. Como o grupo era pequenino também não tive dificuldades de maior. Era uma pena era eles não irem mais à escola.

10. Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo?

Dificultar, não dificulta, mas daquilo que conheço também acho que não haverá muita legislação que tenha a ver com a inclusão das crianças.

A partir de uma determinada altura, quando começaram a entrar em Portugal mais meninos vindos de países de leste, é que se calhar se começou a pensar mais no assunto. Apesar de Portugal sempre ter sido um país onde vivem muitas pessoas de outros países, especialmente cabo-verdianos, angolanos, guineenses, gente que veio dos PALOP para Portugal. A esse nível, durante muitos anos, as crianças foram sendo integradas ou foram sendo postas de parte (algumas crianças), aconteceram algumas experiências de sucesso mas não foi o suficiente para se criar uma legislação.

Eu suponho que com a vinda dos miúdos de leste, com a integração nas comunidades das suas famílias, isso fez despertar e despoletar em muitos sítios e escolas e mesmo a nível governamental a necessidade de se criarem mais leis. Se as leis são bem implementadas, se existem leis específicas, eu também não tenho conhecimento. Estou a falar um bocado de cor. De qualquer das formas a haver essas leis, existirão há muito pouco tempo, sendo implementadas e sendo procuradas em sítios onde existe uma diversidade maior de alunos estrangeiros.

Acaba por ser uma legislação muito específica, à qual recorrem só quando sentem essa necessidade, altura em que acabam por ter um conhecimento mais profundo dela?

Exactamente!

11. A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Prejudicar não me parece que prejudique. No entanto, também não me parece que ajude muito. Se está feita uma legislação, se há uma organização, é adaptada à realidade das crianças e dos jovens portugueses, não tendo nada a ver com as necessidades dos alunos de outros países. É assim... se calhar no 1.º ciclo, numa área como de Estudo do Meio, as crianças estrangeiras, em determinada situação, são capazes de demonstrar interesse quando se falar ou se mostrarem imagens de outros países, de outras pessoas, de outras nacionalidades, de outros costumes, mas é só ouvir, falar e ver. Estarão estes alunos mesmo interessados no que vem nos manuais portugueses? Com realidades que estas crianças desconhecem?

Em Macau o sistema de ensino em português, contemplava o quê? Manuais portugueses. As crianças em Macau, na escola portuguesa, muitos deles nunca tinham vindo a Portugal, e estavam a falar da Serra da Estrela, estavam a falar do Rio Douro, tal e qual como há 50 anos atrás, falava-se nas nossas escolas dos rios que havia em Angola, das estações e apeadeiros que existiam em Moçambique e muito mais. Portanto, para Macau os “Manuais Portugueses” não estavam adaptados. Em Portugal, nas nossas escolas acontece o mesmo. Na grande maioria das vezes os manuais e as matérias não estão adaptadas aos meninos estrangeiros.

E até mesmo em termos de organização? Por exemplo, o facto de no 2.º ciclo o ensino estar organizado por disciplinas, cada disciplina ser dada por um professor diferente... O facto de hoje em dia os alunos permanecem mais tempo na escola, terem mais actividades...de que maneira é que isso depois ajuda ou dificulta ainda mais a inclusão destes alunos?

Ajudaria se houvesse um apoio específico para esses alunos e que esses professores de apoio pudessem estar a tempo inteiro ou uma grande parte do dia com eles. Pelo menos de início, até que se adaptassem. E lá está, com apoio específico no que diz respeito à nova língua. Mais uma vez, se calhar, a fazerem-lhe perguntas acerca dos países deles, etc., para que estes novos alunos sentissem que as suas nacionalidades, que os seus

países, as suas tradições também podem ser importantes para nós que os estamos a receber. Penso que ajudaria. Como as coisas estão eu acho que não. A extensão diária de aulas e as matérias que eles estão a tratar, muitas vezes não têm interesse nenhum para estes alunos. A barreira da língua também faz com que muitas vezes eles estejam desinteressados, enfadados, cansados de estar na escola e se calhar não produzem tanto quanto poderiam produzir.

12. Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Mais uma vez temos que ter em conta as boas vontades que existem nas escolas e que dependem, regra geral, dos conselhos executivos. Se as pessoas que os constituem estiverem despertos para isso, acabarão por delegar essa tarefa a alguém que na escola tenha menos horas de trabalho. Muitas vezes isso é quase impossível, porque todos nós temos muitas horas lectivas, muitas horas não lectivas e muita coisa para fazer. Mas acabam por atribuir essa tarefa a alguém e na maioria das vezes aos professores de apoio, que não deveriam estar a dar apoio a essas crianças, ou que não as deveriam estar a receber, mas que, por algum motivo, acabam por ser eles a ser chamados.

Os recursos são muito poucos e têm que ser rentabilizados.

Com os conhecimentos que nós não temos em relação ao assunto, acaba por ser a nossa boa vontade, a grande maioria das vezes e alguma disponibilidade a ajudar-nos. (muitas vezes nem sabemos muito bem onde a vamos arranjar!). É isso que fará com que depois as crianças sejam integradas nas escolas e que consigam ter algum sucesso e uma integração com alguma qualidade.

Mas não consideras que, no caso das escolas terem à partida uma bolsa de recursos, quando sentem essa necessidade lhes consigam fazer face mais rápida e adequadamente...?

Não, eu considero que as “boas vontades” é que acabam por fazer com que as crianças sejam integradas. Muitas vezes, em muitas escolas, acaba por ser a boa vontade do próprio professor da turma, no caso do 1.º ciclo, ou de algum professor da turma no caso de outros ciclos. Não existe nenhum apoio disponível para isso. Será mesmo uma situação de “boas vontades”. E depois a criança que nós estamos a receber ou o jovem que estamos a receber, também já têm por vezes uma idade em que terá alguns conhecimentos o que torna o processo de ensino mais difícil. Podem não estar preparados para ouvir coisas novas. Pode não haver muita boa vontade por parte dessa criança ou desse jovem e isso poderá criar dificuldades no processo de ensino. Lá vem a “boa vontade” de quem estiver à frente deles, a paciência e alguma calma para contornar essa situação.

13. Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso?

Pelas minhas experiências, a nível de jardim-de-infância não faz mal nenhum que as crianças sejam integradas nas turmas. Temos currículos que são maleáveis, podemos hoje falar de determinadas coisas, amanhã estamos a falar de outras, trabalhamos muito a nível da expressão plástica, ... Portanto, para nós, muitas vezes, a linguagem verbal é importante mas não passamos o tempo a falar e temos outra maneira de trabalhar. A nível de jardim-de-infância eu sinto, por aquilo que eu percebo, que é muito bom que as crianças se adaptem e que vão logo directamente para a turma. Não havendo nenhum

problema a nível cognitivo que venha referido nos seus processos, caso contrário pode ser complicado. Uma criança dita normal, se é que se pode dizer assim, pode ser completamente integrada numa turma de jardim-de-infância, porque ela mais tarde ou mais cedo vai começar a aprender.

Pela experiência que eu tenho, é mais fácil com crianças mais pequenas.

Com os jovens é sempre complicado. Nós não podemos estar a criar turmas à parte, porque se nos chega uma criança romena, chega uma criança bielorrussa, se nos chega uma criança israelita, como é o caso de nacionalidades que já passaram por esta escola, nenhum de nós sabe falar essas línguas. Portanto, nós não sabemos comunicar com eles. Mesmo que eles estejam à parte em determinados momentos do dia, terá que ser só em determinados momentos. Aí deveremos tentar que exista uma compreensão entre eles e nós, quer seja pelo desenho, pela música, por aquilo que for, quer seja em inglês, visto que se forem meninos mais velhos até pode ser que alguns já tenham alguns conhecimentos de inglês. Isso pode fazer-se. Mas só neste contexto. Porque as crianças e os jovens acabam por ser todos integrados nas turmas deles e depois em determinados momentos têm um trabalho à parte. Independentemente do facto de perceberem ou não o que se está a dizer, eles chegam às nove da manhã vão ter uma aula de História e se não perceberem nada daquilo que a professora está a dizer assistem na mesma. O que é muito mau. Se o aluno for israelita ou romeno, eu também não consigo ajudá-lo.

Não existem esses recursos. Se for por exemplo francês ou espanhol, tu chegas lá.

Em Macau no Jardim-de-infância onde trabalhei passava-se o seguinte: havia crianças que falavam chinês, eu não sei falar chinês, Mais propriamente cantonês! Havia crianças que vinham das Filipinas e só falavam Tagalo, eu não sabia falar Tagalo. Com as crianças filipinas e tailandesas era mais fácil visto que, tanto os filipinos como os tailandeses regra geral, desde muito pequenos começam a falar inglês, ou seja, já havia uma ligação, mesmo que fosse muito pouco, mesmo para crianças de 3 anos já era uma ligação. Agora cantonês é que eu não sabia mesmo nada! E o que é que acontecia? Os meninos estavam nas turmas deles, eu tinha grupos de trabalho específicos. Ficava nas turmas deles. Sentava-me a trabalhar com eles à minha volta e com os meninos daquela turma. Basicamente os meninos eram chineses. Como havia uma auxiliar que era chinesa dentro da sala, havia sempre a possibilidade de fazer a ligação com os meninos que falavam esta língua. Regra geral as auxiliares eram chinesas também e só falavam chinês e muito pouco português, mas havia ali uma ligação... Por outro lado eu tinha uma sala para onde em determinadas alturas da semana levava o meu grupo de meninos e ia conversar com eles...e lá está, havia essa dificuldade, eles falavam chinês e eu falava português... ia fazendo jogos, (isto pelo menos a nível de jardim-de-infância), às vezes íamos para o computador, depois entrávamos na brincadeira com eles. Era o básico dos básicos...estávamos no computador e fazíamos um jogo..."olha que cor é aquela?" e ele lá dizia em chinês, por exemplo..."mas olha que não é assim, em português é esta cor desta maneira, daquela...pronto!" Mas uma conversa. Nada de estar ali a obrigar a criança a falar, tudo muito lúdico.

Para miúdos que venham para esta escola e que venham para cá com 12 ou 14 anos já é diferente. Também poderemos usar imagens, lógico! Temos o computador que nos ajuda. O aluno até pode fazer um discurso em russo ou em romeno daquilo que está a ver e nós podemos até dizer em português e depois começa a haver uma ligação e começamos a percebermo-nos.

Voltando à questão, não dá para criar turmas só com crianças vindas de outros países... não se encontra um professor que vá lá só dar as aulas em romeno. Podes sempre pedir a um encarregado de educação ou a alguém que já esteja há mais tempo no nosso país que dê uma ajuda... mas quem é que está neste momento disponível para fazer um trabalho que não seja remunerado?

E quais é que são as possibilidades de haver alguém, da Câmara ou mesmo do Ministério da Educação que disponibilize uma verba para pagar de alguma forma a essas pessoas? Portanto, não dá!

Como se tem que trabalhar com a “prata da casa”, de facto o melhor mesmo é as crianças e os jovens serem integrados nas turmas deles. No início será muito complicado. Havendo no entanto a possibilidade de existir alguém que já esteja na zona, alguém que se conheça, poderemos sempre pedir, nem que seja para vir conversar com os pais, para fazer uma ponte e depois contar com a inteligência da criança e do jovem.

14. Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê?

Parece-me que hoje em dia no geral, a escola é capaz de estar mais preocupada em relação a isso. Volto ao que já disse anteriormente, sempre fomos um país que recebemos cá pessoas e há muitos anos atrás, se calhar, não nos preocupávamos muito com esses alunos, a não ser em determinadas zonas do país em que houvesse, por exemplo, mais miúdos africanos.

Eu tenho a certeza que na zona da Amadora, na zona da Venda Nova, que são locais onde sempre houve muitos cabo-verdianos, que existem bastantes professores que desde há muitos anos tentam fazer essa integração e que tentam fazer essa ponte. Integrando e valorizando as próprias culturas das crianças que recebiam e continuam a receber.

No interior, em escolas como a nossa, há muitos anos atrás se aparecesse um africano era tratado exactamente como toda a gente. Hoje em dia, e porque de facto houve o despertar da importância das culturas diferentes e tudo o mais, as escolas começaram a preocupar-se mais. Ao fim e ao cabo quase que são obrigadas a isso.

E de que maneira é que tu achas que o faz?

Tentando fazer uma integração das crianças de uma forma mais preocupada, se forem duas ou três crianças.

Temos o caso de o ano passado, quando chegaram as três irmãs inglesas. Houve uma preocupação de as integrar exactamente da mesma forma, tentando ensinar-lhe o português o mais depressa possível, para que elas pudessem ser integradas nas salas delas.

Não sei se é a coisa mais fácil ou se é o melhor caminho, de qualquer das maneiras foi a forma encontrada aqui para que elas mais facilmente entrassem no grupo dos outros miúdos.

De início foi um choque. Principalmente para as duas meninas mais velhas que foram integrar turmas de 1.º e 2.º ciclo. É complicado tu teres na tua turma uma criança ou uma miúda pré-adolescente que olha para ti e não percebe nada do que tu estás a dizer; complica a cabeça de qualquer um...E eram inglesas! Uma língua que pessoas ainda vão dominando alguma coisa, conseguindo dizer um “olá”, um “tudo bem”.

Portanto, a escola está a adaptar-se e a tentar melhorar as respostas, tentando de alguma forma criar estratégias, criar actividades para que os miúdos se sintam integrados o mais depressa possível. Mas a maior preocupação é ensinar o português.

Mas por vezes há situações pontuais em que os professores e as escolas tentam de alguma maneira valorizar estes alunos perante o grupo, perante a escola, fazendo uso da sua cultura...Em que altura é que te lembras que a escola tenha feito isso? Como é que isso se torna visível para os nossos olhos...? Que actividades, por exemplo, é que se desenvolvem em que a cultura daquele aluno estrangeiro se torna mais visível para a comunidade?



Olha, isso a mim, a nível do jardim-de-infância, faz-me lembrar o projecto “Comenius” no ano passado. Com a C, uma das irmãs inglesas que tinha recebido na minha sala em Janeiro, foi muito interessante. Os nossos colegas ingleses que cá estiveram, especificamente do País de Gales, estiveram na nossa sala precisamente porque a C, lá estava. Entretanto, com o trabalho de todos os dias, eu falava em inglês para a C fazendo uma tradução simultânea do que estávamos a fazer. Melhor ou pior ela entendia-me. Portanto, eu tanto falava em português para a turma e depois traduzia para a C como falava em inglês para a C traduzia para português...

Nessa altura, a tua maior preocupação incidiu na valorização da língua materna dela, para que ela não se sentisse tão desamparada? ...

Uma das coisas que eu aprendi na escola enquanto frequentei durante alguns semestres o curso de Português – Inglês, é que nós para ensinar os meninos portugueses a língua inglesa, só podíamos falar em inglês. Deveríamos conseguir dar a nossa matéria sempre em inglês. Tínhamos que conseguir explicar aos meninos portugueses, em inglês, aquilo que nós estávamos a querer dizer, o que é basicamente impossível. A teoria é sempre muito engraçada...

Eu nas minhas turmas, com os meus meninos, independentemente de haver meninos ingleses ou não haver meninos ingleses, regra geral valorizo a outras línguas. Aconteceu por exemplo com o J e agora com a C. No dia a dia já tenho como prática cantar em inglês, ou fazer um jogo em inglês ou às vezes brincar e dizer qualquer coisa em inglês...E eles perguntam: “- Mas o que é que tu estavas a dizer?”. Outra língua entra sempre. A brincar, em francês, faço o mesmo. Isso leva a que eles muitas vezes perguntem: “- Mas estás a falar o quê?”,

“- Olha, estou a falar francês, sabes onde é que se fala esta língua?”, “fala-se na França”...

E com um pequeno jogo lúdico também, nós conseguimos passar aos outros meninos que não somos só nós que vivemos neste planeta, não é só olhar para o nosso umbigo! Há outras crianças, há outras culturas, há outros países. (P1.8.1)

No ano passado através do projecto Comenius, conseguimos passar muitas coisas dessas para os meninos portugueses. Nós falámos de um sem número de países, nós vimos bandeiras de vários países, provámos as suas comidas...essas coisas todas...

Hoje em dia não sei se lhe formos perguntar, se eles ainda se lembram de muitas coisas, agora que foi interessante foi...E que a C foi uma boa ajuda para isso foi. A C no dia em que os colegas do País de Gales estiveram na nossa sala, estava absolutamente contente, estava feliz, porque ela estava a perceber o que os outros estavam a dizer e foi numa altura em que ela falava muito mal o português. Mas mesmo assim, para os amigos ali do lado, ela própria se calhar já estava a tentar traduzir. Nesse dia era ao contrário...Mas ao nível do ensino pré-escolar isso torna-se mais fácil.

Isso já aconteceu...lembro-me quando a H e o J, quando vieram para o Jardim. Em determinadas alturas nós fizemos algumas actividades com a mãe. A S disponibilizou-se e de vez em quando vinha aqui à nossa sala. Vinha ajudar-nos a fazer determinados trabalhos. Vinha e mostrava, “olha, lá na minha escola,” (porque ela dizia que também era educadora de infância); “lá na minha escola fazíamos assim, fazíamos desta maneira, daquela...” para os filhos era uma forma de estarem mais satisfeitos porque tinham a mãe ali e para os outros meninos também era salutar, porque sendo uma pessoa diferente que estava ali, que estava na sala os outros meninos apreendiam outros valores e gostavam muito.

Com pequenas actividades que podem ser canções, (e aí falo no jardim-de-infância), com desenhos que se possam tirar com uma ida à internet e onde nós vejamos o país como é que é, como é que não é...são coisas muito básicas, noções muito básicas que

como eu costumo dizer, desde que lhes fique alguma coisa e que daqui a alguns anos se tiverem que estudar mais aprofundadamente nem que seja que se lembre “ Mas eu já falei disto, onde é que foi isso?”, desde que isso aconteça já é bom...e a minha mensagem já está passada. Já passei o que tinha que passar em relação aos miúdos. Por exemplo, eu lembro-me que com os dois meninos de etnia cigana que eu tinha no Assu, que por natureza gostavam muito de dançar, até cantavam e tudo o mais, (havia um deles que era um bocadinho surdo, mas ouvia um bocadinho e falava muito mal devido à surdez, claro...), a determinada altura, como eu gosto de música cigana, daquela que eu conheço mais comercial, levei um CD para a escola e que de repente eles começaram os dois a dançar, e mesmo aquele que mal falava, tentou começar a cantar aquilo, porque se calhar lá em casa também ouvia. Os outros começaram todos a olhar para aquilo e às tantas, como a turma era muito pequena, eram só 9, (a turma era pequena e permitia isso) começou toda a gente a dançar...Isto não é exemplo de coisa nenhuma, são pequenos momentos, são pequenas coisas, mas de qualquer maneira mais uma vez, vai da sensibilidade de cada um ou vai do momento, daquilo que surgir na altura.

Nesta escola enquanto cá trabalhei nunca houve, nada dedicado aos meninos de outras nacionalidades mas por exemplo podia-se fazer a “semana da alimentação ou da culinária romena”. Imaginemos...Eu não sei se houve ou não houve algo parecido, mas era uma forma de os miúdos que cá estão (romenos) passarem isso para os outros colegas deles, de os outros ficarem a conhecer, quanto mais não seja a dizerem: “- olha, não gosto!”, porque é diferente e o que é diferente muitas vezes nós sujeitamo-nos. Mas aprendemos que há outras coisas...O que é que acontece e em relação por exemplo aos Romenos que nós cá temos? À partida já são uma família aceite e integrada na escola. Não estive presente nos primeiros anos, quando eles chegaram... O ano passado a D já estava na minha sala e este ano recebi o C, mas o C já é “produto nacional”, o C já nasceu em Portugal e portanto mesmo que apresente algumas coisas da Roménia é muito pouco... é de ouvir falar, porque nem sequer lá nasceu...entretanto a comida dele, mesmo que a mãe faça em casa, alguma aproximação o sabor já não há-de ser o mesmo! Já são coisas diferentes, portanto a integração deles foi muito fácil. No ano passado se me preocupei em determinadas ocasiões em valorizar determinadas coisas em relação à C, de vez em quando, se calhar, devia fazer o mesmo em relação à D e ao C. Se calhar passa-me um bocado ao lado, pois sinto que estão perfeitamente aculturados e já não passei por esse processo de ter que lhes ensinar logo no início.

15. O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem/incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros Porquê e de que modo?

Eu não tenho noção em relação ao que é que acontece. Se já estão manuais preparados com essas preocupações, com essas indicações, deviam ser adoptados pelos colegas que têm que fazer essa escolha dos manuais. Se ainda não há preocupação em relação a isso, então deveria passar a haver. Mas sinceramente não tenho grandes conhecimentos em relação a isso.

16. Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?

À medida que nós vamos tendo mais crianças diferentes na nossa sala ou que tenham uma cor diferente ou que tenham uma nacionalidade diferente, nós vamos ficando mais abertas e começamos a ter uma atitude diferente, a fazer trabalhos mais diversificados e

fazermos coisas diferentes. Eu suponho que isso vai acontecendo à medida que se avança no tempo.

Não te parece que é uma preocupação no início mas que se vai perdendo com o passar do tempo e quando os sentimos já perfeitamente incluídos - como tu dizias à bocado - se calhar até nos esquecemos que eles são romenos ou de outra qualquer nacionalidade, etnia, cultura?

Eu tenho sempre essa preocupação, e tenho se calhar pela experiência que tive, por ter estado algum tempo fora e nessa altura a estranha era eu. Apesar de estar numa escola portuguesa quem era a estranha e quem era a imigrante era eu. Isso leva a que se nos abra um bocadinho a cabeça e se nos abram novos horizontes, nos faça pensar que há determinadas coisas muito simples na minha cultura, onde me ensinam que é uma falta de educação acabarmos de almoçar e arrotarmos e que devemos evitar isso e pedirmos desculpa... Entretanto estou incluída numa outra cultura, vou para um local onde é exactamente o contrário. Se a criança arrotou eu tenho que perceber é que ela arrotou porque ela em casa arrotou e porque é assim e porque para ela ser “bem -educada” é aquilo. Portanto nós não podemos ter só um peso e uma medida para estes assuntos e temos que procurar conhecer melhor as culturas, e não negarmos (como dizia o outro) “uma ciência que nos é desconhecida.” Portanto, não devemos negar e devemos tentar estudar e perceber porque é que acontecem determinadas coisas e depois usar isso para explicar aos outros todos que estão à nossa volta. E os outros todos que estão à nossa volta podem ser a nossa turma, o menino que está ao lado e que se riu e que nós podemos explicar: “olha, repara...é desta forma, daquela e da outra”, a turma, a escola, e toda a gente...e se calhar muitas vezes a comunidade. Há que explicar e há que perceber que nós não somos o centro do mundo, que nós temos uma forma de pensar, uma forma de agir porque nos ensinaram assim, mas que há outras crianças e outras pessoas que agem de outra forma. Se os hábitos deles são os certos ou se são os nossos nós, podemos estar a pensar nisso, pois cada qual tem os seus. Se pudermos viver todos harmoniosamente melhor, e tentaremos sempre fazer isso...agora temos que perceber o ponto de vista do outro e temos que perceber até que ponto é que sou eu que estou certa. Estas questões deviam ser sempre desenvolvidas e devia ser sempre explicado. E não nos esquecermos disso! Por exemplo, isso é uma das coisas que eu vejo, o C e a D arrotam de vez em quando...e eu olho para eles e eles lá olham para mim “ai, perdão”...lá dizem o “perdão” mas se calhar eles fariam aquilo e iam-se embora.

Mas se calhar também já perceberam que no contexto da família há uma regra e que no contexto da escola há outra...perceberam que tem que haver adequação a cada contexto e como é que devemos de agir em cada situação ...

Essa história do que eu estou a dizer do “arrotado” e a malcriadice foi uma coisa que me foi ensinada com muita calma por uma colega em Macau.

Eu achava que o que eu fazia é que era o correcto (e não quer dizer que eu não arrote na minha casa, não o faço é à frente de gente, habitualmente porque foi isso que me ensinaram) e entretanto há um dia que estava um miúdo, nem foi isso...foi num restaurante qualquer onde eu estava e estava um chinês e arrotou. Cheguei à escola e estava a comentar, estava escandalizada! Uma colega minha que vivia em Macau há uma série de anos e estava lá ao fundo da mesa e disse-me: “olha lá, tu já pensaste que se calhar não é a tua cultura que é a certa? Porque é que tu estás a dizer isso dessa forma? O que é que tu achas, se te puseres a pensar, os chineses existem há milhares de anos, a cultura deles é milenar...a Europa é muito mais nova em relação à chinesa...e então estás tu a sobrepor a tua cultura à deles, se eles já fazem isso há tanto tempo?” De facto é verdade...temos que perceber isso.

17. Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta/dificulta a sua inclusão e sucesso escolar?

Se calhar racismo é uma palavra muito forte, mas é assim... e não digo que surja dos mais pequenos – a nível das crianças e jovens... Acho que o ser diferente, o ser de uma cultura diferente é, apesar de muita gente dizer que não, difícil. O ser o “preto” ou ser o “romeno” e que veio para cá e que o pai veio tirar o trabalho a “não sei quem”, quando o “não sei quem” é que não quis ir trabalhar... Muitas vezes, e não consigo encontrar outra palavra, apesar de racismo ser forte de mais, mas a aceitação da diferença, de ser uma pessoa de outro país, para mim continua a ser o pior, porque a língua isso vai ser ultrapassado... a língua vai ser ultrapassada e se calhar isto que eu estou a dizer é preconceito porque a língua é ultrapassada em sítios onde houver muita gente já, muitas crianças de outros países em escolas maiores, em escolas com comunidades com maior número de crianças de outros países, se calhar não se nota tanto, até é muito bem vindo. Em escolas pequenas isso continua a acontecer e se calhar se não acontecer com o romeno ou se não acontecer com o inglês, acontece e continua a acontecer com o cigano. E continua a acontecer isso, por exemplo na escola da Portagem não há crianças ciganas...mas na escola de Bena há crianças ciganas, porque há uma grande comunidade cigana em Bena, que lá reside faz tempo e que fazem as maiores asneiras do mundo...e é uma grande barreira porque ninguém gosta dos ciganos, ninguém quer lá os ciganos mas os ciganos continuam a estar lá e temos que conviver com eles apesar de continuarmos a não os aceitar.

E continua-se a não aceitar... talvez por não se conhecer...porque desconhecemos a cultura deles...e achamos determinadas coisas horríveis porque não correspondem à nossa cultura, sem nos preocuparmos em tentar conhecer, descobrir os seus valores, as suas regras...

Eu continuo a achar que esse problema continua a ser a pior de todas. Independentemente de estarmos no século XXI, independentemente de termos umas cabeças muito abertas, independentemente de tudo, mas as nossas comunidades mais pequenas, as nossas terras, as nossas vilas, as nossas aldeias continuam muito fechadas. Para quem venha de fora de início é muito mau e isso sente-se em casa. O miúdo que ouviu falar em casa o pai e a mãe, que “agora vêm para aí esses”, é um miúdo que quando chega à escola alguém diferente, pelo menos no início não acolhe tão bem quem vem de novo.

18. Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?

Pode haver uma timidez natural logo de início porque é muito complicado chegarmos a um sítio e não percebermos nada do que nos estão a dizer! Portanto as dificuldades deles acabam por ser dificuldade de se integrarem primeiro que tudo, na escola, na turma. Por uma questão de língua, por uma questão de feitio, por uma questão de dificuldade que ele possa trazer e que é sempre “apontado”.

Portanto isso pode fazer com que as crianças...O ser “apontado” faz com que elas se retraiam e muitas vezes se vão “abaixo” e tudo o mais...Continuo a dizer que, a nível de jardim-de-infância, é sempre diferente, é sempre diferente porque nós cantamos, fazemos um jogo...eu não preciso de dizer frases muito elaboradas, completas...eu posso ir pela palavra, posso ir pelo gesto. Pode-me dizer só “água” e eu sei que quer beber água, pode aprender por exemplo “xi-xi” e não precisa de me dizer “posso ir à casa de banho, se faz favor”...mas isso já se exige, se calhar, de uma pessoa mais velha.

19. Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão?

Nós aprendemos sempre alguma coisa com outras pessoas, alguém que vem de novo acaba por nos trazer algo que nós poderemos considerar “bom” ou podemos considerar “mau”, mas acabamos sempre por aprender algo. O que é que acontece muitas vezes nas crianças que vêm dos países de leste? São crianças que já foram muito treinadas a nível mental... são crianças que são muito boas no cálculo, são crianças que são muito boas a nível de desenho, a nível das artes. Em termos de cultura isso já lhes foi passado, em termos do percurso escolar que lá tiveram isso também já lhes foi passado. A partir do momento em que eles consigam ter um bom relacionamento, nem que seja com um ou com outro colega português, eles começam a mostrar isso e começam a sentir-se mais à vontade. Podemos aprender algumas coisas com eles em relação a isso. A nível das artes então ainda mais, porque ouvem concertos em casa, porque até são provenientes de famílias em que os pais tinham um curso superior, porque a maior parte até são músicos, até se interessam pela música... É tal e qual como os miúdos cabo-verdianos, como os miúdos africanos, que no geral, dançam, tocam nem que seja batuque e eles começam logo a tocar. Com os miúdos brasileiros acontece o mesmo. Portanto a nível das artes é uma coisa que nós lhes podemos aproveitar para os incluir mais facilmente. A nível do folclore que são coisas diferentes também, e que são coisas que eles podem perceber “olha lá, as roupas tradicionais lá da minha terra até são diferentes”... A nível da cultura deles, a nível das artes, a nível mesmo da língua. Nós depois também temos curiosidade... nem que seja só para dizer, “olá, Bom dia... como estás?”, “obrigada”, que é sempre das primeiras coisas que nós aprendemos em qualquer língua. Nós mais ou menos vamos dizendo isso... Eles próprios, tendo uma língua diferente, podem também a partir do momento em que se sintam mais seguros, ensinar isso aos outros miúdos.

Por exemplo, os miúdos romenos que tens tido, ou os ingleses, achas que são mais inteligentes, são mais introvertidos, mais extrovertidos, têm maior capacidade de concentração... há alguma coisa que os distinga dos nossos alunos, dos portugueses?

Repara uma coisa... Eu não posso, por meia-dúzia de meninos que conheci, dizer que os romenos são todos assim... ou que por haver alguns alunos portugueses que têm dificuldades, que todos têm dificuldades... Há crianças estrangeiras que têm maior aptidão e maior facilidade que os meninos portugueses para determinadas coisas, tal e qual como há portugueses que têm aptidão para outras!... É uma questão de cultura e de treino. É uma questão muitas vezes de família, daquilo que a família proporciona ou não proporciona, do que pode haver em casa ou não haver em casa, é uma questão do que a escola lhes dá ou que a escola não lhes dá. É deste conjunto de circunstâncias que levam a que a criança tenha mais aptidão para umas coisas do que para outras...

A D é uma criança que desenha muito bem, desenvolveu essa aptidão... se eu te disser que a D tem 6 anos, a M e a N, que são portuguesas têm as duas 4 anos, se eu te disser que desde o princípio do ano que a M e a N, se sentam ao lado da D e que desenhavam neste momento melhor e que fazem desenhos como a maior parte dos meninos de 4 anos não fazem, com uma imaginação muito mais desenvolvida é verdade. Foi a D que lhes passou esse gosto? Não sei. A D para o ano vai-se embora, a D estes dias não veio, a M fez os desenhos dela na mesma e a N também... Portanto era uma coisa que já estava intrínseca? Que já era delas? Eu não posso dizer que os miúdos que vêm do estrangeiro nos vêm ensinar coisas novas, ensinarão algumas que eles gostam, em que eles estejam mais desenvolvidos, tal como os meninos portugueses, lhes ensinam a eles. Não é uma

questão de nacionalidade. É da própria criança, resulta da sua evolução, dos estímulos que vai tendo também.

20. Importa-se se sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Ideias novas, neste momento se calhar sou capaz de não te dar...ideias daquilo que se vai fazendo e que eu vou tendo conhecimento, há possibilidades de fazer isso! Ou seja, em Macau – e isto foi antes de Timor ter ficado novamente livre – havia uma comunidade Timorense mais ou menos grande...e havia crianças Timorenses também na escola, que estavam perfeitamente integradas. Mas a comunidade Timorense em Macau era uma comunidade muito fechada. O que é que nós resolvemos fazer na escola onde havia crianças portuguesas, chinesas, tailandesas, filipinas? Naquele ano resolvemos convidar um grupo de dança Timorense que havia em Macau, que só lá foi porque o senhor padre deu autorização, só lá foram porque alguém mais ou menos visto como “líder” da comunidade disse que “sim, sim senhora” que eles lá podiam ir, ...para irem actuar na escola. Eles foram e estiveram a dançar, estiveram a cantar, estiveram-nos a mostrar como é que era a sua cultura. Os meninos timorenses da escola naquele dia estavam um bocadinho mais em destaque em frente das outras seis ou sete nacionalidades, todos a assistir a uma coisa que os timorenses lá foram mostrar e que ficámos a conhecer.

A determinada altura – eu fazia parte de um rancho folclórico, alguns dos membros do grupo tinham crianças na escola, filhos, netos, primos... – e então o grupo de Danças e Cantares do Clube de Macau também foi à escola mostrar aos outros meninos, chineses, tailandeses, essa gente toda, fomos à escola cantar uma ou duas músicas portuguesas, fizemos umas danças portuguesas, os meninos dançaram connosco, mostrámos os trajes tradicionais...ou seja, com uma dança ou duas conseguiu-se mostrar coisas diferentes, de culturas diferentes, de países diferentes...isso se calhar é muito banal mas acaba por poder ser bem aproveitado e acaba por ser bom.

Onde é que nós encontramos um grupo por exemplo, romeno para vir aqui dançar? Se calhar não arranjam, mas de qualquer das maneiras lá em casa eles até são capazes de ter um CD de música para nós ouvirmos. Eles lá em casa até podem ter, – também há crianças inglesas aqui, mas neste momento a família maior é a família dos “L” e como tal é por aí que eu estou a ir – e a D às vezes, trás fotografias...”olha, esta era a minha casa lá” “olha que bonito, já viste? Há neve! Lá estava muito frio? Lembras-te se estava lá muito frio?” “ Sim, estava sempre muito frio...” (ela era pequena mas ainda tem essa recordação) mostra que a casa é feita de uma forma diferente... Portanto, se calhar, as fotografias vindas de casa é uma ideia tão simples, tão simples, mas se houver uma exposição de fotografias na escola, se calhar já mostra um bocadinho da sua cultura.

21. Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista à sua inclusão?

Pela minha experiência, eu não tenho tido problemas...às vezes se calhar há uma coisa ou outra que não concordamos, mas o que eu posso dizer de mim, é que não tenho tido problemas... Mas lá está, se calhar não tem calhado, porque também é um tema e uma situação que a mim me agrada. Agrada-me ter esse desafio, ter uma criança que eu não percebo na minha sala! Tentar aprender com ela ou ela aprender comigo e eu acho que de início os pais se acabam por aperceber um bocado disso. Eu não falo romeno mas em C de V tinha duas crianças romenas e já lá havia mais romenos na escola e quando foi

preciso haver uma conversa, eu pedi à mãe de outra criança que eu tinha na sala “se faz favor, venha lá para ver se eu consigo conversar com aquele senhor”...eu uso esse estratagema. Nunca me aconteceu estar num sítio em que eu ficasse completamente, completamente sem conseguir perceber o que me estavam a dizer, porque mesmo em Macau com as crianças que eram filipinas, lá ia a mãe que falava inglês e nós entendíamos-nos, melhor ou pior, entendíamos-nos. Se a mãe era tailandesa e o pai era tailandês, em inglês também consegui. Com os miúdos chineses havia sempre alguém na família que falava qualquer coisa de português e eu também pedia para me auxiliarem, para estarem ao pé de mim e me darem alguma ajuda...De início era assim, para eu tentar explicar o que ia tentar fazer. Mas no início o que é preciso é eles integrarem-se...é eles socializarem-se, é eles estarem na sala e sentirem-se bem. É haver uma ponte de entendimento, uma relação entre mim e eles e depois a partir daí é que eu me preocupo em passar os conhecimentos, algumas competências para os meninos. A obrigação do jardim-de-infância, independentemente de os pôr a falar português, neste caso, também é desenvolver competências gerais e diferentes, para que eles no 1.º ciclo possam fazer as aprendizagens que têm então de fazer. Desenvolver a língua, neste caso a língua portuguesa e ensinar-lhes isso. Eu não tenho tido problemas, consigo chegar às famílias, consigo estabelecer logo algum entendimento...se alguma coisa não corre bem, regra geral também conseguimos resolver...E o que é que pode não correr bem e o nestas situações? Não tem nada a ver com a língua. Tem a ver com situações de organização, de não se compreender porque é que a criança não lancha das nove da manhã até ao meio-dia, ou porque é que a criança chega às três da tarde e tem que se ir embora para outro sítio, porque é que não continua ali na sala...são essas coisas. Essas questões de organização é o que muitas vezes podem criar alguma barreira...Por exemplo vamos a uma visita de estudo, eu mando para casa um papel em português, logicamente que não percebem...eu tenho que ter forma de chegar a essas pessoas, ou pedir a alguém que traduza ou chamar cá e explicar por gestos, ou da forma que for...mas tenho que ter essa sensibilidade para perceber que se eu estou a mandar para lá um papel eles não vão perceber coisa nenhuma! E que não vale a pena...portanto, eu tento ter algum cuidado, não quer dizer o consiga sempre, nem sempre se agrada a “gregos e a troianos”, mas tem que se ter algum cuidado nessas coisas. Por exemplo, o ano passado com a mãe da C, com quem eu nunca tive problemas, no início fui-lhe explicando...se ela me quis chamar nomes, chamou, mas também não me chegaram cá a mim e portanto houve um entendimento e ainda hoje a senhora aí vem, converso com ela, está tudo bem e ela fala...portanto, suponho que a coisa tenha corrido bem. Mesmo com a S, em relação ao J, e o J quando para aqui vim, ele era muito pequenino, veio de fraldas e tudo, tinha os 3 anos acabados de fazer, era um bebé... com a S, apesar de ela já falar português, também nunca tive problemas. Às vezes conversava, quando era o pai que vinha buscar o J, eu conversava com o senhor, conversava em inglês...portanto, se alguma coisa corre mal aqui à volta, a mim não me tem chegado, o que me faz crer que se calhar a minha actuação não é das piores e tento sempre chegar aos pais. Não tenho tido dificuldades.

22. Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros?

Se nós não nos sentarmos à mesa, não falarmos exactamente aquilo que queremos ou o que é que uma parte acha e o que é que a outra parte acha...se os pais vêm com uma ideia preconcebida, se vêm com uma ideia feita, dizendo que “na minha terra isto era desta forma, aqui vai ser exactamente da mesma forma”, nós temos que conseguir, a escola, os professores, os pais, têm que conseguir, logo de início, pois isso é um trabalho que tem de ser feito logo de início e não depois a meio do ano, criar uma plataforma de

entendimento, entre os pais, os alunos e a escola. É importantes nós termos alguma coisa preparada; já termos um documento, mesmo que seja em português, mas que se possa traduzir na altura, para mostrar à pessoa e explicar-lhe, “olhe, nós em Portugal, nesta escola, funcionamos desta forma, desta forma, desta forma”...”Ah mas lá na minha terra era desta, desta e desta...” Isto vai permitir descobrir alguma dica para conhecer melhor a criança, de onde veio, de que escola veio, de que meio ambiente é que veio...”pois, mas olhe, aqui é assim, assim e assim...olhe vamos lá tentar assim”.

Consideras que essa preparação no início, em termos de organização – no fundo, dar a conhecer as regras dos alunos, dos professores, da escola, é importante para os pais terem conhecimentos da organização da escola? D e alguma maneira tentar que eles as aceitam ou pelo menos as compreendam, para poder negociá-las?

Porque muitas vezes isso não acontece, “ai que bom, que bom...uma criança estrangeira! Vamos acolher o melhor que pudermos...” Fazemos muitos floreados, muita festa e é tudo muito bonito e depois quando se sentam finalmente, começa-se a ouvir os pais a dizer: “ai, mas eu pensava que isto era daquela forma e da outra...”

Portanto, tem de haver uma consciencialização nossa enquanto educadores, professores, enquanto escola, de que vamos receber aqui crianças que exigem outra atenção, pelo menos no início. Nós devemos ter estruturado a forma como é que nós funcionamos e depois vamos criar formas e pólos de entendimento, linhas de convergência com os pais, para não estar a divergir. Porque se nós não nos explicarmos de início, e isso pode acontecer, a meio do jogo aparece alguém a dizer “ai mas eu julgava que isto era desta forma assim...vocês estão a fazer muito mal...”. Não pode ser assim, nós fazemos da forma que sabemos, da forma que podemos e definimos na escola. Temos que explicar logo muito bem de início que não há cá apoios, não há cá coisa nenhuma. Vai ser da boa-vontade de quem estiver envolvido, da sua disponibilidade, do seu tempo. Para mim a parte mais importante da relação com os pais é explicar tudo bem logo de início.

23- Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/ professores com os pais destes alunos?
(não foi formulada)

24. Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal? São atentos, preocupados, interessados?...

Estes pais são isso tudo que tu disseste. São isso tudo que disseste por um simples motivo, os portugueses se calhar também o são principalmente quando os meninos entram na escola. A partir do momento em que eles percebem o funcionamento, a partir do momento em que eles percebem as regras, são poucos os que depois “furam” as normas, porque entretanto se algum “furar” cá estamos nós para relembrar – “olhe, veja lá que é desta, daquela forma...”.

Os pais dos miúdos estrangeiros é claro que são pessoas ansiosas, é claro que não sabem como é que os meninos vão reagir à nova escola, vão ter que estar a confiar num estranho que, ainda por cima, tem uma cultura diferente, tem uma língua diferente, que não sabe como é que vai lidar com a sua criança...E depois há sempre as grandes teorias. Ao primeiro grito que alguém dá para o filho, mesmo que na escola onde estivesse se passasse o mesmo, há sempre a tendência de dizer “nunca gritaram com o meu filho...”. Não quer dizer que uma pessoa passe o tempo a gritar, mas a partir do momento em que haja uma coisa estranha, a criança (se calhar nós muitas vezes nem estamos a falar directamente para ela, mas sim para outro miúdo ao lado), pode sentir que aquilo é para ele, que não a querem lá e ele chega a casa e explica aquilo à mãe e

diz: “olha, ela hoje gritou”. Se ela hoje gritou, então tenho que lá ir à escola...”desculpa lá. Na minha escola ninguém gritava com os meninos, não era preciso isto...”

São pessoas preocupadas mas são preocupadas regra geral no início, quando eles se apercebem que tudo correr bem, se não houver problema nenhum, se a criança se está a adaptar, se a criança quiser vir à escola e não chorar em casa, eles ficam satisfeitos e deixam de aparecer tanto, vêm em situações pontuais...e aí vêm mais que os outros pais, os portugueses. Se eu marcar uma reunião, os pais dos meninos estrangeiros, regra geral, aparecem todos (não sei se os ciganos fariam isso), mas de qualquer das maneiras e pela experiência que eu tenho, os pais dos meninos estrangeiros aparecem sempre. Se calhar os pais dos meninos portugueses não ligam tanto. E porque é que aparecem os pais dos meninos estrangeiros? Aparecem precisamente para se inteirarem das coisas, para saberem com é que estão e como é que não estão. Os outros de “boca” chegam lá. Essas pessoas, como não comunicam tão bem com a comunidade, precisam de vir para saber o que é que se passa, para tentarem entender, para perguntarem se tiverem alguma dúvida. Fazem isso de início, depois deixam de ter as preocupações naturalmente como os outros todos.

25. No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo?

Como eu disse no início, eu nunca frequentei nenhuma acção de formação que tivesse a ver com estas questões. Se há eu não tenho conhecimento dessas acções de formação...e eu continuo a achar que isto depende muito da maneira de ser de cada um de nós e que nós muitas vezes perante as dificuldades é que vamos à procura de estratégias, de formas de dar a volta ao assunto e de integrar as crianças

Mas achas que por exemplo as Escolas Superiores de Educação – que são neste momento quem forma a maioria dos professores, sabendo das necessidades educativas nestas matérias de interculturalidade e multilinguismo, as incluem nos planos curriculares dos alunos em formação? Notas que estão preocupadas e estão a fazer um esforço de preparar esses novos professores para gerir a diversidade, para ir para uma sala onde está um aluno que fala português, um aluno que fala inglês ou romeno?

Se os currículos neste momento das escolas superiores ou das universidades, daquilo que seja...dos cursos superiores se estão a ser alterados e preparados para isso, eu também não tenho conhecimento. Se houver há essas acções de formação, ou eu tenho estado sem ligar ao assunto ou... Eu não tenho conhecimento, porque mais ou menos vou lendo as informações sobre as formações e não me lembro de nada.

A única vez que, em doze anos de trabalho, eu estive quase a fazer uma formação que tinha a ver com a “interculturalidade”, foi há três anos e tinha que a ir fazer à Grécia. Até era uma formação que tinha a ver mais com o 1.º ciclo e que era para promover o ensino da língua portuguesa. Acabei por me inscrever mas à última da hora acabei por não ir. Era através de um programa “Comenius”,... Mas teria que ir a outro país fazer essa formação. Entretanto desisti. Foi a primeira vez que eu me senti motivada para fazer uma formação nesse sentido porque é uma coisa que me interessa. Inclusivamente quando eu estava a fazer o complemento de formação, tudo o que eu conseguia fazer em termos de trabalhos para as disciplinas que tivesse a ver com a interculturalidade, com a integração de crianças nas salas, com o trabalho no estrangeiro e tudo o mais, eu tentava fazer porque tinha a ver com a minha experiência.

26. Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê?

Nunca é irrelevante...É como diz o ditado popular “o saber não ocupa lugar”, é verdade... Nós muitas vezes estamos a ter uma determinada formação, estão-nos a enfiar conhecimentos e mais conhecimentos cá para dentro e nós muitas vezes nem ligamos...ou porque agora somos obrigados a fazer formações fora de horas e até estamos cansados, acabamos por não valorizar muito aquilo que nos estão a proporcionar na altura...e depois se calhar num outro contexto, num contexto em que temos que utilizar esses conhecimentos, percebemos que de facto aquilo era um assunto importante. Isso também nunca é demais nós sabermos acerca desses assuntos. Qualquer um de nós, se calhar aqui nesta escola, e é uma escola pequena, somos capazes de ter crianças, jovens, que sejam estrangeiros e que tenham essas necessidades e nós não aprendemos tudo mas se calhar alguma base é importante.

É importante para fundamentar as nossas práticas...porque é assim, eu pela experiência que tenho, fui alterando a minha prática com coisas que eu achei que devia alterar, porque se calhar não funcionou bem ali e eu altero, porque funciona com aquela criança e não funciona com a outra, que é exactamente o que eu faço com os outros meninos todos...mas tendo uma base onde eu me pudesse apoiar, em termos da psicologia, em termos da linguística, era importante para eu poder ver e perceber se estou a trabalhar bem ou não...Porque lá está, parte de mim, da conversa com outra colega – “olha lá, estou a fazer isto assim-assim, não sei se isto está muito bem...”, mas isso sou eu que até tenho alguma facilidade em dizer – “olha, não sei se estou a fazer isto muito bem” – porque há pessoas que depois não têm essa facilidade de pedir ajuda e, se calhar, durante muito tempo, são capazes de estar a utilizar uma determinada prática, uma determinada estratégia que não é a mais correcta. Se houvesse uma base de sustentação, de fundamentação que pudessem ler, como têm mais dificuldade em procurar ou em perguntar, isso iria ajudá-las nas práticas e na relação com as crianças.

27. Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstica na área da língua portuguesa e a gestão flexível do currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?

Se a situação já lhes foi posta de alguma forma, nalguma turma ou nalguma escola, provavelmente terão conhecimento dessa legislação e fruto também da própria experiência anterior já estarão mais informados em relação ao assunto. Eu, por exemplo, actuo à minha maneira, vou conversando com as minhas colegas...mas a nível de jardim-de-infância se há legislação específica para essas crianças...eu nunca tive necessidade de a ir ler. Nunca ninguém me disse “ – Olha, pegas nisto que precisas de ler isto assim-assim para integrares essa criança, e tem de ser desta forma, daquela ou da outra...”. Eu, a nível do jardim-de-infância, não tenho conhecimento dessa legislação porque nunca tive necessidade de a usar, porque tendo necessidade era a primeira a sentar-me e a ir ler. Agora essa pergunta é capaz de me criar alguma curiosidade e ir ver se existe alguma coisa ou não. No meu caso, não...suponho que os colegas dos outros ciclos que tenham crianças e que seja necessário, tenham conhecimento disso, inclusivamente pelo Órgão de Gestão.

28. Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?

Era os professores portugueses irem fazer uma formação em romeno, em russo, deviam fazer uma formação principalmente nessas línguas, iam passar uma semana ao acampamento dos ciganos...isto a brincar! Agora o que é sério é isto, nós não vamos aprender romeno nem russo, mas se calhar devíamos fazer algum esforço para ter alguns conhecimentos acerca desses países.

Achas importante quando um professor tem um aluno de uma outra nacionalidade, de outra cultura, informar-se...

Não havendo uma outra forma de formação, deviam pelo menos fazer isso, ler sobre o país de onde a criança vem ou das proximidades, o que é que há e o que é que não há...os meninos se calhar não ligam muito ao folclore mas tem a ver com as raízes deles e com a nossa saudade portuguesa. Passa por perceber a saudade dos romenos, dos russos, dos brasileiros, de quem quer que seja...

Devia haver essencialmente grande vontade por parte do professor, ou dos professores...porque depois passando para o 2.º ciclo são vários professores. De haver alguma pesquisa e uma tentativa de perceber de onde é que a criança vem, qual é a comunidade em que estava inserida, em que meio é que vivia, etc. e isso devia ser preocupação dos professores.

29. Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.

O encontro do Projecto Comenius o ano passado aqui nesta escola. Movimentou toda a escola, pôs as crianças desde o pré-escolar até ao 9.º ano a pesquisar, pôs as crianças a fazer desenhos, pôs as crianças a ver exposições de culturas variadíssimas. A nível europeu logicamente. Foi só da Europa mas de países completamente diferentes. Foi muito interessante a iniciativa. Quanto a mim, e das que me lembro, essa foi a mais importante sem dúvida nenhuma.

30. Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?

Em termos de escola, eu acho que as crianças acabam por ser integrar. Se a fórmula que é utilizada é a melhor, isso não sei. Muito sinceramente eu acho que menos "floreados" de início era melhor. Uma melhor comunicação com os pais logo de início, dar-lhes a conhecer as regras (e eu nem sou muito para regras), as linhas orientadoras da escola, dá-las a conhecer. Mais do que floreados, mais do que facilitismos...

Por exemplo, aquela situação que tu há pouco estavas a referir, haver um documento base, escrito em português e traduzido em várias línguas?...tendo em conta que neste momento nós já temos aqui famílias que usam várias línguas ?...

Exactamente. Isso já era uma boa base para quando as pessoas chegassem, para termos alguma coisa para lhe entregar, para poderem ler e mesmo que tenham dificuldade em ler, quem traduziu também cá pode vir ajudar e explicar-lhes. Portanto, isso é mais importante do que tudo. Porque nós muitas vezes vamos fazendo e vamos emendando os erros, mas se neste momento já temos conhecimento que erramos em determinada altura, ou seja, não sei se é o facto de já termos errado, mas se a coisa não correu tão

bem, já podemos neste momento criar uma coisa diferente e que é importante, muito importante.

Eu lembro-me o ano passado quando as inglesas chegaram, que andaram a mostrar-lhes a escola. Levá-los às salas para eles perceberem como é que as coisas funcionam e para além disso terem um papel que lhes estruture, que mostre como é que é dentro da sala para eles perceberem que a partir do 5.º ano têm uma série de professores, que não é sempre o mesmo, que nem todos os professores estão muito despertados para aquilo. Para eles sentirem que também há alguma dificuldade e que não é tudo fácil, que isto não é um “floreado” e que vai ser uma beleza. Até porque eles entretanto, vêm com a ideia, com a sua cultura lá metida dentro, que eu sou muito melhor do que tu e portanto tudo o que tu me vais dizer, apesar de eu agora ter algumas dificuldades na língua, o que tu me vais dizer eu já sei... não é bem assim!

É necessário pormo-nos todos ao mesmo nível, no mesmo patamar, a escola, a família e termos em conta as necessidades das crianças que é o mais importante.

31. Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribui (iram)/contribui (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?

O que mais ajuda, são os professores todos, e continuo a achar isso...o que ajuda é a vontade dos professores todos, se estiverem para aí virados. Porque as crianças depois de terem saído do apoio ficam com quem? Ficam com os professores e estes têm que tentar integrá-los na turma, apesar de terem uma cultura diferente, de virem de outro país. O professor neste aspecto tem sempre um papel muito, muito importante...nem que seja para explicar quando o menino por graça diz que - “ele é preto” – nem que seja para explicar - “e tu és branco” .

E achas que os professores nesta escola foram quem marcou a diferença? Se por exemplo, há miúdos que se tenham integrado bem, uma quota-parte desse sucesso é maioritariamente da responsabilidade dos professores?

Coube realmente aos professores, para mim coube.

32. No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destes alunos? Porquê? De que modo?

Eu não tinha lido mas fui perguntar, fui perguntar à I e à T...é assim... No projecto educativo da escola isso não está praticamente contemplado porque não está mesmo...No regimento interno, idem, idem, aspas, aspas...No que diz respeito ao projecto curricular de turma, aquilo que eu te posso dizer é que – e eu ontem fiquei a pensar em relação a esse assunto – é assim, eu o ano passado por causa da história do “Comenius”, por causa da chegada da C, isso estava contemplado no meu projecto curricular de turma. Este ano, exactamente também por aquilo que eu já disse, é pontual, acontece de vez em quando e não é uma coisa que me esteja a preocupar muito, mas acontece e acontece naturalmente porque se eu falar de Espanha, eu não consigo dizer que a Espanha é só aquele país que está ali ao nosso lado e onde a gente vai comprar os caramelos e pôr gasolina, eu não consigo ficar só por aí...e tenho que ir mais além em relação ao assunto, ou seja, se por acaso algum tiver uma ideia brilhante, ainda vamos fazer um cartaz em relação ao assunto porque nós de facto tentamos falar acerca disso...e isso é com a Espanha que está aqui lado...Por exemplo, o pai do B, neste momento é camionista e o senhor vai por essa Europa fora de camião TIR e o B chega cá e diz:

- “Olha, o meu pai hoje foi para a Alemanha
- “A sério?...o teu pai foi para a Alemanha?...olha que engraçado, então se foi para a Alemanha tem de passar pela Espanha,...” e o próprio miúdo vai-me dizendo...-
- “Olha, hoje telefonou de França, hoje telefonou de...não me lembro o nome”
- “Não terá sido da Bélgica?”
- “Foi, o meu pai estava na Bélgica”
- “Ah, muito bem, olha ontem na televisão vi que havia muita neve na Bélgica”
- “Pois foi, o meu pai disse...mas não era do lado dele porque ele pode passar”
- “Pois foi, porque do outro lado até houve acidentes e tudo”...

...E numa conversa destas que é perfeitamente banal, há conhecimentos em relação a outros países que podem ir também em relação às crianças e costumes desses países:

-“Olha lá, então os meninos na Bélgica falam o quê? (...que ainda por cima é uma confusão que nem eles próprios se entendem lá muito bem porque falam não sei quantas línguas...mas pronto...)

Fala-se de África... “olha os meninos em África – há sempre uma “ave rara” que vai dizer...“são pretos” – “são pretos mas espera aí...eles são pretos tu és branco!” – Olha lá, então tu sabes o que eles lá cantam ou lá dançam?”

Mesmo sem haver crianças desses países na sala, mesmo se calhar sem estar contemplado a 100% no papel, acaba por ser um dos meus objectivos no projecto curricular de turma e da rotina da sala, mesmo que não haja nenhum projecto para aquele dia para falarmos disto ou daquilo, no “Dia do Racismo” se calhar falamos acerca do assunto...

Ou então no dia em que o miúdo fala que o pai foi não sei para onde é que tu aproveitas para trazer essas questões à baila...No fundo as planificações não reflectem a riqueza do que se passa na sala...

Eu no Natal ensino sempre uma canção em inglês aos meninos, quer tenhas meninos ingleses, quer não tenhas, é prática minha. Qualquer dos meus meninos – até podem já não se lembrar, mas qualquer das turmas onde eu estou, ensino sempre canções em inglês porque considero que o inglês é importante. Por acaso ainda nunca perguntei, se calhar por timidez deles, à D uma canção romena, ainda nunca me cantou nenhuma canção romena na sala, mas se calhar se eu olhar para ela e lhe disser:

- “Olha lá, canta lá uma música da tua terra para nós ouvirmos ...”

É capaz de ficar envergonhada e não o faz, mas é só por isso...

Conheces a miúda e sabes que isso até é um constrangimento para ela...

Porque entendo isso perfeitamente...Ainda no outro dia, quando nós acabámos uma história eu costumo dizer: “Vitória, vitória... acabou-se a história” - e depois houve um dia que eu comecei a dizer em francês – “Victoire, victoire...c’est finie l’histoire” – e eles começaram a dizer:

- “O que estás tu a dizer?”

- “Olha, isto é francês...é dos meninos franceses...”

Depois comecei a tentar dizer em espanhol, depois tentei fazer a tradução em inglês...mas isso é natural!

São pequenos gestos, isto não é coisíssima nenhuma, mas acaba por ser uma preparação, para eles perceberem que nós não estamos sozinhos no mundo e que a qualquer momento pode aparecer alguém que nós não percebemos, que nós todos temos dificuldades. E perceber que essas nossas dificuldades... que enquanto nós estamos num sítio em que toda a gente se orienta, é muito bom, mas que podemos estar, um dia, numa situação em que tem de haver alguém que nos ajude, que temos de pedir ajuda e temos que perceber isso.

33. Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma

Eu no outro dia contei-te o que é que me tinha marcado e isso não foi cá mas marcou-me de forma positiva. Eu desvalorizo sempre...sabendo que tenho trabalho, mas é assim...eu desvalorizo sempre... se acontece bem é por que tinha de acontecer e aí a minha participação é mínima no assunto, e foi sempre o que eu achei... - quando eu estava em Macau eu tinha crianças dessas nacionalidades todas e no meu primeiro ano de Macau entra uma criança que só falava inglês, uma criança que sempre tinha vivido em Goa, que sabia falar o dialecto Goês – que eu não sei – que os pais eram Goeses, que falavam Português mas que nunca tinham vivido em Portugal. A avó vivia em Macau e os pais resolveram ir para Macau numa situação – e daí haver tantas crianças estrangeiras e essencialmente Chinesas e Macaenses no jardim-de-infância, como Macau na altura estava na transição de passar para a China – havia algumas pessoas que ainda ponderavam a hipótese de sair de Macau e de vir para Portugal sem nunca cá terem vivido, sem terem raízes nenhuma -, e então ou porque estavam casados com Portugueses ou porque conseguiram adquirir um passaporte português, eles sentiam que havia uma necessidade das crianças aprenderem já português porque se viessem, teriam já algum conhecimento e daí as crianças estarem na nossa escola. A Christabel foi integrada numa turma de pré-escolar, ela tinha 5 anos, supostamente iria para o 1.º ano no ano seguinte e ela não chegou no início do ano, ela chega para aí em Janeiro, a falar inglês, a falar inglês só. É integrada numa turma, quando eu entrava ela falava inglês comigo, a educadora dela não falava muito bem inglês mas também a entendia. A Christabel foi aprendendo com os amigos... e eu lembro-me de logo no princípio ela ter chegado à minha sala, estarmos as duas e o engraçado é que ela passava algum tempo sem falar na sala dela e quando entrava na minha sala, ela falava, falava, falava, falava...em inglês. Falava, falava, falava porque sabia que eu a percebia e porque sabia que ia ter alguma resposta. Há um dia que ela entra na sala e diz-me, - mas com uma certeza muito grande, olha para mim e diz-me -, “eu tenho que aprender português, eu tenho que aprender português” -. Porque lhe devem ter dito isso em casa, e disse-o em inglês. – “Tenho que aprender português!!!” -.

Pronto, a Christabel ficou até final do ano, foi começando a falar português, tudo muito bem. A Christabel no ano seguinte foi para a escola portuguesa, foi para o 1.º ano e há um dia em que a avó dela me encontra no supermercado e me veio agradecer o facto de eu ter ensinado português à neta dela porque a neta dela era das melhores alunas da turma, que adorava português e que adorava escrever em português.

Se eu tive alguma influência nisso, eu não sei...que me soube muito bem ter ouvido aquela avó ter-me vindo dizer aquilo, tudo muito bem, sim senhora! E o que é certo é que houve ali qualquer coisa em que eu participei e nunca mais me esqueci disto. De facto soube-me bem ter ouvido aquela senhora, ter-me vindo dizer que tinha sido graças a mim, não foi graças a mim, foi graças a todo o conjunto de coisas que se passaram. Foi graças à miúda ser muito inteligente, que era um pequeno “ser” com muita inteligência e que apreendeu muito depressa e que tinha vontade...

E ter encontrado alguém na escola, na família que satisfaz essa vontade dela...

Exactamente, e que depois provavelmente (eu não sei qual era a professora dela do 1.º ciclo) mas, encontrou alguém no 1.º ano do 1.º ciclo, que lhe pegou e de quem ela gostou muito. Muitas vezes isso é o mais importante.

34. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?

Salvo raras exceções, eu considero que é, sim senhor! Porque a comunidade escolar é uma comunidade escolar muito pequenina. Porque a diversidade também não é assim tão grande como isso...Ao longo do tempo com a chegada de algumas crianças estrangeiras, foi-se criando um bocado essa cultura de tolerância também na própria escola, porque de quando em vez aparece mais alguém. E de quando em vez, nós vamos lembrando de quando chegou alguém...As últimas que chegaram foi a C e as irmãs, portanto quando chegar mais alguém que fale uma língua completamente diferente vai sempre haver alguém que diz: -“olha, lembraste quando a C chegou?” –

Eu considero que a comunidade escolar aceita muito bem as crianças que chegam, que os professores e o órgão de gestão aceitam bem quem vai chegando, até porque, como disse, são poucos, o que facilita.

Penso que se tem vindo a criar uma cultura para que essa aceitação seja cada vez maior e melhor...

35. O Projecto Educativo da Escola e o Regimento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?

Devia ser alterado e devia contemplar logicamente...já que esses documentos agora vão ser revistos, teremos repensar a situação.

Como são documentos que estão constantemente em reformulação, à medida que as coisas vão acontecendo, se calhar, vão-se alterando, consoante essas mesmas adaptações...

36. Qual é a característica desta escola que melhor contribui para a inclusão dos alunos estrangeiros? Achas que tem a ver com a questão humana?

Também tem a ver com a questão humana, tem sim senhor a ver com isso. Basicamente com isso tudo, com o ser uma escola pequena e haver mais ou menos um entendimento entre toda a gente. Daí tornar-se mais fácil, porque mesmo que haja uma ou outra pessoa que ponha mais reticências em relação ao assunto (há sempre alguém que pega, há sempre alguém que leva...), portanto a questão humana de facto é muito importante. Se lá... para trás o racismo era o mau, a questão humana aqui é o mais importante. Nós, não temos apoios específicos para ajudar na inclusão destes alunos, porque nós não temos pessoal especializado para isso, porque não pode haver um especialista para isso...como tal, tem mesmo que ser a questão pessoal, tem de ser mesmo a mão-de-obra humana que aqui há, para pegar nas coisas, e que ajuda logicamente.

37. Qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?

É não ter pessoal especificamente formado para isso. Mas nunca se pode ter uma pessoa a tempo inteiro que fale romeno...

E amanhã pode ser doutra nacionalidade...

Exactamente, ou seja...a lacuna na escola é uma lacuna geral. Não há pessoal especificamente formado para receber crianças que venham de outros países...

E concordavas que houvesse essas pessoas ou achas que isso é uma competência genérica de todos e não específica de um especialista?

Eu gostava muito de aprender romeno, mas eu não sei romeno, eu não tenho formação para fazer isso.

Temos cá uma criança bielorrussa neste momento, que fala português...mas eu não tenho competência específica para acolher uma criança bielorrussa e me fale outra coisa que não seja português. Eu sei que mais tarde ou mais cedo vamos conseguir comunicar, agora de início, e sobretudo para miúdos mais velhos, é capaz de nem sempre haver a compreensão necessária...e era importante, era importante isso...

Achavas importante que a nível do ministério fossem criadas estruturas que permitissem, por exemplo, a contratação pontual desse tipo de pessoas...

O Ministério, a autarquia, aquilo que seja...porque é assim – e volto a dizer como já disse atrás -, ninguém se oferece para fazer esse serviço ...o mal é esse, pode haver voluntários para muita coisa, agora para vir para dentro de uma escola para estar uma parte do dia para fazer isso, ninguém o faz...

Mas achavas importante que a nível das autarquias se desenvolvessem parceria para prover a contratação de alguém em regime temporário?

Exactamente, com ajuda do ministério, mas com as autarquias a tomarem conta disso, porque as autarquias é que podem fazer os levantamentos do número de crianças, pois estão mais junto das escolas, e criarem um departamento (nem sei se seria um departamento), não era preciso estar alguém a tempo inteiro, mas haver alguém que pudesse fazer essa ponte e de início estabelecer essa ligação entre os professores da turma, a criança, a família...

A nível do pré-escolar torna-se muito fácil porque nós temos uma ligação muito estreita e muito chegada aos pais dos meninos. Isso acontece naturalmente. Agora a nível do 2.º e do 3.º ciclo, são muitos professores, cada um a puxar para seu lado, porque o de inglês vai puxar para inglês, o de português vai puxar para português, o de história por aí fora...mas no entanto para aprender história, ou para o de matemática, o de ciências, estar a ensinar...A criança tem de ter algum conhecimento, nem que seja geral, da língua e isso pode demorar um ano, pode demorar dois. Se a criança não tiver tantas facilidades pode demorar mais tempo, regra geral não se vê isso, mas acontece. Há maiores dificuldades, e é certo que há currículos alternativos porque há este apoio, aquele apoio, o outro apoio...Mas que mais uma vez depende da boa-vontade das escolas e das pessoas, porque não há ninguém específico para fazer aquele trabalho...

Era necessário existir uma bolsa de recursos, à qual, quando fosse necessário, várias escolas pudessem recorrer...

ora aí está!...

38. Considera que os pais imigrantes vêem as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?

De início, de certeza absoluta que não...porque a lista dos representantes dos pais na escola, regra geral, está formada.

Eles não se conhecem, e como não há essa preocupação de lhes explicar, o que é que eles podem fazer ou não podem fazer...

Então consideras que isto é mais uma questão das tais que se devia dar a conhecer aos pais no início? De que existe na escola uma Associação de Pais à qual eles podem recorrer e integrar?

Logicamente...

Muitas vezes não são informados, porque lá está, temos a barreira da língua e ninguém lhes vai dizer porque se não nos aparecer ao pé é muito mais fácil...e depois, quando ele aprender qualquer coisa, pode ser que cá venha...mas não, deviam ser informados previamente.

39. Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?

Como eu já disse, a questão da bolsa de recursos.

40. Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?

Sim, porque se foram habituando ao longo dos tempos a terem estrangeiros por aqui, mais que não sejam as crianças. Há por aqui muitos holandeses, há muitos ingleses. As pessoas foram-se habituando a ver gente diferente, foram-se habituando a ver gente vestida de outra maneira, foram-se habituando a ouvir outras línguas...ou seja, essas pessoas vieram para aqui viver, sentiram-se aqui bem e acabam por ficar aqui nas redondezas. Quando vêm as crianças para a escola, tanto para a de Santo António das Areias como para aqui (portanto para as escolas do concelho), há já uma expectativa positiva, há já um prolongamento em relação a isso. Portanto, a comunidade aceita bem. Chegar uma família nova de um país novo é capaz de fazer confusão de início mas depois as pessoas acabam por aceitar...e tanto que há famílias residentes e que já cá estão há bastante tempo e foram ficando. É um sinal de que não são estigmatizados, nem rejeitados, ... e não são posto fora...

41. Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?

Aqui no concelho – daquilo que eu tenho conhecimento, não houve nenhuma.

42. Em que aspecto considera seria mais importante a colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos imigrantes? Porquê?

Isso não é um prolongamento, se calhar também é uma coisa importante, mas eu há bocado estava a falar...Se houver uma exposição de fotografia aqui na escola, uma exposição de objectos de determinada cultura ou de determinado país das crianças que frequentem a escola, isso era importante para os alunos...isso era uma coisa que a autarquia podia aproveitar... que eu não tenho conhecimento se regularmente o fazem, se há essa parceria ou não. Fazer o levantamento das famílias estrangeiras e das nacionalidades das pessoas que estão no concelho de Marvão e a seguir fazerem uma exposição, não digo que façam uma semana, mas que façam, por exemplo, um fim-de-semana dedicado à Roménia, em que haja comida...

Tornar visíveis essas comunidades...

Exactamente! Se o número de pessoas dessas comunidades justifica fazer o investimento...mas se justificar, se calhar também não faz mal nenhum tornar visível as comunidades...Holandeses há muitos, ingleses há muitos... não seja só para as crianças, mas para toda a comunidade... mostrar as coisas de cada país, não precisa de ser a semana inteira... A Câmara tem a “semana do borrego”, a “semana do azeite” que são coisas nossas, mas podem fazer o fim-de-semana da Roménia, podem fazer o fim-de-semana da Holanda... porque o povo gosta de comida e de bebida, como se costuma dizer, isso pode levar a que haja um entendimento melhor e que a própria comunidade aprenda com coisas simples nem que seja só com o bolo que vai comer – e para variar diz que não gosta porque aquilo não é meu...-.

Porque estas questões de festas, de convívio, ajudam depois a despoletar outro tipo de relações entre as pessoas...

Exactamente. Quer dizer, se alguém que seja pintor, que faça uma exposição de pintura nesse fim-de-semana (e estou eu a inventar), se houver lá tulipas, de certeza que as velhotas todas vão gostar muito e vão perguntar - “ai que flores tão bonitas...e o que é e o que não é...já que mais não seja isso...Se a velhota se der ao trabalho de ir ver o quadro já valeu. Como é também um concelho envelhecido podia ser que levasse a haver essa interação - porque isso muitas vezes só ir ver uma exposição ou só ver umas fotografias, vê-se depressa – mas alguma coisa a gente vê de diferente, que aquilo não é bem como cá na nossa terra. O provar o doce “não sei de quê” é diferente...até o provar – vê lá que eu provei um bolo que veio da Roménia e tudo! -.

Entrevista a P2

1. Qual a sua idade?

41.

2. Qual a sua situação profissional?

Quadro de zona pedagógica, profissionalizado no grupo de educação física.

3. Há quantos anos exerce funções docentes?

Há 14 anos.

4. Em quantas escolas/agrupamentos já exerceu funções docentes?

Em 7.

5. Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou na(s) sua(s) turma(s) de docência?

Mais ou menos aí uns 9 ou 10.

6. Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na(s) sua(s) turma(s) de docência?

Tenho 2.

7. Já frequentou alguma Acção de Formação sobre a gestão e inclusão da diversidade na escola? Se sim, onde e há quanto tempo?

Não me lembro de nenhuma acção específica nessa área, não.

8. Para si o que é uma escola inclusiva?

A escola inclusiva em relação à inserção destes alunos no nosso sistema de ensino, terá que ser uma escola que recebe, faz o diagnóstico dos seus alunos, tem estratégias e mecanismos para que estes alunos se adaptem o mais rápido possível ao meio, à escola e que dê uma resposta rápida às suas dificuldades imediatas.

9. O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?

Tendo em conta a globalização, cada vez mais se assiste aos alunos a circularem nos espaços geográficos com iguais oportunidades. Assim sendo, a questão das diferentes culturas nas escolas é cada vez mais fundamental porque há grande troca de experiências, de valores e estes aspectos podem ser, quando bem utilizados, um aspecto fundamental para todos...para a própria escola, para todos os alunos, desde que haja uma troca de experiências entre todos.

10. Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo?

Se bem que a legislação exista, muitas vezes o problema é a aplicação das próprias leis e a maneira como se consegue aplicar o que está regulamentado. O que dificulta muitas vezes não é a própria legislação em si, são os mecanismos que nós usamos para chegarmos aos objectivos pretendidos. Portanto, quando estes alunos chegam às escolas muitas vezes os professores têm determinadas dificuldades não porque esteja legislado mas sim porque se vêm com dificuldades na aplicação da legislação na prática.

11. A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Nesse aspecto penso que a maneira como a escola está estruturada não favorece efectivamente a inclusão desses alunos porque tem uma carga lectiva muito extensa e a escola não tem a autonomia que na prática deveria de ter. Se bem que tenha alguma, muitas vezes devido a dificuldades na atribuição de créditos horários, da própria mobilidade entre professores dos diversos grupos não consegue dar resposta imediata a esses alunos.

12. Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Bem, aqui tem a ver com os recursos pedagógicos...tanto materiais como humanos... Muitas vezes os professores, por não estarem preparados ou sensibilizados para aquilo que vão encontrar à sua frente, que são estes alunos, têm alguma dificuldade em adaptar-se à nova situação. Isto acontece porque também não há nas escolas, normalmente, uma rápida definição das melhores estratégias a adoptar e só o recurso à autoformação por parte dos próprios docentes, os faz ir à procura desses materiais. Mas, muitas vezes, não é fácil tê-los de imediato. Para além disso, os aspectos humanos têm a ver com a questão dos créditos horários e normalmente nesse aspecto as escolas não têm recursos de professores com formação específica para atenderem imediatamente esses problemas.

13. Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso?

Se pensarmos em termos do que é a massificação do ensino e daquilo que as escolas e os professores têm ao seu alcance, cada vez é mais difícil os alunos fazerem uma plena integração inicial, porque chegam à escola e a escola não disponibiliza, não tem ao seu dispor todos os instrumentos que deveria ter. Em geral o diagnóstico não é feito da forma mais correcta e atendendo algumas vezes os dados constantes nos processos que os alunos trazem não são os mais completos, há dificuldades em a escola se organizar só com os dados que trazem. Muitas vezes são superficiais e não muito aprofundados. Para além disso, se os professores que estão a fazer o seu diagnóstico e a encaminhá-los não tiverem um “à vontade” suficiente, dificulta essa inserção inicial.

Mas de qualquer maneira, achas que o modelo que permite que os miúdos fiquem automaticamente em contacto com os alunos portugueses numa turma onde só se fala português, é o mais adequado? Ou poderia haver um período de transição? ...um outro modelo? ...

Da experiência que tenho, acho que deviam ser tentados outros modelos de inserção, feitos de uma forma diferente, primeiro com a adaptação ao meio, com pessoas a acompanharem-nos, a auxiliarem-nos e a trabalharem a língua portuguesa, para lhes dar um outro “à vontade” antes de irem para a sala de aula. Optar por uma fase de transição, se calhar seria o mais indicado.

14. Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê?

A escola tem aqui um papel de veículo mediador. Muitas vezes não é fácil pelo facto da própria cultura dos pais não ser a mesma, pois vêm com valores diferentes, não entendem a nossa escola, comparam como a sua escola, ...

Por vezes não é fácil, de imediato, estabelecer estes compromissos, devido aos diferentes métodos e ao modo como as coisas funcionam em cada país. Daí que atribuir essa responsabilidade só aos pais está incorrecta, bem como só à escola. Tem que se encontrar aqui um compromisso entre escola e a família, de maneira a que todos em conjunto trabalhem de modo a encontrar a melhor estratégia.

Mas achas que a escola actual valoriza de alguma maneira – por exemplo, a língua de origem desses alunos? Achas que quando um aluno estrangeiro chega à escola a sua língua originária é de alguma maneira valorizada ou a maior preocupação da escola é ensinar-lhe a língua portuguesa?

De certa forma é valorizada. Mas os professores fazem um grande esforço para ensinar a língua portuguesa ainda que por vezes possa haver rejeição de alguns alunos em falar logo o português. De certa forma tem de haver um esforço muito grande dos professores, ainda que dominando pouca a língua inglesa, recorrem a essa língua que é mais universal, para comunicar com os alunos. Essa barreira vai dificultar depois a acção de transmitir os conteúdos, as aprendizagens...

E pior ainda quando nem dominam a língua, como acontece com as línguas de leste...

A maioria dos docentes que temos na escola não têm formação inicial em línguas estrangeiras...logo quando os alunos são encaminhados para esses professores, para acederem ao currículo regular, os professores têm grandes dificuldades precisamente porque não dominam a língua materna do aluno, para conseguirem comunicar com eles e ajudá-los nas aprendizagens.

15. O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem/incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros? Porquê e de que modo?

Embora eu não tenha muita experiência em outras áreas, mas daquilo que me vou apercebendo, há determinados manuais que já falam, já tentam fazer precisamente...incluir aspectos da cultura desses alunos estrangeiros. Alguns manuais. Não sei muito bem precisar, mas sei que há uma tentativa também de fazer com que de os manuais sejam um utensílio para esses alunos...mas não posso responder com precisão.

16. Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?

Quando os professores têm esses alunos, mesmo não sendo as suas áreas específicas, tentam por auto-criação melhorarem as suas estratégias, o seu processo de ensino, tentam actualizar-se. O que nem sempre é fácil porque não é fácil encontrar materiais didácticos e pedagógicos ao dispor e tem de haver um investimento inicial próprio do professor.

Mas achas então que existe essa preocupação...

Em alguns casos.

17. Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta/dificulta a sua inclusão e sucesso escolar?

Não há dúvida que é a língua e a própria cultura de onde vêm. Há países que têm uma cultura onde a inserção se faz mais adequadamente à nossa língua, noutros casos essa língua e essa cultura trazem consigo mais obstáculos...

Por exemplo...

Por exemplo a cultura inglesa, em relação à cultura portuguesa.

Da minha experiência tem sido mais fácil a cultura dos países de leste adaptarem-se, inserirem-se logo do que a cultura inglesa. Os ingleses têm valores e uma educação, se calhar, um pouco diferentes da nossa.

Em relação ao caso dos ingleses, qual é o problema para tão grande dificuldade? Porque no fundo, a língua, por exemplo, como nós temos como 2ª língua normalmente o inglês, deveria ser um ponto de aproximação...qual é então a dificuldade nessa integração desses alunos?

Tem a ver com a sua própria formação inicial, a formação dos pais e os valores que eles também vão adquirindo ao longo da sua evolução, ao longo do seu trajecto educativo. É uma sociedade diferente, com outros valores...e se calhar não aceitam tão bem as regras que são impostas por outros. Têm uma linha própria, e por isso têm mais dificuldades também em adaptar-se à nossa cultura e aos nossos valores.

E quais os factores que mais favorecem a sua inclusão?

Os factores que mais favorecem a inclusão dos alunos estrangeiros na escola Portuguesa é a facilidade na aquisição da Língua Portuguesa, a adaptação desses alunos ao meio escolar onde estão inseridos e também a escola dispor de todos os mecanismos e instrumentos para a sinalização, diagnóstico e acompanhamento desses alunos.

18. Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?

Para além da língua, além dos valores da própria cultura de cada país, vejo também a questão da individualidade de cada aluno, portanto os problemas que trazem...a identificação e o diagnóstico dos seus problemas. Nem todos são iguais e essa diversidade de personalidade, no fundo pode levar a que surjam outros problemas. Podemos ter em mãos muitas vezes miúdos com dificuldades de aprendizagens muito

específicas que nós não detectamos logo, que não vêm referenciados e muitas vezes não sabemos como lidar com esses alunos.

19. Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão?

...Questões mesmo da sua personalidade, da sua educação familiar que no fundo podem favorecer, contribuir para essa inclusão?

Digamos, comparativamente àquilo que eu já disse relativamente, entre os dois tipos de linhas de onde vêm, do país de origem...os que vêm de países de leste são pessoas que vêm mais dispostas a conhecer, a adaptarem-se, a integrarem valores de outros países. Já os ingleses, os alemães, que têm uma cultura muito vincada na sua personalidade, têm mais dificuldade em aceitar as regras dos outros, em adaptar-se aos novos meios para onde vão, à nova cultura de outros povos. Tem também a ver com estes aspectos de globalização...

E também pela questão económica, vêm numa situação um pouco diferente para Portugal, não é?

Também, ... É que eles vêm de países mais carenciados mas com um índice de cultura acima da média. Portanto, têm dificuldades económicas mas revelam um grau de educação, de valores acima da média e que torna mais fácil essa integração.

É o caso dos países de leste...

...o caso dos países de leste... Bielo-Rússia, Ucrânia, Roménia...Por outro lado, os mais Europeus – ingleses e alemães – têm mais dificuldade precisamente por isso...porque têm a sua própria linha, o seu próprio valor e defendem-nos muito e mostram um pouco mais de reservas.

20. Importa-se se sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Pela tua experiência, o que é que as escolas poderiam fazer que de alguma maneira os pudesse ajudar?

Primeiro rentabilizar melhor os recursos existentes na escola. Falo em termos de professores que falem a mesma língua, a quem seja mais fácil chegar junto desses alunos ou até de outros técnicos que a escola possa disponibilizar. Tentar inseri-los primeiro no meio, transmitir-lhes valores de adaptação e depois então colocá-los nas salas de aulas com o devido acompanhamento. Depois de diagnosticada a sua situação, as suas necessidades e capacidades, integrá-los nas salas mas com os mecanismos que são necessários, acompanhá-los nas aulas junto da turma para que não haja um grande choque.

Consideras que devia haver um modelo de transição...primeiro de adaptação às regras e orgânica da escola e de alguma maneira de ajuda na língua, para depois então irem para a sala de aula e fazerem o percurso normal?

Nós já referimos isso... Começaria por uma fase de transição, que se centralizava, primeiro na aquisição da língua, para tornar mais fácil a aprendizagem dos conteúdos. Porque nas disciplinas curriculares o professor não tem que ser um especialista da língua, e tendo em conta que há inserção total na turma, o professor não consegue dar muita atenção a esse tipo de problemas. Portanto, tem de haver um reforço, um

complemento, um acompanhamento individualizado do aluno dentro da sala de aula para que essa barreira seja mais fácil de transpor.

21. Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista à sua inclusão?

A escola fez um esforço para se relacionar com esses pais, embora não seja muitas vezes fácil. Porque os pais também têm a sua vida e as suas dificuldades em se movimentarem neste país e muitas vezes não dispõem do tempo, que se calhar que era necessário para irem à escola, para atenderem a esses problemas. Por outro lado a escola, muitas vezes, está sobrecarregada com outros problemas, dos nossos alunos, e não tem capacidade de resposta para atender a esta diversidade de alunos e de pais.

22. Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros?

Além da massificação do ensino, que torna que a escola seja vista pela sociedade como o único órgão, único agente educativo, que tem que dar resposta a tudo e a todos. Mas na prática a escola não tem essa capacidade. Ou seja, é difícil para a escola, muitas vezes, resolver todos os problemas, ainda mais quando, na maioria das vezes, os pais também se alheiam desses problemas. Portanto, a escola não consegue resolver por si só essas dificuldades e quanto mais se massifica mais se torna difícil de resolver os problemas.

**23. Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/professores com os pais destes alunos?
...que iniciativas? Que sugestões?**

Primeiro dando à escola e aos professores uma credibilidade tal que eles se sintam moralizados e com disponibilidade para fazer esse trabalho, que muitas vezes é trabalho extra. Depois criar créditos horários para que os professores possam trabalhar com esses alunos de forma adequada e em terceiro lugar, promover uma aproximação entre professores/escola, pais, comunidade no geral, serviços de apoio, acção social escolar, assistentes sociais, ...pois temos que trabalhar em conjunto para encontrar as soluções, porque os professores sozinhos não conseguem.

E muitas vezes há assuntos que não dizem propriamente respeito à escola, que podiam ser resolvidos por outras instituições

Exacto, a escola não pode dar resposta a tudo, os professores não podem ser especialistas de psicologia, especialistas na área da assistência social, especialistas em diferentes línguas...Há-os mas têm que ser requisitados para esses efeitos.

24. Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal?

...são pais mais preocupados, são pais mais ausentes, são pais mais solícitos...

Das experiências que tive (só posso falar dessas), acho que tem a ver com aquilo já referido atrás...depende da origem dos pais. Pais que tenham ou que encaram como importante a proximidade com os filhos, a preocupação de os acompanhar, que têm esses comportamentos, vão mais vezes à escola, falam mais com os professores, preocupam-se mais em resolver os problemas. Outros pais de outro tipo de culturas,

exigem da escola mas não fazem essa aproximação, esse esforço no sentido de estar presentes, só sabem responsabilizar a escola...

E aí temos outra vez, a dicotomia entre pais vindos de leste e os do centro da Europa?

Não taxativamente a 100% mas de uma forma geral poderemos tirar essa conclusão daí. Acho que se pode generalizar.

Pelo menos da tua experiência...

Da minha experiência.

25. No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo?

Pois! Aqui surge um grande problema. É que se exige que os professores nas escolas atendam os problemas originados pela massificação e diversidade de origem dos alunos, que fiquem com a responsabilidade de dar respostas adequadas, quando a formação inicial não foi adequada nem os preparou para esses problemas.

Portanto, digamos que teria de haver uma reformulação dessa formação inicial e também uma reformulação das acções de formação contínua, dando possibilidade a esses professores de fazerem essa formação, sem lhes colocar entraves, ou seja, dentro do seu horário semanal e não exigindo que eles disponham de outros tempos, como os fins-de-semana, que precisam para outras situações. Portanto, ajudando os professores e não dificultando a frequência dessas acções de formação.

26. Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê?

Quanto maior for a capacidade que os alunos revelem de aquisição da nova língua, mais fácil se torna a transmissão depois dos conhecimentos curriculares a esses alunos. Mas penso que, apesar disso, os professores precisam de formação, de acções de formação contínua nessas áreas específicas, porque se os professores não estão preparados pela formação inicial, têm que reformular essas formações, como eu já disse ainda há pouco.

27. Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstica na área da língua portuguesa e a gestão flexível do currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?

Digamos que os professores que têm os problemas em mão vão-se procurar e vão aprendendo também. Vão lendo mais, vão perdendo muitas horas tentando actualizar-se, mas não é regra para todos. Ou seja, muitas vezes nas escolas só quem tem mesmo o problema é que vai procurar a lei, vai procurar flexibilizar o currículo...

Não é fácil muitas vezes chegar a todos ou transmitir precisamente essas actualizações a toda a gente, porque há muito trabalho, há muita carga de trabalho em todos os alunos da turma, o que faz com que os professores não possam pensar só nestes.

28. Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?

Sem dúvida, organizando acções de formação, dentro da própria escola. Além disso tentar não incluir logo esses alunos de imediato nas salas de aula, sem se saber qual a melhor maneira de lidar com eles. Procurar que houvesse esse tal espaço de transição...depois seria muito mais fácil.

29. Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.

Aquela que eu conheço ocorreu do ano transacto, com o projecto Coménius, em que houve contacto com uma enorme diversidade de culturas, em que professores e alunos visitaram as escolas envolvidas, tendo contacto com outros saberes, outra maneira de leccionar, ...De certa forma houve essa troca de experiências entre os próprios alunos, com trabalhos feitos. Penso que foi uma das iniciativas que na nossa escola ajudou um pouco a percebermos a diversidade de culturas que existem, a valorizar os outros, a conhecermos-nos a nós mesmos melhor.

30. Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?

Digamos que da minha experiência, em termos de Director de Turma, com um aluno nestas condições, foi nesta...

Noutra era só professor da turma, passou-me um pouco mais ao lado essa inclusão. Mas penso que, (as experiências foram sobretudo com miúdos de leste) o processo de integração não ofereceu grande dificuldade...porque houve logo a facilidade da aquisição da língua.

Como director de Turma, e neste caso em concreto, houve alguma dificuldade precisamente porque tivemos problemas no diagnóstico dos alunos...depois como havia necessidade de os colocar logo na sala de aula, houve o problema dos professores não estarem preparados para receberem esses alunos, depois como os horários não estão estruturados para os professores disporem de tempo para acolherem esses alunos houve uma grande dificuldade de adaptação desses alunos.

Estás a falar especificamente no caso das alunas estrangeiras que chegaram a meio do ano lectivo?

Exactamente. Que já vinham com problemas de aprendizagem que não foi fácil diagnosticar e tiveram também um problema de colocação das turmas adequadas à sua idade e ao seu percurso escolar que não foi logo definido...

As questões de equivalência...

As questões de equivalências que não vinham muito bem definidas, houve um espaço temporal muito grande até vir a resposta concreta, o que dificultou e que criou uma certa instabilidade nos próprios alunos. Depois foi feita a mudança para outras turmas, para conhecerem novos colegas e outros professores também. Portanto houve aqui, digamos uma indefinição, o que não ajudou muito...para além da própria rejeição destes alunos à língua portuguesa, mesmo em falar a língua.

Portanto, como caracteriza a forma como esta escola fez essa inclusão?

Digamos que também não estávamos preparados para este tipo de alunos. Porque as experiências tinham sido fáceis com outros alunos vindos de leste. Este caso foi um caso mais difícil e para além disso eram alunas que já vinham com problemas...eram alunas com necessidades educativas especiais o que nos dificultou ainda mais o processo.

Portanto, houve aqui um esforço a dobrar por parte dos professores e dos órgãos da escola que tiveram que, de algum modo, reformular os seus conhecimentos, as suas intervenções.

31. Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribui (iram)/contribui (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?

Sem dúvida a dois níveis: Primeiro a aquisição da língua portuguesa, o mais rápido possível, de forma a ajudar estes alunos a falarem o mais rapidamente possível, a entenderem, a língua portuguesa, deste caso... Depois a inserção e adaptação ao próprio meio escolar. No fundo, haver alguém que seja capaz, passando se calhar pelo papel do tutor, alguém que consiga fazer esta breve recepção e ao mesmo tempo prepará-los para inclui-los melhor na turma, junto dos seus colegas, dar-lhes a conhecer os procedimentos e as regras da escola... portanto, alguém que faça esse papel.

Uma aposta no fortalecimento da relação...

Relação afectiva.

Que é muito importante para as questões educativas e dos conteúdos programáticos

E nós, a nossa escola no ano passado teve um aproveitamento positivo a esse nível... a escolha do recurso utilizado (um recurso improvisado) no caso uma auxiliar, uma técnica que estava com outras funções, de animadora, mas que foi aproveitado para fazer esse papel, tentar melhorar o relacionamento afectivo com estas alunas e ajudá-las a conhecer melhor a organização da escola... o que foi importante para a inserção dessas alunas...

E porque é que essa pessoa foi escolhida?

Foi escolhida porque era a única que falava melhor a língua inglesa, embora não fosse inglesa. Estava aqui ao abrigo de um programa do Centro de Emprego. Ela era holandesa e aproveitou-se esse recurso, precisamente porque falava bem a língua inglesa. Mas poderia ter sido um professor a fazer isto, se a escola tivesse a possibilidade de dar os créditos horários a esse professor e o trabalho seria, se calhar, tão bem feito como foi o caso.

32. No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destas alunos? Porquê? De que modo?

Em relação ao PCT acho que os Projecto Curriculares de Turma não são estanques. Vão sendo constantemente reformulados à medida que os próprios alunos vão vencendo as dificuldades, vão superando os obstáculos... vai-se reformulando e definindo outros objectivos. Por outro lado o Plano Anual de Actividades também é importante porque proporciona a estes alunos uma inserção com os outros alunos através de uma série de actividades que a escola propõe... convívios, actividades desportivas, actividades culturais que são importantes para estes alunos. Promove a parte afectiva, que é importante nesta fase.

Mas também consideras que à medida que os alunos vão conhecendo melhor a língua, vão tendo uma integração plena na comunidade, essa preocupação depois também se esbate um pouco?...ou algumas actividades, até de carácter desportivo

ou de carácter cultural que tenha a ver com os seus países, são pensadas no início como forma de os incluir e depois, progressivamente, isso se vá perdendo?...E isso é positivo ou não?

Eu penso que é difícil as escolas organizarem actividades especificamente a pensar nestes alunos. Como eles são inseridos no contexto da própria escola, eles próprios é que têm que adaptarem-se às próprias actividades propostas e não andarmos a arranjar actividades específicas para estes alunos. Funciona um bocadinho do geral para o individual, ou seja, a inserção destes alunos nas actividades normais com maior ou menor acompanhamento, consoante a sua necessidade...mas é importante que eles participem como os outros participam, naquilo que existe. A questão da língua pode ser um problema, mas se forem ajudados, participam nas actividades como os outros, são iguais em todo o lado.

33. Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma

Estou-me a lembrar de dois casos. Um pelo carácter positivo, nessa questão que falávamos atrás da inclusão em actividades programadas pela escola... o facto de uma das alunas inglesas gostar muito da prática desportiva e estar sempre disposta para participar em todas as actividades desportivas que a escola organiza de acordo com o seu Plano de Actividades. É de realçar a sua participação, ...pela sua vontade participava em todas as actividades, só aquelas em que os pais não a deixam é que ela não participa...

Então encontras aí uma forma de motivação...

Uma motivação para a própria aluna que ao conviver com os outros também mais facilmente se adapta ao meio escolar onde se insere. Essa é um dos casos positivos que eu me lembro...

A outra é um caso negativo. Tem a ver precisamente com o caso que tivemos das miúdas inglesas...Eram duas irmãs, eu era Director de Turma de uma delas, e com a colega Directora de Turma, tivemos necessidade de convocar os pais para fazer o ponto da situação. E a dificuldade foi esta: é que os próprios pais não sabiam em que nível de ensino é que as miúdas andavam...ou o diagnóstico não foi bem feito ou os pais estavam pensando outra coisa, houve ali um desfasamento em relação a que anos é que as miúdas deviam ser equiparadas, aquilo que os pais queriam e aquilo que estava na lei... ou seja, aquilo que a escola estava à espera...portanto, houve aqui um desfasamento...

Os pais neste caso não sabiam o nível por causa das crianças terem sido adoptadas, era o caso...no fundo não conheciam bem o percurso escolar, delas. E quando essa situação ocorreu como é que vocês comunicaram com essa família?

Primeiro foi difícil porque nós, os Directores de Turma, neste caso eu e um outro colega, nenhum dominava minimamente a língua inglesa e os pais não dominam a língua portuguesa...Depois tivemos que recorrer a uma outra colega que dominava melhor o inglês para fazer de tradutora, para conseguirmos comunicar. Acabámos por chegar à conclusão que os pais não estavam bem dentro daquilo que a escola propunha às miúdas. Fiquei com a sensação que os pais queriam uma coisa para as miúdas, uma situação, que não tinha sido acordada inicialmente. Depois de falarmos, depois de muitas conversas, conseguiu-se arranjar a li um meio-termo, também devido às orientações que vieram do próprio Ministério. Na parte final, já se conseguiu resolver minimamente o problema.

No fundo esse problema aconteceu, sobretudo também por uma falta de comunicação entre a escola e os pais, a dificuldade da barreira da língua, o facto dos processos não serem muito explícitos, de não estarem traduzidos...qual é que foi o maior entrave?

Houve aí um bocadinho de tudo, mas essencialmente teve a ver com a primeira parte de tratamento e análise do processo. Penso que o diagnóstico não foi muito bem cuidado, não foi muito bem tratado...Há vários motivos que podem ter contribuído para isso. Muitas vezes nem as pessoas que estão a trabalhar nessa parte específica têm tempo e formação para rapidamente fazerem o diagnóstico. Esse foi um dos problemas.

Depois foi o problema dos alunos terem ido logo para a sala de aula, sem que os professores tivessem a preparação adequada para trabalhar com estes alunos...e depois a instabilidade que tudo isto provocou nas alunas, como eu disse atrás. Portanto, foi todo um conjunto de situações que foram, à medida que o tempo também passou, sendo remediados passo-a-passo.

34. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?

O caso da Escola da Ammaia é igual a muitas outras...cada vez é mais difícil às escolas trabalharem com esta diversidade de alunos porque as preocupações, as obrigações que põem para cima da escola e dos professores é enorme. Há muita burocracia, muito trabalho de papéis, de atender a outras formalidades, o que leva a que muitas vezes os professores não tenham tempo nem estejam à vontade e motivados para trabalharem estes casos isoladamente. Portanto, é muito difícil tanto para a Escola da Ammaia como para outra qualquer, dar a melhor resposta a este tipo de alunos, a este tipo de problemas.

Mas achas que tem um clima, um ambiente que de alguma maneira favorece? De alguma tolerância, de respeito e aceitação? Ou achas que se nota alguma dificuldade em aceitar estes novos alunos?

Pelo facto de ser uma escola pequena, tem a facilidade de ser mais fácil tornar o aspecto afectivo, ou melhor, contribuir para a inserção através de um clima afectivo favorável. Pelo facto de ser uma escola pequena, com menos alunos por turma, torna mais fácil detectar problemas...portanto, aí a Escola da Ammaia tem um clima que favorece mais, pelo facto de ter menos alunos o que é um elemento de favorecimento.

35. O Projecto Educativo da Escola e o Regulamento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?

Penso que o próprio Projecto Educativo da Escola tem sido reformulado e tem-se adequado precisamente a estas novas necessidades, a estas novas realidades. Penso que o próprio Regulamento Interno também é revisto constantemente, também se reformula para ir de encontro ao Projecto Educativo da Escola. Agora penso é que com estas mudanças, orientações novas que surgem a todo o momento, muitas vezes não é fácil...tanto estar a reformular o Regulamento Interno como o próprio Projecto Educativo. As novas orientações que vêm do Ministério dificultam um pouco...é legislação em cima de legislação...dificulta um pouco a estabilidade do Projecto Educativo e não é fácil para as escolas...

No fundo, há constantes alterações legislativas que não permitem que o processo possa ser avaliado condignamente...é isso?

Talvez, se falarmos em termos de avaliação deste processo, destas alunos, tem sido também cada vez mais difícil, esse é um dos aspectos...a adaptação a estes alunos, a estas realidades que é feita, mas por outro lado há a dificuldade precisamente porque não é fácil avaliar segundo aquilo que nos pedem, não é muito objectivo em relação aquilo que nos pedem.

36. Qual a medida, aplicada por esta escola, que, em sua opinião, melhor contribui para a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Não há dúvida que o arranjar professores que dominem minimamente a língua para estar mais perto destes alunos tem sido uma medida que contribui para melhorar a inserção destes alunos. Agora a dificuldade é precisamente conseguir créditos para que os professores trabalhem de forma regular com estes alunos.

37. E qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?

Precisamente essa necessidade que a escola tem de inserir rapidamente o aluno na turma, ainda que, muitas vezes, os professores não esteja preparada para acolher esses alunos. Portanto, digamos que há aqui um efeito de “surpresa”, pois não estão preparados, falta a tal fase de transição para que os alunos, os professores e os conselhos de turma se preparem, arranjem estratégias para receber esses alunos.

38. Considera que os pais imigrantes vêem as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?

Aqui tem a ver com a questão de como os pais vêem a escola e qual a sua participação na escola. Muitas vezes o que eu assisto é que há um desfasamento muito grande entre o que é a prática do meio escolar e aquilo que passa cá para fora. Há poucos pais com poder interventivo na escola, no sentido de sugerir estratégias, de melhorar o processo de ensino/ aprendizagem em conjunto com os professores. Há mais um reivindicar junto dos professores e não tanto de expor as suas ideias, as suas sugestões e pontos de vista. Não há preocupação em assumir compromissos ou mediar os conflitos. Portanto, há aqui o querer impor e o querer responsabilizar e não responsabilizarem-se a eles próprios...

E consideras que com os pais destes alunos estrangeiros também acontece o mesmo?...estavas a falar de uma forma genérica ou no caso específico destes pais?

Também em alguns destes pais, também têm este tipo de comportamento. Eu assisti a este caso de que falei, em que criam uma prática à maneira deles e não a pratica que deve ser usada pedagogicamente pela escola ou pelos professores. Portanto, há aqui um conflito... Por isso é que eu falava inicialmente, na questão de serem pais que vêm de leste ou que vêm de outro país, como a Inglaterra...

Tem a ver com expectativas que esses pais têm em relação à escola e ao contributo da escola para o futuro dos filhos?

É verem a escola e a relação que se estabelece de maneira diferente. É o facto de depositarem mais confiança na escola e nos professores e haver outros valores que se levantam. Não é só o exigir, o responsabilizar a escola...mas depois não participarem no processo.

39. Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?

Haver equipas de trabalho que analisassem o processo destes alunos logo, que vissem logo...que diagnosticassem inicialmente esses alunos, que pudessem trabalhar com eles traçando estratégias, traçando planos curriculares diferenciados, para aqueles alunos que precisassem, ajudando a fazer a sua integração nas turmas de uma forma faseada, de uma forma temporal também.

40. Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?

Penso que aquele meio é um exemplo do interior do país. Embora seja um meio onde não há problemas sociais muito evidenciados, onde não há muitos problemas com os miúdos na escola mas noto que há um afastamento dos pais em relação ao processo do ensino da aprendizagem. Digamos que os pais colocam os alunos na escola e esperam que os professores resolvam os problemas. É aquilo que eu noto! Não há acções concertadas dos próprios pais para tentar também atender a esses problemas. Digamos que a Associação de Pais deveria ser a maior dinamizadora destas acções e não tenho visto nenhuma iniciativa (pode-me passar alguma) mas não tenho conhecimento que tenha feito nada nesse sentido...

Mas tens conhecimento que a comunidade se tenha relevado menos tolerante...com atitudes de racismo, de xenofobia sobre estas culturas, sobre estas pessoas?

Como é um meio muito pequeno, a própria localidade em si é pequena, existem muita dispersão de alunos pelos locais de onde habitam, não se sente muito isso, portanto não se sente essa forma de racismo ou de outros problemas. De maneira que...precisamente pela diversidade também, portanto, são meios onde há pouco densidade populacional e esses problemas ainda não existem aqui neste interior.

41. Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?

Parcerias não conheço. O único caso que eu conheço é de alguns pais que procuram fora da escola resolver algum problema pontual de alguns alunos...mas parcerias não conheço. Existiu pontualmente aquele programa, como eu referi, que foi o caso feliz de termos tido uma técnica colocada pelo Centro de Emprego, em parceria com o Ministério da Educação, que colocou naquela escola e nós aproveitámos as suas potencialidades, rentabilizando esse recurso para ajudar na adaptação das alunas à escola...mas foi pontual, foi esporádico, não foi planeado.

42. Em que aspecto considera seria mais importante a colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos imigrantes? Porquê?

Principalmente em relação aos pais...Por ser interior e haver, se calhar, poucas famílias estrangeiras a residirem nesta área, estes pais não se agrupam no sentido de arranjar soluções para os seus problemas em conjunto. Mas penso que se conseguissem arranjar estratégias concertadas, para conseguirem que estes alunos, inicialmente, fora do contexto da escola, pudessem ter apoios para aprenderem a língua portuguesa, poderia ser mais fácil...

No fundo o que tu propunhas era que os pais estrangeiros se organizassem, para em conjunto com alguma instituição dar algum reforço, nomeadamente na aprendizagem da língua portuguesa., aos seus filhos? Por exemplo, a quem é que tu achas que naquela comunidade os pais poderiam recorrer ou com quem é que achas que deviam fazer essa parceria?

Há muitos exemplos desses... Nesta área, os portugueses, por exemplo em Paris ou noutros países, organizaram-se e requisitaram professores específicos para trabalharem a língua, para melhor inserção dos seus filhos.

Consideras que, se por exemplo, a comunidade inglesa tivesse alguma representatividade na zona, poderiam ter capacidade para fazer parcerias que apoiassem os seus filhos na aprendizagem da língua portuguesa?

Em parceria com o governo português. Arranjar maneira de se organizarem e haver professores dessas áreas específicas para os ajudarem a melhorarem o domínio da língua, sem ser a escola.

A escola insere esses alunos nos seus currículos normais, mas é preciso esse trabalho extra, sobretudo nessa fase de transição seja combatida o mais cedo possível.

Essa parte era especificamente, não para o reforço na língua materna mas para o caso do “português”...

Sim

Essa parceria poderia ser feita com a autarquia? ...consideras que poderia ser?

A autarquia representa o Estado na sua dimensão local, portanto a autarquia se está predisposta a receber parcerias, podia ser um elemento importante nesta mediação.

Entrevista a P3

1. Qual a sua idade?

34.

2. Qual a sua situação profissional?

Professora de Quadro de Zona Pedagógica em Portalegre.

3. Há quantos anos exerce funções docentes?

Há 10.

4. Em quantas escolas/agrupamentos já exerceu funções docentes?

Em 5, se considerar o ano de estágio já como uma escola.

5. Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou nas suas turmas de docência?

Uns 9. Queres que diga algumas nacionalidades? Foram 3 romenos deste ano, 1 indiano no ano passado, 2 ingleses, 1 cabo-verdiano no ano passado e 2 brasileiros.

6. Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na(s) sua(s) turma(s) de docência?

Tenho três romenos e uma inglesa.

7. Já frequentou alguma Acção de Formação sobre gestão e inclusão da diversidade na escola? Se sim, onde e há quanto tempo?

Nunca.

...E nunca viu sequer essa “oferta”?

Não, porque é um tema que me interessa muito e penso que tinha reparado nisso. Mas eu também sou um bocado “despassarada” e pode ter passado alguma ao lado. Nunca frequentei.

8. Para si o que é uma escola inclusiva?

Eu acho que é uma escola que tenta dar aos alunos que vêm do estrangeiro as mesmas possibilidades de terem sucesso escolar, ou seja, eles são diferentes dos outros, não é? Logo vão ter também que ser tratados de forma diferente, mas serem-lhes dado oportunidade de terem sucesso escolar, ou seja, dar apoio na língua portuguesa no caso dos alunos que não falam português, no caso dos alunos brasileiros já não será tão necessário...mas pronto, dar todo o apoio possível para que eles consigam estar bem integrados na escola e consigam ter sucesso escolar.

9. O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?

O que eu acho é que é óptimo e acho que não enriquece só as escolas como as próprias vivências dos alunos, porque os nossos alunos portugueses podem aprender muito também com eles. Até porque eles cada vez mais vão ter que conviver com pessoas que não são portuguesas. Sempre achei óptimo existir essa multiculturalidade.

E em que aspectos é que achas que essa riqueza e esse ganho pode ser mais substancial?

A nível pessoal, para deixarem de ter preconceitos sobre outras culturas, outras religiões até...para abrir os horizontes, porque um dia podem sair de Portalegre e vão ter que conviver com pessoas e se não tiverem esse contacto, depois pode ser complicado para eles...Nesse aspecto pode ser muito benéfico, não ser a primeira vez que contactam com pessoas de outras culturas, de outras religiões...

10. Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo?

Eu acho que na teoria está pensado para ajudar os alunos. Na teoria sim, na prática nem sempre é fácil aplicarmos a legislação e nem sempre as escolas conseguem por na prática o que está escrito no papel.

E achas que isso se deve exactamente a quê?...

Às vezes tem a ver também com os recursos humanos. Talvez não contabilizar essas horas que têm que disponibilizar para esses alunos, os quais deviam ser consideradas do ano anterior, estarem já contempladas nos horários com antecedência. Acho que às vezes há uma feitura dos horários muito em cima da hora, o que faz com que na prática seja difícil dar o devido apoio a esses alunos...é mais até a nível de organização, mais da componente humana e depois claro, é sempre difícil por em prática tanto o Plano de??? ...- De língua não materna? Aquilo são uns documentos muito grandes, nem sempre é fácil ter conhecimentos, conseguir aplicar isso tudo.

É interessante tu saberes que isso existe, porque a maior parte de nós nem sabe da sua existência...

11. A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Por um lado acho que não facilita muito, porque a carga horária é muito grande e tem muitas disciplinas, mas por outro lado acho que conseguimos também dar a volta a isso, por exemplo em disciplinas como o estudo acompanhado, a formação cívica, que podem ser aproveitadas para esses alunos tentarem desenvolver a parte da língua portuguesa. Em relação à avaliação, eu penso que também temos a liberdade para podermos avaliar esses alunos de forma diferente, por isso na prática, penso que temos todos os meios para poder avaliá-los tendo em conta essas necessidades...

12. Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Eu acho que nem sempre conseguem...e penso que em escolas pequeninas como esta, vamos conseguindo fazer bem esse acompanhamento mais individualizado dos alunos. Em escolas maiores, dá-me a sensação que muitas vezes é um bocado “o desenrasca” no ver qual pode ser agora a solução para esse aluno... e é um bocado o que sobra, os professores que sobram, que ainda têm horas...e nem sempre são os professores mais adequados. Por isso penso que na prática ainda há muita coisa que falha, mas há sempre muita boa vontade, só que nem sempre as coisas são feitas a tempo e nem sempre com a devida consistência.

13. Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso?

Eu tenho dificuldade, porque por um lado, eu acho que quanto maior for a imersão melhor, porque quanto mais contacto com a língua portuguesa melhor, mais rapidamente vão aprender, por outro lado numa fase inicial, se não percebem mesmo nada é também complicado para eles, podem sentir-se até postos de lado...por isso eu tenho dificuldade em responder a essa pergunta. Eu penso que também há-de depender do tipo de aluno. Por exemplo, se for um brasileiro não haverá praticamente problema nenhum, se for um inglês se calhar não será tão difícil porque a maior parte dos professores vão falando inglês e podem ir de vez em quando explicando, no caso, por exemplo de um romeno, de um grego ou de um chinês que venha, há-de ser muito complicado fazer-se uma imersão logo total. Eu penso que, tem de se ver conforme o aluno e as suas dificuldades.

Deveria ser também de acordo com essas necessidades, essa avaliação que se fazia aos alunos, depois adequar o tipo de resposta...

Um (aluno) pode fazer logo a imersão total e enquanto que para outro aluno isso pode ser mais difícil...então para aquele aluno optar-se por outro modelo...

Agora qual é o outro modelo?...Não sei o que é que se pode fazer...

Por exemplo, da tua experiência pessoal, enquanto filha de emigrantes em França, como é que era feito, por exemplo, o processo de inclusão dos filhos dos estrangeiros nas escolas francesas?

Eu nunca tive essa noção porque a minha língua materna era o francês, logo nunca me senti estrangeira em França, nunca tive problema de língua e nem me lembro de ter tido ao longo do meu percurso escolar em França, colegas meus que não falassem a língua...por isso eu para todos os efeitos não era estrangeira.

Como nasci lá, a minha língua materna era a francesa...não tinha essa dificuldade. Já a questão vai ser posta de outra forma...Como é que eu guardei a cultura portuguesa? E como é que desenvolvi o português?

14. Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê?

Eu acho que a escola não se preocupa com isso...e eu acho que não se deve preocupar muito com isso, não é função da escola. Eu acho que nesse aspecto a função da escola é

o contrário, é fazer com que os alunos aprendam o português e se adaptem à nova cultura e acho que é totalmente responsabilidade da família fazer com que os alunos também não percam essa língua originária deles...e nesse caso posso falar da minha experiência pessoal em França – os meus pais são portugueses e então para eu não perder o contacto com a língua portuguesa, tínhamos a Escola Portuguesa. Os meus pais puseram-me numa escola portuguesa e era o contacto que eu tinha com a língua portuguesa. Eu acho que é de facto a família que deve ter esse papel.

Mas por exemplo, imagina numa localidade como a Portagem, onde não há essa oferta, muito menos uma oferta diversificada de acordo com o tipo de estrangeiros, a origem dos vários estrangeiros que aqui estão...

É mais difícil...é muito mais difícil num meio pequenino conseguir-se isso. Mas penso que os pais falando entre eles em casa, se tiverem hipóteses de comprar livros...Eu perguntei, por exemplo a alguns alunos que estão cá, romenos que lêem bastante, eu perguntei-lhes se lêem português ou se lêem romeno e eles dizem-me que lêem nas duas línguas, o que é bom.

Nem sempre é fácil, por exemplo nesse aspecto em França, vivia numa cidade muito grande em que havia muita oferta, nessas cidades mais pequenas há-de ser mais difícil para os pais, mas o facto de falar em casa a língua, já é quase o suficiente para eles manterem o contacto.

Agora para a escola, penso que essa não há-de ser a sua primeira prioridade, também pode ser engraçado fazer-se trabalhos, para os alunos até partilharem com a restante comunidade escolar as suas experiência e culturas, mas penso que a principal necessidade desses alunos é mesmo integrarem-se na cultura portuguesa.

15. O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem/incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros? Porquê e de que modo?

Eu penso que há uma tentativa dos manuais em contemplarem isso. Pelo menos no nosso departamento de línguas, um dos critérios de avaliação dos manuais é se eles contemplam ou não essa Interculturalidade. E não só, também por exemplo, pessoas diferentes (seja de que maneira for) diferentes fisicamente, de religião, etc...e nós, eu pelo menos, tenho sempre isso em atenção, para ver se nos manuais aparece, por exemplo, nos textos orais, um inglês a falar inglês mas com sotaque asiático, por exemplo. Eu acho que nos manuais estão a tentar fazer isso, provavelmente será mais fácil fazer isso nas línguas do que noutras disciplinas, mas penso que estão a tentar. Agora é verdade que eles são sempre feitos para um público português, isso é verdade. Eu nesse aspecto acho que não contemplam o facto de haver, hoje em dia na escola, alunos que não sejam portugueses, mas tentam contemplar o facto de hoje em dia as sociedades serem cada vez mais multi-culturais.

16. Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?

Eu penso que os manuais, pelo menos no departamento que eu conheço, claramente sim, têm essa preocupação...Não me parece que, por exemplo, na matemática seja muito relevante terem isso em atenção ou será muito fácil para um professor de matemática, na prática, pensar nessas temáticas. Agora há muitas disciplinas em que se pode fazer isso, o inglês é uma delas, o francês, o português, pode-se escolher textos sobre isso.

Eu penso que os professores têm cada vez mais essa preocupação, mas também é uma coisa bastante recente, ou seja, podem não ter ainda a preocupação suficiente, mas eu acho que no geral...quer dizer, eu penso por mim...nem sempre falámos sobre isso, mas eu tento sempre fazer coisas que estejam ligadas com a interculturalidade, sempre que possível. Por exemplo numa Área Projecto, numa Formação Cívica, porque são valores importantíssimos hoje em dia.

17. Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta/dificulta a sua inclusão e sucesso escolar?

O principal é a língua... à excepção de alguns alunos... nem todos... Eu já tive alunos brasileiros para os quais não era um obstáculo ou um aluno Cabo-Verdiano para quem era ligeiramente um obstáculo, mesmo assim o português não é bem o mesmo, tinha algumas dificuldades. Mas eu diria que o obstáculo principal é a língua.

De que forma é que achas que esse obstáculo acaba por ir interferir na inclusão desses alunos e no seu sucesso educativo?

Primeiro porque vão ter dificuldade em perceber as matérias, daí e necessitarem de apoio, mas depois também tenho reparado que ficam um pouco marginalizados. Como não falam bem a língua, vão juntar-se, se possível e se os houver, a outros que falam a mesma língua, e então pode haver uma certa marginalização, e é contra isso que devemos lutar, mas nem sempre é fácil.

18. Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?

Podem ser diferenças culturais...não são muito graves, mas por exemplo, este ano com as nossas inglesas, na cantina, o comerem de maneira diferente...às vezes trazerem o almoço, o que pode ser estranho para os outros e aí os outros até podem gozar com coisas mínimas... Pode ser um obstáculo, a forma como os alunos são educados em casa, não sendo a forma como os portugueses são educados, às vezes são até alvo de gozo, por causa desses aspectos.

Daí também a importância de se conviver com essas culturas diferentes...

Exactamente. Por um lado é bom, mas às vezes os próprios alunos sofrem um bocado com isso porque o que para eles é normal para outros não é normal, mas isso para os nossos alunos é bom, para verem que nem toda a gente tem de ser igual...não somos todos iguais e nem temos que ser.

19. Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão?

Eu acho que o própria facto de terem outra cultura os enriquece, não é?...e também em geral (nem sempre) pode fazer com que sejam alunos melhores que os outros. Temos cá casos na escola em que alunos estrangeiros acabam por ter mais sucesso escolar que os outros.

E isso deve-se a que factores? Pessoais? Sociais? Culturais?

Pessoais como sempre...mas culturais sim, porque vêm com hábitos diferentes, levam a escola mais a sério, têm uma postura completamente diferente...

E são especificamente alunos oriundos de...

Principalmente os que vêm dos países de leste. Porque nem sempre se verifica isso. Mesmo já com os brasileiros não notei grande diferença, com os alunos ingleses que eu tive também não, às vezes até pelo contrário, dava-me a sensação que havia uma exigência menor... (foi a sensação que eu tive).

Agora com os alunos que vêm de leste, claramente...têm hábitos de trabalho completamente diferentes. E depois o facto de terem também outra cultura, até no aspecto das línguas, ajuda a pensar de outra forma. Eu também senti isso quando estava em França.

20. Importa-se se sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Por exemplo, eu vi no outro dia, que tinham feito um inquérito a uma funcionária que também é oriunda de um país de leste...acho que é giro fazer essas iniciativas para os alunos conhecerem o meio de onde vêm os outros colegas.

Essa iniciativa no fundo tentou dar a conhecer, a revelar a sua cultura...

Eles próprias darem a conhecer a sua cultura, acho que é uma boa forma de inclusão. Os alunos portugueses também têm algum interesse em conhecê-los melhor. Eu lembro-me numa aula de Formação Cívica, estavam a trabalhar sobre os países e um dos grupos escolheu a Roménia e eu disse-lhes assim:

- “Até podem perguntar aos vossos colegas romenos algumas informações...”

Despertas-lhes um pouco a curiosidade...

Eu acho que é bom, cada um deles ir à procura do “outro”...tentar conhecer melhor o “outro”.

Se isto depois os ajuda na sua inclusão? ...Eu penso que sim, que pode ajudar.

Outra iniciativa que pode ajudar é essa Acção de Formação que vais haver sobre a Interculturalidade, acho que também é bom, porque se o professor tiver consciência da importância da diversidade e como isso pode ser benéfico, acho que também passa depois para os alunos. Se o professor não pensa minimamente sobre isso e não reflecte sobre isso, os alunos também não vão reflectir. Agora se nós acharmos isso muito importante, facilmente conseguimos passar isso para os alunos. Por isso também parte do professor.

21. Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista à sua inclusão?

Em geral eu penso que o relacionamento é bom. Nós temos é também que tentar tratar esses miúdos como tratamos os outros. Claro que provavelmente vai-se falar muito mais sobre a dificuldade que têm sentido em integrar-se, mas falaríamos se fosse outro aluno, se fosse um aluno português que tivesse dificuldades, falaríamos na mesma, contactaríamos mais vezes com os pais, etc.

Acho que a relação, pelo menos nos anos que tenho de serviço foi sempre boa. Em geral os pais dos miúdos que vêm de leste são pais interessados...o que ajuda, por isso é que provavelmente os alunos também têm os resultados que têm, porque têm pais interessados...

No caso das miúdas inglesas deste ano, também têm sido interessados, têm vindo sempre que eu peço, por isso, no geral, acho que as relações são boas.

E consideras que a relação escola-família, em relação a esses pais é feita de igual modo como se fosse para os pais portugueses? ou há outras atitudes, outros cuidados?

No caso dos pais das miúdas inglesas, o facto de eles não falarem a língua portuguesa, complica. No meu caso, só não complicou porque eu falo a língua dele, Eu estou a imaginar que se eu fosse professora de matemática, iria ser muito mais complicado entrar em contacto com estes pais. Neste caso eu penso que, dos Directores de Turma das três meninas, quem fala mais vezes com os pais (até das outras) sou eu, porque falo inglês com mais fluência. Por isso pode ser mais complicado contactar e provavelmente no início, há-de também ter sido complicado também com os pais dos romenos. A língua pode ser um entrave no contacto com a família...como não têm o português como língua materna, como é o caso dos brasileiros ou dos cabo-verdianos ... pois complica.

Mas há que tratá-los sempre de maneira igual, o que nem sempre é possível.

22. Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros?

Os factores são mais ou menos os mesmos que causam entraves nos outros casos...que é os pais trabalharem e não poderem vir à escola, para além da questão da língua, que é o maior obstáculo.

Então neste caso, quais é que acha que poderiam ser as estratégias que um professor que não fale a língua desse pai deveria usar? Em que bases é que deve ser feito esse relacionamento?

Das duas uma: ou o professor fala a língua, e podem falar nessa língua (seria de evitar mas quando tem que ser...). No caso do inglês não é muito difícil. Mas se tivéssemos uns pais chineses, por exemplo...seria muito complicado. Ou teríamos que recorrer a um interprete, que aqui não há (em meios pequeninos também não há-de ser fácil, em locais maiores será fácil encontrar mas aqui será complicado), ou então, se o próprio filho, se os próprios alunos, já dominam um bocadinho a língua, servirem eles próprios de interpretes.

23. Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/professores com os pais destes alunos?

No fundo temos que colaborar todos uns com os outros porque trabalhamos todos para o mesmo. A relação deve ser construída na base da colaboração. Nós temos que ver que queremos o melhor para os miúdos e os pais, à partida, também querem o melhor para os miúdos, por isso é associarmo-nos e colaborar para tentar, em conjunto, ver quais as melhores soluções para cada um dos miúdos. Nem sempre é fácil porque pode haver pais que acham que o que nós estamos a fazer não é o mais certo. Mas a partir do momento em que nós temos formação para decidir o que será melhor...mas às vezes temos que explicar.

24. Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal?

Eu acho que os que vêm dos países de leste, é um facto (e contra factos não há argumentos), que se adaptam muito mais rapidamente.

Inclusive os pais dos alunos romenos, se não me engano, já nos contactam em português. Por isso os pais também conseguiram ultrapassar a barreira da língua mais facilmente.

Essa é uma das características que muita gente aponta em relação aos alunos que vêm de leste, achas que isso se deve a quê?

É uma boa pergunta, eu também gostava de saber responder, mas eu não sei ao que é que isso se deve...Acho que se deve ao facto de nós não falarmos romeno, ou seja, ao não falarmos a língua deles, essa pessoa tem que tentar aprender a nossa para comunicar. No caso dos ingleses, não sei se é por nós falarmos um pouco de inglês, eles sentem que não precisam...e então ao não precisarem não fazem esse esforço...se será por aí ou não!...Mas o facto é que os que vêm dos países de leste aprendem a falar muito rapidamente a nossa língua.

Acha que podem ser questões intrínsecas à própria pessoa?...ou uma questão cultural?

É muito possível que seja também já cultural. Esses países parecem ser muito mais abertos ao exterior do que, por exemplo, os países Anglo-Saxónicos, porque eles próprios sabem que os outros falam a língua deles e então desde pequeninos nunca devem ter sentido essa necessidade de serem eles a ter que aproximar-se do outro e ter que falar a língua.

No fundo, a necessidade aguça o engenho...

Exactamente, pois.

25. No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo?

Nós, de facto não temos formação inicial nenhuma, zero, adequada a estas questões. Depois a contínua, eu acho que cabe a cada professor também interessar-se pelo tema e ter consciência que é importante. Eu acho que depende de cada um de nós, com leituras, com pesquisas conseguimos aprender muitas coisas. A autoformação é uma obrigação de todos nós.

E depois existem muitas formas de no dia-a-dia conseguirmos tratar isso nas aulas. Por exemplo, a Área de Projecto é uma boa aula para se poderem desenvolver projectos sobre essas temáticas; a Formação Cívica também. Eu, este ano, aproveitei o facto de 2007 ter sido o “Ano de Igualdade de Oportunidade para Todos” para trabalharmos todos os temas relacionados com a diversidade existente no mundo... étnicos, linguísticos, culturais, religiosos... (a diferença entre a religião temos que aceitar...), a diferença que existe entre sexos, que tem que deixar de existir, de cor..., ou seja, tudo o que diz respeito à interculturalidade, pois nós próprios temos que ter a noção que temos que nos formar para no dia-a-dia conviver com essa realidade.

O professor, na tua opinião, perante as características e as dificuldades que vão surgindo, tem que tentar fazer um esforço de autoformação e de investigação sobre as temáticas...

E pôr os miúdos a investigar também. Eu acho que é mais importante pôr um miúdo, por exemplo, a fazer um logótipo, a criar...e aí é ele que está a fazer, a pensar sobre o assunto, do que sermos nós a dizer: “olha, hoje em dia isto é muito importante...” Não, isso assim não resulta. Agora se os miúdos têm que fazer um trabalho prático, eles próprios é que nos vão dizer quais são os problemas que existem, o que é que tem que

deixar de existir, o que não faz sentido existir hoje em dia...como por exemplo o racismo, discriminarmos pessoas com deficiência física...Eu acho que isso depois lhes fica mais na cabeça.

Mas em relação ainda à questão da formação, achavas importante que a nível dos Planos Curriculares de Formação Inicial ou Formação Contínua dos professores, passasse a haver uma oferta aos docentes que contemplasse essas temáticas?

Eu acho que sim, acho que é uma lacuna dos cursos de hoje em dia.

Nós não vimos preparados para esta realidade educativa. Vamos ter que nos auto-formar. Porém, acho que uma das soluções é nós já virmos para as escolas preparados para ter que lidar com isso, com a presença de um aluno que não percebe nada do que dizemos...ter na turma um aluno que não nos ouve ou não nos vê, por exemplo.

26. Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê?

Eu acho que tudo o que é geral, nunca resulta muito bem...mas acho muito bem, já que não tivemos essa formação na faculdade, poderia haver acções de formação sobre: como lidar na sala de aula com um aluno deficiente auditivo, como lidar na sala de aula com um aluno que não percebe nada de português, como lidar na sala de aula com um aluno que percebe um terço daquilo que nós dizemos...Eu acho que era muito importante haver essa formação pois cada caso é um caso. Não se trata um aluno brasileiro, que tem uma forma de escrever diferente, ou um cabo-verdiano, como se trata um chinês que nem tão pouco conhece o nosso alfabeto!

27. Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstica na área da língua portuguesa e a gestão flexível do currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?

Eu acho que ainda têm muita dificuldade, talvez por não estarem preparados para isso. Somos um bocado tradicionalista na forma de avaliar os miúdos. Tentamos agora não ser tanto. Sabemos que existe mas nem sempre estamos ainda preparados para aplicar o que existe na lei. De facto acho que a lei permite tudo e mais alguma coisa...a lei é boa mas na prática ainda há muita falha...Daí a importância dos professores de ensino especial porque me parece que dominam mais...apesar de nós termos toda essa obrigação. Na nossa sala de aula, temos que saber que quem não fala português vai ser avaliado de maneira diferente...e nós próprios deveríamos preocupar-nos em saber como é que devíamos avaliar esses alunos. Daí a importância de existirem na escola os professores de ensino especial...

Achas que é uma competência deles?

Não é só deles, também é nossa mas considero que temos que trabalhar um bocado em colaboração.

Lembro-me de um ano em que tive um aluno deficiente auditivo, em que se não fosse a professora de ensino especial a explicar-me quais eram as dificuldades de um aluno com défice auditivo, eu nunca chegaria à conclusão que com aquele aluno tinha que aceitar textos mais sintéticos, ou esquemas...Eu não poderia imaginar que seria assim...não tinha formação sobre isso.

A mesma coisa, por exemplo, com as inglesas que eu tenho, não tenho dificuldade nenhuma porque a minha disciplina é o inglês, mas se eu fosse professora de matemática teria que seguir outras estratégias...

No caso da língua é a mesma coisa, o é que eu vou poder fazer para testar este aluno? Como é que eu sei se ele percebeu?...Por isso eu acho que o papel do professor de educação especial é importante e devemos trabalhar em conjunto.

28. Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?

Essa Acção de Formação que se vai realizar aqui na escola sobre educação intercultural por exemplo. É uma das iniciativas que eu acho interessantes, para alertar os professores para esta temática e ajudar até a melhorarmos o nosso desempenho no dia-a-dia. Provavelmente ainda não conseguimos fazer o melhor...mas tentamos. Só conversando é que as coisas depois se...podemos trocar ideias...

Às vezes basta alguém chamarmo-nos a atenção, não é?...porque nós às vezes, olhamos mas não vemos, porque nunca ninguém nos ajudou...

Exactamente.

29. Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.

Esta prevista uma Acção de Formação sobre educação intercultural para dia 22 e acho que isso é super importante.

Eu, por exemplo, nas aulas de formação cívica tratei de um tema que falei à pouco do “Ano Europeu de Igualdades para Todos” e este ano, em 2008, é o “Ano do Diálogo Intercultural”, ou seja, é um tema óptimo, que dá para pegar nessas aulas de Formação Cívica. Pus os alunos a trabalhar sobre: 1.º interpretar o logótipo, descobrir a razão pela qual as pessoas estarem de braços dados, o porquê das várias cores... e eles começarem a pensar o que é que é isso da “interculturalidade”. Depois fizeram também pesquisa sobre a União Europeia, uma vez que é uma celebração com origem na União Europeia e depois fizeram pesquisa sobre os países que entraram mais recentemente na União Europeia.

Eu acho que essas disciplinas são muito boas, assim como a Área de Projecto, para se trabalharem esses temas. As comemorações destes últimos anos foram muito bons para isso, porque eu acho que é das temáticas mais importantes, essa da interculturalidade e do diálogo com o outro...

Mas acaba por ser uma preocupação muito presente na tua experiência profissional...

Eu acho que se deve muito ao passado que tenho, como filha de emigrantes, acabando por considerar que também é muito importante eles terem estas reflexões.

Mas sabes que nem toda a gente sabe que o ano de 2008 é o Ano do Diálogo Intercultural, muitos professores não têm essa preocupação, acaba por ser uma questão muito pessoal, da experiência de cada um, das inquietações de cada um?

Eu acho que, por exemplo, o racismo é uma coisa que me mete muita confusão e eu sei que nesta escola há alunos que, sem saberem porquê, não gostam do outro, ou porque é preto ou por outra razão qualquer. Por isso me parece que é super importante nós fazermos-lhe perceber que não temos que ser todos iguais!...

Por acaso tive sorte pois nunca tinha dado nem Formação Cívica nem Área de Projecto, este ano é a primeira vez, e calhou mesmo bem as temáticas de 2007 e de 2008 para isso

e os alunos aderem bastante bem. Eles no fundo, sabem que existem esses valores, que nós deveríamos defender esses valores mas têm noção que na prática nem sempre o fazem. Mas pelo menos vão pensando sobre isso.

E talvez um dia mudem, não é?

Exactamente. Talvez se lembrem...

30. Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?

Não é fácil porque nós apercebemo-nos no dia-a-dia que existem alguns conflitos entre os alunos portugueses e os alunos estrangeiros. Às vezes fazemos que não ouvimos as bocas de uns para os outros, às vezes temos mesmo que ouvir e temos que chamar a atenção... Nem sempre é fácil, mas acho que no fundo tem corrido bem.

O outro é diferente e então pegamos nas pequenas coisas... E eles nestas idades são muito cruéis uns com os outros... então quando apanham uma coisinha, não alargam até ao fim do ano.

Considero que é um assunto que tem que ser trabalhado, mas é difícil, nem sempre é fácil, mas no geral eu penso que os alunos se integraram relativamente bem. Podia ser melhor, mas eu acho que isso tem de partir dos nossos alunos.

31. Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribui (iram)/contribui (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?

A estratégia é incluí-los na turma normalmente. Dar-lhes apoio na língua portuguesa fora da sala de aula é muito importante também... eu penso que o que a escola pode fazer é isso, dificilmente poderá fazer muito mais coisas para contribuir para a sua inclusão.

Mas essa tarefa pode e deve passar, como acabámos de dizer, pela formação dos alunos portugueses para aceitarem esses alunos, porque muitas vezes os problemas que existem não é tanto por eles serem estrangeiros, mas pelos nossos alunos não aceitarem algum comportamento... ou seja, o problema não é só dos alunos estrangeiros, os nossos alunos também têm problemas em aceitar a diferença.

32. No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destes alunos? Porquê? De que modo?

No nosso Projecto Curricular de Turma, na disciplina de Formação Cívica, foram abordados esses temas, como eu disse, que aponta para a importância de aceitarmos o outro que é diferente, seja pelo sexo, religião, cor, etc., como elemento fundamental de construção de uma sociedade justa assente no intercultural. Directamente relacionado com a nacionalidade dos alunos que temos não foi feito nenhum trabalho, nem está pensado nada em relação à D, por exemplo que vem de Inglaterra. Mas é uma coisa que até se podia ter feito, propor à aluna dar a conhecer a sua cultura, ou a cultura romena no caso do V, para apresentar à sua turma ou noutras turmas, por exemplo...

Penso que a não ser estas temáticas gerais, no dia-a-dia e no PCT ou no Plano Anual de Actividades, não me parece que ainda se tenha muito em conta o facto de termos na aula um aluno que doutra nacionalidade... não se tem aproveitado isso.

Mas nos Conselhos de Turma quando debatem as estratégias de apoio que dão a esses alunos, a sua situação isso se reflecte nesses documentos ou não? ...

Não, eu acho que o trabalho que tem sido feito com esses alunos tem sido ótimo, acho que melhor era impossível. O facto de apoiar, por exemplo a D, que é inglesa e que precisa mais do que o V ou a E, é ótimo, melhor é quase impossível, porque ela tem tido um apoio individualizado praticamente a todas as disciplinas...Por isso esta escola, está a pôr todos os meios possíveis e imagináveis em prática.

E essa preocupação, essas práticas reflectem-se, vêm-se espelhadas nesses documentos? Ou quem for ver apenas esses documentos e não souber a prática que é feita não percebe a política e estratégia da escola em relação a estes alunos?

Eu acho que sim, por isso é que eu às tantas...O PCT provavelmente não reflecte o trabalho que é feito no dia-a-dia...

Então aqui felizmente é ao contrário, não é?

Sim, exactamente...fica aquém da prática, isso é verdade...mas é melhor assim do que ao contrário.

Há muita coisa que podia lá estar ...Aliás, no PCT é revisto mesmo para isso..., Algumas coisas ainda nos têm falhado. Mas neste caso é ao contrário, a prática está a funcionar melhor que a teoria e ainda bem que assim é, e no caso da D, acho que melhor é impossível...o facto de ela estar apoiada.

33. Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma

Estive a pensar e não me lembrei de nenhum que me tivesse marcado. O que posso dizer é que no aspecto positivo, acho que posso falar do esforço que os professores, na generalidade, nem todos, mas na generalidade, têm feito para tentar adaptar-se a esta nova situação.

O aspecto negativo é o facto dos alunos portugueses nem sempre facilitarem essa inclusão...porque, quando me lembro dos alunos que eu tive (só nesta escola), a maior parte dos alunos estrangeiros estão sempre sentados sozinhos...e quando eu tento colocar alguém a trabalhar com eles, existem casos de alunos que se recusam, por exemplo.

Um caso que eu acho bem sucedido, por exemplo, é o caso da aluna do 9.º ano. Mas eu acho que é bem sucedido porque teve a sorte de ter uma amiga que a incluiu...por isso eu acho que isso ainda continua a ser um bocado negativo, eles serem um bocadinho marginalizados. Isso, provavelmente acontece pelo facto de no início terem dificuldade linguística, o que dificulta a aproximação entre eles. Entretanto isso ficou e os alunos estão sentados sozinhos e às vezes outros recusam-se a trabalhar com eles. Isso é um bocado complicado porque depois não queremos sujeitar o aluno a ouvir “ai, não quero ir para o pé dele...”, optamos por já não diz nada e eles trabalham sozinhos.

34. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?

A escola na generalidade sim, sem dúvida nenhuma...os professores em geral, os auxiliares de educação também. Tenho reparado nalgumas atitudes para com esses alunos e acho que o ambiente revela tolerância e respeito. Pronto, é só no caso dos

alunos que se torna necessário intervir para modificar alguns comportamentos menos adequados.

E nesse caso, por exemplo em relação aos alunos, o que é que achas que pode estar na origem e o que é que se pode fazer para reverter essas atitudes?

Não sei muito bem, porque se soubesse já tinha resolvido esse problema nalgumas turmas, porque é complicado quando nós dizemos: - “Vá, agora trabalhas com a D...” e ouvimos logo dizer “ai não, trabalho então com o fulano...”; “Vá, não trouxeste o livro, senta-te ao pé do V...”; “Ai não, sento-me então ao pé da J...”

É complicado nós tentarmos ali confrontar o aluno pois isso pode fazer com que o aluno se sintam mal...

Eu ainda não descobri o que se pode fazer para modificar isto, mas acho que é uma questão sobre a qual temos que reflectir

35. O Projecto Educativo da Escola e o Regimento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?

Vou ser franca, não li... não li nem um nem outro, mas penso que não deve ainda ter nada de muito explícito, a não ser a parte relativa aos apoios, os que têm direito aos apoios. Tenho dúvidas que contemple de forma clara essa intenção da inclusão dos alunos.

Eu acho que daqui para a frente se vai ter cada vez mais essa noção e passará fazer a ser um aspecto a considerar nesses documentos, mas não sei se já faz.

36. Qual a medida, aplicada por esta escola, que, em sua opinião, melhor contribui para a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Eu acho que na maior parte dos alunos, essa tal imersão quase total dos alunos nas turmas é bom e o facto de eles terem apoio individualizado, sempre que possível, para superarem as dificuldades relativas à língua que é a parte mais complicada.

37. E qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?

Não consigo identificar o que mais dificulta a sua inclusão... talvez mesmo o facto dos colegas (portugueses) nem sempre ajudarem... podiam ajudar mais.

Esse factor alunos, essa questão de atitudes e valores...

Sim, as atitudes acabam por condicionar a sua inclusão. Em alguns casos, sinto que o próprio aluno se sente mal com isso e se sentem um bocadinho rejeitado e às vezes até o verbalizam.

38. Considera que os pais imigrantes vêem as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?

Também é outra pergunta a qual tenho dificuldade em responder porque não sei até que ponto são representados, se fazem parte ou não da Associação de Pais. Não sei muito bem responder... Não sei se eles são activos na Associação de Pais. Se não são, eu até compreendo, mas acho que era bom que eles fossem mais activos... mas não sei, não faço ideia.

39. Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?

Eu acho que esta escola já faz muito... ou pelo menos dá o seu melhor, o que nem sempre é fácil.

Talvez pudéssemos acrescentar (mas pode ser que já seja foi feito e eu não tenha conhecimento) uma ajuda na realização dos trabalhos de casa”, porque muitas vezes é apontado que alguns alunos estrangeiros, (tem acontecido mais com as alunos inglesas) não fizeram o trabalho de casa...ou porque não perceberam o que o professor disse, ou porque não apontaram, ou porque têm falta de organização... mas como a realização dos TPC é um dos parâmetros de avaliação acabam por ser um bocadinho prejudicadas...talvez um apoio, não sei se à 4ª feira, na realização e organização do seu estudo pudesse ajudar. Mas isso até pode estar a ser feito e eu não sei!

Mas também poderia ser feito naquele espaço do estudo acompanhado

Sim, por exemplo. Mas dentro da sala de aula, com os colegas, no estudo acompanhado, (sou eu que dou na minha Direção de Turma) às vezes é complicado porque eu tenho que dar metade da aula de francês para recuperar as aulas de francês que eles não tiveram durante o 1.º período...na 2ª parte da aula eles fazem outros trabalhos e depois estão-me sempre a chamar e é complicado conseguir tempo para atender às necessidades desses alunos, de me sentar ao pé da D, por exemplo. Mas eu já reparei que a ela está disposta para isso e chama-me também. Eu é que não consigo estar sempre disponível para ela, infelizmente... porque a motivação dela até é boa.

40. Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?

A nível da comunidade escolar, como já disse, acho que sim, que tanto professores como auxiliares, como alguns alunos (há os que rejeitam mas também há os que tentam ajudar) no geral sim. Em relação à comunidade local, a Portagem em si e arredores, não consigo ter essa noção. Como não vivo cá! Mas penso que sim, o povo português costuma ser acolhedor.

41. Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?

Não tenho conhecimento. Existe esta Acção de Formação que vai haver agora aqui na escola, que eu penso ser dirigida essencialmente aos professores, não sei até que ponto não seria interessante poder haver a participação, por exemplo, da nossa auxiliar ou de um pai, de uma mãe...

Em Conselho Pedagógico foi dado conhecimento da Acção à Associação de Pais para que divulgasse junto dos pais. Mas também foram convidados a estar presentes a Câmara Municipal, a Equipas de Apoio às Escolas e informámos algumas escolas daqui da zona para poderem estar presentes. E no caso específico da N, que é mãe e uma auxiliar educativa de nacionalidade estrangeira, também a informámos da existência da iniciativa.

Pode ser muito giro esse pessoas participarem e poderem partilhar as suas experiências. Até porque é uma forma de ter a noção se são bem integrados, quais são as

dificuldades que tiveram, etc. É por isso que acho que esta acção vai ser engraçada, se as pessoas também participarem ainda é mais enriquecedor. É das poucas acções que eu vi, senão a única, e pode ser um primeiro passo. É a primeira coisa que eu vi ser feita para essa abertura de espírito.

42. Em que aspecto considera seria mais importante a colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos imigrantes? Porquê?

Em relação aos alunos na escola, como já vimos, pelo menos aqui, tudo está a ser feito para que beneficiem de uma inclusão o melhor possível.

Em relação aos pais, as famílias imigrantes, mas não sei se isso existe, haver aulas de português para estrangeiros...para imigrantes. Acho que nesse aspecto a Câmara Municipal deve ter um papel importante na concretização dessas iniciativas. Desse modo estes pais podiam trocar experiências e nós até poderíamos participar. Porque não ser algum professor de cá que não tivesse horário completo a dar essas aulas? Acho que era uma coisa engraçada e uma boa iniciativa.

Entrevista a P4

1. Qual a sua idade?

Tenho 52 anos.

2. Qual a sua situação profissional?

Sou professor do Quadro de Escola.

3. Há quantos anos exerce funções docentes?

Há 28 anos.

4. Em quantas Escolas/ Agrupamentos já exerceu funções docentes?

Seguramente numas 6.

5. Qual o número aproximado de alunos estrangeiros que já encontrou nas suas turmas de docência?

Uns 3 alunos.

6. Qual o número de alunos estrangeiros que tem actualmente na(s) sua(s) turma(s) de docência?

Uma aluna.

7. Já frequentou alguma Acção de Formação sobre gestão e inclusão da diversidade na escola? Se sim, qual, onde e há quanto tempo?

Não, nunca.

8. Para si o que é uma escola inclusiva?

Uma escola inclusiva é uma escola que cria condições para que qualquer criança, independentemente da sua etnia, da sua condição física ou mental, possa frequentar esse estabelecimento porque estão garantidos os mecanismos de apoio que lhe permitam o desenvolvimento normal das suas capacidades.

9. O que pensa sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas e línguas na escola portuguesa? Porquê? Em que aspectos?

Eu acho que a escola pública portuguesa não está dimensionada nem tem ainda mecanismos que permitam a integração dos jovens que tenham outras nacionalidades, sejam de outra etnia ou sejam crianças com dificuldades profundas ou mesmo crianças que necessitam de apoio a outro nível.

A escola pública portuguesa rege-se muito pelo rácio aluno/professor e depois o governo não coloca na escola pessoas que possam apoiar casos pontuais que apareçam como o de um aluno que tem outra língua materna ou que tenha uma dificuldade de

aprendizagem. Isso às vezes numa turma pequenina, que tenha dois ou três casos, é o suficiente para perturbar.

Portanto, acho que a escola não está dimensionada para fazer face à inclusão.

Isso deve-se apenas à falta dos recursos?

Falta de recursos e falta de formação também. Porque uma coisa é a vontade de fazer e outra coisa é estar habilitado para o fazer, o que não acontece. Quer dizer, não temos formação, não sabemos muito bem como é que é, e às vezes, uma coisa que se calhar nem seria muito difícil de resolver, faz-nos andar em círculo ali à volta, perde-se tempo, desgastamo-nos e não se consegue atingir os objectivos pretendidos, ou seja, dar uma resposta adequada às necessidades do aluno.

Essa formação era uma mais valia?

Sim, era uma “mais-valia” a todos os níveis, para a escola, para os próprios docentes, que estavam muito mais seguros do trabalho que estavam a desenvolver enquanto a escola ganhava porque criava um espírito de equipa completamente diferente entre os seus elementos, que nesta altura efectivamente ainda não tem.

E há sempre a tendência, e vejo por mim, de individualmente cada um esconder um bocado as suas fraquezas e cada um resolve por si. Não se discutem profundamente os problemas porque também não nos sentimos à vontade para nos abirmos.

10. Considera que a legislação nacional contempla e disponibiliza mecanismos que possam favorecer ou dificultar a inclusão destes alunos? Porquê? De que modo?

Eu não tenho muito conhecimento da legislação, mas por aquilo que me é dado a observar, sobretudo com os alunos estrangeiros que tive, considero que teoricamente estão criadas as condições para tudo. Dizem-lhe, faça o seu projecto, exponha as suas dificuldades e vamos ver o que fazer. Depois, na prática, as coisas não se fazem!

Porque faz-se efectivamente um projecto e explica-se qual é a razão mas depois quantifica-se aquilo e diz-se que não vale a pena, demora-se na resposta, deixam-se andar as coisas e chega-se a uma certa altura em que as pessoas desistem, porque não vale a pena estar a tentar mais, porque dali nada vem.

11. A organização actual da escola portuguesa (curricular, número de áreas, tempos lectivos e não lectivos, avaliação, etc.) favorece ou dificulta, na sua opinião, a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Eu acho que pela forma como foram entretanto consumadas as novas mudanças, e dado que não foram feitas em articulação, transformaram-se num factor de destabilização e de desorientação ainda maior. Quer dizer, nós sentíamos que a escola deveria estar aberta e ter outro tipo de resposta e relacionamento com as comunidades, quer com as crianças, quer com as famílias, tudo bem...mas o certo é que pela forma como as coisas foram feitas, e a incerteza que muitas vezes há no caminho que se pede à escola que trilhe, leva a que as próprias crianças se sintam cada vez mais dispersas neste ambiente tornando difícil organizar e fazer um trabalho consequente com elas.

No fundo, nesta nova organização, os professores têm que estar mais tempo na escola, têm que se reunir mais, supostamente deviam debater mais os assuntos, mas isto não acontece?

Pedagogicamente não se discute. Aquilo que se discute são articulados em termos legais, são formalismos. E entretanto as pessoas começam a sentir que aquilo que, entre aspas, se considera um “Bom Professor” é sobretudo aquele que tem bem organizado

todo o seu curriculum, que pode em qualquer altura mostrar os papéis que tem e o trabalho que desenvolveu, quando de facto se espremermos e virmos o trabalho que depois é feito a outro nível, não há uma relação de humanidade maior, não há uma relação de participação maior, há efectivamente um individualismo maior, onde cada um para tentar fazer a coisa e deixar andar, sobretudo na integração de alunos deste tipo. Depois há experiências, inclusivamente muito giras e que foram tentadas e que são tentadas por colegas, que se fossem um pouco debatidas e articuladas, se houvesse de facto essa abertura para o diálogo e para a interacção, se calhar era possível que a escola com pouco mais que aqueles recursos que tem, desse uma resposta muito mais qualificada. Assim o que se verifica é que as pessoas se sentem cansadas, sentem-se desgastadas no meio disto e sobretudo inseguras e insatisfeitas porque não conseguiram dar a resposta que achavam que era desejada.

12. Do seu ponto de vista, as escolas portuguesas, no âmbito da sua autonomia, disponibilizam os recursos (materiais e humanos) adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Não. Não, por duas razões. Primeiro porque a autonomia não é assim tão grande, é pretensamente uma autonomia maior mas em termos de recursos não foram minimamente acrescidos. As pessoas sentem que efectivamente não têm nada. Depois porque, aquilo que me dá a sensação, é se pede à escola que tenha autonomia sobre certas coisas em que a escola não tem capacidade de gerir autonomamente, em que fica dependente de um apoio externo, precisando efectivamente de poder articular. E noutras situações em que a escola acha que pode desenvolver um projecto de outra forma e ir um pouco mais além, é automaticamente vedado pela legislação que diz que “por aí não, aí chega que aí estamos cá nós para fazer”. Quer dizer que andamos aqui numa discussão em que quando interessa diz-se que “a escola tem autonomia para...” mas na prática a escola sempre que quer exercitar essa autonomia, esbarra em articulados legais, sentindo que é preferível não mexer, não tentar ser diferente.

13. Considera adequado o modelo de imersão total nas turmas regulares, aquando da chegada destes alunos ou, pelo contrário, acha que deveriam ser usados outros modelos? Quais e porquê nesse caso?

Não, não. Eu acho que quando se aceita uma criança, por exemplo que vem de um país diferente, de uma cultura diferente, deveria haver o tal grupo de apoio na escola que durante algum tempo fizesse a integração gradual dessa criança na comunidade escolar. E paralelamente que trabalhasse um pouco a língua para ela se ir a pouco e pouco habituando. O que se passa é que baseando-nos só no processo de equivalência, alguns deles de difícil tradução e de difícil adaptação ao esquema e estrutura curricular portuguesa, acaba por levar a situações de bloqueio... Além disso não podemos esquecer que esse processo pode ocorrer em qualquer altura do ano, como para outro qualquer aluno. Eu tive o caso de uma aluna que me entrou na sala a partir de Maio, que se recusou a falar português com qualquer dos colegas e comigo, mas que ao chegar à escola, em Janeiro, foi colocada no 5.º ano porque a equivalência lho permitia. Como os pais fizeram um pedido para ela ser integrada num ano antes, ao qual as instâncias de decisão demoraram muito a responder, só nessa altura veio para o 4.º ano, mas não sei se ela ganhou alguma coisa com uma situação destas.

E provavelmente esse tipo de bloqueio nota-se mais em miúdos mais velhos, pois eles próprios têm consciência de que as coisas não estão a correr bem, não é?

Tive outro aluno estrangeiro que dizia:

“- Eu quando vim para a escola já sabia falar minimamente português para tentar perceber as pessoas, porque se eu tenho vindo uns meses antes para Portugal tinha feito a mesma figura que ela está a fazer agora”.

Portanto, eles próprios têm a noção de que precisam de um enquadramento primeiro para serem depois entretanto largados dentro de uma escola, dentro de uma comunidade onde eles efectivamente não têm estatuto, não percebem muito bem qual é o seu papel e com hábitos absolutamente diferentes.

No caso desse aluno essa preparação anterior foi-lhe feita por quem?

Foi-lhe feita primeiro em casa pelos pais, que tinham vindo emigrados e que foram trabalhar com ele essa adaptação e beneficiou também, dá-me a sensação, de uns colegas que tinha como vizinhos e com os quais ele se foi familiarizando a pouco e pouco. Foi a própria família que teve essa preocupação, o certo é que ele hoje é um belíssimo aluno e está no 5.º ano com belíssimas notas, perfeitamente integrado. Essa questão foi fundamental porque senão ele tinha passado ao lado de um percurso escolar que lhe permitisse, não digo a excelência, mas pelo menos atingir níveis satisfatórios.

Os primeiros tempos de adaptação à escola, a forma como correm, acha que podem ser condicionadores do percurso escolar futuro?

Podem ser determinantes para o seu percurso escolar futuro. Com outra agravante, pois a escola portuguesa, com uma legislação pretensamente aberta, democrática e do mais avançado possível, cria expectativas às próprias comunidades, à própria família, de que a escola tem condições para fazer todo esse trabalho mas depois na prática não pode fazer isso. Vive sobretudo do voluntarismo dos professores, do voluntarismo de alguns técnicos inclusivamente que se preocupam e vão ajudando, mas não é uma resposta organizada e consistente.

14. Do seu ponto de vista, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa essa questão para a responsabilidade familiar? De que modo e porquê?

Isso é delicado. Mas parece-me que a escola não tem grande espaço para poder respeitar a cultura, as vivências e a origem do elemento que vem integrar-se noutra comunidade. Faz ao contrário, que é um sistema que eu considero que é, apesar de andarmos todos a não querer dizer que é, de aculturação. Eles trazem uma riqueza enorme e nós tentamos normalizar, nivelar por baixo, nivelar por aquilo que existe e esperamos que eles, se quiserem, se integrem. E eu acho que não é muito correcto. Mas também não há outra forma. Com as condições que existem não é possível, honestamente, fazer um trabalho diferente, porque há uma turma, há um currículo, há um programa para dar, há inclusivamente conteúdos programáticos que nós sentimos a dificuldade que eles têm em perceber, porque são coisas muito específicas, em que nós tentamos dar alguns exemplos que eles até percebam, um bocado mais globais, relativas à comunidade internacional, da qual eles até têm noções um bocado mais alargadas em muitos casos, mas noutras situações ficamos um bocado a nadar.

Devia existir um grupo que trabalhasse profundamente a questão da inclusão, de crianças que vêm de outras comunidades e são portadoras de outro tipo de culturas, dando algumas pequenas noções (às vezes basta até realçar alguns pontos), para que os professores pudessem saber alguma coisa acerca disso, em vez de ser só a discussão de articulados legais. Isso, qualquer pessoa lê e percebe e se não percebe bem pede um comentário qualquer a alguém que seja mais entendido. Não é por aí que as coisas vão. Eu acho que se perde muito tempo e muito dinheiro nessas coisas e se gasta muito pouco naquilo que deveria ser importante, que era preparar os professores para estarem

abertos à inclusão de crianças diferentes, e que têm direito a serem integrados de uma forma completamente diferente.

Preferia debater as questões pedagógicas em vez das legislativas...

É aquilo que nós sentimos, é que em termos pedagógicos pouco se faz. Até porque há aqui um problema, quer nós queiramos quer não, nós não vivemos uma formação inicial de base que nos abrisse horizontes para esta realidade, o nosso quadro de referência também não era este. Eventualmente, de vez em quando, aparecia na escola uma ou outra criança estrangeira, num certo contexto e com uma série de apoios. Mas entretanto as coisas estão diferentes. Nesta altura, Portugal é um país onde entram, por exemplo muitos jovens de leste, muitas crianças vindas de leste, cujos pais vieram, conseguiram-se ambientar e estão de facto integrados na comunidade. Mas nós não temos referências nem informação sobre a sua cultura, o seu país, a forma como está organizado o seu ensino, ...

No fundo, desconhecemos a cultura deles para a valorizar...como é que valorizamos se desconhecemos?

Ora aí está! Eu não posso valorizar efectivamente alguns aspectos se eu não sei, se eu não tenho a mínima informação. E não é com uma consulta na Internet para tentar conhecer três ou quatro pontinhos acerca de uma cultura, de um país, que eu depois faço a integração de uma criança destas. É impossível.

15. O que pensa sobre os manuais escolares reflectirem /incluírem aspectos da cultura/vivências e língua dos alunos estrangeiros? Porquê e de que modo?

Não. Os manuais escolares, mesmo quando às vezes, surge um ou outro texto, pretensamente aberto à integração, são tratados com uma falta de rigor que não contenta ninguém. Não fica bem retratado o menino de etnia cigana, que aparece no texto porque é o “coitadinho” a quem nós temos que ter algum respeito, nem o outro, cujo pai veio de longe porque precisa de ganhar dinheiro.

Eu acho que isto deveria merecer uma reflexão mais séria.

Os professores, por outro lado e contra mim falo, quando adoptam os manuais também não estão a prever essa situação. Inclusivamente os manuais são adoptados por um período de três anos e os colegas que estavam e que entretanto os escolheram fizeram-no com a melhor das intenções mas pensado no seu “grupo alvo”. Quando surge uma criança nesta situação é difícil às vezes utilizar o manual adoptado.

Para os pais é sempre um problema, porque eles sentem que o manual deve ser para ser seguido, pois é essa a noção que lhes está embutida. Por seu lado, para o professor, que sente que o manual é um recurso que usa umas vezes outras não, é difícil fazer com que as comunidades percebam o trabalho que se está entretanto a fazer.

16. Considera que a escola e os professores revelam preocupação em escolher ou elaborar materiais pedagógicos destinados especificamente a promover a diversidade étnico/cultural/linguística característica da sociedade actual? Como? Porquê?

Isso vai de encontro àquilo que já tínhamos dito acerca da autonomia das escolas. De facto teoricamente as escolas deveriam ter autonomia para poderem adquirir materiais, equipamentos, mas no fundo estão profundamente limitadas e não o podem fazer. Aí joga o número. Entre um investimento que vem solucionar o problema de 30 ou 40 miúdos e um gasto, um bocado exagerado, para dois ou três casos que eventualmente

possam existir mas que não se sabe se nos próximos anos ainda lá vão estar, a opção é clara.

Também não há assim tantos materiais desses e aqueles que há, alguns são caros e necessitavam de um tratamento e de uma discussão pedagógica antes de serem usados. Mas como disse não há tempo nem há espaço para isso.

Acabam por ser, esses recursos pedagógicos, aquelas coisas básicas do dia-a-dia que cada professor tenta adaptar à especificidade do aluno?

Acaba por ser efectivamente uma preocupação, mas pouco mais que isso. É uma pena de facto mas não há condições para isso. Está-se nesta altura a pensar e a redimensionar as bibliotecas num âmbito diferente, como mediatecas, pode ser que em termos futuros as coisas melhorem um bocado nesse aspecto, mas nesta altura nem há recursos, nem há grandes hipóteses para melhorar esses mesmos recursos.

E existe essa oferta de materiais para aquisição?

Em termos de oferta o corredor dos circuitos é muito limitado. Entretanto, se houver um professor que está nesse corredor e até sabe da sua existência, acaba por trazer para a escola e dá essa informação. Mas essa informação também não é muito divulgada. Se calhar a escola também não tem capacidade para comprar, se calhar não compra, se calhar já pedimos o catálogo e ninguém respondeu naquele ano ... Andamos aqui num novelo todos à procura da ponta.

17. Na sua opinião, qual é o principal obstáculo à inclusão dos alunos estrangeiros no sistema educativo nacional? E de que forma é que esse obstáculo afecta /dificulta a sua inclusão e sucesso escolar?

Há uma coisa, muito pessoalmente, que me aflige muito. Eu não direi bem desresponsabilização, mas há aqui uma perda de autoridade muito grande na escola pública. Estes miúdos vêm habituados a coisas completamente diferentes e quando chegam sentem que há à sua volta um ambiente pouco rigoroso, mesmo em termos de disciplina, no qual eles vão ocupar o seu lugar, sentindo-se no princípio um bocado, entre aspas “gozados” pelos colegas, mas depois “entram no jogo” e acabou. E isto cria um clima geral de ...

No fundo, essa falta de autoridade da escola, dos valores da escola, que são gerais para todos os alunos, reflectem-se na sua integração?

Reflectem-se depois sobretudo na integração deles. Por exemplo, a um casal de estrangeiros que chegue à escola e que percebam como é que são tabeladas as relações, durante alguns tempos resiste mas depois entra também no esquema. Daí a necessidade de haver um comprometimento em relação àquilo que se faz.

Não sei se será bem isto, mas é aquilo que sinto! Porque é difícil acolher uma criança destas mas se houvesse uma co-responsabilização, era diferente, era mais fácil ajudar na sua integração. Eles comparam com as experiências que viveram no seu país, onde eventualmente havia um rigor diferente e uma exigência maior, onde há coisas que nem se discutiam ...

Eu acho que em Portugal, se vulgarizou a ideia junto das comunidades, que a escola é o sítio onde se depositam crianças, onde nós temos o direito de exigir, mas que não temos a responsabilidade perante o comportamento que os nossos filhos têm diante dos outros elementos da comunidade escolar. E efectivamente este discurso acaba por ter consequências profundas na sociedade e na escola.

Essa organização e falta de rigor repercutem no percurso escolar desses alunos? De que maneira?

Os casos que tenho levam-me a ter uma leitura que é muito limitada. Mas sinto que há crianças que chegam e se comprometem, que fazem um esforço para se integrarem, e em termos programáticos acompanham as matérias, ao mesmo tempo que se aligeiram demais algumas situações, numa tentativa de equilibrar e normalizar, o que para elas não é motivador, é uma desmotivação...”Então se é assim, nós também deixamos andar”.

Eu falo sobretudo por um dos casos que eu conheço, que é um aluno com grandes capacidades, habituado a um esquema, a uma disciplina completamente diferentes e ele era o maior crítico das situações, porque se sentia desmotivado relativamente ao pouco que lhe era exigido.

E qual é o factor que mais favorece essa inclusão?

Isto é um meio pequenino e eles aqui também têm a possibilidade com mais facilidade de se relacionarem com os outros colegas todos... Nós até vimos o caso daquelas 3 mocinhas inglesas, a C com muito mais facilidade se relacionou do que as outras que tomaram uma atitude um bocado mais fechada. É importante também o facto da escola ser pequena, assim eles acabam por investir mais na relação humana, na proximidade com os colegas...e isso pode ter ajudado. Há casos aqui de muito boa integração e que estão a fazer o seu percurso escolar de uma forma espantosa.

18. Importa-se de indicar outros factores, que na sua opinião, condicionam igualmente a inclusão destes alunos no sistema educativo nacional?

Um problema de que sempre tenho falado é que no processo de integração não basta preocuparmo-nos com o elemento que vai integrar a comunidade, com o outro. A própria comunidade tem que estar preparada, ou deve ser preparada, para receber um elemento diferente. Mas aquilo que se passa é que esses elementos caem de pára-quebras dentro de uma comunidade, onde nem os próprios colegas estão preparados para os receber, nem os pais desses próprios colegas estão preparados para entender algum trabalho que entretanto vai ter que ser feito de outra forma. Sinto é que somos demasiadamente permissivos, voluntariosos, aceitamos tudo e sentimos que realmente vamos resolver tudo, num ou noutro caso as coisas até resultam, mas depois as coisas nem sempre correm assim. Isso acontece porque não há o mesmo apoio em termos familiares, porque alguns alunos vêm de comunidades sem alguma dose de humildade para aceitar o que lhe oferecem, numa postura de superioridade, “eu pertenço a uma comunidade superior e como tal eu aqui só tenho direitos...não me peçam deveres porque a escola é que tem que se adaptar a mim...”

Posso-lhe pedir que identifique a origem desses elementos...

Para ser claro, os ingleses, que aparecem, muito convictos dos seus direitos e muito pouco preocupados em se adaptarem minimamente à nova realidade. Já os elementos que vêm de países de leste, que passaram por algumas dificuldades, que estão numa fase de integração aqui, é precisamente o contrário. Eles vêm numa de aceitar humildemente as situações que se lhe colocam e de colaborar para que os filhos tenham “um amanhã melhor”!

Dá-me a sensação que os elementos das comunidades inglesas, e se calhar também de outras zonas da Europa central, entendem a passagem pela escola portuguesa como um tempo de transição, passam por cá para regressar. Os outros, pelo contrário, sentem que têm que se impor para singrar, e efectivamente singrarão, aqui como noutro sítio qualquer, se estiverem habilitados para isso.

No fundo, é uma questão também de valores que já tem a própria cultura...

Sim, sim. A minha referência é uma comunidade bielorrussa e uma comunidade inglesa. E o que eu sinto é que a comunidade bielorrussa veio para aqui para organizar a sua vida, fugindo aos problemas económicos que tinha mas com uma força muito grande de integração, uma capacidade de trabalho grande e com o desejo que o seu filho possa evoluir aqui e um dia, eventualmente, até fazer um curso superior lá ou noutra sítio qualquer. Mas perspectivando o futuro de uma forma diferente. A comunidade inglesa que eu conheço chega aqui, pretensamente detentor de uma cultura e de um conhecimento que não têm na realidade, inclusivamente do seu próprio país, falando de experiências que eventualmente se terão passado e nas quais elas estarão envolvidas, mas que depois nos apercebemos que não é bem assim e cujas crianças já tiveram problemas inclusive no seu país de origem. No entanto, dada a permissividade e o voluntarismo da escola portuguesa, eles sentem-se com o direito de dar ordens, de falar como se viessem de uma realidade superior e nós estivéssemos aqui ainda a “pedalar muito para lá chegar”!

19. Quais os aspectos pessoais, sociais e/ou culturais destes alunos que, em seu entender, mais poderão favorecer ou contribuir para a sua inclusão?

Acabam por influenciar muito. Já agora que falamos e debatemos a escola e daquilo que, pretensamente, em termos de autonomia as escolas deveriam ter, é natural que algumas dessas crianças, durante o seu período de integração, tenham necessidade de um acompanhamento psicológico em certas alturas. E aquilo que se passa é que, supostamente, as escolas até se podem candidatar a situações dessas, mas na prática as coisas não se passam assim, e nenhuma escola tem um gabinete que possa fazer este acompanhamento. Porque dá-me a sensação que, se algumas dessas crianças, que naturalmente acabam por se integrar, mas que têm sempre algum receio no início, o que é natural, trazendo algumas defesas acrescidas em relação ao desconhecido, se tivessem apoio a um outro nível, se fossem acompanhadas psicologicamente, beneficiavam e muito na sua integração.

20. Importa-se de sugerir algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ser tomadas para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Há uma coisa que eu acho que sem dúvida poderia criar alguns problemas mas que era importante. Não é só esta escola, onde eu estou agora, que tem crianças estrangeiras, não sou só eu, o professor que está nestas condições, por isso deveria ser criado um espaço, pelo menos informalmente, para haver uma troca de experiências. Eu não sou obrigado a estar desperto para um problema com o qual nunca fui confrontado. Mas quando sou confrontado com ele fico um bocado, como toda a gente, à espera de uma “tábua de salvação”, onde é que me vou agarrar? Como é que as coisas são?...

Nós temos um grande desconhecimento das experiências nesta matéria, e se calhar não são assim tão poucas, ocorridas nas escolas à nossa volta. Esse era um ponto. Depois, dá-me a sensação, que há aqui um problema relativo à aquisição de alguns materiais por parte de uma escola de forma isolada, podem ser realmente difíceis de adquirir, pelos custos, mas se calhar, se houvesse um agrupamento de três ou quatro escolas, numa parceria entre elas, poderia facilitar essa compra.

Acha que isso também poderia ser feito em termos, por exemplo, de centros de recursos ou centros de formação?

Sim, sim... a partir daí. Por exemplo, se as coisas estivessem organizadas de outra forma e houvesse um centro de recursos para uma área, mesmo que não fosse muito extensa, há investimentos que se justificavam e onde eu sabia que poderia recorrer nestas situações. Agora de outra forma, eu fico um bocado isolado. Cada vez mais isolado e depois faz-se uma pergunta uma vez, e outra, e outra, e como não se obtém resposta, isto cria no próprio professor um sentimento de frustração muito grande, porque sente que, se calhar, com um pouco mais de apoio as coisas poderiam ser diferentes.

21. Tendo em conta a sua experiência sobre esta matéria, como caracteriza o modo como a escola se relaciona com a família dos alunos estrangeiros com vista a sua inclusão?

A escola pretensamente pretende ter um relacionamento privilegiado com estas comunidades familiares mas depois na prática acaba por não o poder fazer e depois joga de extremo a extremo. Nuns casos quase de forma quase servil e noutros, numa tentativa exagerada de normalização, sem qualquer tipo de cuidado, quando as coisas nem podem ser tratadas da mesma forma e devem ser devidamente enquadradas. Isto faz com que a escola, não é na questão da integração, da solidariedade e do voluntarismo, mas noutra fase, tenta associar a inclusão à normalização, fazendo uma inclusão indiferente e isso não pode ser.

Isto tudo faz com que fiquemos muito dependentes da forma como essas mesmas comunidades depois se esforçam para se integrar ou não.

Acaba por ser um esforço mais deles do que nosso, enquanto escola? O tipo de relação que se estabelece depende mais de quem? O seu sucesso depende mais da escola ou mais das próprias famílias?

Eu acho que depende mais das próprias famílias, pelo menos nalguns casos eu sinto isso. Não estou a culpar a escola. A escola não tem capacidade para dar uma resposta qualificada a todos os casos que lhe aparecem. Mas como não é politicamente correcto dizer que a escola não tem capacidade para... a escola tem que mostrar que tem capacidade. E depois na prática, o resultado é um esforço muito grande, porque para além de um voluntarismo há, de facto, um empenhamento pessoal de muitos docentes e inclusivamente da própria comunidade escolar. Não ponho isso em causa. Só que às vezes é exagerado numas coisas e outras, que poderiam funcionar doutra forma, já não conseguimos lá chegar porque confundimos os papéis. Quer dizer, há aqui um novo debate a fazer.

No fundo, não temos ainda estabelecidas algumas regras, não sabemos o caminho...

Andamos aqui "aos papéis" ainda. Mas, nesta altura, há uma questão que tem de ser discutida, porque não me passava pela cabeça há dez anos atrás, que em quatro ou cinco escolas aqui à volta, houvessem cinco ou seis miúdos, um de etnia cigana, mais dois filhos de emigrantes vindo de países de leste, mais um ou outro que vêm de comunidades PALOP, ... e tudo isto é um caldo de culturas, que será muito giro se a escola tiver capacidade para os integrar. Mas se não tiver essa capacidade transformam-se em focos de destabilização constante, onde alguns desses elementos, para mostrarem que estão integrados, se afirmam pela negativa. Porque eles chegam e sentem que a forma de serem aceites pelos colegas, é nivelar por baixo, ser tão incorrecto ou mais que o outro ou até questionar um bocado todo o nosso sistema.

Quer dizer que a nossa escola anda a nivelar...

Anda a nivelar por baixo.

Não pela excelência...

Não, não. Muito longe disso.

Então nesta escola pública para todos, diz-me que estamos cá todos mas estamos todos mal?

Não, estamos cá todos mas estamos efectivamente aflitos. Cada um sente que, se calhar, se isto tivesse aqui outro toque, poderia ser diferente. O esforço que as pessoas fazem acaba por ser um esforço “inglório” numa série de aspectos e ficamos todos com a sensação de que as questões fundamentais, essas, efectivamente, não são discutidas, não são postas em causa e nós deixamos andar.

22. Na sua opinião, que factores mais têm condicionado a relação da escola e dos professores com os pais dos alunos estrangeiros?

A questão da língua às vezes é essencial. Eu, por exemplo, não domino o inglês, não estou muito à vontade... se realmente eu não tiver ninguém que me possa ajudar não consigo comunicar com eles. Mas não é só a questão da língua, apesar de ser importante, é também uma questão de tempo e sobretudo, a nível do 1.º ciclo, que é aquele em que eu estou, o grande problema que se sente relaciona-se com as muitas horas seguidas que as crianças estão na escola. As crianças entram para ali às 9 h e saem às 5h da tarde. Aquilo vai ali tudo de enfiada. Quase não há tempo para que eu possa ter uma reunião com os pais, de uma forma equilibrada. Porque não há hipótese de eu ser substituído, apesar de as horas em que os pais podem vir à escola são as horas em que eu estou a leccionar. Mas depois nas outras não lhes dá jeito e depois não têm a onde deixar os miúdos... e isto é aqui uma questão de encontro...

Por outro lado é difícil, com a organização que a escola tem, numa tentativa de ocupação do tempo todo das crianças, de deixar que as crianças desfrutem e aprendam a gerir o seu tempo, de forma autónoma no espaço escolar, mesmo que seja não fazer nada, ou ir fazer uma pesquisa qualquer.

Há aqui uma tentativa nossa de encarnearmos os meninos, esquecendo de os deixar saciar a liberdade e espaço.

E depois, também não há espaços nas escolas, eu, por exemplo, às vezes precisava de ficar na minha sala um pouco mais, mas não posso porque com a ocupação dos tempos não lectivos aquele espaço físico continua a ser ocupado. Os miúdos têm a noção que ficam demasiadamente presos no mesmo espaço, que é a sua sala de aula. Fica impedido de desfrutar, andando por ali naturalmente, vendo, sentindo a escola de outra forma, gerindo o seu tempo que é uma coisa saudável.

Quando se fala em autonomia dos alunos, cega-se-lhes um, que é ajudá-los a gerir o seu tempo da forma mais adequada possível.

23. Que tipo de relação pensa que melhor poderá favorecer a interacção entre a escola/ professores com os pais destes alunos?

É importante que os pais sintam que os professores não estão constantemente a avaliar a sua capacidade de compromisso e de envolvimento na educação dos seus filhos, porque grande parte destes casos quando são chamados à escola há um problema grave ou então, se nós não expomos bem as coisas, ficam a pensar que estamos a por em causa a sua capacidade de fazer, de ajudar.

Era importante que a escola sentisse e percebesse um bocado o nível de expectativas que os próprios pais têm em relação ao percurso do seu filho e em relação à escola. E isso só se pode fazer com alguma informalidade, criando momentos em que os pais viessem.

Esse informalismo poderia ser criado de que maneira?...com actividades?

Eu acho que poderia haver algumas actividades no sentido de trazer os pais à escola sem a obrigatoriedade de que com a sua vinda aquilo tivesse que resultar numa coisa qualquer! Só virem por virem, porque é importante! Porque aquilo que se passa é que não há tempo na escola, os próprios docentes estão sobrecarregados e depois quando é para fazer qualquer coisa dessas, fica-se sempre com a sensação que é mais uma coisa, que é uma perda de tempo, parece que não temos mais nada que fazer...Não! Temos todos muita coisa que fazer, mas o problema não está aí. O problema está em ganhar o espírito de corpo, que eu acho que as escolas acabam por não ter. As pessoas chegam, anda cada uma pelo seu sítio, cada uma tem a sua função mas depois não existe o espírito de corpo, e isso tem de ser gerido muito com base nestas informalidades, nestas pequeninas coisas, num sorriso aqui, numa brincadeira ali, na partilha de uma refeição ou outra coisa, que baste para nos conhecermos. Ver até o nível de relação que esses mesmo pais acabam por ter com essas crianças. Porque nós não conseguimos, às vezes numa tentativa de chegar pelos olhos dos filhos, ver qual é o tipo de relação que os pais têm com eles. Ou então tentar medir, e os pais sentem isso também, quando chegam à escola, o olho do professor, numa tentativa de medir todos os gestos que eles ali têm, para tentar perceber mais qualquer coisa. As pessoas sentem-se demasiadamente julgadas e observadas. Se houvesse um clima de maior abertura, aí sim, se calhar vinha mais ao de cima efectivamente o relacionamento que existe entre eles, o grau de exigência, etc. Porque há certas coisas em que nós sentimos que a criança tem um comportamento na escola mas em casa não tem. Mas porquê? Porque é que as coisas são assim?

Isso devia acontecer com todos os pais ou não apenas com estes?

Para todos os pais, porque começa a haver um clima de desconfiança muito grande entre as partes. O professor sente-se julgado, sem conhecimento do trabalho que realmente faz, sente-se julgado, às vezes, por questões que ele não pode explicar. Os pais, por sua vez, também podem sentir-se um bocado desconfiados perante algumas atitudes da escola.

Acha que, apesar de estar legislado de que deve haver essa cooperação, no fundo, nós não cooperamos assim tanto com os pais?

Não cooperamos, nem nos conhecemos bem.

Vemos como é que é, os pais vêm na altura das avaliações, numa altura em que a conversa até pode não resultar e depois nunca mais nos vemos. Ou então vemos alguns demasiado, não por uma questão de abertura mas para ajuizar outras situações e para falar dos seus particularismos.

Isto daqui a mais alguns anos pode ser que seja possível, mas nesta altura não. Quer dizer, agora está tudo legislado mas depois na prática, as pessoas sentem é que todas estas normas legais são um espartilho muito grande que não os deixa mexer muito e então é preferível não mexer nada para não ser entalado.

24. Da sua experiência, como caracteriza o envolvimento destas famílias na inclusão dos seus descendentes? Quais as razões para tal?

Os pais que vêm dos países de leste estão mais atentos, os outros não se preocupam tanto com o rendimento escolar dos filhos.

25. No seu entender, os professores portugueses possuem formação (inicial ou contínua) adequada para fazer a gestão da diversidade (étnico/cultural/linguística) crescente nas escolas e salas de aula? Porquê? De que modo?

Não têm e eu vejo por mim. Eu tive uma formação completamente diferente da dos meus colegas. Nesta altura, sinto que eles estão muito mais habilitados e muito mais despertos para estas situações do que eu eventualmente estaria. Mas no que diz respeito à integração de crianças com necessidades especiais, crianças que tenham necessidade de um apoio, de ensino especial, eu acho que não há uma tentativa da formação contínua, ir ganhando os professores para aquela causa. Criam-se aqui corredores, barreiras. Quer dizer, “aquele está daquele lado e não vê o trabalho que eu faço!...” e depois em vez de valorizarmos o trabalho que cada uma das partes faz, antes pelo contrário, estamos constantemente a por em causa o trabalho uns dos outros, quando se as pessoas se conhecessem, se estivessem despertas para as situações, poderiam ter uma relação completamente diferente.

Além disso parece-me que a organização da formação contínua se faz de forma demasiadamente pretensiosa. Apostamos em grandes momentos de formação e carregá-los com debate, com uma abordagem científica. Só que é tudo muito maçudo e as pessoas estão cansadas depois de um dia de trabalho ou outra coisa qualquer e aquilo não dá! Era preferível, pequenas unidades de formação, montadas de uma forma completamente diferente, mas que obedecessem às necessidades que as pessoas sentem no dia-a-dia. Assim as pessoas sabiam, “oh pá, eu agora tenho 4 ou 5 horas de formação, mas sei que vou lá discutir e abordar assuntos que me interessam”. Mas o que se passa não é isso. Nós temos montados ciclos de formação, de não sei quantas horas e depois com esta e aquela componente... e aquilo torna-se maçudo e não diz nada às pessoas. Se fossem coisas práticas, por exemplo, como é que eu posso fazer a despistagem das dificuldades de aprendizagem de uma criança, isto era efectivamente muito importante! Eu durante “X” horas ia àquilo e sabia que me ia ver uns materiais de registo que se calhar poderiam ser importantes. Coisinhas pequeninas, como por exemplo, “como controlar a agressividade dos miúdos”, coisas mais práticas. Acabavam por funcionar como motivação para uma formação mais aprofundada. Assim não, assim as pessoas fogem da formação, fazem aquela a que são obrigados, enquanto lá estão, estão num bloqueio pessoal também muito grande, o que acaba por penalizar os próprios alunos.

Em termos de formação inicial, não sei se já teve cooperantes, daquilo que lhe é dado ver pela experiência das suas colegas, parece - lhe que há uma preocupação por parte das Escolas Superiores de Educação e das Universidades, de alguma maneira, formarem os novos professores preparando-os para a diversidade que existe nas escolas?

Não, não, dá-me a sensação que não. Continuam ainda a cometer os mesmos erros de quando eu fiz a minha formação inicial. Tipificam-se as situações e depois entramos aqui numa linguagem que entretanto é sempre redonda acerca das situações, quando efectivamente era mais fácil e até mais motivante para eles, se fossem envolvidos em em situações concretas...perante isto como é que eu reajo? Como é que as coisas são?

Dá-me a impressão que esses casos ficam à parte, depois com o tempo, perante a realidade chegarão lá.

26. Considera que, para ajudar os professores na inclusão destes alunos, seria pertinente estes possuírem formação específica adequada neste domínio? Porquê?

Sim, era uma mais-valia. Mas existe aqui uma outra coisa, eu acho que se fazem as coisas ao contrário neste país. Não se ganham as pessoas para a causa primeiro, é tudo apresentado perante os professores como mais uma imposição. Agora fala-se muito sobre multiculturalidade, muito bem! Então agora bumba...e as pessoas sentem que isto é mais um capacete para enfiar na cabeça, mais uma moda até aparecer outra. Parece que tudo funciona um bocado por modas e isto cansa e desmotiva um bocado as pessoas, fiquem reticentes relativamente a tudo o que seja inovação. É tudo passageiro. Além disso, a avaliação desta formação é feita de forma errada, ou seja, não se avalia o percurso, avalia-se o professor pela capacidade que ele teve de dar a volta às situações. Por isso as pessoas preferem nem se envolverem, para não terem que se sujeitar a isso.

27. Considera que os professores têm conhecimento de todos os mecanismos definidos por lei, nomeadamente a avaliação diagnóstico na área da língua portuguesa e a gestão flexível do currículo, de forma a favorecer a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê?

Não, fazem-se leituras diagonais dos postulados que nos chegam e pronto. De um momento para o outro, quando nos sentimos aflitos, vamos à procura mas é uma coisa ocasional.

28. Sugira algumas iniciativas que, na sua opinião, deveriam ocorrer para ajudar os professores a gerir a diversidade na sala de aula, nomeadamente a presença de alunos estrangeiros?

Eu continuo a sentir que aquilo que mais falta faz numa escola e que não existe de facto, são os recursos humanos que possam tratar estes particularismos, quer dizer, aquilo que nós sentimos é que faz-se a colocação de professores mediante um rácio de “X”, em que é difícil justificar que haja pelo menos uma turma por cada ano, tomara agora conseguir que haja, pelo menos, mais um ou outro professor de apoio.

O certo é que, sem um ou outro professor de apoio, que possa em qualquer altura ajudar na sua inclusão é difícil. Até porque alguns destes alunos não necessitam de um apoio durante todo o ano, mas precisam dele numa fase inicial, se calhar de ter algumas horas para desenvolver algumas actividades específicas, de se sentirem úteis a fazer algumas coisas diferentes que possam ser valorizadas na turma “vejam lá estes já conseguiram fazer isto...”. Mas isso é um trabalho que não pode ser feito pelo professor, porque teoricamente é possível mas depois na prática não há condições para isso. Por isso é que eu acho é que quando nós sabemos que há crianças que vão ser integradas numa escola, deveríamos ter em atenção o reforço dos recursos dessa escola para ela poder ajudar na integração plena dessas crianças. Mais, podem não ter que ser continuados...este ano tem-se esta necessidade, no próximo ano se calhar já não teremos. Podíamos inclusive tentar que algumas pessoas se especializassem nestas temáticas.

Aquilo que nós sentimos é que a escola não tem os recursos ideais nem a forma de os obter.

A autonomia está condicionada a outras questões, nomeadamente as económicas

A autonomia teoricamente permite que as escolas possam apresentar projectos, no entanto, se uma escola apresentar um projecto de candidatura a um fundo europeu ou a um programa qualquer especial nesse sentido, sem passar pelo crivo das próprias instâncias superiores, isso é considerado um ultraje funcionando mais como um factor de desequilíbrio do que propriamente uma coisa a valorizar. E isto limita as verbas que até podem ser envolvidas num projecto destes. Isto leva a que seja difícil um Conselho Executivo, e eu não ponho isso em causa, gerir financeiramente com os poucos recursos que tem uma série de coisas e estar aberto a investir em áreas como esta. A não ser para mostrar uns “floreados”, mas de forma consistente não. Mesmo que se queira criar algo, não há espaço nas escolas! É muito giro um “clubes de línguas”, mas não há condições para isso.

Eventualmente há aquela situação de que falámos há bocado sobre a transformação das bibliotecas em mediatecas, que pode ser uma coisa talvez interessante. Vamos ver o que isso pode dar ou se também é fruto de uma certa moda e fica depois tudo pelo caminho.

29. Descreva-nos uma iniciativa relevante que a EBI c/JI de Ammaia tenha desenvolvido, participado ou programado organizar com vista a contribuir para a formação multi/intercultural da comunidade educativa.

Eu lembro-me por exemplo da experiência do “Comenius”, que eventualmente só pecou por não ter sido profundamente discutido de uma forma mais informada e mais aberta, envolvendo a comunidade até de outra forma. É sempre discutível, foi uma primeira experiência. Poderia ter sido motivador a outros níveis, apesar de ter sido para alguns alunos que estão no 9.º ou no 8.º ano, que até melhoraram a sua aprendizagem em termos da língua inglesa. Eu não ponho isso em causa, mas todo este processo deveria ter sido trabalhado de outra forma.

30. Como caracteriza, de forma genérica, o modo como tem procedido à inclusão dos alunos estrangeiros na sua sala de aula?

Eu vou ser honesto, eu senti muitas dificuldades ao princípio. Para além de ser um desafio novo, de eu não dominar também a língua, e estamos a falar de uma mocinha de língua inglesa e eu não estava à vontade na língua, a minha grande preocupação foi que ela sentisse que era um elemento de pleno direito dentro daquela sala como os outros. Tentei a pouco e pouco colocá-la mais próxima daqueles miúdos com quem ela estava a começar a fazer uma ligação e depois as coisas melhoraram.

Em termos de planificação ou de organização de trabalho tive sempre uma dificuldade muito grande porque ela entrou num grupo em final de ciclo, com um tipo de conhecimentos muito distantes dos seus. Lembro-me perfeitamente, que estávamos a falar da formação de Portugal, que eram coisas que não lhe diziam perfeitamente nada. Tive alguma dificuldade em ajustar as actividades para que ela pudesse participar. Recorri muito ao desenho mas nunca consegui muito porque ela manteve até agora uma reticência muito grande em falar com o adulto e isso limita muito o trabalho que se pode desenvolver.

No fundo, a sua maior preocupação na inclusão dessa aluna prendeu-se sobretudo nas questões de relacionamento...

Sim, sim, investi sobretudo o relacionamento porque, como se veio a verificar este ano, se ela tivesse uma relação de proximidade maior com alguém, era mais fácil entre pares, ela resolver o problema de exposição em público.

Foi por aí que eu fui, na tentativa que se ela sentisse mais segura, sem a forçar e dando-lhe tempo para que se integrasse.

31. Na sua opinião, qual (ais) a (s) estratégia (s) que mais contribuiu (iram)/contribui (uem), para a inclusão destes alunos na sala de aula e na escola? Porquê?

Teoricamente pode parecer que é melhor para a criança introduzi-la logo no grande grupo mas nem a turma está preparada para a receber, nem ela está à vontade para interagir. Por isso eu acho que num pequeno grupo, em pequenas actividades, sem haver a necessidade, numa primeira fase, de ela passar o dia todo na escola, com actividades mais lúdicas seria importante.

Eu acho que devia ser feita uma introdução gradual e nalgumas actividades, sobretudo naquelas em que a criança esteja mais à vontade e não tenha medo de se expor aos outros. E ao mesmo tempo ir preparando a turma para receber o novo colega.

Eu lembro-me com a R, coitadinha da miúda, chegava aos intervalos e “caiam-lhe em cima”...um a tentar ajudar, outra a tentar fazer perguntas...a miúda estava ali a ser bombardeada e vinham-lhe as lágrimas aos olhos naturalmente...

Agora por exemplo a questão com o D. É uma questão completamente diferente, o Dima dominava a língua e já tinha feito uma integração com os colegas, nos jogos...de vez em quando tinha uma tendência para se isolar um bocado mas eles respeitaram sempre isso e ele sempre teve uma integração muito mais equilibrada...

Até o facto de ter começado, se calhar, no início da escolaridade

Sim, sim. A C o ano passado teve os mesmos problemas teoricamente de adaptação que as outras tiveram. Por um lado, as outras porque eram mais velhas poderiam ter-se ambientado até melhor, mas foi ao contrário.

Ela entrou num grupinho mais pequenino, num grupinho onde sentiu que não havia o problema de ser julgada e isso permitiu-lhe abrir-se com muito mais naturalidade e ao fim de 15 dias já dizia palavras e hoje domina perfeitamente a língua e está perfeitamente à vontade.

32. No contexto da sua turma, o PCT, o Plano Anual de Actividades e a planificação diária reflectem e valorizam a cultura e as vivências destes alunos? Porquê? De que modo?

Muito honestamente não... Eu falo por mim, a introdução de uma criança estrangeira na turma deveria passar pela existência de um clima de abertura e discussão entre a comunidade educativa porque se não há uma tentativa de normalizar à força uma criança que não pode ter e que não tem as mesmas referências.

E essa especificidade também não é abordada para ficar reflectida nesses documentos...

Não e ainda não nos sentimos à vontade para fazer um exame crítico e dizer muito honestamente: “eu não estava sensibilizado para isto, custou-me muito porque entretanto vi isto quase com muita violência para mim...”. Mas em conjunto não há abertura para reflectir sobre isto e dizer “bem, então vamos lá ver se no próximo ano as coisas correm melhor, de outra maneira...”. Não, cada um por si tentou uma estratégia melhor mas em termos de grupo, de escola isso não foi discutido.

O Projecto Curricular de Turma que tem alguns itens, se calhar não contempla nenhum relativo a este alunos...

E deveria ter.

Toda a organização da turma vai de encontro aos alunos portugueses, com temáticas que têm a ver com a nossa cultura. Para eles aquilo não lhes diz muito. A celebração do Natal, se calhar para eles aquilo é vivido de outra forma.

Eu com o Dima nunca tive problema...ele estava na escola, estava integrado e as coisas foram... Estes dois elementos de língua inglesa apareceram quando o ano já estava a decorrer, portanto aquela primeira fase toda de ambientação, de conhecer a turma, os colegas, já tinha passado. E isto não foi se salutar.

33. Relate-nos uma experiência ou incidente crítico vivenciado por si ou relatado por outro colega, relativo à inclusão de alunos estrangeiros, que considere relevante pelos aspectos positivos ou negativos da mesma.

Pelo aspecto positivo temos o caso da colega Cid e a integração que fez, na Pré-primária à C. Mas a Cidália tinha um *background* diferente da maioria de nós, que inclusivamente já incluíam outras experiências do género passadas em Macau, dominava a língua, ...Portanto, eu acho que isso também parte muito das pessoas estarem abertas à mudança, para a inclusão destas crianças. Provavelmente ela já tinha isso interiorizado ao passo que eu não. Penso que a C realmente teve uma belíssima integração.

No aspecto negativo as leituras que poderei fazer são a outro nível. Por muito que eles estejam integrados e que acompanhem o currículo escolar, por vezes nós esquecemo-nos que eles são miúdos que continuam a ter uma língua materna diferente, são portadores de uma cultura diferente da nossa e que aquilo que lhes interessa poderá não ser o mesmo que em termos “médios” esta turma no fundo tem como interesse central.

Até mesmo na questão da avaliação, nós continuamos a avalia-los pela mesma bitola...

Exactamente...e depois não dá! E para além de não “dar” é um bocado difícil de explicar isso mesmo às instâncias superiores. Muitas vezes a criança não atingiu os objectivos mínimos mas nós temos que mantê-la integrada na turma e isto custa um bocado...não é uma questão de retenção mas sim uma questão de acompanhar e com o tempo ela há-de lá chegar. Mas existem situações em que as mudanças são muito bruscas e os miúdos também não reagem com facilidade.

34. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?

Das escolas aqui à volta que eu conheço, eu acho de facto, é aquela que apresenta mais condições para isso, porque não sendo uma escola muito pequenina, é uma escola onde existe um certo ambiente familiar. Os casos problemáticos, mesmo em termos comportamentais, estão tipificados e sabe-se quem são e assim é fáceis as coisas melhorarem. As pessoas, mais ou menos, comunicam entre elas.

Aquilo que me dá a sensação é que a esta escola talvez lhe faça falta mais alguns espaços físicos que possam estar adaptados, para poder desenvolver certas actividades. Por exemplo a Ludoteca, funciona mas é ali ao lado, a própria escola não tem espaço para que nos dias em que o tempo está mau os miúdos possam estar numa sala mais à vontade, com jogos, com outras actividades, porque não existe espaço para fazer uma coisa dessas.

Mas destas escolas aqui à volta eu acho que esta ainda é a que tem mais capacidade para incluir este tipo de alunos. O corpo docente, não sendo todo ele efectivo, porque existe

aqui uma grande mobilidade, espantou-me pela abertura que teve para analisar e aceitar estas situações.

E consegue fazer esse paralelismo com outras escolas...

Sim, com outras escolas aqui ao lado onde isso era profundamente difícil, onde ou a criança conseguia por ela própria integrar-se ou então não era fácil. E depois, mesmo os colegas não aceitavam “a diferença” e aqui aceitou-se muito bem e com naturalidade.

35. O Projecto Educativo da Escola e o Regimento Interno contempla e dá resposta à inclusão de alunos estrangeiros, definindo estratégias e o modelo a adoptar? Em que medida?

Aí talvez não haja, mas eu não posso falar porque não conheço em pormenor os documentos. É uma falha, contra mim falo, mas de facto não conheço bem.

Mas dá-me a sensação que não. Normalmente esses documentos são feitos pelo “fio condutor” normal, onde situações pontuais, que saem um pouco fora da norma, são ignoradas no próprio documento.

O que não quer dizer que as pessoas depois não actuem...

Sim, não quer dizer que as pessoas não actuem e que as pessoas não estejam preocupadas ou motivadas, só que no documento oficial da escola isso não se reflecte.

Então isso deveria ser um alerta para as instâncias superiores, que não se baseiem muito nesses documentos para fazerem a análise de uma escola?

Uma escola é muito mais que estes documentos. As pessoas fazem muito mais do que aquilo que vem nesses documentos e estão sempre abertas a novas iniciativas. E mais, ao longo do ano vão sendo introduzidos eventos, realizações, parcerias que as várias autoridades vão estabelecendo com a escola mas que depois não são contempladas no Plano Anual de Actividades e só no final é que se faz referência a essas actividades. Isso é muito pouco notado, - a sua importância -, pelas instâncias superiores porque isso reflecte também o trabalho de uma escola.

Restringem-se demasiado à análise de documentos e perdem pouco tempo a ver o que se faz na escola?

Há uma coisa que os professores não colocam nos projectos, que é o criar o “espírito de corpo”, que é o fazer com que as crianças sintam que a escola é deles e ao mesmo tempo que os professores sintam que aquela é a sua escola. Passamos muito mais tempo a responder a deliberações, a postulados que nos impõem, quando era possível elaborar outro tipo de documentos e discutir uma série de situações que eram até bastantes giras para enriquecer os documentos da escola. Quando se chega ao final do ano o que se vê é a preocupação em dados estatísticos, preenchimento de grelhas...esgota-se o tempo nisto e depois não existe análise desses mesmos dados e não nos chega o retorno, ninguém nos diz nada nem ninguém quer discutir nada connosco.

36. Qual a medida, aplicada por esta escola, que, em sua opinião, melhor contribuiu para a inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Esta é uma pergunta delicada mas penso que o mais importante foi a disponibilidade dos professores, do Conselho Executivo e até dos próprios funcionários para aceitar a diferença. E isto é muito importante e aparentemente não se vê mas que se sente. E mais, eu penso que a escola por vezes, entra numa situação que poderá ser delicada que é o facto de querer ultrapassar e oferecer mais do que aquilo que pode e criar essa

imagens nos próprios encarregados de educação. Esta excessiva disponibilidade eu acho que é não saudável.

37. E qual a medida, por ela aplicada, que mais dificultou a sua inclusão? Porquê?

A situação negativa pode ser a disponibilidade em excesso.

Nós não temos conhecimento do esquema de ensino dos países de origem e as pessoas também fazem leituras muito lineares e muito simplistas de cima...se a escola até diz que as coisas podem ser assim, então eu depreendo que isto, isto e isto está tudo metido no mesmo pacote e às vezes as coisas não são assim. Porque há coisas que para eles lá são elementares e que nós cá não temos. Há também uma situação de apoio que me dá a sensação que é o aspecto pior que as escolas têm para poder oferecer. Não há grande disponibilidade da escola poder nomear um professor, durante um tempo, num regime de tutoria em relação a uma criança, para ajudar na sua integração. Não há disponibilidade para isso e isso realmente limita. Dá-me a sensação que os países de origem desses alunos têm, para além do professor, outros recursos de ordem pedagógica para fazerem o acompanhamento a estes casos, melhor que aquilo que nós temos capacidade para fazer.

Mesmo em termos dos auxiliares de acção educativa, aquilo que se passa é que também não existe muita formação para poderem acompanhar nestes casos, ao contrário do que me parece acontecer nos países de origem deles, onde têm algum desse pessoal de apoio, que recebe formação e que vai ajudando o professor.

38. Considera que os pais imigrantes vêm as suas especificidades tidas em conta pelas diferentes organizações pedagógicas e associativas desta escola? Porquê? De que modo?

Não. Isso talvez também tenha a ver com a forma como estes órgãos acabam por funcionar. O Conselho Pedagógico é o representante dos pais, normalmente vindo da Associação de Pais que neste caso até existe. Quando as Associações de Pais fazem reuniões e pedem aos pais para virem e tomarem posição sobre alguns aspectos do funcionamento da escola, esses pais não vêm a essas reuniões. Quando vêm a única preocupação deles é saber qual é a decisão tomada. Eles acabam por ser muito pouco participativos nas questões que entretanto vão apresentando. Depois de uma forma natural vão-se sujeitando àquilo que foi decidido pelos outros.

E acha que essa falta de intervenção acaba por resultar porquê?

Desconhecimento da importância e do papel que eles próprios poderiam ter na escola.

Às vezes, existem uma série de pequenas questões em que eles ficam um bocado divididos porque não percebem muito bem se aquilo é para dizer nas reuniões de pais ou se em conversa com o Conselho Executivo ou com os professores.

Talvez eles ainda não percebem muito bem como é que a própria escola funciona.

39. Que sugestão proporia para que esta escola pudesse oferecer níveis de inclusão mais adequados a estes alunos?

Nós temos aqui um bocado daquela tendência que os momentos que pedimos aos pais que estejam presentes vêm todos. Se calhar valia a pena apostar em um ou dois encontros informais apenas com estes pais, para ouvir e sentir aquilo que eles têm para dizer. Por exemplo, pode haver problemas de rejeição e até de marginalização que eles sentem e que a escola pode nunca se aperceber. Numa reunião geral de pais eles poderão ter dificuldade em dizer isso perante os outros mas porventura individualmente

essas coisas podem vir ao de cima. Até inclusivamente, a sugestão para a ocupação dos tempos livres dos miúdos... porque alguns deles podem sentir que os filhos lá em casa se queixam por não terem na biblioteca livros que necessitam... e são todas essas situações que valia a pena fazer com eles.

Livros na língua materna deles ou jogos que eles estão habituados?

Ou até usar algumas imagens que pudessem ser identificativas do seu meio da sua origem, da sua comunidade, colocando-as na escola para eles terem algo com que se identificar.

Se houvesse, por exemplo, uma reunião no início do ano lectivo com esses pais para além da reunião geral, se calhar poderia ser importante ouvi-los. Não é uma questão de segregar, é que eles nunca abrem no grande grupo e assim num grupo mais pequeno eles eram capazes de colocar cá fora mais qualquer coisa.

Temos que saber que a inclusão pressupõe também o reconhecimento da diferença, conhecendo-a para a entender.

Nós às vezes somos muito voluntaristas nisso e depois andamos muito tempo à espera para uma solução que se poderia arranjar mais facilmente... se calhar valia a pena investir numa coisa destas.

40. Considera que a comunidade local revela/demonstra atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?

Com muito espanto meu, sim. Não vejo aqui da parte da comunidade nem da parte dos próprios alunos, aquele velho raciocínio de que “vêm para aqui tirar-nos algumas coisas nossa”, não. Sinto que esta comunidade aceitou a diversidade, porque os emigrantes que aqui estão são pessoas que vieram para aqui, estão a trabalhar, estão enquadrados. Aceitou com naturalidade a sua inclusão, como os aceita no mercado de trabalho.

41. Tem conhecimento de alguma iniciativa que tenha sido desenvolvida em colaboração/parceria com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias que nos queira relatar?

Eu não estou por dentro desse assunto, não conheço.

E em que aspecto é que acha que poderiam, - essas parcerias entre a escola, comunidade e instituições -, ajudar tanto os alunos como estas famílias? Haveria algum aspecto, alguma situação em que acha que essas parcerias se poderiam justificar e que seriam adequadas?

Nós estamos a falar de alguns casos aqui que são um bocado diferentes... eu acho que talvez fosse importante, nalguns momentos que são excessivamente significativos para os miúdos e para a nossa cultura, que nós não nos apercebemos bem do desconforto que alguns deles sentem... por exemplo, eu vejo isto em relação ao Natal. Muitos deles aperceberam-se do que é o Natal cá porque para eles as coisas são festejadas de outra forma, com outras datas, enfim... Nalguns desses momentos, eles podiam ser chamados a participar de outra forma, mostrando também as suas tradições.

No Natal, no Carnaval, como é que são as coisas nos seus países? Aquela ideia que se teve durante o Coménius, daquelas semanas gastronómicas dos países com quem se tinha aquele projecto, eu vi uma boa aceitação da comunidade local e dos miúdos. Era possível fazer aqui um conhecimento das culturas.

Por exemplo, não há nada na escola onde um miúdo Bielorusso diga “isto é lá no meu país”. Eles estão lá mas não está representada essa sua especificidade. A nível visual, com 2 ou 3 cartazes poderia ser o suficiente, para se identificarem com o que é seu.

Entrevista a E1

1. Qual a sua nacionalidade?

Sou Bielorrussa.

2. Qual a sua idade?

35 anos.

3. Quais as suas habilitações académicas?

Sou licenciada.

4. Que profissão exercia no seu país?

Estava a trabalhar na escola como professora de língua bielorrussa e de literatura bielorrussa e depois estava a trabalhar na televisão.

Trabalhava nos dois sítios ao mesmo tempo?

Um ano sim, depois deixei a escola e fui para a televisão, uma televisão regional.

5. Qual a profissão que exerce em Portugal?

Auxiliar Educativa.

6. Há quanto tempo está a viver em Portugal?

Estou a viver aqui há 5 anos.

7. Que idade tem o seu educando/filho?

Este domingo vai fazer 12 anos.

8. Há quanto tempo está ele a viver em Portugal?

Está a viver cá há 5 anos.

9. Em que ano de escolaridade se encontra matriculado o seu filho?

No 5.º ano.

10. Há quantos anos se encontra o seu filho matriculado nesta escola?

Há 5 anos.

11. Em que nível/ano iniciou ele a escolaridade em Portugal? Considera que isso o prejudicou ou beneficiou na adaptação à escola?

No 1.º ano. Ele podia, por exemplo, entrar no 2.º ano, mas eu pedi para ele entrar no 1.º ano para ele aprender a língua porque nós chegámos em Maio e estivemos aqui pouco tempo...

Achou que era importante começar num nível de escolaridade onde pudesse aprender o básico do português, que seria melhor para o percurso escolar dele...

Eu depois tinha pena disto ...estava a pensar que era melhor ele andar no 2.º ano porque ele aprendeu muito facilmente a língua e depois os professores disseram-me que ele estava a perder um bocadinho o interesse porque o nível de estudos não correspondia.

No fundo, se a Natacha tivesse pedido equivalência de estudos, o seu filho quando tinha chegado, tinha entrado logo no 2.º ano. A Natacha, pensando que ele tinha dificuldade em adaptar-se à língua, pediu para ficar no 1.º ano mas depois notou então que houve alguma desmotivação???...

Eu tenho este problema agora, neste momento. Porque por exemplo, quando estava a completar o 1.º ciclo, os professores disseram que ele estava um bocadinho sempre adiantado e agora por exemplo, perdeu o interesse. Este ano baixou as notas por causa disso...está habituado um bocadinho a não fazer nada!...Porque os professores dizem-me agora já que como ele tem cabeça e que algumas coisas ele sabe melhor que os outros, mas sempre falta atenção nos teste e esquece-se dos pormenores... por isso é assim de qualquer maneira!

É mais difícil... aqui é mais fácil, por exemplo, se eu quero manda-lo para o 2.º ano o Conselho Executivo aceita melhor. Na minha terra era preciso fazer provas para entrar no 2.º ano, tudo muito mais complicado...mas o problema é o mesmo, por exemplo se a criança perde o interesse para os estudos...

Mas os professores lá se vêem que o aluno perde o interesse, puxam mais por eles?...puxam mais do que nós aqui?

Os professores lá, são mais controlados ...se depois de algum teste, a maioria dos testes são negativos, a culpa é do professor...o professor tem que dar mais uma vez a matéria para os alunos conseguirem atingir este nível e ter notas boas, não são os alunos que têm culpa, é o professor que não conseguiu ensinar. Na minha terra – nós temos um sistema um bocadinho diferente, cada um dos professores está sempre controlado.

...E os resultados dos alunos tem a ver com o estatuto do próprio professor...

Sim, sim...

12. Recordando os primeiros dias de aulas do seu educando/filho, quais eram, como mãe/pai os seus principais medos/receios/inquietações na altura? Confirmaram-se? Porquê?

Era as relações com as outras crianças

Tinha medo de quê?

Como vão receber os estrangeiros... porque era diferente, a fala é diferente agora já fala bem, nesta idade é muito fácil aprender a língua...mas esta era a maior preocupação.

A sua maior preocupação era que ele fosse de alguma maneira discriminado pelos colegas por ser estrangeiro?

E sentiu que isso aconteceu ou não?

Em algumas situações.

Nós uma vez voltávamos para casa no carro e íamos atrás do autocarro e vi que quando alguém abria a porta do autocarro, alguém puxava a mochila do meu filho e depois alguém falou...ele saiu do autocarro e ele chorava muito. Nós passámos e ele gritava e dizia: “detesto...detesto!”

Depois eu percebi o que se passava. Ele dizia que uns lhe bateram no autocarro. Havia algumas situações, mas ele não contava muito, escondia muitas coisas porque depois tinha medo que fossemos à escola tratar do assunto e ficava mal para ele...

No fundo, sentiu da parte de alguns miúdos essa discriminação, e em vez de lhe dizer a si e ao seu marido, com medo que a Natacha viesse à escola...

Ainda lhe vai custar mais...como hei-de de dizer, eu não gostava muito de falar destas coisas...falava com ele e dizia-lhe que entre os alunos acontece estas coisas, estas situações...que é preciso tratar com calma. Não prestava atenção a estas coisas de discriminação. Mas havia estas situações e passados alguns anos contaram-me mais histórias.

De coisas que se lembrava ter passado ou que se estavam a passar no momento? Nessa altura já foi capaz depois de lhe contar...

Sim, mas escondia muitas coisas...um dia bateram-lhe com um guarda-chuva aqui perto do portão...

E acha que isso aconteceu porque ele era estrangeiro ou terá acontecido porque os miúdos também são muito cruéis uns com os outros?

Sim, mais do que os adultos...

Acha que isso lhe aconteceu por ser estrangeiro ou por ser mais uma criança, por ser mais pequeno ou por ser mais pelo facto de ser estrangeiro?

Havia uma situação quando um menino mais velho do que ele dizia: "...por causa do cabeça branca, do cabelo branco..."

O facto de ele ser muito louro...era um elemento que podia conduzir a esses problemas? Não pelo facto de ele ser estrangeiro...só o facto por exemplo de ter uma cor de cabelo diferente...

Entre os colegas na turma dele, ele nunca tinha problemas. Os problemas aconteceram neste ano.

Dentro da turma?

Sim, com dois rapazes que vieram este ano.

Que não pertenciam à escola?

Estes rapazes estão nesta escola só este ano.

Que não o conheciam?

Sim, mas agora como eu estou aqui, tentava resolver o assunto, havia algumas situações aqui na rua e não sei porquê mas começavam-me a chamar nomes) quando eu começava a falar com um rapaz e perguntei:

- Eu sei, tenho reparado em muitas coisas, não gostas do D?
- Sim
- Porquê?
- Não sei!

Foi a resposta. Mas eu estava a falar com o D em casa por causa disto e também tentava explicar...nas turmas, em todo o lado acontecem estas coisas e ele devia tentar passar por esta situação com calma e acho que agora a situação melhorou, porque agora começaram a cumprimentarem-me e vejo-os a brincarem com ele... eu não posso dizer que é por causa de ser estrangeiro, não posso dizer!

O facto desses alunos virem de um sítio onde, por exemplo, não tivessem tão habituados a contactar com a diferença poderá ter-se reflectido nessas atitudes? Acha, por exemplo, que miúdos que estão mais habituados a conviver com alunos estrangeiros é-lhes mais fácil depois aceitar os outros todos diferentes?

É, como o D aqui entrou no 1.º ano, os que estão sempre juntos, eles já não o consideram diferente...estes novos, não sei porquê, mas seria alguma situação... não sei, o rapaz respondeu-me “não gosto”, mas porquê? “não sei”...

13. E lembra-se de quais eram os medos do seu filho? Confirmaram-se? Porquê?

Não. Não tinha medo de nada e gostava imenso (da escola), as dificuldades apareceram um bocadinho depois e pelas crianças mais velhas.

Não tinha medo, porque fez o 1.º ano lá e não tinha problemas, tinha muitos amigos e aceitava a escola como um sítio onde a criança gosta de estar, porque ele estudava muito bem. No primeiro ano, lá, os alunos não recebem notas.

Quando veio para a escola, mesmo sendo num país diferente, ele não tinha receios...

Não tinha, ele já falava bastante bem e depois quando chegámos recebemos um certo apoio do lado dos portugueses...

Foi uma preocupação sua trazê-lo alguns meses antes de entrar para a escola para que pudesse aprender o português?...ou aconteceu por mero acaso?...ou pensou e fez essa escolha?

Quando ele acabou a escola decidimos vir porque não havia trabalho e precisava do dinheiro...

E foi uma maneira dele também se ir habituando ao português...

14. Como se processou a adaptação dele à escola, ao professor, aos colegas? De que aspectos mais se recorda?

Não, não...do lado das crianças mais velhas...andar naquela fase onde um ou dois anos fazem muita diferença...

Têm outros comportamentos...e por exemplo, essa situação que me relatou à bocado, esse incidente, nem aconteceu na escola, verificou-se no percurso escolar...

Essa situação que eu vi, custava...outras situações que ele contava passavam-se aqui na escola...mas esta eu vi.

E essas outras situações que ele contou, há assim alguma que se recorde que tenha acontecido aqui na escola que ele tenha contado?

Sim, quando lhe bateram aqui ao pé do portão com um guarda-chuva...

E na altura ele estava no 1.º ano?

Eu já não me lembro, ele contou mais tarde...porque uma vez – eu por causa de uma situação vim aqui falar na escola e depois ele soube e acabou por me contar destas histórias. Ele tentava tratar de resolver estas coisas sozinho. Ele já está habituado a resolver as situações há maneira dele.

15. Na sua opinião, o seu filho possui algumas características pessoais ou culturais que poderão ter interferido, de forma positiva ou negativa, na sua adaptação à escola portuguesa? Porquê? Como?

Essas características ele recebeu durante este tempo de estudos aqui porque ele antes era diferente, era mais aberto, estava mais à vontade e agora é mais fechado...e está com mais cuidado às pessoas, ele uma vez disse-me “óh mãe, eu agora já não acredito mais nas pessoas...porque agora falam contigo bem mas amanhã podem enganar...”
Está desconfiado mas está muito mais calmo e muito autónomo...com coisas que acontecem na escola ele tenta resolver sozinho.

E mesmo essa capacidade que me está a dizer de “desconfiança”, é uma característica que normalmente se adquire com a maturidade, isso é um sinónimo de maturidade. Nós temos percepção que as pessoas são “muita coisa” ao mesmo tempo e às vezes reagem de uma maneira e logo a seguir reagem de outra. Isso é um sinal de grande maturidade. Quantos anos é que tem o seu filho?

12.

Acha que este percurso em Portugal ajudou-o a tornar-se mais autónomo?...ter essa maior autonomia e essas capacidades?

Por exemplo lá em casa – como trabalhamos muito, ele está mais tempo sozinho, sabe fazer comida, sabe arrumar as coisas, sabe muito...é muito autónomo.

E quando ele veio para Portugal – por exemplo, estava-me a dizer que tinha feito já o 1.º ano na Bielo-Rússia e que tinha sido um bom aluno. Considera que o seu filho tem boas capacidades intelectuais? Diz-me que no 1.º ano ele aprendeu rapidamente o português?

Sim, muito rápido e fala muito bem.

Quer dizer que tem algumas capacidades acima da média, que no fundo ajudaram? Considera que o facto dele ter iniciado a escolaridade no seu país, a maneira como são educados no seu país, em termos tanto da família como da escola, se calhar com padrões mais rígidos e mais exigentes...ajudou a integração do seu filho na escola portuguesa?...Isso foi um aspecto positivo, uma coisa boa para o ajudar na escola?

Ajudou-o. Ele está habituado a trabalhar quando entrou nesta escola ele já sabia fazer coisas da escola, não precisava de mandá-lo fazer isto, não precisava de o obrigar...já era mais organizado.

E acha que isso, essa organização em relação aos outros alunos portugueses...vem de quê?...da organização da família, da própria escola ou do seu país?

Isso vem da própria escola...

Da própria escola, que tinha um sistema mais exigente...

Sim, muito mais.

16. Qual a principal dificuldade encontrada pelo seu filho durante o processo de inclusão na escola portuguesa?

A maior dificuldade foram estas coisas de relação.

17. E de que forma é que esse obstáculo/problema afectou /dificultou a sua inclusão e sucesso escolar? Já conseguiu ultrapassar essas dificuldades? De que forma?

Este ano apareceu...

Só este ano?

Sim, só este ano. Porque ele andava com vontade e nunca tinha problemas com colegas na turma, só quando apareceram estes dois rapazes é que apareceram os problemas e mesmo eu acabei por falar com o professor em algumas situações...

E ele nessa altura dizia, por exemplo, que não queria ir para a escola?

Sim, este ano mesmo ele não tinha vontade.

Esses conflitos de “relação” eram apenas verbais ou também físicas?

Físicas não, só verbais.

Mas que acabaram por o magoar o suficiente para poder não querer vir à escola...

E depois a professora disse-me, a Directora de turma dele, que ele às vezes muda o comportamento e quando eu comecei a falar com ele sobre isto, ele dizia-me “que por vezes estou mal disposto...” – quando aconteciam estas coisas, e “tenho medo de dizer alguma coisa...”

No fundo, sempre a mesma preocupação, do que me apercebo, ele sente que há alguma coisa que não corre bem, mas se calhar fecha-se para se proteger, porque tem medo que se lhe disserem a si ou à Directora de turma, ao expor esse problema, os outros ainda façam pior...

18. Importa-se de indicar outros aspectos, que na sua opinião, condicionam de um modo geral a inclusão dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Não sei...

O carácter...cada um tem o seu carácter. O meu estava muito aberto, muito mimado, muito vivo. Agora está completamente diferente. Eu não posso dizer que é por causa disto, por termos vindo para cá...mas eu antes nunca tinha pensado que ele ia ser assim...

E acha que essa característica dele tem a ver com esta experiência ou também era uma coisa pessoal?

Não posso dizer...

Uma coisa e outra, não é?...No fundo as experiências que nós vamos tendo também fazem com que nós moldemos a nossa personalidade

Quando a criança está mais aberta isso ajuda muito...Eu, por exemplo, também estou a olhar muito para pormenores ...Há pessoas que não prestam tanta atenção a estes pormenores e é mais fácil...e ele era assim antes...

Acha-o mais preocupado com estes pormenores também...

Sim, está mais fechado...

Mas ao mesmo tempo diz-me que o acha mais calmo...no fundo ganhou alguma segurança...

Parece mais adulto, parece que tem mais uns anos. E depois não dá só importância ao que se passa na escola, mas também ao que se passa em casa, porque nós andamos a trabalhar dia e noite para resolver situações económicas e isto também contribui...

Tem outras vivências...

Porque nós não tivemos nenhuma segurança na vida e andamos a trabalhar e ele sempre ficava sozinho... e por exemplo agora quando estamos a falar, ele percebe muito bem o difícil que é ganhar dinheiro!

O que é isto de estar no estrangeiro e trabalhar aqui como nós trabalhamos, isto também ajudou na “maneira de ser”.

19. Consegue destacar algum aspecto da escola (organização, funcionamento, professores, colegas, etc.) que considere ter contribuído de modo particularmente positivo para a inclusão do seu filho? Qual? Porquê?

É assim, eu não quero dizer nada em relação ...

Acha que foi uma escola (as pessoas e a escola em si), que ajudaram ou não?...De que maneira?...pequenos pormenores que se lembre, de coisas que a tenham marcado...

Mesmo os professores quando falaram comigo não fizeram diferenças ... ele é estrangeiro ou é português...eu recebi muito apoio do lado dos professores...

Está a falar dos professores já aqui em Portugal?

Sim.

E depois do lado dos empregados lembro-me quando a Paula estava sempre a ligar, se acontece alguma coisa. Eu estava preocupada e depois ela disse-me “não te preocupes muito porque todos são assim!...”

Portanto, as pessoas não fizeram diferenças se era estrangeiro ou não. Nunca senti aqui discriminação...só ajuda e apoio.

Ele nunca se queixava, nunca.

20. Importa-se de sugerir alguma iniciativa que, na sua opinião, deveria ser tomada para promover a inclusão e sucessos dos alunos estrangeiros na escola portuguesa?

Do lado dos professores, dos empregados...nunca vi nenhuma situação que eu não gostava.

E essa parte dos colegas de turma ou colegas da escola... como é que acha que esta escola poderia resolver essa situação? Que estratégia poderia arranjar para que essa situação de dizer “eu não gosto muito dele mas nem sei porquê?...” fosse resolvida?

O que nós fazemos na minha terra, e que vocês aqui têm pouco, e que ajuda muito para juntar as crianças na turma, nós fazemos, é obrigatório fazer festas pequeninas, por exemplo, beber o chá nalguma sala. Cada Director de turma tem obrigação de fazer estas coisas, juntar as crianças o mais possível.

Só entre a turma ou entre várias turmas?

Podiam preocupar-se também com esta integração (afectiva). Eu, quando estava a trabalhar na escola, era também Directora de uma turma e nós sempre fazíamos algumas

excursões, festas, ...Eu estava obrigada a fazer isso e o Conselho Directivo sempre controlava o que eu estava a fazer durante esse mês para criar o cultivo das relações.

No fundo os professores e a escola, deviam-se preocupar mais em estabelecer relações de amizade, de convívio entre os alunos para favorecer essa adaptação...

Na minha terra, os professores são obrigados a fazer festas entre turmas...eventos!

No fundo são pequenas coisas informais que ajudam a integração...

Nós temos uma aula por semana com a Directora de turma para organizar coisas dentro da turma. Por isso a turma está criada como um colectivo. O Conselho Executivo tem, por exemplo, uma caderneta onde eles controlam as coisas que eles fizeram, o que eles pensar fazer...organizar algumas festas entre eles, cada turma tem a sua vida própria.

No fundo, nós em Portugal temos uma coisa parecida, talvez não se tenha ainda apercebido...os Directores de turma também têm, obrigatoriamente todas as semanas, uma área que é a “Formação Cívica” em que têm de debater os problemas da turma. A turma deve aproveitar essa aula para debaterem entre eles os problemas e tentarem resolver as situações colocadas. Dentro da “Área Projecto”, por exemplo, podem surgir essas pequenas coisas. Devem surgir projectos daquela turma...coisas que eles queiram fazer, em que eles se queiram envolver. Talvez não sejam tão visíveis às vezes aos pais – e estou a ver que se calhar às vezes não são, mas é uma preocupação, no currículo em Portugal isso também acontecer. Há turmas que funcionam assim, têm um elemento, - que é o chefe de turma, que deve ter maior responsabilidade perante os outros colegas -, e a “Formação Cívica” deve servir para debaterem em assembleia os problemas da turma... e muitos dos problemas são de relacionamento. Acabamos por ter, - o que me parece é que por vezes não se torna visível aos pais -, essas coisas que às vezes acontecem. Ou então não suficiente o número de horas para se debater tudo e para se criar esses laços de maior amizade.

E ajuda muito neste assunto, coisas estéticas...por exemplo, o “Dia da Mulher” na minha terra cada turma está a preparar um concerto para as mães...as mães são convidadas e depois os filhos fazem os bolos, preparam o concerto...um pode cantar, o outro pode tocar um instrumento...e temos mais essas coisas.

No fundo há uma maior relação da família, dos pais com a escola?

Sim, sim.

Nós estamos obrigados a juntarmo-nos e a fazer reuniões entre turma com os pais e as crianças também.

Fazemos mais estas festas porque quando a criança não está muito interessada em ficar nesta aula, fazemos mais coisas para animá-los...para estabelecer relações.

Por exemplo, o D, eu nunca vi aqui mesmo entre turma, nenhuma actividade dessas. E nós temos muito disto, as crianças estão habituadas a isto.

No princípio, no 5.º ano nós mandamos, mas depois no 7.º ou 8.º ano as crianças já fazem estas coisas sozinhas. Fazem concursos entre as turmas e por isso a vida é um bocadinho mais animada na escola.

21. Tendo em conta a sua experiência, que avaliação faz da forma como os professores portugueses lidam com os alunos estrangeiros?

É a mesma coisa...por exemplo se aparece na turma uma criança de outra cidade, os professores tentam dar mais apoio...

E acha que os professores portugueses fazem isso em relação aos alunos estrangeiros?

Sim

22. Qual lhe parece ser a principal iniciativa (esforços, actividades ou atitudes) que vê os professores portugueses tomarem para ajudarem na adaptação dos alunos estrangeiros? E o que, na sua opinião, fazem os professores que, pelo contrário, possa dificultar essa adaptação e sucesso escolar?

Não fazer a diferença entre eles. Não prestar atenção para este assunto e depois as crianças esquecem-se...foi o que aconteceu com o meu.

No fundo a melhor maneira de lidar com a diferença é não ser diferente...

E qual será, pelo contrário, a pior coisa que podem fazer?

Chamar atenção para esta coisa...chamar a atenção para a diferença

23. Em comparação com os professores do seu país, como caracteriza as atitudes dos professores portugueses? E que actividades desenvolvem de diferente ou de forma semelhante os professores do seu país?

É muito diferente. Vocês têm mais democracia, mesmo na maneira de vestir, de falar, de dar a aula...porque na minha terra o sistema de dar a aula é do género de uma reunião, tudo mais rigoroso...mesmo os professores não podem andar de calças de ganga, as crianças estão sentadas e se querem atender têm que levantar o braço. A disciplina é muito rigorosa. Aqui é mais à vontade, mais democracia...

E isso é uma coisa boa ou pelo contrário também condiciona a aprendizagem dos nossos alunos?

Eu estou também a pensar por causa da mentalidade do povo, porque na minha terra não pode ser assim. Os portugueses são um bocadinho mais preguiçosos, por isso as crianças podem estar mais sentadas...na minha terra não pode ser assim porque nós temos mais energia...

E se não tivessem essa disciplina, o que é que eles faziam?

Não sei...podem brincar, fazer algumas coisas...

Já estive numa escola na Bielo-Rússia e também já estive aqui...onde é que as crianças são mais felizes?

Parece-me que é aqui.

Apesar de ser diferente, às vezes nós somos felizes porque é aquilo que nós queremos...somos assim e gostamos de ser assim, fomos educados assim e como não sabemos que há outra maneira de ser, até gostamos...e pode-se ser assim...

Vocês tiveram uma vida um bocadinho mais...não tiveram guerras, revoluções, grandes crises...

No fundo temos uma história mais calma e isso ajuda...

E isso influencia a personalidade, a educação, a cultura do povo...

E se tivesse que pensar onde é que os alunos intelectualmente aprendem mais?

Lá na minha terra



E aprendem porque são obrigadas ou porque a própria organização da escola faz com que isso aconteça? Ou é apenas porque são obrigados e têm uma disciplina muito rígida?

Isto está criado há muitos anos...é uma questão de cultura. Nós prestamos muita atenção para isto. É uma vergonha quando uma criança recebe no final do ano negativas. Aqui é mais à vontade, duas ou três negativas não faz mal, o principal é passar o ano...na minha terra é uma vergonha!

Uma vergonha para a família?

Para a família e para todos. Depois, por exemplo, o Director do Conselho Executivo chama os pais à escola e tivemos uma reunião para tratar de alguma situação e os pais têm vergonha de dizer para os outros e olhar para os outros quando se têm negativas...

O Director chama para responsabilizar também os pais?

Sim, os pais têm culpa disto e depois nós tentamos fazer alguma coisa para resolver a situação, dar apoio. Aqui também existem essas coisas mas isto é uma vergonha porque nós prestamos para os estudos muita atenção.

Se por exemplo a criança não está a fazer as coisas da escola em casa, o professor chama logo a atenção aos pais...escrevem-lhes, temos um livro para cada um...

E os pais tomam isso em atenção...é que nós também escrevemos mas os pais não tomam...

Por isso eu estou a dizer...os pais não aceitam!...o principal é passar o ano, mas nós não. O principal é as notas...

Porque isso vai ter influência no futuro dessa criança, no seu país...

Sim, e depois este sistema está a manter-se há muito tempo. Quem introduziu este sistema foram os comunistas que obrigaram primeiro ter 9 anos e depois passaram a ser obrigatório ter o 12.º ano na minha terra. Todos são obrigados a ter os doze anos completos.

No seu país por exemplo a maioria das pessoas tem um curso superior?

Sim. Ninguém pode entrar num trabalho sem ter o 12.º ano. Eu encontro aqui pessoas da minha idade que têm 4 ou 5 anos de educação...na minha terra não existe já, não existe. Porque é uma coisa muito rigorosa e nós prestamos muita atenção...se alguma criança não está presente na escola 1 ou 2 dias, logo os professores são obrigados a saber onde está a criança.

Nós também temos mecanismos para obrigatoriamente comunicar e inclusive as autoridades policiais têm que se envolver. A lei existe mas depois não se aplica...ninguém vai ver porque é que a criança não veio, os pais não se responsabilizam.

O Director de turma tem a obrigação de visitar a casa de cada criança...para ver as condições, a situação...Por exemplo, se acontece alguma coisa, o Director de turma deve responder porque acontecem os problemas e como tratá-los. Depois junto com a escola trabalha a uma pessoa responsável da polícia.

Em cada escola existe uma pessoa para ir resolver essa situação?

Da polícia...Porque aqui, por exemplo, quando roubaram o telemóvel do D eu percebi que não vale a pena tratar do assunto! Na minha terra não, se acontece algum roubo na escola a policia resolve e depois o Director de turma faz uma reunião para resolver a situação, chamar a atenção. E depois se se descobre quem roubou é uma vergonha...É

tudo muito mais rigoroso, tudo mais controlado. Mas o povo também é diferente, nós somos um bocadinho difíceis...talvez por causa destas crises que passámos, porque estamos habituados a ser muito controlados...

Acontece muito em países que durante muito tempo tiveram ditadura, como nunca viveram a liberdade, têm dificuldade em saber geri-la. Mas eu acho que, por exemplo em Portugal, isso também ainda acontece. Nós ainda temos uma democracia muito recente, tem 30 anos...e ainda há certas coisas que nós ainda não fazemos tão bem porque ainda não conseguimos perceber que a democracia é fazer o bem para nós mas também para os outros. Porque quando estamos a fazer para os outros estamos a fazer para nós... Por exemplo, quando nós fazemos reciclagem, aquilo é importante não só para nós mas sim para todos e às vezes há certas coisas que a gente diz: “ah, não quero saber, deixo para o lixo porque depois vem alguém a limpar...”

Isso depende da consciência e da cultura, são coisas que às vezes levam muitos anos.

Eu quero dizer mais uma coisa...No meu país criança ou adulto deve estudar. Aqui isso ainda não está na mente!...Aqui é obrigatório andar na escola mas não é obrigatório estudar!...É uma questão de cultura. Aqui vocês não estão habituados a isso.

Há pouca responsabilização, mas também tem a ver com uma situação, é que durante algum tempo, quem estudava era recompensado, iam para a universidade e tinha logo bons empregos e hoje em dia quer se estude ou não se estude, não se tem emprego...e isso criou alguma desmotivação. As pessoas acham que não vale a pena, porque não conseguem perceber que estudar é sempre bom, quer a gente depois consiga emprego ou não. Para já, quem tem o conhecimento é mais fácil chegar ao emprego...e o conhecimento é nosso, ninguém o tira...

Na minha terra, por exemplo, é uma vergonha quando uma pessoa não gosta de ler! Nós lemos muito e cada família tem a sua própria biblioteca em casa. E mesmo para estudar não é para ter bom emprego mas sim para ter intelecto.

É uma questão de cultura...

Eu tinha reparado, porque quando eu estava a trabalhar na padaria e tinha um bocadinho de tempo livre aproveitava para ler alguma coisa e algumas pessoas ficavam admiradas...mas porque estás a ler?...tu tens emprego, porquê?...

Para desenvolver a mente. E agora que estou aqui há 5 anos reparo nestas coisas. Muito poucas pessoas têm biblioteca em casa. Mas na minha terra se uma pessoa não tem livros em casa é uma vergonha.

Nós habituamos as crianças a ler. Nós nas empresas – mesmo as empregadas -, têm uma biblioteca. Nós lemos muito, temos muitos autores...vocês também mas não lhe dão valor!

Mesmo na escola não têm aulas de Literatura...Nós lá temos 3 vezes por semana para habituar as crianças a ler. É uma coisa muito importante, porque se a criança está habituada a ler vai continuar sempre a ler...Eu por exemplo, não posso estar sem um livro, deito-me na cama e tenho que ter um livro para ler um bocadinho. Para mim, se estou um tempo por causa do trabalho sem livros, é uma vergonha, porque numa conversa eu tenho que saber o que responder...

Para nós, cada pessoa deve ter um momento para ler. Se acontece alguma situação ela deve ser preparada. Por exemplo, para não ficar envergonhada, eu tenho que saber algumas coisas de todos os lados...Por exemplo, quando eu estava aqui a trabalhar nas

casas dos particulares, a fazer limpeza, não tinham livros...só revistas e jornais mas livros não!

É uma coisa engraçada, as questões de cultura. É uma coisa que se vê quando nós viajamos, muitos estrangeiros têm sempre um pequeno livro e vão nos transportes a ler...nós temos muito pouco esse hábito!

E mesmo no transporte público as pessoas estão sempre a ler, como se vê muitos nos filmes russos...

24. No caso específico da EBI c/JI de Ammaia, considera que esta oferece um ambiente de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e o sucesso dos alunos estrangeiros? Porquê? Como?

Acho que é uma escola tolerante, são abertos...Eu lembro-me de situações de quando eu estava a estudar na universidade lá na minha terra, e apareceram muitas pessoas de outros países e havia bastante discriminação...O povo da minha terra é menos tolerante para estas coisas. Vocês são muito tolerantes, não tenho palavras...Claro que acontecem situações como as que eu contei, mas noutros países estas coisas são bem piores, são mais brutos, mais violentos.

E acha que esta escola, nesse aspecto, é uma escola acolhedora?

Sim, acolhedora.

25. Já alguma vez leu o que diz o Projecto Educativo da Escola e o seu Regimento Interno relativamente às medidas que a escola deve tomar em relação à adaptação dos alunos estrangeiros? Concorda com essas medidas ou alterava alguma? Porquê?

Não.

Tem alguma razão para isso? Porque é que nunca o leu?

Nunca li.

Mas não sabe porque nunca o leu? Não lho deram? Não pediu? Não sabia que existia?

Não. Não sabia que existia.

Eu falava com as professoras para saber da situação, como as coisas corriam com o meu filho, mas não sabia que isso existia.

26. Faz parte da Associação de Pais da escola? Porquê?

Não. Estou aqui nesta escola através do “Centro de Emprego”, por causa do pedido da Associação de Pais mas não pertenço à Associação.

E não é porquê? Porque não sabe como se tornar sócia, não achou importante, nunca ninguém a abordou?

Em 5 anos, às vezes trabalhava 18 horas por dia e não tinha tempo

27. Comparativamente aos pais portugueses, como classifica a participação dos pais/encarregados de educação imigrantes na vida da escola?

Participam pouco

Comparado com o seu país os pais portugueses participam pouco?

É muito diferente porque também na minha terra é obrigatória em cada turma, nós temos o Conselho Executivos dos pais para tratar de certos assuntos. Festas, eventos, excursões e os pais ajudam, estão envolvidos e depois os pais estão obrigados, por exemplo em cada turma, têm a sua sala...as turmas podem trocar de salas durante o dia lectivo mas têm depois uma sala que é atribuída a cada um...e as crianças e os pais devem manter tudo em ordem, e depois juntam dinheiro para comprar, por exemplo algumas flores, coisas estéticas...e isso também é muito importante.

Que é uma coisa que os povos de leste dão muita atenção, as questões estéticas e as questões físicas, dão muita importância a essas situações.

Como é que os pais, no seu país, podem fazer para ir à escola a essas reuniões? Têm que trabalhar! ...têm dispensa do emprego para poderem participar nessas actividades na escola?

Não. É depois do trabalho. É tudo extra trabalho, depois do trabalho.

28. Acha que a escola se preocupa com a participação das famílias imigrantes na preparação e organização da vida escolar?

Claro. Aqui é um bocadinho diferente. Porque lá se nós fazemos festa no fim do ano todos participam, os pais, as crianças...ao país às vezes também cantam ou fazem outras coisas...

Aqui, o que eu vi na festa, estranhei um bocadinho, porque as crianças estão a cantar, os professores estiveram a preparar esta festa e os pais estão sentados para beber e comer...Para mim foi uma surpresa.

Os pais deviam ver como as crianças cantam, não é para comer, comer é depois!

Depois no fim, cantou uma turma e os pais estavam a beber cerveja e ninguém prestava atenção...beber e comer devia ser depois da actuação!

Por ser de outro país, foi convidada por exemplo a participar nessa actividade? Nunca a convidaram no âmbito de alguma actividade a vir falar sobre o seu país, alguma coisa específica do seu país?

Não, Não.

E gostava que isso tivesse acontecido?

Não

Não precisam de a chamar para evidenciar a sua diferença, prefere assim?

Se por exemplo fizessem alguma festa sobre as diferentes culturas...

Nesse caso assim específico?

Porque não?...podia participar e ajudar mas nunca aconteceu.

29. Qual lhe parece ser a atitude/estratégia/actividade ou medida aplicada por esta escola que melhor pensa estar a contribuir para a adaptação dos alunos estrangeiros à escola? Porquê?

A tolerância, as atitudes das pessoas.

30. E qual a medida, por ela aplicada, pelo contrário, que mais lhe parece ter dificultado a adaptação dos alunos estrangeiros? Porquê?

O que eu estava a dizer, se não é melhor juntá-los um bocadinho mais mesmo dentro da turma. Não é só fazer estas festas no fim do ano, no natal...fazer estas coisas pequeninas entre as turmas...

Que os aproximasse entre eles...

Isso ajuda muito.

31. Como mãe/pai/encarregado de educação lembra-se qual foi a sua primeira impressão sobre a escola portuguesa?

É bonita. Na minha terra como o sistema é mais difícil e mais rigoroso. Tem por exemplo uma sala para fazer festas e animar as crianças, mas os gabinetes estão todos direitos...

Arquitectura soviética...

Sim...

E as cores também?...aqueles verdes soviéticos?

Não, cores não!

Eu quando fui à Polónia a escola era muito moderna mas depois fomos à Câmara... e a Câmara era um edifício bonito mas depois por dentro, o gabinete onde fomos recebidos era muito austero e eu pensei “isto devia ser o comunismo...”, a cor das paredes era de um verde estranho que eu associo à arquitectura soviética...pode nem ser porque eu não conheço assim tanto, mas aquele tom assim esverdeado que me fez ter assim um bocadinho de medo...Mas a escola não era nada assim: Era uma escola muito democrática, muito europeia, muito ocidental...Mas aquele edifício!

Só podem ficar sentadas duas crianças. Nós só juntamos as mesas quando fazemos algumas aulas diferentes – também somos obrigados a fazer isso –, fazemos um bocadinho coisas diferentes...

E essa forma de estar na sala é obrigatória ou é a vontade do professor?

É obrigatória. Só juntamos as mesas para dar uma aula diferente, por exemplo quando é preciso trabalhar em grupos, mas isto não é normal.

32. Quais as principais dificuldades que encontrou no relacionamento com a escola? Como as ultrapassou ou tentou ultrapassar?

A língua.

Teve muita dificuldade?

Não tinha tempo para aprender.

Como é que aprendeu?

Foi a ouvir, nunca fazia esforços, não tinha tempo...Mas agora obrigo-me a ler em português. Às vezes leio livros russos e obrigo-me a ler mais português.

Nessa altura quando veio pela primeira vez para Portugal com essa dificuldade que tinha da língua, como é que conseguiu fazer o que tinha para fazer?...pediu ajuda a alguém?...veio com alguém que falasse já português?

Tentei sozinha. Alguns portugueses ajudaram-me muito para eu compreender algumas coisas, tentar fazer algum esforço...mas tinha que me esforçar sozinha.

E aqui na escola quando veio fazer a matrícula já falava alguma coisa?

Não. Quando vim a primeira vez não falava, ajudaram-me.

Aqui na escola?

Sim

E isso foi bom?...sentir que havia alguém que ajudava?

Mas o que eu também estou a dizer é que eu sempre confiei nos portugueses...

Sempre?

Sim.

E agora ainda confia?

Confio mas estou com mais cuidado...

Tem mais cuidado porque não se pode confiar em todos ou é como em todo o lado!

Ainda me enganaram algumas vezes...Mas vocês são muito abertos e muito tolerantes, aguentam com tudo o que aparece!

33. Actualmente, encontra alguma dificuldade no seu relacionamento com a escola? Importa-se de concretizar?

Não.

Relaciona-se como se estivesse no seu país?

Sim.

34. Da sua experiência, que diferenças existem, em relação ao seu país, no que diz respeito ao relacionamento entre a escola e as famílias em Portugal?

Tem uma coisa muito boa, porque as crianças têm aula de trabalho e fazem durante esta aula coisas para a escola.

Por exemplo?

Por exemplo os meninos arranjam as cadeiras, as mesas se estão estragadas...têm todos os instrumentos, máquinas para fazer isto...

Mesmo miúdos com a idade dos nossos?

Sim, os pequeninos do 1.º ciclo fazem coisas mais simples, por exemplo alguns brinquedos que se usam na própria escola são eles que fazem...algumas prendas para os pais. Quando entram no 2.º ano já têm aulas do trabalho...Os meninos ajudam a manter a escola em ordem. As meninas têm aulas de costura – e também fazem coisas para a escola -, depois têm aulas de cozinha.

Quando as crianças completam o ano lectivo, é obrigatório trabalhar na horta que têm perto da escola durante algumas horas.

Quer dizer que todas as escolas têm uma horta?

Sim, se não têm horta têm uma outra coisa onde se ocuparem...

Por exemplo quando as crianças entram no 12.º ano temos uma escola profissional e recebem as crianças que andam na escola normal um dia por semana...têm que participar nesta escola e quando terminam os estudos já têm alguma profissão...

Todos?

Sim todos, é obrigatório.

Mesmo os que vão para a universidade?

Sim, os meninos podem por exemplo – se têm vontade –, podem receber a carta de condução.

Na escola?

No 12.º ano. Tiram um dia por semana - juntam as aulas e têm mais aulas durante os outros dias -, e nesse dia por semana aproveita para tirar a carta.

E não se paga?

Não, não se paga. É uma grande ajuda. As crianças estão habituadas a trabalhar e nós mandamos trabalhar. Por exemplo na minha escola, plantámos flores, pepinos, tomates e depois cada turma trabalha – depende da idade -, 3 ou 4 horas por dia, mas é obrigatório.

E é uma questão de cultura, vai-se habituando a trabalhar e a dar valor ao trabalho...

E depois as crianças não estragam tanto as cadeiras, o material...

E ninguém responsabiliza...

Se acontece alguma coisa e nós reparamos, os pais pagam. Aqui nunca vi isso, ninguém se acusa.

E depois há muita “não responsabilização”...

35. Em comparação com os pais/encarregados de educação portugueses, como considera que são tratados os pais/encarregados de educação imigrantes? Porquê?
[não formulada]

36. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos pertencentes a diferentes etnias, culturas, religiões e línguas na escola? Porquê?

É bom, bastante bom. Se acontecem algumas coisas, - como o que aconteceu com o D -, é normal porque somos diferentes. Estas situações devem passar, cada um deve viver no seu país, mas como viemos para cá temos que passar por isto...somos muito diferentes! Muitos estrangeiros também não aceitam os portugueses e fazem mal. Mesmo eu agora estou a tratar de alguns assuntos no banco e é muito difícil para mim porque sou estrangeira.

Claro que nós temos que aprender mais, temos que nos integrar.

37. Da sua experiência, as escolas portuguesas, possuem os recursos adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Eu acho que funciona bastante bem. Porque por exemplo a Do, ela já fala muito melhor do que falava quando eu entrei aqui na escola.

38. Da sua experiência, as escolas portuguesas, possuem os recursos adequados e necessários à inclusão dos alunos estrangeiros? Porquê?

Tudo depende da criança, do nível, do método, de tudo... Aqui por exemplo é tudo mais fácil. Deixam a criança entrar e tentar. Na minha terra é tudo muito mais rigoroso. Agora o D vai para lá e vai fazer as provas para entrar num certo ano. Eu acho que às vezes lá é por demais, são rigorosos demais. Eu depois necessito de levar para lá um comprovativo com os anos que ale aqui estudou... lá é muito mais rigoroso.

O que eu não gosto na minha terra são estas coisas de terem de passar por tanta dificuldade para a criança entrar na escola... tem de ter todas as justificações... onde ele ficava, onde ele estudava! O D vai fazer as provas e ele sabe ler e escrever mas vai receber explicações para entrar no 6.º ano porque é tudo mais difícil... é demasiado.

39. Na sua opinião, a escola preocupa-se em valorizar a cultura e língua originária dos alunos estrangeiros ou deixa que seja apenas a família a preocupar-se com isso? Porquê?

Acho que sim, que a responsabilidade é da família.

Concorda com isso ou acha que a escola portuguesa deveria preocupar-se em valorizar essa cultura e essa língua de origem desses alunos?

Não, a escola não é obrigada. Estas coisas a família quer guardar. A única coisa que a escola pode fazer – mas é muito difícil porque vocês têm muitos estrangeiros -, é interessar as crianças sobre as culturas diferentes, mostrar coisas que existem no fundo.

Por exemplo, eu lembro-me muito bem quando estivemos a preparar doces dos países estrangeiros... porque não fazer isto?... chamar o interesse!

É pena que a Natacha não tenha cá estado no ano passado porque como sabe a escola esteve no “Projecto Comenius” com vários países e foram feitas actividades. Tínhamos a “Semana Comenius” – a semana da Itália -, em que na cantina se faziam pratos da Itália... e o ano passado quando eles cá estiveram acho que foi muito, muito importante porque os meninos viram que havia pessoas de outros países, que falam outras línguas mas que vieram e que apesar de tudo a gente os conseguia entender!... Mas foi um projecto que terminou o ano passado e que foi difícil manter.

Essas dinâmicas... trabalhamos muito à volta de um objectivo e se este objectivo acabou... acabou!

Nós temos uma parte da escola que é rigorosa e uma outra parte que serve para animar as crianças e ocupar o tempo livre o máximo possível e por isso fazemos estas coisas, para aprender uma profissão, actividades desportivas... fazemos concursos... quando as crianças aprendem e preparam alguma coisa, mostram para toda a escola... É tudo mais junto!... É outro sistema de viver, outra maneira de viver em colectivo.

Nós temos muita dificuldade em trabalhar em conjunto...

Trabalhar e depois partilhar... e por isso o D sofreu muito. Ele lá ia para a casa de amigos e eu ia lá buscá-lo e aqui não há isso. Um rapaz do Porto da Espada, o Gabriel, ele só veio uma vez à nossa casa porque as pessoas não estão habituadas... Nós entramos na casa – se é minha amiga -, eu posso passar a noite com ela mais à vontade. Vocês, por exemplo, os amigos encontram-se nos bares... nós temos as casas mais abertas e sempre convidamos os amigos... é um bocadinho estar mais no colectivo, é uma cultura diferente. Para vocês a casa é um espaço da família.

40. Considera que a comunidade local, em que actualmente se integra evidencia atitudes de tolerância/respeito/aceitação da diversidade, favorecendo a inclusão e sucesso dos alunos e famílias imigrantes? Porquê? Como?

Sim, muito.

Sentiu isso quando aqui chegou?

Sim e recebi grande ajuda e grande apoio. Apareceram mais problemas quando eu atingi um certo nível, quando comecei a andar num carro melhor...é sempre assim. Quando a pessoa está “coitadinha” todos querem ajudar, quando a pessoa evolui e cresce já não é assim...

Tanto é para vocês como emigrantes como é para nós...é igual!

É normal, mas quando cheguei senti-me apoiada.

41. Tem conhecimento de alguma iniciativa que a escola tenha desenvolvido em colaboração/parceria com a comunidade local com vista à inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias? Qual?

Não...eu não tinha tempo para participar

E nem teve conhecimento que isto tivesse ocorrido?

Lembro-me uma vez que estava a participar numa festa em Castelo de Vide, nós levamos comida e havia lá um Padre da minha terra...

Uma coisa muito particular...

42. Em que aspecto lhe parece que seria particularmente importante a colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes? Porquê?

Agora a situação económica está muito difícil. Nós temos que compreender, nós não podemos ficar igual porque é natural...por exemplo, o melhor emprego é para o português não é para o estrangeiro, é a terra deles...por isso nós temos que aceitar isto e ficar calados a trabalhar e fazer o que podemos fazer...porque estamos num país estrangeiro e não podemos aqui mandar.

Mas se tivesse que escolher assim alguma coisa que achasse que qualquer emigrante quando chega precisasse muito, e que por exemplo a escola pudesse oferecer a nível da língua...acha que poderia haver assim uma coisa que não exigisse, que não tivesse a ver com o emprego, mas que fosse importante que se fizesse na comunidade para ajudar nas primeiras dificuldades...

Vocês já ajudaram muito quando chegaram esta grande parte dos estrangeiros, agora já está tudo mais ou menos resolvido...alguns já se foram embora, outros já foram para outros países e esses que ficam, ficam porque estão já habituados e aceitam tudo como está, por isso neste momento acho que já não preciso de tão grande apoio porque já cada um decidiu. Esta onda dos emigrantes já acabou, já está tudo mais ou menos resolvido.

No seu país já nota que vem muito menos gente para Portugal e para outros países?

Do meu país já ninguém sai, já não vale a pena.

Há muitos Bielorrussos que estão a ir trabalhar para a Rússia?

Sim, sim.

E têm boas oportunidades?

Sim, é muito fácil lá receber 1000 dólares mesmo nas obras. Aqui não, mesmo nas obras nenhum patrão paga isso, na Espanha é um bocadinho diferente, as pessoas recebem um bocadinho mais.

ANEXO IV

QUADROS RELATIVOS À ANÁLISE DE CONTEÚDO

Quadro n.º 1 – *Situação escolar dos educandos a cargo do encarregado de educação*

Sujeitos	Bloco: Conhecer a situação escolar do educando a cargo do encarregado de educação	
	Categoria: Identificação e situação escolar do educando/filho do encarregado de educação imigrante	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Idade	<i>vai fazer 12 anos (E1.1.8)</i>
	N.º de anos em Portugal	<i>há 5 anos (E1.1.9)</i>
	Ano de escolaridade que frequenta	<i>No 5.º ano. (E1.1.10)</i>
	N.º de anos de frequência da escola actual	<i>Há 5 anos. (E1.1.11)</i>
	Início da escolaridade em Portugal	<i>No 1.º ano (E1.2.1)</i>
	Equivalência de estudos	<i>Ele podia, por exemplo, entrar no 2.º ano, mas eu pedi para ele entrar no 1.º ano para ele aprender a língua (E1.2.2); porque nós chegámos em Maio e estivemos aqui pouco tempo (E1.1.3); depois tinha pena disto (E1.2.4); estava a pensar que era melhor ele andar no 2.º ano porque ele aprendeu muito facilmente a língua (E1.2.5); os professores disseram-me que ele estava a perder um bocadinho o interesse porque o nível de estudos não correspondia (E1.2.6); quando estava a completar o 1.º ciclo, os professores disseram que ele estava um bocadinho sempre adiantado (E1.2.7); agora por exemplo, perdeu o interesse. Este ano baixou as notas por causa disso (E1.2.8); está habituado um bocadinho a não fazer nada! (E1.2.9); Porque os professores dizem-me agora já que como ele tem cabeça e que algumas coisas ele sabe melhor que os outros, mas sempre falta atenção nos testes e esquece-se dos pormenores (E1.2.10); aqui é mais fácil, por exemplo, se eu quero manda-lo para o 2.º ano o Conselho Executivo aceita melhor. Na minha terra era preciso fazer provas para entrar no 2.º ano, tudo muito mais complicado (E1.2.11)</i>

Quadro n.º 2 – *As concepções dos professores sobre o conceito de escola inclusiva*

Sujeitos	Bloco: Escola e diversidade étnico/cultural/linguística	
	Categoria: Identificar as concepções dos professores sobre o conceito de escola inclusiva	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Conceito de escola inclusiva	<i>é uma escola que consegue receber crianças vindas de outros países, que consegue que elas tenham uma boa adaptação e que consigam ter um percurso escolar regular. O mais regular possível. (P1.2.1)</i>

P2	Conceito de escola inclusiva	<i>A escola inclusiva em relação à inserção destes alunos no nosso sistema de ensino, terá que ser uma escola que recebe, faz o diagnóstico dos seus alunos, tem estratégias e mecanismos para que estes alunos se adaptem o mais rápido possível ao meio, à escola e que dê uma resposta rápida às suas dificuldades imediatas. (P2.1.8); há grande troca de experiências, de valores e estes aspectos podem ser, quando bem utilizados, um aspecto fundamental para todos...para a própria escola, para todos os alunos, (P2.1.11) desde que haja uma troca de experiências entre todos. (P2.1.112)</i>
P3		<i>é uma escola que tenta dar aos alunos que vêm do estrangeiro as mesmas possibilidades de terem sucesso escolar, ou seja, eles são diferentes dos outros (P3.1.10); dar todo o apoio possível para que eles consigam estar bem integrados na escola e consigam ter sucesso escolar. (P3.1.12)</i>
P4		<i>Uma escola inclusiva é uma escola que cria condições para que qualquer criança, independentemente da sua etnia, da sua condição física ou mental, possa frequentar esse estabelecimento porque estão garantidos os mecanismos de apoio que lhe permitam o desenvolvimento normal das suas capacidades. (P4.1.7)</i>
P1	Opinião sobre a inclusão da diversidade na escola	<i>Se a criança (e já me aconteceu) entrar numa sala onde há crianças de outras nacionalidades, que já lá estavam na sala perfeitamente adaptadas, a experiência acaba por ser bastante positiva. (P1.2.2) As crianças já estando adaptadas e, principalmente já falando a língua, torna-se fácil trabalhar com elas. (P1.2.3); a partir do momento em que se consegue ganhar uma certa confiança com a criança e a criança connosco, regra geral em jardim-de-infância, os meninos recebem muito bem o que é diferente (P1.2.6) No início é novo e como é uma novidade isso é sempre bom. Portanto, em jardim-de-infância receber uma criança de outro país é sempre muito salutar e é muito bom para os outros meninos também. (P1.2.7) Agora que isso trás dificuldades isso trás. E a primeira barreira, continuo a dizer, a primeira barreira é a língua, apesar de no jardim-de-infância, em idades até aos 6 anos eles aprenderem facilmente a falar a nossa língua. Aprendem primeiro a dizer que querem ir à casa de banho, aprendem a dizer que querem água e porque querem as coisas eles vão chegando à frase e conseguem aprender facilmente. (P1.2.8) Aquela família cigana, da qual aqueles meninos eram oriundos, era uma família que também já estava mais ou menos dentro da comunidade, era mais ou menos aceite pela comunidade o que também tornou a coisa mais fácil. Como o grupo era pequenino também não tive dificuldades de maior. (P1.2.10)</i>
P2		<i>Tendo em conta a globalização, cada vez mais se assiste aos alunos a circularem nos espaços geográficos com iguais oportunidades. (P2.1.9) a questão das diferentes culturas nas escolas é cada vez mais fundamental (P2.1.10) há grande troca de experiências, de valores e estes aspectos podem ser, quando bem utilizados, um aspecto fundamental para todos...para a própria escola, para todos os alunos, (P2.1.11) desde que haja uma troca de experiências entre todos. (P2.1.112)</i>
P3		<i>é ótimo e acho que não enriquece só as escolas como as próprias vivências dos alunos, porque os nossos alunos portugueses podem aprender muito também com eles. Até porque eles cada vez mais vão ter que conviver com pessoas que não são portuguesas. (P3.2.1) Sempre achei ótimo existir essa multiculturalidade. (P3.2.2) A nível pessoal, para deixarem de ter preconceitos sobre outras culturas, outras religiões até...para abrir os horizontes (P3.2.3) vão ter que conviver com pessoas e se não tiverem esse contacto, depois pode ser complicado para eles. Nesse aspecto pode ser muito benéfico, não ser a primeira vez que contactam com pessoas de outras culturas, de outras religiões... (P3.2.4)</i>

P4	Opinião sobre a inclusão da diversidade na escola	<i>Eu acho que a escola pública portuguesa não está dimensionada nem tem ainda mecanismos que permitam a integração dos jovens que tenham outras nacionalidades, sejam de outra etnia ou sejam crianças com dificuldades profundas ou mesmo crianças que necessitam de apoio a outro nível. (P4.1.8) A escola pública portuguesa rege-se muito pelo rácio aluno/professor e depois o governo não coloca na escola pessoas que possam apoiar casos pontuais que apareçam como o de um aluno que tem outra língua materna ou que tenha uma dificuldade de aprendizagem. (P4.2.1) acho que a escola não está dimensionada para fazer face à inclusão. (P4.2.2) Falta de recursos e falta de formação também. (P4.2.3) Porque uma coisa é a vontade de fazer e outra coisa é estar habilitado para o fazer, o que não acontece. (P4.2.4)</i>
----	---	--

Quadro n.º 3 – *As concepções dos professores sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística na escola*

Sujeitos	Bloco: Escola e diversidade étnico/cultural/linguística	
	Categoria: Identificar as concepções dos professores sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos na escola	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Enquadramento legislativo	<i>Dificultar, não dificulta, mas daquilo que conheço também acho que não haverá muita legislação que tenha a ver com a inclusão das crianças. (P1.2.12); quando começaram a entrar em Portugal mais meninos vindos de países de leste, é que se calhar se começou a pensar mais no assunto. Apesar de Portugal sempre ter sido um país onde vivem muitas pessoas de outros países, especialmente cabo-verdianos, angolanos, guineenses, gente que veio dos PALOP para Portugal. (P1.3.1); A esse nível, durante muitos anos, as crianças foram sendo integradas ou foram sendo postas de parte (algumas crianças), aconteceram algumas experiências de sucesso mas não foi o suficiente para se criar uma legislação. (P1.3.2); com a vinda dos miúdos de leste, com a integração nas comunidades das suas famílias, isso fez despertar e despoletar em muitos sítios e escolas e mesmo a nível governamental a necessidade de se criarem mais leis. (P1.3.3); Se as leis são bem implementadas, se existem leis específicas, eu também não tenho conhecimento. (P1.3.4); a haver essas leis, existirão há muito pouco tempo, sendo implementadas e sendo procuradas em sítios onde existe uma diversidade maior de alunos estrangeiros. (P1.3.5)</i>
P2		<i>Se bem que a legislação exista, muitas vezes o problema é a aplicação das próprias leis (P2.2.1); O que dificulta muitas vezes não é a própria legislação em si, são os mecanismos que nós usamos para chegarmos aos objectivos pretendidos. (P2.2.2); quando estes alunos chegam às escolas muitas vezes os professores têm determinadas dificuldades não porque esteja legislado mas sim porque se vêem com dificuldades na aplicação da legislação na prática. (P2.2.39)</i>
P3		<i>na teoria está pensado para ajudar os alunos. Na teoria sim, na prática nem sempre é fácil aplicarmos a legislação e nem sempre as escolas conseguem por na prática o que está escrito no papel. (P3.2.5); são uns documentos muito grandes, nem sempre é fácil ter conhecimentos, conseguir aplicar isso tudo. (P3.2.9)</i>
		<i>Eu não tenho muito conhecimento da legislação (P4.2.10); por aquilo que me é dado a observar, sobretudo com os alunos estrangeiros que tive, considero que teoricamente estão criadas as condições para tudo. (P4.2.11); Depois, na prática, as coisas não se fazem! (P4.2.12); faz-se efectivamente um projecto e explica-se qual é a razão mas depois quantifica-se aquilo e diz-se que não vale a</i>

P4	Enquadramento legislativo	<i>pena, demora-se na resposta, deixam-se andar as coisas e chega-se a uma certa altura em que as pessoas desistem, porque não vale a pena estar a tentar mais, porque dali nada vem. (P4.2.13); Com outra agravante, pois a escola portuguesa, com uma legislação pretensamente aberta, democrática e do mais avançado possível, cria expectativas às próprias comunidades, à própria família, de que a escola tem condições para fazer todo esse trabalho mas depois na prática não pode fazer isso. (P4.4.9)</i>
P1	Organização escolar	<i>Prejudicar não me parece que prejudique. No entanto, também não me parece que ajude muito. Se está feita uma legislação, se há uma organização, é adaptada à realidade das crianças e dos jovens portugueses, não tendo nada a ver com as necessidades dos alunos de outros países. (P1.3.6); Ajudaria se houvesse um apoio específico para esses alunos e que esses professores de apoio pudessem estar a tempo inteiro ou uma grande parte do dia com eles. Pelo menos de início, até que se adaptassem. E lá está, com apoio específico no que diz respeito à nova língua. (P1.4.1); Mais uma vez, se calhar, a fazerem-lhe perguntas acerca dos países deles, etc., para que estes novos alunos sentissem que as suas nacionalidades, que os seus países, as suas tradições também podem ser importantes para nós que os estamos a receber. (P1.4.2); Como as coisas estão eu acho que não. A extensão diária de aulas e as matérias que eles estão a tratar, muitas vezes não têm interesse nenhum para estes alunos. (P1.4.3); A barreira da língua também faz com que muitas vezes eles estejam desinteressados, enfadados, cansados de estar na escola e se calhar não produzem tanto quanto poderiam produzir. (P1.4.4); considero que as “boas vontades” é que acabam por fazer com que as crianças sejam integradas. Muitas vezes, em muitas escolas, acaba por ser a boa vontade do próprio professor da turma, no caso do 1.º ciclo, ou de algum professor da turma no caso de outros ciclos. (P1.4.10); Não existe nenhum apoio disponível para isso. Será mesmo uma situação de “boas vontades”. (P1.4.11)</i>
P2		<i>a maneira como a escola está estruturada não favorece efectivamente a inclusão desses alunos (P2.2.4); tem uma carga lectiva muito extensa e a escola não tem a autonomia que na prática deveria de ter (P2.2.5); devido a dificuldades na atribuição de créditos horários, da própria mobilidade entre professores dos diversos grupos (P2.2.6); não consegue dar resposta imediata a esses alunos. (P2.2.7)</i>
P3		<i>contabilizar essas horas que têm que disponibilizar para esses alunos, os quais deviam ser consideradas do ano anterior, estarem já contempladas nos horários com antecedência. Acho que às vezes há uma feitura dos horários muito em cima da hora, o que faz com que na prática seja difícil dar o devido apoio a esses alunos (P3.2.7); a nível de organização, mais da componente humana (P3.2.8); acho que não facilita muito, porque a carga horária é muito grande e tem muitas disciplinas (P3.2.10); conseguimos também dar a volta a isso, por exemplo, em disciplinas como o estudo acompanhado, a formação cívica, que podem ser aproveitadas para esses alunos tentarem desenvolver a parte da língua portuguesa. (P3.2.11); Em relação à avaliação, eu penso que também temos a liberdade para podermos avaliar esses alunos de forma diferente (P3.3.1); na prática, penso que temos todos os meios para poder avaliá-los tendo em conta essas necessidades... (P3.3.2)</i>
		<i>pela forma como foram entretanto consumadas as novas mudanças, e dado que não foram feitas em articulação, transformaram-se num factor de destabilização e de desorientação ainda maior.(P4.2.14); nós sentíamos que a escola deveria estar aberta e ter outro tipo de resposta e relacionamento com as comunidades, quer com as crianças, quer com as famílias, tudo bem ...mas o certo é que pela forma como as coisas foram feitas, e a incerteza que muitas vezes há no caminho que se pede à escola que trilhe, leva a que as próprias crianças se sintam cada vez mais dispersas neste ambiente, tornando</i>

P4	Organização escolar	<i>difícil organizar e fazer um trabalho consequente com elas. (P4.2.15); Pedagogicamente não se discute. Aquilo que se discute são articulados em termos legais, são formalismos. (P4.3.1); não há uma relação de humanidade maior, não há uma relação de participação maior, há efectivamente um individualismo maior, onde cada um para tentar fazer a coisa e deixar andar, sobretudo na integração de alunos deste tipo. (P4.3.2); Depois há experiências, inclusivamente muito giras e que foram tentadas e que são tentadas por colegas, que se fossem um pouco debatidas e articuladas, se houvesse de facto essa abertura para o diálogo e para a interacção, se calhar era possível que a escola com pouco mais que aqueles recursos que tem, desse uma resposta muito mais qualificada. (P4.3.3); Assim o que se verifica é que as pessoas se sentem cansadas, sentem-se desgastadas no meio disto e sobretudo inseguras e insatisfeitas porque não conseguiram dar a resposta que achavam que era desejada. (P4.3.4); Vive sobretudo do voluntarismo dos professores, do voluntarismo de alguns técnicos inclusivamente que se preocupam e vão ajudando, mas não é uma resposta organizada e consistente. (P4.4.10)</i>
P1	Autonomia da escola	<i>ter em conta as boas vontades que existem nas escolas (P1.4.5); dependem, regra geral, dos conselhos executivos. Se as pessoas que os constituem estiverem despertos para isso, acabarão por delegar essa tarefa a alguém que na escola tenha menos horas de trabalho. (P1.4.6) Muitas vezes isso é quase impossível, porque todos nós temos muitas horas lectivas, muitas horas não lectivas e muita coisa para fazer. Mas acabam por atribuir essa tarefa a alguém e na maioria das vezes aos professores de apoio, que não deveriam estar a dar apoio a essas crianças, ou que não as deveriam estar a receber, mas que, por algum motivo, acabam por ser eles a ser chamados. (P1.4.7); Os recursos são muito poucos e têm que ser rentabilizados. (P1.4.8); acaba por ser a nossa boa vontade, a grande maioria das vezes e alguma disponibilidade a ajudar-nos. (muitas vezes nem sabemos muito bem onde a vamos arranjar!). É isso que fará com que depois as crianças sejam integradas nas escolas e que consigam ter algum sucesso e uma integração com alguma qualidade. (P1.4.9)</i>
P1		
P2		<i>não consegue dar resposta imediata a esses alunos. (P2.2.7); não há nas escolas, normalmente, uma rápida definição das melhores estratégias a adoptar (P2.2.9); os aspectos humanos têm a ver com a questão dos créditos horários e normalmente nesse aspecto as escolas não têm recursos de professores com formação específica para atenderem imediatamente esses problemas. (P2.2.12);</i>
P3		<i>em escolas pequeninas como esta, vamos conseguindo fazer bem esse acompanhamento mais individualizado dos alunos. Em escolas maiores, dá-me a sensação que muitas vezes é um bocado “o desenrasca” no ver qual pode ser agora a solução para esse aluno... e é um bocado o que sobra, os professores que sobram, que ainda têm horas...e nem sempre são os professores mais adequados. (P3.3.4); na prática ainda há muita coisa que falha, mas há sempre muita boa vontade só que nem sempre as coisas são feitas a tempo e nem sempre com a devida consistência. (P3.3.5)</i>
P4	<i>porque a autonomia não é assim tão grande, é pretensamente uma autonomia maior mas em termos de recursos não foram minimamente acrescidos. (P4.3.5); aquilo que me dá a sensação, é que se pede à escola que tenha autonomia sobre certas coisas em que a escola não tem capacidade de gerir autonomamente, em que fica dependente de um apoio externo (P4.3.6); noutras situações em que a escola acha que pode desenvolver um projecto de outra forma e ir um pouco mais além, é automaticamente vedado pela legislação que diz que “por aí não, aí chega que aí estamos cá nós para fazer”. (P4.3.7); andamos aqui numa discussão em que quando interessa diz-se que “a escola tem autonomia para...” mas na prática sempre que quer exercitar essa autonomia, esbarra em articulados legais,</i>	

P4	Autonomia da escola	<i>sentindo que é preferível não mexer, não tentar ser diferente. (P4.3.8)</i>
P1	Modelo de imersão dos alunos estrangeiros	<i>Pelas minhas experiências, a nível de jardim-de-infância não faz mal nenhum que as crianças sejam integradas nas turmas. Temos currículos que são maleáveis, podemos hoje falar de determinadas coisas, amanhã estamos a falar de outras, trabalhamos muito a nível da expressão plástica, ... (P1.5.1); Portanto, para nós, muitas vezes, a linguagem verbal é importante mas não passamos o tempo a falar e temos outra maneira de trabalhar. (P1.5.2); A nível de jardim-de-infância eu sinto, por aquilo que eu percebo, que é muito bom que as crianças se adaptem e que vão logo directamente para a turma. (P1.5.3); Pela experiência que eu tenho, é mais fácil com crianças mais pequenas. (P1.5.6); Com os jovens é sempre complicado. (P1.5.7); Nós não podemos estar a criar turmas à parte (P1.5.8); Mesmo que eles estejam à parte em determinados momentos do dia, terá que ser só em determinados momentos. (P1.3.9); Aí deveremos tentar que exista uma compreensão entre eles e nós, quer seja pelo desenho, pela música, por aquilo que for, quer seja em inglês, visto que se forem meninos mais velhos até pode ser que alguns já tenham alguns conhecimentos de inglês. Isso pode fazer-se. Mas só neste contexto. Porque as crianças e os jovens acabam por ser todos integrados nas turmas deles e depois em determinados momentos têm um trabalho à parte. (P1.5.10); Não existem esses recursos. (P1.5.12); cantonês é que eu não sabia mesmo nada! E o que é que acontecia? Os meninos estavam nas turmas deles, eu tinha grupos de trabalho específicos. Ficava nas turmas deles. Sentava-me a trabalhar com eles à minha volta e com os meninos daquela turma. Basicamente os meninos eram chineses. Como havia uma auxiliar que era chinesa dentro da sala, havia sempre a possibilidade de fazer a ligação com os meninos que falavam esta língua. Regra geral as auxiliares eram chinesas também e só falavam chinês e muito pouco português, mas havia ali uma ligação... (P1.5.14); não dá para criar turmas só com crianças vindas de outros países... não se encontra um professor que vá lá só dar as aulas em romeno. (P1.6.3); Podes sempre pedir a um encarregado de educação ou a alguém que já esteja há mais tempo no nosso país que dê uma ajuda... (P1.6.3); Como se tem que trabalhar com a “prata da casa”, de facto o melhor mesmo é as crianças e os jovens serem integrados nas turmas deles. (P1.6.5); No início será muito complicado. (P1.6.6); Havendo no entanto a possibilidade de existir alguém que já esteja na zona, alguém que se conheça, poderemos sempre pedir, nem que seja para vir conversar com os pais, para fazer uma ponte e depois contar com a inteligência da criança e do jovem. (P1.6.7); Temos o caso de o ano passado, quando chegaram as três irmãs inglesas. Houve uma preocupação de as integrar exactamente da mesma forma, tentando ensinar-lhe o português o mais depressa possível, para que elas pudessem ser integradas nas salas delas. (P1.7.1); Não sei se é a coisa mais fácil ou se é o melhor caminho, de qualquer das maneiras foi a forma encontrada aqui para que elas mais facilmente entrassem no grupo dos outros miúdos. (P1.7.2); De início foi um choque. Principalmente para as duas meninas mais velhas que foram integrar turmas de 1.º e 2.º ciclo. É complicado tu teres na tua turma uma criança ou uma miúda pré-adolescente que olha para ti e não percebe nada do que tu estás a dizer; complica a cabeça de qualquer um...E eram inglesas! Uma língua que as pessoas ainda vão dominando alguma coisa, conseguindo dizer um “olá”, um “tudo bem” (P1.7.3)</i>
P2		<i>em termos do que é a massificação do ensino e o que é que as escolas e os professores têm ao seu alcance, cada vez é mais difícil os alunos fazerem uma plena integração inicial (P2.2.13); o diagnóstico não é feito da forma mais correcta (P2.2.15); os dados constantes nos processos que os alunos trazem não são os mais</i>

P2		<p>completos, há dificuldades em a escola se organizar só com os dados que trazem. Muitas vezes são superficiais e não muito aprofundados. (P2.2.16); se os professores que estão a fazer o seu diagnóstico e a encaminhá-los não tiverem um “à vontade” suficiente, dificulta essa inserção inicial. (P2.3.1); Da experiência que tenho, acho que deviam ser tentados outros modelos de inserção, (P2.3.2); de uma forma diferente (P2.3.3); primeiro com a adaptação ao meio, com pessoas a acompanharem-nos, a auxiliarem-nos e a trabalharem a língua portuguesa, para lhes dar um outro “à vontade” antes de irem para a sala de aula. (P2.3.4); Optar por uma fase de transição, se calhar seria o mais indicado. (P2.3.5)</p>
P3	Modelo de imersão dos alunos estrangeiros	<p>por um lado, eu acho que quanto maior for a imersão melhor...porque quanto mais contacto com a língua portuguesa melhor, mais rapidamente vão aprender, por outro lado numa fase inicial, se não percebem mesmo nada é também complicado para eles...podem sentir-se até postos de lado (P3.3.6); tenho dificuldade em responder a essa pergunta. (P3.3.7); há-de depender do tipo de aluno. Por exemplo, se for um brasileiro não haverá praticamente problema nenhum, se for um inglês se calhar não será tão difícil porque a maior parte dos professores vão falando inglês e podem ir de vez em quando explicando, no caso, por exemplo de um romeno, de um grego ou de um chinês que venha, há-de ser muito complicado fazer-se uma imersão logo total (P3.3.8); tem de se ver conforme o aluno e as suas dificuldades. (P3.3.9); Um (aluno) pode fazer logo a imersão total e enquanto que para outro aluno isso pode ser mais difícil...então para aquele aluno optar-se por outro modelo... (P3.3.10)</p>
P4		<p>quando se aceita uma criança, por exemplo que vem de um país diferente, de uma cultura diferente, deveria haver o tal grupo de apoio na escola que durante algum tempo fizesse a integração gradual dessa criança na comunidade escolar. (P4.3.9); E paralelamente que trabalhasse um pouco a língua para ela se ir a pouco e pouco habituando. (P4.3.10); baseando-nos só no processo de equivalência, algumas delas de difícil tradução e de difícil adaptação ao esquema e estrutura curricular portuguesa, acaba por levar a situações de bloqueio ... (P4.4.1); Eu tive o caso de uma aluna que me entrou na sala a partir de Maio, que se recusou a falar português com qualquer dos colegas e comigo, mas que ao chegar à escola, em Janeiro, foi colocada no 5.º ano porque a equivalência lho permitia. Como os pais fizeram um pedido para ela ser integrada num ano antes, ao qual as instâncias de decisão demoraram muito a responder, só nessa altura veio para o 4.º ano, mas não sei se ela ganhou alguma coisa com uma situação destas. (P4.4.2); Tive outro aluno estrangeiro que dizia: “- Eu quando vim para a escola já sabia falar minimamente português para tentar perceber as pessoas, porque se eu tenho vindo uns meses antes para Portugal tinha feito a mesma figura que ela está a fazer agora”. (P4.4.3); eles próprios têm a noção de que precisam de um enquadramento primeiro para serem depois entretanto largados dentro de uma escola, dentro de uma comunidade onde eles efectivamente não têm estatuto, não percebem muito bem qual é o seu papel e com hábitos absolutamente diferentes. (P4.4.4); Foi a própria família que teve essa preocupação (P4.4.5); Essa questão foi fundamental porque senão ele tinha passado ao lado de um percurso escolar que lhe permitisse, não digo a excelência, mas pelo menos atingir níveis satisfatórios. (P4.4.7); Podem ser determinantes para o seu percurso escolar futuro. (P4.4.8)</p>

P1	Valorização da cultura e língua dos alunos estrangeiros	<p><i>Parece-me que hoje em dia, no geral, a escola é capaz de estar mais preocupada em relação a isso. (P1.6.8); sempre fomos um país que recebemos cá pessoas e há muitos anos atrás, se calhar, não nos preocupávamos muito com esses alunos, a não ser em determinadas zonas do país em que houvesse, por exemplo, mais miúdos africanos. Eu tenho a certeza que na zona da Amadora, na zona da Venda Nova, que são locais onde sempre houve muitos cabo-verdianos, que existem bastantes professores que desde há muitos anos tentam fazer essa integração e que tentam fazer essa ponte. Integrando e valorizando as próprias culturas das crianças que recebiam e continuam a receber. (P1.6.9); Hoje em dia, e porque de facto houve o despertar da importância das culturas diferentes e tudo o mais, as escolas começaram a preocupar-se mais. Ao fim e ao cabo quase que são obrigadas a isso. (P1.6.11) Tentando fazer uma integração das crianças de uma forma mais preocupada (P1.6.12); a escola está a adaptar-se e a tentar melhorar as respostas, tentando de alguma forma criar estratégias, criar actividades para que os miúdos se sintam integrados o mais depressa possível. Mas a maior preocupação é ensinar o português. (P1.7.4); Eu nas minhas turmas, com os meus meninos, independentemente de haver meninos ingleses ou não haver meninos ingleses, regra geral valorizo a outras línguas. (P1.7.10); No dia a dia já tenho como prática cantar em inglês, ou fazer um jogo em inglês ou às vezes brincar e dizer qualquer coisa em inglês...E eles perguntam: "- Mas o que é que tu estavas a dizer?". Outra língua entra sempre. A brincar, em francês, faço o mesmo. (P1.7.11); como um pequeno jogo lúdico, nós conseguimos passar aos outros meninos que não somos só nós que vivemos neste planeta, não é só olhar para o nosso umbigo! Há outras crianças, há outras culturas, há outros países. (P1.8.1); No ano passado através do projecto Comenius, conseguimos passar muitas coisas dessas para os meninos portugueses. Nós falámos de um sem número de países, nós vimos bandeiras de vários países, provámos as suas comidas...essas coisas todas...Hoje em dia não sei se lhe formos perguntar, se eles ainda se lembram de muitas coisas, agora que foi interessante foi... (P1.8.2); A C no dia em que os colegas do País de Gales estiveram na nossa sala, estava absolutamente contente, estava feliz, porque ela estava a perceber o que os outros estavam a dizer e foi numa altura em que ela falava muito mal o português. Mas mesmo assim, para os amigos ali do lado, ela própria se calhar já estava a tentar traduzir. Nesse dia era ao contrário. (P1.8.3); ao nível do ensino pré-escolar isso torna-se mais fácil. (P1.8.4); Isso já aconteceu...lembro-me quando a H e o J, quando vieram para o Jardim. Em determinadas alturas nós fizemos algumas actividades com a mãe. (P1.8.5); Com pequenas actividades que podem ser canções, (e aí falo no jardim-de-infância), com desenhos que se possam tirar com uma ida à internet e onde nós vejamos o país como é que é, como é que não é...são coisas muito básicas, noções muito básicas que, como eu costume dizer, desde que lhes fique alguma coisa e que daqui a alguns anos se tiverem que estudar mais aprofundadamente nem que seja que se lembre " Mas eu já falei disto, onde é que foi isso?", desde que isso aconteça já é bom...e a minha mensagem já está passada. Já passei o que tinha que passar em relação aos miúdos. (P1.8.7); os dois meninos de etnia cigana que eu tinha no Assu, que por natureza gostavam muito de dançar, até cantavam e tudo o mais, (havia um deles que era um bocadinho surdo, mas ouvia um bocadinho e falava muito mal devido à surdez, claro...), a determinada altura, como eu gosto de música cigana, daquela que eu conheço mais comercial,</i></p>

<p>P1</p>	<p>Valorização da cultura e língua dos alunos estrangeiros</p>	<p><i>levei um CD para a escola e que de repente eles começaram os dois a dançar, e mesmo aquele que mal falava, tentou começar a cantar aquilo, porque se calhar lá em casa também ouvia. Os outros começaram todos a olhar para aquilo e às tantas, como a turma era muito pequena, eram só nove, (a turma era pequena e permitia isso) começou toda a gente a dançar... (P1.8.8); Isto não é exemplo de coisa nenhuma, são pequenos momentos, são pequenas coisas, mas de qualquer maneira mais uma vez, vai da sensibilidade de cada um ou vai do momento, daquilo que surgir na altura. (P1.8.9); Nesta escola enquanto cá trabalhei nunca houve, nada dedicado aos meninos de outras nacionalidades mas por exemplo podia-se fazer a "semana da alimentação ou da culinária romena". (P1.8.10) mas era uma forma de os miúdos que cá estão (romenos) passarem isso para os outros colegas deles, de os outros ficarem a conhecer, quanto mais não seja a dizerem: "- olha, não gosto!", porque é diferente (P1.9.1); No ano passado se me preocupei em determinadas ocasiões em valorizar determinadas coisas em relação à C, de vez em quando, se calhar, devia fazer o mesmo em relação à D e ao C. Se calhar passa-me um bocado ao lado, pois sinto que estão perfeitamente aculturados e já não passei por esse processo de ter que lhes ensinar logo no início. (P1.9.2); Eu tenho sempre essa preocupação, e tenho se calhar pela experiência que tive, por ter estado algum tempo fora e nessa altura a estranha era eu. Apesar de estar numa escola portuguesa quem era a estranha e quem era a imigrante era eu. Isso leva a que se nos abra um bocadinho a cabeça e se nos abram novos horizontes (P1.9.7); há determinadas coisas muito simples na minha cultura, onde me ensinam que é uma falta de educação acabarmos de almoçar e arrotarmos e que devemos evitar isso e pedirmos desculpa... Entretanto estou incluída numa outra cultura, vou para um local onde é exactamente o contrário. Se a criança arrota eu tenho que perceber é que ela arrotou porque ela em casa arrota e porque é assim e porque para ela ser "bem - educada" é aquilo. (P1.9.8); Há que explicar e há que perceber que nós não somos o centro do mundo, que nós temos uma forma de pensar, uma forma de agir porque nos ensinaram assim, mas que há outras crianças e outras pessoas que agem de outra forma. Se os hábitos deles são os certos ou se são os nossos nós não podemos é estar a pensar nisso, cada qual tem os seus. (P1.10.2); temos que perceber o ponto de vista do outro e temos que perceber até que ponto é que sou eu que estou certa. Estas questões deviam ser sempre desenvolvidas e devia ser sempre explicado. E não nos esquecermos disso! (P1.10.3); tem de haver um esforço muito grande dos professores (P2.3.16); ainda que dominando pouca a língua inglesa, recorrem a essa língua que é mais universal, para comunicar com os alunos. (P2.3.17); Essa barreira vai dificultar depois a acção de transmitir os conteúdos, as aprendizagens... (P2.3.18)</i></p>
<p>P2</p>		<p><i>A escola tem aqui um papel de veículo mediador. (P2.3.6); Muitas vezes não é fácil (P2.3.7); facto da própria cultura dos pais não ser a mesma, pois vêm com valores diferentes, não entendem a nossa escola, comparam como a sua escola, ... (P2.3.8); não é fácil, de imediato, estabelecer estes compromissos (P2.3.9); diferentes métodos e ao modo como as coisas funcionam em cada país. (P2.3.10); atribuir essa responsabilidade só aos pais está incorrecta, bem como só à escola. (P2.3.11); Tem que se encontrar aqui um compromisso entre escola e a família, de maneira a que todos em conjunto trabalhem de modo a encontrar a melhor estratégia. (P2.3.12); De certa forma é valorizada. (P2.3.13); Mas os professores fazem um grande esforço para ensinar a língua portuguesa (P2.3.14); ainda que por vezes possa haver rejeição de alguns alunos em falar logo o português. (P2.3.15)</i></p>

P3		<p><i>acho que a escola não se preocupa com isso (P3.4.2); acho que não se deve preocupar muito com isso, não é função da escola. Eu acho que nesse aspecto a função da escola é o contrário, é fazer com que os alunos aprendam o português e se adaptem à nova cultura (P3.4.3); acho que é totalmente responsabilidade da família fazer com que os alunos também não percam essa língua originária deles (P3.4.4); posso falar da minha experiência pessoal em França, os meus pais são portugueses e então para eu não perder o contacto com a língua portuguesa, tínhamos a Escola Portuguesa. Os meus pais puseram-me numa escola portuguesa e era o contacto que eu tinha com a língua portuguesa. (P3.4.5); é de facto a família que deve ter esse papel. (P3.4.6); em França, vivia numa cidade muito grande em que havia muita oferta, nessas cidades mais pequenas há-de ser mais difícil para os pais, mas o facto de falar em casa a língua, já é quase o suficiente para eles manterem o contacto. (P3.4.10); Agora para a escola, penso que essa não há-de ser a sua primeira prioridade (P3.4.11); pode ser engraçado fazer-se trabalhos, para os alunos até partilharem com a restante comunidade escolar as suas experiência e culturas, mas penso que a principal necessidade desses alunos é mesmo integrarem-se na cultura portuguesa. (P3.4.12)</i></p>
P4	Valorização da cultura e língua dos alunos estrangeiros	<p><i>parece-me que a escola não tem grande espaço para poder respeitar a cultura, as vivências e a origem do elemento que vem integrar-se noutra comunidade. (P4.5.1); Faz ao contrário, que é um sistema que eu considero que é, apesar de andarmos todos a não querer dizer que é, de aculturação. (P4.5.2); Eles trazem uma riqueza enorme e nós tentamos normalizar, nivelar por baixo, nivelar por aquilo que existe e esperamos que eles, se quiserem, se integrem. (P4.5.3); eu acho que não é muito correcto. Mas também não há outra forma. Com as condições que existem não é possível, honestamente, fazer um trabalho diferente, porque há uma turma, há um currículo, há um programa para dar (P4.5.4); existir um grupo que trabalhasse profundamente a questão da inclusão, de crianças que vêm de outras comunidades e são portadoras de outro tipo de culturas, dando algumas pequenas noções (às vezes basta até realçar alguns pontos), para que os professores pudessem saber alguma coisa acerca disso, em vez de ser só a discussão de articulados legais. Isso, qualquer pessoa lê e percebe (P4.5.5); acho que se perde muito tempo e muito dinheiro nessas coisas e se gasta muito pouco naquilo que deveria ser importante, que era preparar os professores para estarem abertos à inclusão de crianças diferentes, e que têm direito a serem integrados de uma forma completamente diferente. (P4.5.6); Nesta altura, Portugal é um país onde entram, por exemplo muitos jovens de leste, muitas crianças vindas de leste, cujos pais vieram, conseguiram-se ambientar e estão de facto integrados na comunidade. Mas nós não temos referências nem informação sobre a sua cultura, o seu país, a forma como está organizado o seu ensino, ... (P4.5.8); Eu não posso valorizar efectivamente alguns aspectos se eu não sei, se eu não tenho a mínima informação. (P4.5.9); E não é com uma consulta na Internet para tentar conhecer três ou quatro pontinhos acerca de uma cultura, de um país, que eu depois faço a integração de uma criança destas. É impossível. (P4.5.10)</i></p>
P1	Adequação dos manuais escolares e materiais pedagógicos	<p><i>Em Macau o sistema de ensino em português contemplava o quê? Manuais portugueses. As crianças em Macau, na escola portuguesa, muitos deles nunca tinham vindo a Portugal, e estavam a falar da Serra da Estrela, estavam a falar do Rio Douro, tal e qual como há 50 anos atrás, falava-se nas nossas escolas dos rios que havia em Angola, das estações e apeadeiros que existiam em Moçambique e muito mais. Portanto, para Macau os "Manuais Portugueses" não estavam adaptados. Em Portugal, nas nossas escolas acontece o mesmo. (P1.3.8); Na grande maioria das vezes os manuais e as matérias não estão adaptadas aos meninos estrangeiros. (P1.3.9);</i></p>

P1		<p><i>não tenho noção em relação ao que é que acontece. (P1.9.3); Se já estão manuais preparados com essas preocupações, com essas indicações, deviam ser adoptados pelos colegas que têm que fazer essa escolha dos manuais. Se ainda não há preocupação em relação a isso, então deveria passar a haver. (P1.9.4); sinceramente não tenho grandes conhecimentos em relação a isso. (P1.9.5); À medida que nós vamos tendo mais crianças diferentes na nossa sala ou que tenham uma cor diferente ou que tenham uma nacionalidade diferente, nós vamos ficando mais abertas e começamos a ter uma atitude diferente, a fazer trabalhos mais diversificados e fazermos coisas diferentes. Eu suponho que isso vai acontecendo à medida que se avança no tempo. (P1.9.6)</i></p>
P2		<p><i>só o recurso à autoformação por parte dos próprios docentes, os faz ir à procura desses materiais. (P2.2.10); não é fácil tê-los de imediato. (P2.2.11); daquilo que me vou apercebendo, há determinados manuais que já falam, já tentam fazer precisamente...incluir aspectos da cultura desses alunos estrangeiros. (P2.4.1); Alguns manuais. (P2.4.2); sei que há uma tentativa também de fazer com que de os manuais sejam um utensílio para esses alunos (P2.4.3); não posso responder com precisão. (P2.4.4); Quando os professores têm esses alunos, mesmo não sendo as suas áreas específicas, tentam por auto-recriação melhorarem as suas estratégias, o seu processo de ensino, tentam actualizar-se. (P2.4.5); O que nem sempre é fácil porque não é fácil encontrar materiais didácticos e pedagógicos ao dispor (P2.4.6) e tem de haver um investimento inicial próprio do professor. (P2.4.7); Em alguns casos. (P2.4.8)</i></p>
P3	Adequação dos manuais escolares e materiais pedagógicos	<p><i>há uma tentativa dos manuais em contemplarem isso. (P3.4.13); Pelo menos no nosso departamento de línguas, um dos critérios de avaliação dos manuais é se eles contemplam ou não essa Interculturalidade. (P3.4.14); acho que nos manuais estão a tentar fazer isso, provavelmente será mais fácil fazer isso nas línguas do que noutras disciplinas, mas penso que estão a tentar. (P3.4.17); é verdade que eles são sempre feitos para um público português, isso é verdade. Eu nesse aspecto acho que não contemplam o facto de haver, hoje em dia na escola, alunos que não sejam portugueses (P3.5.1); mas tentam contemplar o facto de hoje em dia as sociedades serem cada vez mais multiculturais. (P3.5.2); os professores têm cada vez mais essa preocupação, mas também é uma coisa bastante recente, ou seja, podem não ter ainda a preocupação suficiente, mas eu acho que no geral...quer dizer, eu penso por mim...nem sempre falámos sobre isso, mas eu tento sempre fazer coisas que estejam ligadas com a interculturalidade, sempre que possível. Por exemplo numa Área Projecto, numa Formação Cívica, porque são valores importantíssimos hoje em dia. (P3.5.5);</i></p>
P4		<p><i>Os manuais escolares, mesmo quando às vezes, surge um ou outro texto, pretensamente aberto à integração, são tratados com uma falta de rigor que não contenta ninguém. (P4.5.11); Não fica bem retratado o menino de etnia cigana, que aparece no texto porque é o “coitadinho” por quem nós temos que ter algum respeito, nem o outro, cujo pai veio de longe porque precisa de ganhar dinheiro. (P4.6.1); isto deveria merecer uma reflexão mais séria. (P4.6.2); Os professores, por outro lado e contra mim falo, quando adoptam os manuais também não estão a prever essa situação. (P4.6.3); Inclusivamente os manuais são adoptados por um período de três anos e os colegas que estavam e que entretanto os escolheram fizeram-no com a melhor das intenções mas pensado no seu “grupo alvo”. (P4.6.4); Quando surge uma criança nesta situação é difícil às vezes utilizar o manual adoptado. (P4.6.5); Isso vai de encontro àquilo que já tínhamos dito acerca da autonomia das escolas. De facto teoricamente as escolas deveriam ter autonomia para poderem adquirir materiais, equipamentos, mas no fundo estão profundamente limitadas e não o podem fazer. Aí joga o número.</i></p>

P4	<i>Entre um investimento que vem solucionar o problema de 30 ou 40 miúdos e um gasto, um bocado exagerado, para dois ou três casos que eventualmente possam existir mas que não se sabe se nos próximos anos ainda lá vão estar, a opção é clara. (P4.6.6); Também não há assim tantos materiais desses e aqueles que há, alguns são caros e necessitavam de um tratamento e de uma discussão pedagógica antes de serem usados. (P4.6.7); Acaba por ser efectivamente uma preocupação, mas pouco mais que isso. (P4.6.8); Está-se nesta altura a pensar e a redimensionar as bibliotecas num âmbito diferente, como mediatecas, pode ser que em termos futuros as coisas melhorem um bocado nesse aspecto (P4.6.9); Em termos de oferta o corredor dos circuitos é muito limitado. (P4.6.10)</i>
----	--

Quadro n.º 4 – As concepções dos encarregados de educação imigrantes sobre a forma como é feita a inclusão da diversidade étnico/cultural/linguística na escola portuguesa

Sujeitos	Bloco: Escola e diversidade étnico/cultural/linguística	
	Categoria: Identificar as concepções dos pais/encarregados de educação imigrantes sobre a inclusão da diversidade na escola portuguesa	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Opinião genérica sobre a inclusão da diversidade na escola portuguesa	<i>É bom, bastante bom. (E1.20.1); Se acontecem algumas coisas, como o que aconteceu com o D, é normal porque somos diferentes. (E1.20.2); cada um deve viver no seu país, mas como viemos para cá temos que passar por isto. (E1.20.3); Muitos estrangeiros também não aceitam os portugueses e fazem mal. (E1.20.4); temos que aprender mais, temos que nos integrar. (E1.20.6)</i>
	Recurso disponíveis para a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>Eu acho que funciona bastante bem. (E120.7); por exemplo a Do, ela já fala muito melhor do que falava quando eu entrei aqui na escola. (E1.20.8)</i>
	Modelos de imersão dos alunos estrangeiros	<i>Tudo depende da criança, (E1.20.9); do nível, do método, de tudo (E1.20.10) ; Aqui por exemplo é tudo mais fácil. Deixam a criança entrar e tentar. (E1.20.11); Na minha terra é tudo muito mais rigoroso. (E1.20.12)</i>
	Valorização da cultura e língua dos alunos estrangeiros	<i>a responsabilidade é da família.(E1.20.14); Não, a escola não é obrigada. (E1.21.1); Estas coisas a família quer guardar. (E1.21.2); A única coisa que a escola pode fazer, mas é muito difícil porque vocês têm muitos estrangeiros, é interessar as crianças sobre as culturas diferentes (E121.2), É outro sistema de viver, outra maneira de viver em colectivo. (E121.4); Trabalhar e depois partilhar (E1.21.5); o D sofreu muito. (E1.21.6)</i>

Quadro n.º 5 – Principais obstáculos e factores de favorecimento ao processo de inclusão dos alunos estrangeiros, na perspectiva dos docentes

Sujeitos	Bloco: Inclusão de alunos estrangeiros no sistema educativo nacional	
	Categoria: Identificar os principais obstáculos e factores de favorecimento à inclusão dos alunos estrangeiros	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Principal obstáculo à sua inclusão	<i>racismo é uma palavra muito forte, mas é assim... e não digo que surja dos mais pequenos – a nível das crianças e jovens... Acho que o ser diferente, o ser de uma cultura diferente é, apesar de muita gente dizer que não, difícil. (P1.10.5); não consigo encontrar outra</i>

P1	Principal obstáculo à sua inclusão	<p>palavra, apesar de racismo ser forte de mais, mas a aceitação da diferença, de ser uma pessoa de outro país, para mim continua a ser o pior (P1.10.6);</p> <p>Em escolas pequenas isso continua a acontecer e se calhar se não acontecer com o romeno ou se não acontecer com o inglês, acontece e continua a acontecer com o cigano. E continua a acontecer isso, por exemplo na escola da Portagem não há crianças ciganas...mas na escola de Bena há crianças ciganas, porque há uma grande comunidade cigana em Bena, que lá reside faz tempo e que fazem as maiores asneiras do mundo...e é uma grande barreira porque ninguém gosta dos ciganos, ninguém quer lá os ciganos (P1.11.1); esse problema continua a ser a pior de todas. Independentemente de estarmos no século XXI, independentemente de termos umas cabeças muito abertas, independentemente de tudo, mas as nossas comunidades mais pequenas, as nossas terras, as nossas vilas, as nossas aldeias continuam muito fechadas. (P1.11.2); O miúdo que ouviu falar em casa o pai e a mãe, que “agora vêem para aí esses”, é um miúdo que quando chega à escola alguém diferente, pelo menos no início, não acolhe tão bem quem vem de novo. (P1.11.3)</p>
P2		Não há dúvida que é a língua (P2.4.9)
P3		<p>à exceção de alguns alunos... nem todos... Eu já tive alunos brasileiros para os quais não era um obstáculo ou um aluno Cabo-Verdiano para quem era ligeiramente um obstáculo, mesmo assim o português não é bem o mesmo, tinha algumas dificuldades (P3.5.7); diria que o obstáculo principal é a língua (P3.5.8); Primeiro porque vão ter dificuldade em perceber as matérias, daí e necessitarem de apoio, mas depois também tenho reparado que ficam um pouco marginalizados. Como não falam bem a língua, vão juntar-se, se possível e se os houver, a outros que falam a mesma língua, e então pode haver uma certa marginalização (P3.5.9)</p>
P4		<p>Há uma coisa, muito pessoalmente, que me aflige muito. Eu não direi bem desresponsabilização, mas há aqui uma perda de autoridade muito grande na escola pública. (P4.7.1); Estes miúdos vêm habituados a coisas completamente diferentes e quando chegam sentem que há à sua volta um ambiente pouco rigoroso, mesmo em termos de disciplina, no qual eles vão ocupar o seu lugar, sentindo-se no princípio um bocado, entre aspás, “gozados” pelos colegas, mas depois “entram no jogo” e acabou. (P4.7.2); Reflectem-se depois na integração deles. (P4.7.3); Eu acho que em Portugal, se vulgarizou a ideia junto das comunidades, que a escola é o sítio onde se depositam crianças, onde nós temos o direito de exigir, mas que não temos a responsabilidade perante o comportamento que os nossos filhos têm diante dos outros elementos da comunidade escolar. E efectivamente este discurso acaba por ter consequências profundas na sociedade e na escola. (P4.7.6); Eu falo sobretudo por um dos casos que eu conheço, que é um aluno com grandes capacidades, habituado a um esquema, a uma disciplina completamente diferentes e ele era o maior crítico das situações, porque se sentia desmotivado relativamente ao pouco que lhe era exigido. (P4.7.9)</p>
P1	Outros obstáculos à sua inclusão	<p>timidez natural logo de início porque é muito complicado chegarmos a um sítio e não percebermos nada do que nos estão a dizer! (P1.11.4); as dificuldades deles acabam por ser dificuldade de se integrarem primeiro que tudo, na escola, na turma. Por uma questão de língua, por uma questão de feitio (P1.11.5); O ser “apontado” faz com que elas se retraiam e muitas vezes se vão “abaixo” (P1.11.6); Continuo a dizer que, a nível de jardim-de-infância, é sempre diferente, é sempre diferente porque nós cantamos, fazemos um jogo...eu não preciso de dizer frases muito elaboradas, completas...eu posso ir pela palavra, posso ir pelo gesto. Pode-me dizer só “água” e eu sei que quer beber água, pode aprender por exemplo “xi-xi” e não precisa de me dizer “posso ir à casa de</p>

		<i>banho, se faz favor”...(P1.11.7)</i>
P2	Outros obstáculos à sua inclusão	<i>e a própria cultura de onde vêm. (P2.4.10); Há países que têm uma cultura onde a inserção se faz mais adequadamente à nossa língua, noutras casos essa língua e essa cultura trazem consigo mais obstáculos... (P2.4.11); a questão da individualidade de cada aluno (P2.5.2); os problemas que trazem (P2.5.3);...a identificação e o diagnóstico dos seus problemas. (P2.5.4); essa diversidade de personalidade, no fundo pode levar a que surjam outros problemas. (P2.5.5); Podemos ter em mãos muitas vezes miúdos com dificuldades de aprendizagens muito específicas que nós não detectamos logo, que não vêm referenciados (P2.5.6)</i>
P3		<i>Podem ser diferenças culturais (P3.5.10); este ano com as nossas inglesas, na cantina, o comerem de maneira diferente...às vezes trazerem o almoço, o que pode ser estranho para os outros e aí os outros até podem gozar com coisas mínimas (P3.5.11) ... Pode ser um obstáculo, a forma como os alunos são educados em casa, não sendo a forma como os portugueses são educados, às vezes são até alvo de gozo (P3.5.12); Por um lado é bom, mas às vezes os próprios alunos sofrem um bocado com isso porque o que para eles é normal para outros não é normal (P3.6.1);</i>
P4		<i>é difícil acolher uma criança destas mas se houvesse uma co-responsabilização, era diferente, era mais fácil ajudar na sua integração.(P4.7.4); Eles comparam com as experiências que viveram no seu país, onde eventualmente havia um rigor diferente e uma exigência maior, onde há coisas que nem se discutiam ... (P4.7.5); Os casos que tenho levam-me a ter uma leitura que é muito limitada. (P4.7.7); Mas sinto que há crianças que chegam e se comprometem, que fazem um esforço para se integrarem, e em termos programáticos acompanharem as matérias, ao mesmo tempo que se aligeiram demais algumas situações, numa tentativa de equilibrar e normalizar, o que para elas não é motivador, é uma desmotivação... (P4.7.8); no processo de integração não basta preocuparmo-nos com o elemento que vai integrar a comunidade, com o outro. A própria comunidade tem que estar preparada, ou deve ser preparada, para receber um elemento diferente. (P4.8.1); Mas aquilo que se passa é que esses elementos caem de pára-queadas dentro de uma comunidade, onde nem os próprios colegas estão preparados para o receber, nem os pais desses próprios colegas estão preparados para entender algum trabalho que entretanto vai ter que ser feito de outra forma. (P4.8.2); Sinto é que somos demasiadamente permissivos, voluntariosos, aceitamos tudo e sentimos que realmente vamos resolver tudo, num ou noutra caso as coisas até resultam, mas depois as coisas nem sempre correm assim. (P4.8.3)</i>
P1	Principais factores de favorecimento à sua inclusão	
P2		<i>Os factores que mais favorecem a inclusão dos alunos estrangeiros na escola Portuguesa são a facilidade na aquisição da Língua Portuguesa, a adaptação desses alunos ao meio escolar onde estão inseridos (P2.4.16); a escola dispor de todos os mecanismos e instrumentos para a sinalização, diagnóstico e acompanhamento desses alunos. (P2.5.1)</i>
P3		<i>O factor que mais favorece a sua inclusão é o facto dos colegas de turma e de escola os receberem bem e os integrarem, pois nessas idades os alunos dependem muito da sua aceitação/ integração pelos seus pares para serem felizes. (P3.6.10) Para além disso é importantíssimos que eles tenham o apoio essencialmente no que diz respeito à Língua Portuguesa. (P3.6.11) Quando se trata de uma língua menos comum, como o chinês, o russo, a presença de um tradutor também era importante para facilitar o processo de inclusão, principalmente numa fase inicial. (P3.6.12)</i>

P4		<i>o facto da escola ser pequena, assim eles acabam por investir mais na relação humana, na proximidade com os colegas...e isso pode ter ajudado. (P4.7.11)</i>
P1	Possível influência de aspectos pessoais e culturais no processo de adaptação	<i>São crianças que já foram muito treinadas a nível mental...são crianças que são muito boas no cálculo, são crianças que são muito boas a nível de desenho, a nível das artes. (P1.12.1); Em termos de cultura isso já lhes foi passado, em termos do percurso escolar que lá tiveram isso também já lhes foi passado. A partir do momento em que eles consigam ter um bom relacionamento, nem que seja com um ou com outro colega português, eles começam a mostrar isso e começam a sentir-se mais à vontade. (P1.12.2); A nível das artes então ainda mais, porque ouvem concertos em casa, porque até são provenientes de famílias em que os pais tinham um curso superior, porque a maior parte até são músicos, até se interessam pela música... (P1.12.3); os miúdos cabo-verdianos, como os miúdos africanos, que no geral, dançam, tocam nem que seja batuque e eles começam logo a tocar. Com os miúdos brasileiros acontece o mesmo. Portanto a nível das artes é uma coisa que nós lhes podemos aproveitar para os incluir mais facilmente. (P1.12.4); Eu não posso, por meia dúzia de meninos que conheci, dizer que os romenos são todos assim ...(P1.12.6); Há crianças estrangeiras que têm maior aptidão e maior facilidade que os meninos portugueses para determinadas coisas, tal e qual como há portugueses que têm aptidão para outras!... (P1.12.7); É uma questão de cultura e de treino. É uma questão muitas vezes de família, daquilo que a família proporciona ou não proporciona, do que pode haver em casa ou não haver em casa, é uma questão do que a escola lhes dá ou que a escola não lhes dá. É deste conjunto de circunstâncias que levam a que a criança tenha mais aptidão para umas coisas do que para outras... (P1.12.8); Não é uma questão de nacionalidade. É da própria criança, resulta da sua evolução, dos estímulos que vai tendo também. (P1.12.9)</i>
P2		<i>Da minha experiência tem sido mais fácil a cultura dos países de leste adaptarem-se, inserirem-se logo do que a cultura inglesa. (P2.4.12); Os ingleses têm valores e uma educação, se calhar, um pouco diferentes da nossa. (P2.4.13); Tem a ver com a sua própria formação inicial, a formação dos pais e os valores que eles também vão adquirindo ao longo da sua evolução, ao longo do seu trajecto educativo. (P2.4.14); É uma sociedade diferente, com outros valores...e se calhar não aceitam tão bem as regras que são impostas por outros. Têm uma linha própria, e por isso têm mais dificuldades também em adaptar-se à nossa cultura e aos nossos valores. (P2.4.15); os que vêm de países de leste são pessoas que vêm mais dispostas a conhecer, a adaptarem-se, a integrarem valores de outros países. (P2.5.7); Já os ingleses, os alemães, que têm uma cultura muito vincada na sua personalidade, têm mais dificuldade em aceitar as regras dos outros, em adaptar-se aos novos meios para onde vão, à nova cultura de outros povos. (P2.5.8); eles vêm de países mais carenciados mas com um índice de cultura acima da média (P2.5.9); têm dificuldades económicas mas revelam um grau de educação, de valores acima da média e que torna mais fácil essa integração.(P2.5.10); os mais Europeus – ingleses e alemães – têm mais dificuldade precisamente por isso...porque têm a sua própria linha, o seu próprio valor e defendem-nos muito e mostram um pouco mais de reservas. (P2.5.11)</i>
P3		<i>o próprio facto de terem outra cultura os enriquece (P3.6.3); também em geral (nem sempre) pode fazer com que sejam alunos melhores que os outros. Temos cá casos na escola em que alunos estrangeiros acabam por ter mais sucesso escolar que os outros. (P3.6.4); Pessoas como sempre (P3.6.5); porque vêm com hábitos diferentes, levam a escola mais a sério, têm uma postura</i>

		<p><i>completamente diferente... (P3.6.6); principalmente os que vêm dos países de leste. (P3.6.7);</i></p>
P4	<p>Possível influência de aspectos pessoais e culturais no processo de adaptação</p>	<p><i>alguns alunos vêm de comunidades sem alguma dose de humildade para aceitar o que lhe oferecem, numa postura de superioridade, “eu pertenço a uma comunidade superior e como tal eu aqui só tenho direitos...não me peçam deveres porque a escola é que tem que se adaptar a mim...” (P4.8.4); Para ser claro, os ingleses, que aparecem, muito convictos dos seus direitos e muito pouco preocupados em se adaptarem minimamente à nova realidade. (P4.8.5); Já os elementos que vêm de países de leste, que passaram por algumas dificuldades, que estão numa fase de integração aqui, é precisamente o contrário. Eles vêm numa de aceitar humildemente as situações que se lhe colocam e de colaborar para que os filhos tenham “um amanhã melhor”! (P4.8.5); Dá-me a sensação que os elementos das comunidades inglesas, e se calhar também de outras zonas da Europa central, entendem a passagem pela escola portuguesa como um tempo de transição, passam por cá para regressar. Os outros, pelo contrário, sentem que têm que se impor para singrar, e efectivamente singrarão, aqui como noutra sítio qualquer, se estiverem habilitados para isso.(P4.8.6); A minha referência é uma comunidade bielorrussa e uma comunidade inglesa. E o que eu sinto é que a comunidade bielorrussa veio para aqui para organizar a sua vida, fugindo aos problemas económicos que tinha mas com uma força muito grande de integração, uma capacidade de trabalho grande e com o desejo que o seu filho possa evoluir aqui e um dia, eventualmente, até fazer um curso superior lá ou noutra sítio qualquer. Mas perspectivando o futuro de uma forma diferente. A comunidade inglesa que eu conheço chega aqui, pretensamente detentor de uma cultura e de um conhecimento que não têm na realidade, inclusivamente do seu próprio país, falando de experiências que eventualmente se terão passado e nas quais elas estarão envolvidas, mas que depois nos apercebemos que não é bem assim e cujas crianças já tiveram problemas inclusive no seu país de origem. No entanto, dada a permissividade e o voluntarismo da escola portuguesa, eles sentem-se com o direito de dar ordens, de falar como se viessem de uma realidade superior e nós estivéssemos aqui ainda a “pedalar muito para lá chegar”! (P4.8.7); Acabam por influenciar muito. (P4.8.8);</i></p>
P1	<p>Sugestões para o favorecimento do processo de inclusão dos alunos estrangeiros</p>	<p><i>Eles foram e estiveram a dançar, estiveram a cantar, estiveram-nos a mostrar como é que era a sua cultura. Os meninos timorenses da escola naquele dia estavam um bocadinho mais em destaque em frente das outras seis ou sete nacionalidades, todos a assistir a uma coisa que os timorenses lá foram mostrar e que ficámos a conhecer. (P1.13.2); A determinada altura – eu fazia parte de um rancho folclórico, alguns dos membros do grupo tinham crianças na escola, filhos, netos, primos...- e então o grupo de Danças e Cantares do Clube de Macau também foi à escola mostrar aos outros meninos, chineses, tailandeses, essa gente toda, fomos à escola cantar uma ou duas músicas portuguesas, fizemos umas danças portuguesas, os meninos dançaram connosco, mostrámos os trajes tradicionais...ou seja, com uma dança ou duas conseguiu-se mostrar coisas diferentes, de culturas diferentes, de países diferentes...isso se calhar é muito banal mas acaba por poder ser bem aproveitado e acaba por ser bom. (P1.13.3); as fotografias vindas de casa é uma ideia tão simples, tão simples, mas se houver uma exposição de fotografias na escola, se calhar já mostra um bocadinho da sua cultura. (P1.13.4); para os filhos era uma forma de estarem mais satisfeitos porque tinham a mãe ali e para os outros meninos também era salutar, porque sendo uma pessoa diferente que estava ali, que estava na sala os outros meninos apreendiam outros valores e gostavam muito. (P1.8.6)</i></p>

P2		<p><i>Primeiro rentabilizar melhor os recursos existentes na escola (P2.5.12); Falo em termos de professores que falem a mesma língua (P2.5.13); ou até de outros técnicos que a escola possa disponibilizar. (P2.6.1) Tentar inseri-los primeiro no meio, transmitir-lhes valores de adaptação e depois então colocá-los nas salas de aulas com o devido acompanhamento. (P2.6.2) Depois de diagnosticada a sua situação, as suas necessidades e capacidades, integrá-los nas salas mas com os mecanismos que são necessários (P2.6.3); acompanhá-los nas aulas junto da turma para que não haja um grande choque.(P2.6.4); Começaria por uma fase de transição, que se centralizava, primeiro na aquisição da língua, para tornar mais fácil a aprendizagem dos conteúdos. (P2.6.5); nas disciplinas curriculares o professor não tem que ser um especialista da língua, e tendo em conta que há inserção total na turma, o professor não consegue dar muita atenção a esse tipo de problemas. Portanto, tem de haver um reforço, um complemento, um acompanhamento individualizado do aluno dentro da sala de aula para que essa barreira seja mais fácil de transpor. (P2.6.6)</i></p>
P3	Sugestões para o favorecimento do processo de inclusão dos alunos estrangeiros	<p><i>vi no outro dia, que tinham feito um inquérito a uma funcionária que também é oriunda de um país de leste...acho que é giro fazer essas iniciativas para os alunos conhecerem o meio de onde vêm os outros colegas. (P3.6.10); Eles próprias darem a conhecer a sua cultura, acho que é uma boa forma de inclusão. Os alunos portugueses também têm algum interesse em conhecê-los melhor. (P3.6.11); é bom, cada um deles ir à procura do "outro"...tentar conhecer melhor o "outro". (P3.7.1); Outra iniciativa que pode ajudar é essa Acção de Formação que vais haver sobre a Interculturalidade, acho que também é bom, porque se o professor tiver consciência da importância da diversidade e como isso pode ser benéfico, acho que também passa depois para os alunos. Se o professor não pensa minimamente sobre isso e não reflecte sobre isso, os alunos também não vão reflectir. Agora se nós acharmos isso muito importante, facilmente conseguimos passar isso para os alunos. (P3.7.2)</i></p>
P4		<p><i>é natural que algumas dessas crianças, durante o seu período de integração, tenham necessidade de um acompanhamento psicológico em certas alturas.(P4.9.1) mas na prática as coisas não se passam assim, e nenhuma escola tem um gabinete que possa fazer este acompanhamento. (P4.9.2) têm sempre algum receio no início, o que é natural, trazendo algumas defesas acrescidas em relação ao desconhecido (P4.9.3); se fossem acompanhadas psicologicamente, beneficiavam e muito na sua integração. (P4.9.4); Não é só esta escola, onde eu estou agora, que tem crianças estrangeiras, não sou só eu, o professor que está nestas condições, por isso deveria ser criado um espaço, pelo menos informalmente, para haver uma troca de experiências. (P4.9.5); Eu não sou obrigado a estar desperto para um problema com o qual nunca fui confrontado. Mas quando sou confrontado com ele fico um bocado, como toda a gente, à espera de uma "tábua de salvação", onde é que me vou agarrar? Como é que as coisas são?... (P4.9.6); há aqui um problema relativo à aquisição de alguns materiais por parte de uma escola de forma isolada, podem ser realmente difíceis de adquirir, pelos custos, mas se calhar, se houvesse um agrupamento de três ou quatro escolas, numa parceria entre elas, poderia facilitar essa compra.(P4.9.7); se as coisas estivessem organizadas de outra forma e houvesse um centro de recursos para uma área, mesmo que não fosse muito extensa, há investimentos que se justificavam e onde eu sabia que poderia recorrer nestas situações. (P4.9.8)</i></p>

Quadro n.º 6 – Processo de inclusão do educando/filho no ensino básico nacional, na perspectiva dos encarregados de educação

Sujeitos	Bloco: Inclusão do educando/filho do imigrante	
	Categoria: Conhecer o processo de inclusão do educando/filho do imigrante na escola portuguesa	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Primeiros dias de aulas (medos, receios e inquietações dos pais/encarregados de educação)	<i>as relações com as outras crianças (E1.3.1); Como vão receber os estrangeiros (E1.3.2); Como vão receber os estrangeiros (E1.3.3); nesta idade é muito fácil aprender a língua (E1.3.4)</i>
	Primeiros dias de aulas (medos, receios e inquietações dos filhos/educandos)	<i>Não tinha medo de nada e gostava imenso (da escola) (E1.4.14); tinha muitos amigos e aceitava a escola como um sítio onde a criança gosta de estar, porque ele estudava muito bem (E1.4.16); Não tinha, ele já falava bastante bem (E1.5.1); quando chegámos recebemos um certo apoio do lado dos portugueses (E1.5.2);</i>
	Adaptação à escola, colegas e professores	<i>Em algumas situações. (E1.3.5); Nós uma vez voltávamos para casa no carro íamos atrás do autocarro e vi que quando alguém abria a porta do autocarro, alguém puxava a mochila do meu fi (E1.3.6); e depois alguém falou...ele saiu do autocarro e ele chorava muito (E1.3.7); Nós passámos e ele gritava e dizia: “detesto...detesto!” (E1.3.8); Depois eu percebi o que se passavaP2. Ele dizia que uns lhe bateram no autocarro (E1.3.9); Havia algumas situações, mas ele não contava muito, escondia muitas coisas porque depois tinha medo que fossemos à escola tratar do assunto e ficava mal para ele (E1.3.10); hei-de de dizer, eu não gostava muito de falar destas coisas (E1.3.11); falava com ele e dizia-lhe que entre os alunos acontece estas coisas, estas situações...que é preciso tratar com calma (E1.3.12); Não prestava atenção a estas coisas de discriminação. Mas havia estas situações e passados alguns anos contaram-me mais histórias (E1.3.13); (E1.3.14); Não prestava atenção a estas coisas de discriminação. Mas havia estas situações e passados alguns anos contaram-me mais histórias (E1.4.1); (E1.4.2); com dois rapazes que vieram este ano (E1.4.3); Estes rapazes estão nesta escola só este ano (E1.4.4); não gostas do D? (E1.4.6); Porquê? (E1.4.7); - Não sei! (E1.4.8); Mas eu estava a falar com o D em casa por causa disto e também tentava explicar...nas turmas, em todo o lado acontecem estas coisas (E1.4.9); devia tentar passar por esta situação com calma (E1.4.10); devia tentar passar por esta situação com calma (E1.4.11); eu não posso dizer que é por causa de ser estrangeiro, não posso dizer! (E1.4.12); como o D aqui entrou no 1.º ano, os que estão sempre juntos, eles já não o consideram diferente...estes novos, não sei porquê, mas seria alguma situação (E1.4.13); as dificuldades apareceram um bocadinho depois e pelas crianças mais velhas (E1.4.15); Ele tentava tratar de resolver estas coisas sozinho (E1.5.4); Ele já está habituado a resolver as situações há maneira dele (E1.5.5); Físicas não, só verbais. (E1.7.6)</i>
E1	Possível influência de aspectos pessoais e culturais no processo de adaptação	<i>Essas características ele recebeu durante este tempo de estudos aqui (E1.5.6); ele antes era diferente, era mais aberto, estava mais à vontade (E1.5.7) agora é mais fechado...e está com mais cuidado às pessoas (E1.5.8), ele uma vez disse-me “óh mãe, eu agora já não acredito mais nas pessoas...porque agora falam contigo bem mas amanhã podem enganar...” (E1.5.9); Está desconfiado mas está muito mais calmo e muito autónomo (E1.6.1); coisas que acontecem na escola, ele tenta resolver sozinho. (E1.6.2); lá em casa – como trabalhamos muito, ele está mais tempo sozinho, sabe fazer comida, sabe arrumar as coisas, sabe muito...é muito autónomo. (E1.6.3);</i>

E1	Possível influência de aspectos pessoais e culturais no processo de adaptação	<p><i>muito rápido e fala muito bem. (E1.6.4); Ajudou-o. (E1.6.5) Ele está habituado a trabalhar (E1.6.5) ...quando entrou nesta escola, ele já sabia fazer coisas da escola, não precisava de mandá-lo fazer isto, não precisava de o obrigar...já era mais organizado. (E1.6.6); vem da própria escola... (E1.6.7); muito mais. (E1.6.8); Eu não posso dizer que é por causa disto, por termos vindo para cá...mas eu antes nunca tinha pensado que ele ia ser assim... (E1.7.10) Não posso dizer... (E1.7.11); Quando a criança está mais aberta isso ajuda muito... (E1.8.1); Há pessoas que não prestam tanta atenção a estes pormenores e é mais fácil...e ele era assim antes... (E1.8.2); está mais fechado... (E1.8.3); Parece mais adulto, parece que tem mais uns anos. (E1.8.4); não dá só importância ao que se passa na escola, mas também ao que se passa em casa (E1.8.4), nós andamos a trabalhar dia e noite para resolver situações económicas e isto também contribui... (E1.8.5); nós não tivemos nenhuma segurança na vida (E1.8.6) andamos a trabalhar e ele sempre ficava sozinho... e por exemplo agora quando estamos a falar, ele percebe muito bem o difícil que é ganhar dinheiro! (E1.8.7)</i></p> <p><i>O que é isto de estar no estrangeiro e trabalhar aqui como nós trabalhamos, isto também ajudou na “maneira de ser” (E1.8.8)</i></p>
----	---	--

Quadro n.º 7 – Principais obstáculos e factores de favorecimento ao processo de inclusão dos alunos estrangeiros, sob a perspectiva dos encarregados de educação imigrantes

Sujeitos	Bloco: Inclusão do educando/filho do imigrante	
	Categoria: Identificar os principais obstáculos e factores de favorecimento encontrados pelas famílias e alunos imigrantes aquando da inclusão na escola portuguesa	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Principal obstáculo à sua inclusão	<i>A maior dificuldade, foram estas coisas de relação. (E1.6.9); só este ano. (E1.7.1) Porque ele andava com vontade e nunca tinha problemas com colegas na turma (E1.7.2, só quando apareceram estes dois rapazes é que apareceram os problemas (E1.7.3); eu acabei por falar com o professor em algumas situações... (E1.7.4); este ano mesmo ele não tinha vontade. (E1.7.5) Físicas não, só verbais. (E1.7.6); “tenho medo de dizer alguma coisa...” (E1.7.7);</i>
	Outros obstáculos	<i>O carácter...cada um tem o seu carácter. (E1.7.8) O meu estava muito aberto, muito mimado, muito vivo. Agora está completamente diferente. (E1.7.9)</i>
	Factores de favorecimento à sua inclusão	<i>E depois do lado dos empregados (E1.8.11); lembro-me quando a Paula estava sempre a ligar (E1.8.12); Eu estava preocupada e depois ela disse-me “não te preocupes muito porque todos são assim!...” (E1.8.13); as pessoas não fizeram diferenças se era estrangeiro ou não. (E1.8.14); Nunca senti aqui discriminação...só ajuda e apoio. (E1.8.15); Ele nunca se queixava, nuncP2. (E1.8.16); Do lado dos professores, dos empregados...nunca vi nenhuma situação que eu não gostavP2. (E1.9.1)</i>
	Sugestões de iniciativas com vista a favorecer a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>nós fazemos, é obrigatório, fazer festas pequeninas, por exemplo, beber o chá nalguma sala (E1.9.3); Cada Director de turma tem obrigação de fazer estas coisas...juntar as crianças o mais possível (E1.9.4); Podiam preocupar-se também com esta integração (afectiva). Eu, quando estava a trabalhar na escola, era também Directora de uma turma e nós sempre fazíamos algumas excursões, festas, ...Eu estava obrigada a fazer isso e o Conselho Directivo sempre controlava o que eu estava a fazer durante esse mês para criar o cultivo das relações (E1.9.5); O Conselho Executivo tem, por exemplo, uma caderneta onde eles controlam as coisas que eles fizeram, o que eles pensar</i>

E1	Sugestões de iniciativas com vista a favorecer a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>fazer...organizar algumas festas entre eles, cada turma tem a sua vida própriaP2. (E1.9.8); Coisas estéticas (E1.10.1); por exemplo, o “Dia da Mulher” na minha terra cada turma está a preparar um concerto para as mães...as mães são convidadas e depois os filhos fazem os bolos, preparam o concerto um pode cantar, o outro pode tocar um instrumento... (E1.10.2); Nós (pais) estamos obrigados a juntarmo-nos e a fazer reuniões entre turma com os pais e as crianças também (E1.10.3); Fazemos mais estas festas (E1.10.4); porque quando a criança não está muito interessada em ficar nesta aula, fazemos mais coisas para animá-los...para estabelecer relações (E1.10.5); com o D, eu nunca vi aqui mesmo entre turma, nenhuma actividade dessas. (E1.10.6); No princípio, no 5.º ano nós mandamos, mas depois no 7.º ou 8.º ano as crianças já fazem estas coisas sozinhas (E1.10.7); Fazem concursos entre as turmas e por isso a vida é um bocadinho mais animada na escolP2. (E1.10.8)</i>
----	---	---

Quadro n.º 8 – Caracterização da relação entre a escola e as famílias imigrantes na perspectiva dos docentes

Sujeitos	Bloco: Relação escola/família	
	Categoria: Caracterizar a relação entre a escola e as famílias imigrantes na perspectiva dos docentes	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Caracterização geral	<i>Pela minha experiência, eu não tenho tido problemas...às vezes se calhar há uma coisa ou outra que não concordamos, mas o que eu posso dizer de mim, é que não tenho tido problemas. (P1.13.5)</i>
P2		<i>A escola em feito um esforço para se relacionar com esses pais (P2.6.7); embora não seja muitas vezes fácil. Porque os pais também têm a sua vida e as suas dificuldades em se movimentarem neste país e muitas vezes não dispõem do tempo, que se calhar que era necessário para irem à escola, para atenderem a esses problemas. (P2.6.8); Por outro lado a escola, muitas vezes, está sobrecarregada com outros problemas, dos nossos alunos, e não tem capacidade de resposta para atender a esta diversidade de alunos e de pais. (P2.6.9);</i>
P3		<i>Em geral eu penso que o relacionamento é bom. (P3.7.2); temos é também que tentar tratar esses miúdos como tratamos os outros. (P3.7.3) provavelmente vai-se falar muito mais sobre a dificuldade que têm sentido em integrar-se, mas falaríamos se fosse outro aluno, se fosse um aluno português que tivesse dificuldades, falaríamos na mesma, contactaríamos mais vezes com os pais, etc. (P3.7.4); nos anos que tenho de serviço foi sempre boa. (P3.7.5)</i>
P4		<i>A escola pretensamente pretende ter um relacionamento privilegiado com estas comunidades familiares mas depois na prática acaba por não o poder fazer e depois joga de extremo a extremo. Nuns casos quase de forma quase servil e noutros, numa tentativa exagerada de normalização (P4.9.10); Isto faz com que a escola, não é na questão da integração, da solidariedade e do voluntarismo, mas noutra fase, tenta associar a inclusão à normalização, fazendo uma inclusão indiferente (P4.10.1)</i>
P1		Factores que condicionam a relação escola/famílias imigrantes

P1		<i>Essas questões de organização é o que muitas vezes podem criar alguma barreira... (P1.14.5); Por exemplo vamos a uma visita de estudo, eu mando para casa um papel em português, logicamente que não percebem...eu tenho que ter forma de chegar a essas pessoas, ou pedir a alguém que traduza ou chamar cá e explicar por gestos, ou da forma que for...mas tenho que ter essa sensibilidade para perceber que se eu estou a mandar para lá um papel eles não vão perceber coisa nenhuma! (P1.14.6); eu tento ter algum cuidado, não quer dizer o consiga sempre, nem sempre se agrada a “gregos e a troianos”, mas tem que se ter algum cuidado nessas coisas. (P1.14.7)</i>
P2		<i>Além da massificação do ensino (P2.6.10); a escola seja vista pela sociedade como o único órgão, único agente educativo, que tem que dar resposta a tudo e a todos. (P2.6.11); Mas na prática a escola não tem essa capacidade. (P2.6.12); é difícil para a escola, muitas vezes, resolver todos os problemas, ainda mais quando, na maioria das vezes, os pais também se alheiam desses problemas. (P2.6.13) a escola não consegue resolver por si só essas dificuldades e quanto mais se massifica mais se torna difícil de resolver os problemas. (P2.6.14)</i>
P3	Factores que condicionam a relação escola/famílias imigrantes	<i>No caso dos pais das miúdas inglesas, o facto de eles não falarem a língua portuguesa, complica. No meu caso, só não complicou porque eu falo a língua deles. Eu estou a imaginar que se eu fosse professora de matemática, iria ser muito mais complicado entrar em contacto com estes pais. (P3.7.8); pode ser mais complicado contactar e provavelmente no início, há-de também ter sido complicado também com os pais dos romenos. (P3.7.10); A língua pode ser um entrave no contacto com a família... (P3.7.11); Mas há que tratá-los sempre de maneira igual, o que nem sempre é possível. (P3.7.12); Os factores são mais ou menos os mesmos que causam entraves nos outros casos...que é os pais trabalharem e não poderem vir à escola (P3.8.1); para além da questão da língua, que é o maior obstáculo. (P3.8.2)</i>
P4		<i>Isto tudo faz com que fiquemos muito dependentes da forma como essas mesmas comunidades depois se esforçam para se integrar ou não. (P4.10.2); Não estou a culpar a escola. A escola não tem capacidade para dar uma resposta qualificada a todos os casos que lhe aparecem. Mas como não é politicamente correcto dizer que a escola não tem capacidade para... a escola tem que mostrar que tem capacidade. E depois na prática, o resultado é um esforço muito grande, porque para além de um voluntarismo há, de facto, um empenhamento pessoal de muitos docentes e inclusivamente da própria comunidade escolar. (P4.10.4); confundimos os papéis.(P4.10.5); A questão da língua às vezes é essencial. (P4.11.2); é também uma questão de tempo (P4.11.3); Quase não há tempo para que eu possa ter uma reunião com os pais, de uma forma equilibrada. Porque não há hipótese de eu ser substituído, apesar de as horas em que os pais podem vir à escola são as horas em que eu estou a leccionar. Mas depois nas outras não lhes dá jeito e depois não têm a onde deixar os miúdos...e isto é aqui uma questão de encontro. (P4.11.4); também não há espaços nas escolas (P4.11.5); às vezes precisava de ficar na minha sala um pouco mais, mas não posso porque com a ocupação dos tempos não lectivos aquele espaço físico continua a ser ocupado. (P4.11.5); Não cooperamos, nem nos conhecemos bem. (P4.12.7)</i>
P1	Envolvimento dos encarregados de educação imigrantes na inclusão dos descendentes	<i>Os pais dos miúdos estrangeiros é claro que são pessoas ansiosas, é claro que não sabem como é que os meninos vão reagir à nova escola, vão ter que estar a confiar num estranho que, ainda por cima, tem uma cultura diferente, tem uma língua diferente, que não sabe como é que vai lidar com a sua criança... (P1.15.9); São pessoas preocupadas mas são preocupadas regra geral no início, quando eles se apercebem que tudo correr bem, se não houver problema nenhum, se a criança se está a adaptar, se a criança</i>

P1		<i>quiser vir à escola e não chorar em casa, eles ficam satisfeitos e deixam de aparecer tanto, vêm em situações pontuais...e aí vêm mais que os outros pais, os portugueses. (C:16.2); Se eu marcar uma reunião, os pais dos meninos estrangeiros, regra geral, aparecem todos (não sei se os ciganos fariam isso), mas de qualquer das maneiras e pela experiência que eu tenho, os pais dos meninos estrangeiros aparecem sempre. (P1.16.3); Essas pessoas, como não comunicam tão bem com a comunidade, precisam de vir para saber o que é que se passa, para tentarem entender, para perguntarem se tiverem alguma dúvida. (P1.16.4); Fazem isso de início, depois deixam de ter as preocupações naturalmente como os outros todos. (P1.16.5)</i>
P2	Envolvimento dos encarregados de educação imigrantes na inclusão dos descendentes	<i>depende da origem dos pais. (P2.7.4); Pais que tenham ou que encaram como importante a proximidade com os filhos, a preocupação de os acompanhar, que têm esses comportamentos, vão mais vezes à escola, falam mais com os professores, preocupam-se mais em resolver os problemas. Outros pais de outro tipo de culturas, exigem da escola mas não fazem essa aproximação, esse esforço no sentido de estar presentes, só sabem responsabilizar a escola... (P2.7.5); Não taxativamente a 100% mas de uma forma geral poderemos tirar essa conclusão daí (P2.7.6); Acho que se pode generalizar. (P2.7.7)</i>
P3		<i>Em geral os pais dos miúdos que vêm de leste são pais interessados...o que ajuda, por isso é que provavelmente os alunos também têm os resultados que têm, porque têm pais interessados... (P3.7.6); têm sido interessados, têm vindo sempre que eu peço, por isso, no geral, acho que as relações são boas. (P3.7.7); os que vêm dos países de leste, é um facto (e contra factos não há argumentos), que se adaptam muito mais rapidamente. (P3.8.9); os pais dos alunos romenos, se não me engano, já nos contactam em português. Por isso os pais também conseguiram ultrapassar a barreira da língua mais facilmente. (P3.8.10); eu também gostava de saber responder, mas eu não sei ao que é que isso se deve...Acho que se deve ao facto de nós não falarmos romeno, ou seja, ao não falarmos a língua deles, essa pessoa tem que tentar aprender a nossa para comunicar. (P3.8.11); No caso dos ingleses, não sei se é por nós falarmos um pouco de inglês, eles sentem que não precisam...e então ao não precisarem não fazem esse esforço (P3.8.12); ... os que vêm dos países de leste aprendem a falar muito rapidamente a nossa língua. (P3.8.13); Esses países parecem ser muito mais abertos ao exterior (P3.9.1); os países Anglo-Saxónicos, porque eles próprios sabem que os outros falam a língua deles e então desde pequeninos nunca devem ter sentido essa necessidade de serem eles a ter que aproximar-se do outro e ter que falar a língua. (P3.9.2)</i>
P4		<i>os pais que vêm dos países de leste estão mais atentos, os outros não se preocupam tanto com o rendimento escolar dos filhos. (P4.12.10)</i>
P1		Sugestões para a melhoria das relações entre escola/famílias

P1		<p><i>não acontece (P1.15.3); Fazemos muitos floreados, muita festa e é tudo muito bonito e depois quando se sentam finalmente, começa-se a ouvir os pais a dizer: "ai, mas eu pensava que isto era daquela forma e da outra..." (P1.15.4); tem de haver uma consciencialização nossa enquanto educadores, professores, enquanto escola, de que vamos receber aqui crianças que exigem outra atenção, pelo menos no início. Nós devemos ter estruturado a forma como é que nós funcionamos e depois vamos criar formas e pólos de entendimento, linhas de convergência com os pais, para não estar a divergir. (P1.15.5); a parte mais importante da relação com os pais é explicar tudo bem logo de início. (P1.15.)</i></p>
P2		<p><i>Primeiro dando à escola e aos professores uma credibilidade tal que eles se sintam moralizados e com disponibilidade para fazer esse trabalho (P2.6.15); que muitas vezes é trabalho extra. (P2.6.16); promover uma aproximação entre professores/escola, pais, comunidade no geral, serviços de apoio, acção social escolar, assistentes sociais, ...pois temos que trabalhar em conjunto para encontrar as soluções, porque os professores sozinhos não conseguem. (P2.7.1)</i></p>
P3	Sugestões para a melhoria das relações entre escola/famílias	<p><i>ou o professor fala a língua, e podem falar nessa língua (seria de evitar mas quando tem que ser... (P3.8.3); No caso do inglês não é muito difícil. Mas se tivéssemos uns pais chineses, por exemplo...seria muito complicado. Ou teríamos que recorrer a um interprete, que aqui não há (em meios pequeninos também não há-de ser fácil, em locais maiores será fácil encontrar mas aqui será complicado), ou então, se o próprio filho, se os próprios alunos já dominam um bocadinho a língua, servirem eles próprios de interpretes. (P3.8.4); temos que colaborar todos uns com os outros porque trabalhamos todos para o mesmo. (P3.8.5); A relação deve ser construída na base da colaboração. Nós temos que ver que queremos o melhor para os miúdos e os pais, à partida, também querem o melhor para os miúdos, por isso é associarmo-nos e colaborar para tentar, em conjunto, ver quais as melhores soluções para cada um dos miúdos.(P3.8.6); Nem sempre é fácil porque pode haver pais que acham que o que nós estamos a fazer não é o mais certo. (P3.8.7); nós temos formação para decidir o que será melhor...mas às vezes temos que explicar.(P3.8.8)</i></p>
P4		<p><i>É importante que os pais sintam que os professores não estão constantemente a avaliar a sua capacidade de compromisso e de envolvimento na educação dos seus filhos, porque grande parte destes casos quando são chamados à escola há um problema grave ou então, se nós não expomos bem as coisas, ficam a pensar que estamos a por em causa a sua capacidade de fazer, de ajudar. (P4.11.6); Era importante que a escola sentisse e percebesse um bocado o nível de expectativas que os próprias pais têm em relação ao percurso do seu filho e em relação à escola. (P4.11.7); E isso só se pode fazer com alguma informalidade (P4.11.8); poderia haver algumas actividades no sentido de trazer os pais à escola sem a obrigatoriedade de que com a sua vinda aquilo tivesse que resultar numa coisa qualquer! Só virem por virem, porque é importante! (P4.12.1); isso tem de ser gerido muito com base nesta informalidades, nestas pequeninas coisas, num sorriso aqui, numa brincadeira ali, na partilha de uma refeição ou outra coisa, que baste para nos conhecermos. (P4.12.4); As pessoas sentem-se demasiadamente julgadas e observadas. Se houvesse um clima de maior abertura, aí sim, se calhar vinha mais ao de cima efectivamente o relacionamento que existe entre eles, o grau de exigência, etc. (P4.12.5); Para todos os pais, porque começa a haver um clima de desconfiança muito grande entre as partes. (P4.12.6)</i></p>

Quadro n.º 9 – *Caracterização da relação entre a escola e as famílias, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes*

Sujeitos	Bloco: Relação escola/família	
	Categoria: Caracterizar a relação entre a escola e as famílias imigrantes na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Primeiras impressões sobre a escola portuguesa	<i>bonita. (E1.17.1); na minha terra os gabinetes estão todos direitos... (E1.17.2); (arquitectura soviética) Sim. (E1.17.3); Nós só juntamos as mesas quando fazemos algumas aulas diferentes (E1.17.4); Só juntamos as mesas para dar uma aula diferente, por exemplo quando é preciso trabalhar em grupos, mas isto não é normal. (E1.17.5)</i>
	Principais dificuldades encontradas	<i>A língua. (E1.17.6); Não tinha tempo para aprender. (E1.17.7); Foi a ouvir (E1.17.8); agora obrigo-me a ler em português. (E1.17.10); Às vezes leio livros russos e obrigo-me a ler mais português. (E1.17.11); Tentei sozinha. (E1.18.1); Alguns portugueses ajudaram-me muito para eu compreender algumas coisas (E1.18.2); Tentei sozinha. (E1.18.1); Alguns portugueses ajudaram-me muito para eu compreender algumas coisas (E1.18.2); Quando vim a primeira vez não falava, ajudaram-me. (E1.18.4); eu sempre confiei nos portugueses... (E1.18.5)</i>
	Dificuldades Actuais	<i>Não. (E1.18.9); Sim. (E1.18.10)</i>
	Comparação entre Portugal e país de origem	<i>É uma vergonha quando uma criança recebe no final do ano negativas. (E1.12.1); Para a família e para todos (E1.12.3); o Director do Conselho Executivo chama os pais à escola (E1.12.4); os pais têm vergonha de dizer para os outros e olhar para os outros quando se têm negativas... (E1.12.5); porque nós prestamos para os estudos muita atenção. (E1.12.7); É muito diferente (E1.15.9); na minha terra é obrigatória em cada turma, nós temos o Conselho Executivos dos pais para tratar de certos assuntos. Festas, eventos, excursões (E1.15.10); e os pais ajudam, estão envolvidos e depois os pais estão obrigados (P.1.15.11); por exemplo em cada turma, têm a sua sala...as turmas podem trocar de salas durante o dia lectivo mas têm depois uma sala que é atribuída a cada um...e as crianças e os pais devem manter tudo em ordem, e depois juntam dinheiro para comprar, por exemplo algumas flores, coisas estéticas... (E1.15.12); É tudo extra trabalho, depois do trabalho. (E1.15.13); as crianças têm aula de trabalho (manuais) e fazem durante esta aula coisas para a escola.(E1.18.11); os meninos arranjam as cadeiras, as mesas se estão estragadas (E1.18.12); Se acontece alguma coisa nós reparamos, os pais pagam. (E1.19.10); Aqui nunca vi isso, ninguém se acusa. (E1.19.11)</i>
	Caracterização do tratamento dos pais imigrantes pela escola	<i>os professores quando falaram comigo não fizeram diferenças ...ele é estrangeiro ou é português (E1.8.9); ...eu recebi muito apoio do lado dos professores... (E1.8.10)</i>

Quadro n.º 10 – *Contributos da formação docente para a gestão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos, na perspectiva dos docentes*

Sujeitos	Bloco: Formação versus gestão da diversidade e inclusão dos alunos estrangeiros	
	Categoria: Identificar o contributo da formação docente para a gestão da diversidade étnico/cultural/linguística dos alunos, na perspectiva dos docentes	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1		<i>eu nunca frequentei nenhuma acção de formação que tivesse a ver com estas questões. Se há eu não tenho conhecimento dessas acções de formação (P1.16.6); continuo a achar que isto depende muito da maneira de ser de cada um de nós e que nós muitas vezes perante as dificuldades é que vamos à procura de estratégias, de formas de dar a volta ao assunto e de integrar as crianças. (P1.16.7); se estão a ser alterados e preparados para isso, eu também não tenho conhecimento. (P1.16.8); A única vez que, em doze anos de trabalho, eu estive quase a fazer uma formação que tinha a ver com a “interculturalidade”, foi há três anos e tinha que a ir fazer à Grécia. (P1.16.9); Era através de um programa “Comenius”, ... Mas teria que ir a outro país fazer essa formação. Entretanto desisti. (P1.17.1); Foi a primeira vez que eu me senti motivada para fazer uma formação nesse sentido porque é uma coisa que me interessa. (P1.17.2); Inclusive quando eu estava a fazer o complemento de formação, tudo o que eu conseguia fazer em termos de trabalhos para as disciplinas que tivesse a ver com a interculturalidade, com a integração de crianças nas salas, com o trabalho no estrangeiro e tudo o mais, eu tentava fazer porque tinha a ver com a minha experiência. (P1.17.3)</i>
P2	Formação inicial e contínua	<i>um grande problema. (P2.7.8); que se exige que os professores nas escolas atendam os problemas originados pela massificação e diversidade de origem dos alunos, que fiquem com a responsabilidade de dar respostas adequadas, quando a formação inicial não foi adequada nem os preparou para esses problemas. (P2.7.9); teria de haver uma reformulação dessa formação inicial e também uma reformulação das acções de formação contínua, dando possibilidade a esses professores de fazerem essa formação (P2.7.10), sem lhes colocar entraves, ou seja, dentro do seu horário semanal e não exigindo que eles disponham de outros tempos, como os fins-de-semana, que precisam para outras situações. (P2.7.11); ajudando os professores e não dificultando a frequência dessas acções de formação. (P2.8.1);</i>
P3		<i>Nós, de facto não temos formação inicial nenhuma, zero, adequada a estas questões. (P3.9.3); a contínua, eu acho que cabe a cada professor também interessar-se pelo tema e ter consciência que é importante. Eu acho que depende de cada um de nós, com leituras, com pesquisas conseguimos aprender muitas coisas. A autoformação é uma obrigação de todos nós. (P3.9.4); existem muitas formas de no dia-a-dia conseguirmos tratar isso nas aulas. Por exemplo, a Área-Projecto é uma boa aula para se poderem desenvolver projectos sobre essas temáticas; a Formação Cívica também. Eu, este ano, aproveitei o facto de 2007 ter sido o “Ano de Igualdade de Oportunidade para Todos” para trabalharmos todos os temas relacionados com a diversidade existente no mundo... étnicos, linguísticos, culturais, religiosos... (a diferença entre a religião temos que aceitar...), a diferença que existe entre sexos, que tem que deixar de existir, de cor..., ou seja, tudo o que diz respeito à interculturalidade (P3.9.5); temos que ter a noção que temos que nos formar para no dia-a-dia conviver com essa realidade. (P3.9.6); E pôr os miúdos a investigar também. (P3.9.7); é uma lacuna dos cursos de hoje em dia. (P3.9.10); Nós não vimos preparados para esta realidade educativa. (P3.10.1) Vamos ter que nos auto-formar.</i>

		<i>(P3.10.2) uma das soluções é nós já virmos para as escolas preparados para ter que lidar com isso, com a presença de um aluno que não percebe nada do que dizemos...ter na turma um aluno que não nos ouve ou não nos vê (P3.10.3)</i>
P4	Formação inicial e contínua	<i>Não têm e eu vejo por mim. (P4.13.1); Eu tive uma formação completamente diferente da dos meus colegas. Nesta altura, sinto que eles estão muito mais habilitados e muito mais despertos para estas situações do que eu eventualmente estaria. (P4.13.2); Além disso parece-me que a organização da formação continua se faz de forma demasiadamente pretensiosa. Apostamos em grandes momentos de formação e carregamo-los com debate, com uma abordagem científica. Só que é tudo muito maçudo e as pessoas estão cansadas depois de um dia de trabalho ou outra coisa qualquer e aquilo não dá! (P4.13.3); Era preferível, pequenas unidades de formação, montadas de uma forma completamente diferente, mas que obedecessem às necessidades que as pessoas sentem no dia-a-dia.(P4.13.4); Coisinhas pequeninas, como por exemplo, “como controlar a agressividade dos miúdos”, coisas mais práticas. Acabavam por funcionar como motivação para uma formação mais aprofundada. (P4.13.5); assim as pessoas fogem da formação, fazem aquela a que são obrigados, enquanto lá estão, estão num bloqueio pessoal também muito grande, o que acaba por penalizar os próprios alunos.(P4.13.6); Continuam ainda a cometer os mesmos erros de quando eu fiz a minha formação inicial. Tipificam-se as situações e depois entramos aqui numa linguagem que entretanto é sempre redonda acerca das situações, quando efectivamente era mais fácil e até mais motivante para eles, se fossem envolvidos em situações concretas (P4.13.7); Dá-me a impressão que esses casos ficam à parte, depois com o tempo, perante a realidade chegarão lá. (P4.13.8)</i>
P1	Formação específica (avaliação diagnóstico na área da língua portuguesa, gestão flexível do currículo)	<i>Nunca é irrelevante...É como diz o ditado popular “o saber não ocupa lugar” (P1.17.4); agora somos obrigados a fazer formações fora de horas e até estamos cansados, acabamos por não valorizar muito aquilo que nos estão a proporcionar na altura (P1.17.5); num outro contexto, num contexto em que temos que utilizar esses conhecimentos, percebemos que de facto aquilo era um assunto importante. (P1.17.6); nunca é demais nós sabermos acerca desses assuntos. (P1.17.7); É importante para fundamentar as nossas práticas (P1.17.10); pela experiência que tenho, fui alterando a minha prática com coisas que eu achei que devia alterar, porque se calhar não funcionou bem ali e eu altero, porque funciona com aquela criança e não funciona com a outra, que é exactamente o que eu faço com os outros meninos todos...mas tendo uma base onde eu me pudesse apoiar, em termos da psicologia, em termos da linguística, era importante para eu poder ver e perceber se estou a trabalhar bem ou não... (P1.17.11); Se a situação já lhes foi posta de alguma forma, nalguma turma ou nalguma escola, provavelmente terão conhecimento dessa legislação e fruto também da própria experiência anterior já estarão mais informados em relação ao assunto. (P1.17.13); Eu, por exemplo, actuo à minha maneira, vou conversando com as minhas colegas...mas a nível de jardim-de-infância se há legislação específica para essas crianças...eu nunca tive necessidade de a ir ler. Nunca ninguém me disse (P1.18.1); a nível do jardim-de-infância, não tenho conhecimento dessa legislação porque nunca tive necessidade da usar, porque tendo necessidade era a primeira a sentar-me e a ir ler. (P1.18.2); essa pergunta é capaz de me criar alguma curiosidade e ir ver se existe alguma coisa ou não. (P1.18.3); suponho que os colegas dos outros ciclos que tenham crianças e que seja necessário, tenham conhecimento disso, inclusivamente pelo Órgão de Gestão. (P1.18.4)</i>

P2		<p><i>os professores precisam de formação, de acções de formação contínua nessas áreas específicas, porque se os professores não estão preparados pela formação inicial, têm que reformular essas formações (P2.8.3); os professores que têm os problemas em mão vão procurar e vão aprendendo (P2.8.4); Não lendo mais, vão perdendo muitas horas tentando actualizar-se (P2.8.5); não é regra para todos. (P2.8.6); muitas vezes nas escolas só quem tem mesmo o problema é que vai procurar a lei, vai procurar flexibilizar o currículo... (P2.8.6);</i></p> <p><i>Não é fácil muitas vezes chegar a todos ou transmitir precisamente essas actualizações a toda a gente, porque há muito trabalho, há muita carga de trabalho em todos os alunos da turma, o que faz com que os professores não possam pensar só nestes. (P2.8.7)</i></p>
P3	<p>Formação específica (avaliação diagnóstico na área da língua portuguesa, gestão flexível do currículo)</p>	<p><i>já que não tivemos essa formação na faculdade, poderia haver acções de formação sobre: como lidar na sala de aula com um aluno deficiente auditivo, como lidar na sala de aula com um aluno que não percebe nada de português, como lidar na sala de aula com um aluno que percebe um terço daquilo que nós dizemos... (P3.10.4;) era muito importante haver essa formação pois cada caso é um caso. Não se trata um aluno brasileiro, que tem uma forma de escrever diferente, ou um cabo-verdiano, como se trata um chinês que nem tão pouco conhece o nosso alfabeto! (P3.10.5); ainda têm muita dificuldade, talvez por não estarem preparados para isso. (P3.10.6); Somos um bocado tradicionalista na forma de avaliar os miúdos. Tentamos agora não ser tanto .(P3.10.7) Sabemos que existe mas nem sempre estamos ainda preparados para aplicar o que existe na lei, (P3.10.8); a lei permite tudo e mais alguma coisa...a lei é boa mas na prática ainda há muita falha (P3.10.9); daí a importância dos professores de ensino especial porque me parece que dominam mais (P3.10.10); ...apesar de nós termos todos essa obrigação. (P3.10.11); temos que saber que quem não fala português vai ser avaliado de maneira diferente...e nós próprios deveríamos preocupar-nos em saber como é que devíamos avaliar esses alunos. (P3.10.12) Daí a importância de existirem na escola os professores de ensino especial... (P3.10.13); Não é só deles, também é nossa mas considero que temos que trabalhar um bocado em colaboração. (P3.10.14); Lembro-me de um ano em que tive um aluno deficiente auditivo, em que se não fosse a professora de ensino especial a explicar-me quais eram as dificuldades de um aluno com défice auditivo, eu nunca chegaria à conclusão que com aquele aluno tinha que aceitar textos mais sintéticos, ou esquemas...Eu não poderia imaginar que seria assim...não tinha formação sobre isso.(P3.10.15); com as ingleses que eu tenho, não tenho dificuldade nenhuma porque a minha disciplina é o inglês, mas se eu fosse professora de matemática teria que seguir outras estratégias... (P3.10.16); o papel do professor de educação especial é importante e devemos trabalhar em conjunto. (P3.10.17);</i></p>
P4		<p><i>era uma mais-valia. (P4.14.1); eu acho que se fazem as coisas ao contrário neste país. Não se ganham as pessoas para a causa primeiro é tudo apresentado perante os professores como mais uma imposição. Agora fala-se muito sobre multiculturalidade, muito bem! Então agora bumba...e as pessoas sentem que isto é mais um capacete para enfiar na cabeça, mais uma moda até aparecer outra. Parece que tudo funciona um bocado por modas e isto cansa e desmotiva um bocado as pessoas, fiquem reticentes relativamente a tudo o que seja inovação. É tudo passageiro. (P4.14.2); Não, fazem-se leituras diagonais dos postulados que nos chegam e pronto. De um momento para o outro, quando nos sentimos aflitos, vamos à procura mas é uma coisa ocasional. (P4.14.3);</i></p>
P1	<p>Sugestões para a melhoria da formação docente</p>	<p><i>não vamos aprender romeno nem russo, mas se calhar devíamos fazer algum esforço para ter alguns conhecimentos acerca desses países. (P1.18.5); Não havendo uma outra forma de formação, deviam pelo menos fazer isso, ler sobre o país de onde a criança vem</i></p>

		<i>ou das proximidades, o que é que há e o que é que não há... (P1.18.6); alguma pesquisa e uma tentativa de perceber de onde é que a criança vem, qual é a comunidade em que estava inserida, em que meio é que vivia, etc. e isso devia ser preocupação dos professores. (P1.18.7);</i>
P2		<i>organizando acções de formação, dentro da própria escola. (P2.8.8); tentar não incluir logo esses alunos de imediato nas salas de aula, sem se saber qual a melhor maneira de lidar com eles. Procurar que houvesse esse tal espaço de transição (P2.8.9</i>
P3		<i>Essa Acção de Formação que se vai realizar aqui na escola sobre educação intercultural (P3.11.1) É uma das iniciativas que eu acho interessantes, para alertar os professores para esta temática e ajudar até a melhorarmos o nosso desempenho no dia-a-dia (P3.11.2).</i>
P4	Sugestões para a melhoria da formação docente	<i>não existe de facto, são os recursos humanos que possam tratar estes particularismos (P4.14.4), faz-se a colocação de professores mediante um rácio de "X", em que é dificilimo justificar que haja pelo menos uma turma por cada ano, tomara agora conseguir que haja, pelo menos, mais um ou outro professor de apoio. (P4.14.5); O certo é que, sem um ou outro professor de apoio, que possa em qualquer altura ajudar na sua inclusão é difícil. Até porque alguns destes alunos não necessitam de um apoio durante todo o ano, mas precisam dele numa fase inicial (P4.14.6); Mas isso é um trabalho que não pode ser feito pelo professor, porque teoricamente é possível mas depois na prática não há condições para isso (P4.14.7); quando nós sabemos que há crianças que vão ser integradas numa escola, deveríamos ter em atenção o reforço dos recursos dessa escola para ela poder ajudar na integração plena dessas crianças. Mais, podem não ter que ser continuados...este ano tem-se esta necessidade, no próximo ano se calhar já não teremos.(P4.14.8); Podíamos inclusive tentar que algumas pessoas se especializassem nestas temáticas (P4.14.9); a escola não tem os recursos ideais nem a forma de os obter (P4.14.10); A autonomia teoricamente permite que as escolas possam apresentar projectos, no entanto, se uma escola apresentar um projecto de candidatura a um fundo europeu ou a um programa qualquer especial nesse sentido, sem passar pelo crivo das próprias instâncias superiores, isso é considerado um ultraje funcionando mais como um factor de desequilíbrio do que propriamente uma coisa a valorizar (P4.15.1)</i>
P1		<i>O encontro do Projecto Comenius o ano passado aqui nesta escola. Movimentou toda a escola, pôs as crianças desde o pré-escolar até ao 9.º ano a pesquisar, pôs as crianças a fazer desenhos, pôs as crianças a ver exposições de culturas variadíssimas. (P1.18.8); Foi só da Europa mas de países completamente diferentes. Foi muito interessante a iniciativa. Quanto a mim, e das que me lembro, essa foi a mais importante sem dúvida nenhuma. (P1.18.9)</i>
P2	Iniciativa da EBI c/JI de Ammaia com vista a fomentar a formação multi/intercultural da comunidade	<i>ocorreu do ano transacto, com o projecto Comenius, em que houve contacto com uma enorme diversidade de culturas, em que professores e alunos visitaram as escolas envolvidas, tendo contacto com outros saberes, outra maneira de leccionar (P2.8.10); foi uma das iniciativas que na nossa escola ajudou um pouco a percebermos a diversidade de culturas que existem, a valorizar os outros, a conhecermo-nos a nós mesmos melhor. (P2.8.12)</i>
P3		<i>Está prevista uma Acção de Formação sobre educação intercultural para dia 22 e acho que isso é super importante. (P3.11.3); Eu, por exemplo, nas aulas de Formação Cívica tratei de um tema que falei à pouco do "Ano Europeu de Igualdades para Todos" e este ano, em 2008, é o "Ano do Diálogo Intercultural", ou seja, é um tema óptimo, que dá para pegar nessas aulas de Formação Cívica. Pus os alunos a trabalhar sobre: 1.º interpretar o logótipo, descobrir a razão pela qual as pessoas estarem de braços dados, o porquê das várias cores... e eles começarem a pensar o que é que é isso da</i>

	Iniciativa da EBI c/JI de Ammaia com vista a fomentar a formação multi/intercultural da comunidade	<i>“interculturalidade”. Depois fizeram também pesquisa sobre a União Europeia, uma vez que é uma celebração com origem na União Europeia e depois fizeram pesquisa sobre os países que entraram mais recentemente na União Europeia. Eu acho que essas disciplinas são muito boas, assim como a Área de Projecto, para se trabalharem esses temas. (P3.11.4)</i>
P4		<i>lembro-me por exemplo da experiência do “Coménius”, que eventualmente só pecou por não ter sido profundamente discutido de uma forma mais informada e mais aberta, envolvendo a comunidade até de outra forma. (P4.15.2)</i>

Quadro n.º 11 – A forma como os professores da EBI c/JI da Ammaia procedem à inclusão dos alunos estrangeiros na sala de aula

Sujeitos	Bloco: Inclusão dos alunos estrangeiros na EBI c/ JI de Ammaia	
	Categoria: Identificar a forma como os professores da EBI c/JI de Ammaia procedem à inclusão dos alunos estrangeiros na sala de aula	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Caracterização genérica do modo como procedeu na inclusão dos alunos estrangeiros	<p><i>as crianças acabam por ser integrar. Se a fórmula que é utilizada é a melhor, isso não sei. (P1.18.10); numa conversa destas que é perfeitamente banal, há conhecimentos em relação a outros países que podem ir também em relação às crianças e costumes desses países (P1.20.6); Mesmo sem haver crianças desses países na sala, mesmo sem estar contemplado a 100% no papel, acaba por ser um dos meus objectivos no projecto curricular de turma e da rotina da sala (P1.20.7); mesmo que não haja nenhum projecto para aquele dia para falarmos disto ou daquilo, no “Dia do Racismo” se calhar falamos acerca do assunto... (P1.20.8); Eu no Natal ensino sempre uma canção em inglês aos meninos, quer tenhas meninos ingleses, quer não tenhas, é prática minha. Qualquer dos meus meninos – até podem já não se lembrar, mas qualquer das turmas onde eu estou, ensino sempre canções em inglês porque considero que o inglês é importante. (P1.21.1); Por acaso ainda nunca perguntei, se calhar por timidez deles, à D uma canção romena, ainda nunca me cantou nenhuma canção romena na sala (P1.21.2); Ainda no outro dia, quando nós acabámos uma história eu costume dizer: “Vitória, vitória... acabou-se a história” – e depois houve um dia que eu comecei a dizer em francês – “Victoire, victoire...c’est finie l’histoire” – e eles começaram a dizer:</i></p> <p>- “O que estás tu a dizer?”</p> <p>- “Olha, isto é francês...é dos meninos franceses...”</p> <p>Depois comecei a tentar dizer em espanhol, depois tentei fazer a tradução em inglês...mas isso é natural! (P1.21.3); São pequenos gestos, isto não é coisíssima nenhuma, mas acaba por ser uma preparação, para eles perceberem que nós não estamos sozinhos no mundo e que a qualquer momento pode aparecer alguém que nós não percebemos (P1.21.4)</p>
P2		<p><i>o processo de integração não ofereceu grande dificuldade...porque houve logo a facilidade da aquisição da língua. (P2.9.2); Como director de Turma, e neste caso em concreto, houve alguma dificuldade (P2.9.3); porque tivemos problemas no diagnóstico dos alunos...depois como havia necessidade de os colocar logo na sala de aula, houve o problema dos professores não estarem preparados para receberem esses alunos, depois como os horários não estão estruturados para os professores disporem de tempo para acolherem esses alunos houve uma grande dificuldade de adaptação desses alunos. (P2.9.4); já vinham com problemas de aprendizagem que não foi fácil diagnosticar e tiveram também um problema de colocação nas turmas adequadas à sua idade e ao seu percurso</i></p>

		<i>escolar que não foi logo definido... (P2.9.5); As questões de equivalências que não vinham muito bem definidas, houve um espaço temporal muito grande até vir a resposta concreta, o que dificultou e que criou uma certa instabilidade nos próprios alunos. Depois foi feita a mudança para outras turmas, para conhecerem novos colegas e outros professores também. Portanto houve aqui, digamos uma indefinição, o que não ajudou muito... (P2.9.6); para além da própria rejeição destes alunos à língua portuguesa, mesmo em falar a língua. (P2.9.7);</i>
P3	Caracterização genérica do modo como procedeu na inclusão dos alunos estrangeiros	<i>no dia-a-dia que existem alguns conflitos entre os alunos portugueses e os alunos estrangeiros. Às vezes fazemos que não ouvimos as bocas de uns para os outros, às vezes temos mesmo que ouvir e temos que chamar a atenção (P3.12.3); Nem sempre é fácil, mas acho que no fundo tem corrido bem. (P3.12.4); O outro é diferente e então pegamos nas pequenas coisas...E eles nestas idades são muito cruéis uns com os outros...(P3.12.5); Considero que é um assunto que tem que ser trabalhado (P3.12.6); no geral eu penso que os alunos se integraram relativamente bem. (P3.12.7) Podia ser melhor, mas eu acho que isso tem de partir dos nossos alunos. (P3.12.8)</i>
P4		<i>eu senti muitas dificuldades ao princípio (P4.15.3) Para além de ser um desafio novo, de eu não dominar também a língua (P4.15.4); a minha grande preocupação foi que ela sentisse que era um elemento de pleno direito dentro daquela sala como os outros. (P4.15.5); Em termos de planificação ou de organização de trabalho tive sempre uma dificuldade muito grande porque ela entrou num grupo em final de ciclo, com um tipo de conhecimentos muito distantes dos seus. Lembro-me perfeitamente, que estávamos a falar da formação de Portugal, que eram coisas que não lhe diziam perfeitamente nada. Tive alguma dificuldade em ajustar as actividades para que ela pudesse participar. Recorri muito ao desenho mas nunca consegui muito porque ela manteve até agora uma reticência muito grande em falar com o adulto e isso limita muito o trabalho que se pode desenvolver. (P4.15.6); investi sobretudo o relacionamento (P4.16.1); porque, como se veio a verificar este ano, se ela tivesse uma relação de proximidade maior com alguém, era mais fácil entre pares, ela resolver o problema de exposição em público. (P4.16.2); na tentativa que se ela sentisse mais segura, sem a forçar e dando-lhe tempo para que se integrasse. (P4.16.3)</i>
P1		<i>o ano passado, por causa da história do "Comenius", por causa da chegada da C, isso estava contemplado no meu projecto curricular de turma. Este ano, exactamente também por aquilo que eu já disse, é pontual (P1.20.4); e não é uma coisa que me esteja a preocupar muito, mas acontece e acontece naturalmente (P1.20.5)</i>
P2	Definição de estratégias de inclusão dos alunos estrangeiros nos principais documentos de organização pedagógica da turma	<i>os Projecto Curriculares de Turma não são estanques. Vão sendo constantemente reformulados à medida que os próprios alunos vão vencendo as dificuldades, vão superando os obstáculos...vai-se reformulando e definindo outros objectivos. (P2.10.7); o Plano Anual de Actividades também é importante porque proporciona a estes alunos uma inserção com os outros alunos através de uma série de actividades que a escola propõe...convívios, actividades desportivas, actividades culturais que são importantes para estes alunos. Promove a parte afectiva, que é importante nesta fase. (P2.10.8); é difícil as escolas organizarem actividades especificamente a pensar nestes alunos. (P2.10.9) Como eles são inseridos no contexto da própria escola, eles próprios é que têm que adaptarem-se às próprias actividades propostas e não andarmos a arranjar actividades específicas para estes alunos. (P2.11.1); é importante que eles participem como os outros participam, naquilo que existe. (P2.11.4)</i>

P3	Definição de estratégias de inclusão dos alunos estrangeiros nos principais documentos de organização pedagógica da turma	<p>No nosso Projecto Curricular de Turma, na disciplina de Formação Cívica, foram abordados esses temas, como eu disse, que aponta para a importância de aceitarmos o outro que é diferente, seja pelo sexo, religião, cor, etc., como elemento fundamental de construção de uma sociedade justa assente no intercultural. (P3.13.1; Directamente relacionado com a nacionalidade dos alunos que temos não foi feito nenhum trabalho (P3.13.2); Mas é uma coisa que até se podia ter feito, propor à aluna dar a conhecer a sua cultura (P3.13.3); a não ser estas temáticas gerais, no dia-a-dia e no PCT ou no Plano Anual de Actividades, não me parece que ainda se tenha muito em conta o facto de termos na aula um aluno que doutra nacionalidade...não se tem aproveitado isso. (P3.13.4); O PCT provavelmente não reflecte o trabalho que é feito no dia-a-dia. (P3.13.8); fica aquém da prática, isso é verdade...mas é melhor assim do que ao contrário. (P3.13.9); Há muita coisa que podia lá estar ...Aliás, no PCT é revisto mesmo para isso..., Algumas coisas ainda nos têm falhado. Mas neste caso é ao contrário, a prática está a funcionar melhor que a teoria e ainda bem que assim é (P3.13.11),</p>
P4		<p>Muito honestamente não (P4.16.7) ... Eu falo por mim, a introdução de uma criança estrangeira na turma deveria passar pela existência de um clima de abertura e discussão entre a comunidade educativa porque senão há uma tentativa de normalizar à força uma criança que não pode ter e que não tem as mesmas referências. (P4.16.8); ainda não nos sentimos à vontade para fazer um exame crítico e dizer muito honestamente: "eu não estava sensibilizado para isto, custou-me muito porque entretanto vi isto quase com muita violência para mim...". (P4.17.1); em conjunto não há abertura para reflectir sobre isto (P4.17.2); E deveria ter. (P4.17.4); Toda a organização da turma vai de encontro aos alunos portugueses, com temáticas que têm a ver com a nossa cultura.(P4.17.5) Para eles aquilo não lhes diz muito. A celebração do Natal, se calhar para eles aquilo é vivido de outra forma. (P4.17.5)</p>
P1	Relato de um incidente crítico	<p>A Christabel foi integrada numa turma de pré-escolar, ela tinha 5 anos, supostamente iria para o 1.º ano no ano seguinte e ela não chegou no início do ano, ela chega para aí em Janeiro, a falar inglês, a falar inglês só. É integrada numa turma, quando eu entrava ela falava inglês comigo, a educadora dela não falava muito bem inglês mas também a entendia. A Christabel foi aprendendo com os amigos... e eu lembro-me de logo no princípio ela ter chegado à minha sala, estarmos as duas e o engraçado é que ela passava algum tempo sem falar na sala dela e quando entrava na minha sala, ela falava, falava, falava, falava...em inglês. Falava, falava, falava porque sabia que eu a percebia e porque sabia que ia ter alguma resposta. Há um dia que ela entra na sala e diz-me, - mas com uma certeza muito grande, olha para mim e diz-me -, "eu tenho que aprender português, eu tenho que aprender português" -. Porque lhe devem ter dito isso em casa, e disse-o em inglês. - "Tenho que aprender português!!!" -. Pronto, a Christabel ficou até final do ano, foi começando a falar português, tudo muito bem. A Christabel no ano seguinte foi para a escola portuguesa, foi para o 1.º ano e há um dia em que a avó dela me encontra no supermercado e me veio agradecer o facto de eu ter ensinado português à neta dela porque a neta dela era das melhores alunas da turma, que adorava português e que adorava escrever em português. Se eu tive alguma influência nisso, eu não sei...que me soube muito bem ter ouvido aquela avó ter-me vindo dizer aquilo, tudo muito bem, sim senhora! E o que é certo é que houve ali qualquer coisa em que eu participei e nunca mais me esqueci disto. (P1.22.1)</p>
P2		<p>não estávamos preparados para este tipo de alunos. Porque as experiências tinham sido fáceis com outros alunos vindos de leste. Este caso foi um caso mais difícil e para além disso eram alunas que já vinham com problemas...eram alunas com necessidades educativas especiais o que nos dificultou ainda mais o processo.</p>

P2		<p><i>Portanto, houve aqui um esforço a dobrar por parte dos professores e dos órgãos da escola que tiveram que, de algum modo, reformular os seus conhecimentos, as suas intervenções. (P2.9.8); Um pelo carácter positivo, nessa questão que falávamos atrás da inclusão em actividades programadas pela escola... o facto de uma das alunas inglesas gostar muito da prática desportiva e estar sempre disposta para participar em todas as actividades desportivas que a escola organiza de acordo com o seu Plano de Actividades. É de realçar a sua participação, ...pela sua vontade participava em todas as actividades, só aquelas em que os pais não a deixam é que ela não participa... (P2.11.5); Uma motivação para a própria aluna que ao conviver com os outros também mais facilmente se adapta ao meio escolar onde se insere. (P2.11.6); A outra é um caso negativo. Tem a ver precisamente com o caso que tivemos das miúdas inglesas...Eram duas irmãs, eu era Director de Turma de uma delas, e com a colega Directora de Turma, tivemos necessidade de convocar os pais para fazer o ponto da situação. E a dificuldade foi esta: é que os próprios pais não sabiam em que nível de ensino é que as miúdas andavam...ou o diagnóstico não foi bem feito ou os pais estavam pensando outra coisa, houve ali um desfasamento em relação a que anos é que as miúdas deviam ser equiparadas, aquilo que os pais queriam e aquilo que estava na lei... (P2.11.7);</i></p>
P3	Relato de um incidente crítico	<p><i>no aspecto positivo, acho que posso falar do esforço que os professores, na generalidade, nem todos, mas na generalidade, têm feito para tentar adaptar-se a esta nova situação. (P3.13.12);O aspecto negativo é o facto dos alunos portugueses nem sempre facilitarem essa inclusão...porque, quando me lembro dos alunos que eu tive (só nesta escola), a maior parte dos alunos estrangeiros estão sempre sentados sozinhos...e quando eu tento colocar alguém a trabalhar com eles, existem casos de alunos que se recusam, por exemplo. (P3.14.1); Um caso que eu acho bem sucedido, por exemplo, é o caso da aluna do 9.º ano. Mas eu acho que é bem sucedido porque teve a sorte de ter uma amiga que a incluiu (P3.14.2); ainda continua a ser um bocado negativo, eles serem um bocadinho marginalizados. Isso, provavelmente acontece pelo facto de no início terem dificuldade linguística, o que dificulta a aproximação entre eles. (P3.14.3)</i></p>
P4		<p><i>Pelo aspecto positivo temos o caso da colega Cid e a integração que fez, na Pré- primária à C. Mas a Cid tinha um background diferente da maioria de nós, que inclusivamente já incluíam outras experiências do género passadas em Macau, dominava a língua, ... Portanto, eu acho que isso também parte muito das pessoas estarem abertas à mudança, para a inclusão destas crianças. Provavelmente ela já tinha isso interiorizado ao passo que eu não. Penso que a C realmente teve uma belíssima integração (P4.17.6); No aspecto negativo as leituras que poderei fazer são a outro nível. Por muito que eles estejam integrados e que acompanhem o currículo escolar, por vezes nós esquecemo-nos que eles são miúdos que continuam a ter uma língua materna diferente, são portadores de uma cultura diferente da nossa e que aquilo que lhes interessa poderá não ser o mesmo que em termos “médios” esta turma no fundo tem como interesse central. (P4.17.7)</i></p>

Quadro n.º 12 – *A forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa, na perspectiva dos docentes*

Sujeitos	Bloco: Inclusão dos alunos estrangeiros na EBI c/ JI de Ammaia	
	Categoria: Identificar a forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Caracterização do ambiente da escola face à diversidade	<i>Salvo raras exceções, eu considero que é (P1.22.2); Porque a comunidade escolar é uma comunidade escolar muito pequenina. Porque a diversidade também não é assim tão grande como isso...Ao longo do tempo com a chegada de algumas crianças estrangeiras, foi-se criando um bocado essa cultura de tolerância (P1.22.3); considero que a comunidade escolar aceita muito bem as crianças que chegam, que os professores e o órgão de gestão aceitam bem quem vai chegando, até porque, como disse, são poucos, o que facilita. (P1.22.4); Penso que se tem vindo a criar uma cultura para que essas aceitações sejam cada vez maior e melhor... (P1.22.5)</i>
P2		<i>O caso da Escola da Ammaia é igual a muitas outras...cada vez é mais difícil às escolas trabalharem com esta diversidade de alunos porque as preocupações, as obrigações que põem para cima da escola e dos professores é enorme. Há muita burocracia, muito trabalho de papéis, de atender a outras formalidades, o que leva a que muitas vezes os professores não tenham tempo nem estejam à vontade e motivados para trabalharem estes casos isoladamente. Portanto, é muito difícil tanto para a Escola da Ammaia como para outra qualquer, dar a melhor resposta a este tipo de alunos, a este tipo de problemas. (P2.12.4); Pelo facto de ser uma escola pequena, tem a facilidade de ser mais fácil tornar o aspecto afectivo, ou melhor, contribuir para a inserção através de um clima afectivo favorável. (P2.12.5); ser uma escola pequena, com menos alunos por turma, torna mais fácil detectar problemas (P2.12.6); a Escola da Ammaia tem um clima que favorece mais, pelo facto de ter menos alunos o que é um elemento de favorecimento. (P2.12.7)</i>
P3		<i>o trabalho que tem sido feito com esses alunos tem sido óptimo, acho que melhor era impossível. (P3.13.5) é óptimo, melhor é quase impossível, porque ela tem tido um apoio individualizado praticamente a todas as disciplinas (P3.13.6); esta escola, está a pôr todos os meios possíveis e imagináveis em prática. (P3.13.7); A escola na generalidade sim, sem dúvida nenhuma ...os professores em geral, os auxiliares de educação também. (P3.14.4) Tenho reparado nalgumas atitudes para com esses alunos e acho que o ambiente revela tolerância e respeito. (P3.14.5) Pronto, é só no caso dos alunos que se torna necessário intervir para modificar alguns comportamentos menos adequados. (P3.14.6); Eu ainda não descobri o que se pode fazer para modificar isto, mas acho que é uma questão sobre a qual temos que reflectir. (P3.14.8)</i>
P4		<i>Das escolas aqui à volta que eu conheço, eu acho de facto, é aquela que apresenta mais condições para isso, porque não sendo uma escola muito pequenina, é uma escola onde existe um certo ambiente familiar. (P4.18.1); As pessoas, mais ou menos, comunicam entre elas. (P4.18.2); destas escolas aqui à volta eu acho que esta ainda é a que tem mais capacidade para incluir este tipo de alunos. O corpo docente, não sendo todo ele efectivo, porque existe aqui uma grande mobilidade, espantou-me pela abertura que teve para analisar e aceitar estas situações. (P4.18.4); outras escolas aqui ao lado onde isso era profundamente difícil, onde ou a criança conseguia por ela própria integrar-se ou então não era fácil. E depois, mesmo os colegas não aceitavam “a diferença” e aqui aceitou-se muito bem e</i>

		<i>com naturalidade. (P4.18.5)</i>
P1		<i>Eu não tinha lido mas fui perguntar (P1.20.1); No projecto educativo da escola isso não está praticamente contemplado (P1.20.2); No regimento interno, idem, idem, aspas, aspas (P1.20.3); Devia ser alterado e devia contemplar logicamente...já que esses documentos agora vão ser revistos, teremos repensar a situação. (P1.23.1)</i>
P2		<i>o próprio Projecto Educativo da Escola tem sido reformulado e tem-se adequado precisamente a estas novas necessidades, a estas novas realidades. Penso que o próprio Regulamento Interno também é revisto constantemente, também se reformula para ir de encontro ao Projecto Educativo da Escola. (P2.12.8); estas mudanças, orientações novas que surgem a todo o momento, muitas vezes não é fácil tanto estar a reformular o Regulamento Interno como o próprio Projecto Educativo. (P2.13.1); As novas orientações que vêm do Ministério dificultam um pouco...é legislação em cima de legislação...dificulta um pouco a estabilidade do Projecto Educativo e não é fácil para as escolas (P2.13.2)</i>
P3	Reflexo de preocupações com a inclusão da diversidade nos documentos chave da escola (PEE, RI)	<i>Vou ser franca, não li...não li nem um nem outro (P3.14.9); mas penso que não deve ainda ter nada de muito explícito, a não ser a parte relativa aos apoios (P3.14.10); Tenho dúvidas que contemple de forma clara essa intenção da inclusão dos alunos.(P3.14.11); Eu acho que daqui para a frente se vai ter cada vez mais essa noção e passará a ser um aspecto a considerar nesses documentos, mas não sei se já faz. (P3.14.12)</i>
P4		<i>talvez não haja, mas eu não posso falar porque não conheço em pormenor os documentos. É uma falha, contra mim falo, mas de facto não conheço bem. (P4.18.6); dá-me a sensação que não. Normalmente esses documentos são feitos pelo “fio condutor” normal, onde situações pontuais, que saem um pouco fora da norma, são ignoradas no próprio documento. (P4.18.7); não quer dizer que as pessoas não actuem e que as pessoas não estejam preocupadas ou motivadas, só que no documento oficial da escola isso não se reflecte. (P4.18.8); Uma escola é muito mais que estes documentos. (P4.18.9) As pessoas fazem muito mais do que aquilo que vem nesses documentos e estão sempre abertas a novas iniciativas. (P4.18.10); E mais, ao longo do ano vão sendo introduzidos eventos, realizações, parcerias que as várias autoridades vão estabelecendo com a escola mas que depois não são contempladas no Plano Anual de Actividades e só no final é que se faz referência a essas actividades. (P4.19.1); Há uma coisa que os professores não colocam nos projectos, que é o criar o “espírito de corpo”, que é o fazer com que as crianças sintam que a escola é deles e ao mesmo tempo que os professores sintam que aquela é a sua escola. Passamos muito mais tempo a responder a deliberações, a postulados que nos impõem, quando era possível elaborar outro tipo de documentos e discutir uma série de situações que eram até bastantes giras para enriquecer os documentos da escola. (P4.19.2)</i>
P1	Medida aplicada pela escola que mais favorece a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>O que mais ajuda, são os professores todos, e continuo a achar isso...o que ajuda é a vontade dos professores todos, se estiverem para aí virados. (P1.19.7); depois de terem saído do apoio ficam com quem? Ficam com os professores e estes têm que tentar integrá-los na turma, apesar de terem uma cultura diferente, de virem de outro país. O professor neste aspecto tem sempre um papel muito, muito importante... (P1.19.8); Coube realmente aos professores (P1.19.9); a questão humana (P1.23.2); o ser uma escola pequena e haver mais ou menos um entendimento entre toda a gente. Daí tornar-se mais fácil (P1.23.3); portanto a questão humana de facto é muito importante. (P1.23.4); não temos apoios específicos para ajudar na inclusão destes alunos, porque nós não temos pessoal especializado para isso, porque não pode haver um especialista para isso...como tal, tem mesmo que ser a questão pessoal, tem de ser</i>

		<i>mesmo a mão-de-obra humana (P1.23.5)</i>
P2		<i>Primeiro a aquisição da língua portuguesa, o mais rápido possível (P2.9.9); a inserção e adaptação ao próprio meio escolar. (P2.9.10); haver alguém que seja capaz, passando se calhar pelo papel do tutor, alguém que consiga fazer esta breve recepção e ao mesmo tempo prepará-los para inclui-los melhor na turma, junto dos seus colegas, dar-lhes a conhecer os procedimentos e as regras da escola... (P2.10.1); Relação afectiva. (P2.10.2); poderia ter sido um professor a fazer isto, se a escola tivesse a possibilidade de dar os créditos horários a esse professor e o trabalho seria, se calhar, tão bem feito como foi o caso. (P2.10.6); arranjar professores que dominem minimamente a língua para estar mais perto destes alunos tem sido uma medida que contribui para melhorar a inserção destes alunos. (P2.13.4); a dificuldade é precisamente conseguir créditos para que os professores trabalhem de forma regular com estes alunos. (P2.13.5);</i>
P3	Medida aplicada pela escola que mais favorece a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>A estratégia é inclui-los na turma normalmente. Dar-lhes apoio na língua portuguesa fora da sala de aula é muito importante também... (P3.12.9); Mas essa tarefa pode e deve passar, como acabámos de dizer, pela formação dos alunos portugueses para aceitarem esses alunos, porque muitas vezes os problemas que existem não é tanto por eles serem estrangeiros, mas pelos nossos alunos não aceitarem algum comportamento...ou seja, o problema não é só dos alunos estrangeiros, os nossos alunos também têm problemas em aceitar a diferença. (P3.12.10); na maior parte dos alunos, essa tal imersão quase total dos alunos nas turmas é bom e o facto de eles terem apoio individualizado, sempre que possível, para superarem as dificuldades relativas à língua que é a parte mais complicada. (P3.15.1)</i>
P4		<i>eu acho que num pequeno grupo, em pequenas actividades, sem haver a necessidade, numa primeira fase, de ela passar o dia todo na escola, com actividades mais lúdicas seria importante.(P4.16.4); devia ser feita uma introdução gradual e nalgumas actividades, sobretudo naquelas em que a criança esteja mais à vontade e não tenha medo de se expor aos outros. E ao mesmo tempo ir preparando a turma para receber o novo colega. (P4.16.5); o mais importante foi a disponibilidade dos professores, do Conselho Executivo e até dos próprios funcionários para aceitar a diferença. (P4.19.4) E isto é muito importante e aparentemente não se vê mas sente-se. (P4.19.5)</i>
P1		<i>não ter pessoal especificamente formado para isso.(P1.23.6); a lacuna na escola é uma lacuna geral. Não há pessoal especificamente formado para receber crianças que venham de outros países... (P1.23.7)</i>
P2	Medida aplicada pela escola que mais dificulta a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>teve a ver com a primeira parte de tratamento e análise do processo. Penso que o diagnóstico não foi muito bem cuidado, não foi muito bem tratado... Há vários motivos que podem ter contribuir para isso. Muitas vezes nem as pessoas que estão a trabalhar nessa parte específica não têm tempo e formação para rapidamente fazerem o diagnóstico. Esse foi um dos problemas. (P2.12.1); o problema dos alunos terem ido logo para a sala de aula, sem que os professores tivessem a preparação adequada para trabalhar com estes alunos... (P2.12.2); essa necessidade que a escola tem de inserir rapidamente o aluno na turma, ainda que, muitas vezes, os professores não esteja preparados para acolher esses alunos. (P2.13.6); há aqui um efeito de "surpresa", pois não estão preparados, falta a tal fase de transição para que os alunos, os professores e os conselhos de turma se preparem, arranjem estratégias para receber esses alunos. (P2.13.7)</i>

P3		<i>o facto dos colegas (portugueses) nem sempre ajudarem... (P3.15.2); as atitudes acabam por condicionar a sua inclusão. (P3.15.3) Em alguns casos, sinto que o próprio aluno se sente mal com isso e se sentem um bocadinho rejeitado e às vezes até o verbalizam. (P3.15.3)</i>
P4	Medida aplicada pela escola que mais dificulta a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>Aquilo que me dá a sensação é que a esta escola talvez lhe faça falta mais alguns espaços físicos que possam estar adaptados, para poder desenvolver certas actividades (P4.18.3); eu penso que a escola por vezes, entra numa situação que poderá ser delicada que é o facto de querer ultrapassar e oferecer mais do que aquilo que pode e criar essa imagens nos próprios encarregados de educação. Esta excessiva disponibilidade eu acho que é não saudável. (P4.19.6); A situação negativa pode ser a disponibilidade em excesso. (P4.19.7); Não há grande disponibilidade da escola poder nomear um professor, durante um tempo, num regime de tutoria em relação a uma criança, para ajudar na sua integração. (P4.19.8)</i>
P1		<i>De início, de certeza absoluta que não...porque a lista dos representantes dos pais na escola, regra geral, está formada. Eles não se conhecem, e como não há essa preocupação de lhes explicar, o que é que eles podem fazer ou não podem fazer... (P1.24.6) ; Muitas vezes não são informados, porque lá está, temos a barreira da língua (P1.25.1); deviam ser informados previamente. (P1.25.2)</i>
P2	Representatividade dos pais imigrantes e suas necessidades nos órgãos pedagógicos	<i>há um desfasamento muito grande entre o que é a prática do meio escolar e aquilo que passa cá para fora. (P2.13.8) Há poucos pais com poder interventivo na escola, no sentido de sugerir estratégias, de melhorar o processo de ensino/aprendizagem em conjunto com os professores. Há mais um reivindicar junto dos professores e não tanto de expor as suas ideias, as suas sugestões e pontos de vista. Não há preocupação em assumir compromissos ou mediar os conflitos. (P2.13.9); há aqui o querer impor e o querer responsabilizar e não responsabilizarem-se a eles próprios. (P2.13.10); de serem pais que vêm de leste ou que vêm de outro país, como a Inglaterra... (P2.14.1); É o facto de depositarem mais confiança na escola e nos professores (P2.14.2); Não é só o exigir, o responsabilizar a escola...mas depois não participarem no processo. (P2.14.3)</i>
P3		<i>tenho dificuldade em responder porque não sei até que ponto são representados, se fazem parte ou não da Associação de Pais. (P3.15.4); Não sei se eles são activos na Associação de Pais. Se não são, eu até compreendo, mas acho que era bom que eles fossem mais activos (P3.15.5)</i>
P4		<i>Não. (P4.20.2); talvez também tenha a ver com a forma como estes órgãos acabam por funcionar. No Conselho Pedagógico está o representante dos pais, normalmente vindo da Associação de Pais que neste caso até existe. Quando as Associações de Pais fazem reuniões e pedem aos pais para virem e tomarem posição sobre alguns aspectos do funcionamento da escola, esses pais não vêm a essas reuniões. Quando vêm a única preocupação deles é saber qual é a decisão tomada. Eles acabam por ser muito pouco participativos nas questões que entretanto vão apresentando. Depois de uma forma natural vão-se sujeitando àquilo que foi decidido pelos outros. (P4.20.3); Talvez eles ainda não percebam muito bem como é que a própria escola funciona. (P4.20.5)</i>
P1	Sugestões para melhorias na actuação da escola	<i>acho que menos "floreados" de início era melhor. Uma melhor comunicação com os pais logo de início, dar-lhes a conhecer as regras (e eu nem sou muito para regras), as linhas orientadoras da escola, dá-las a conhecer. Mais do que floreados, mais do que facilitismos... (P1.19.1); era uma boa base para quando as pessoas chegassem, para termos alguma coisa para lhe entregar, para poderem ler e mesmo que tenham dificuldade em ler, quem traduziu também cá podia vir ajudar e explicar-lhes. (P1.19.2)nós muitas vezes vamos fazendo e vamos emendando os erros, mas se neste momento já temos conhecimento que erramos em determinada</i>

P1		<p><i>altura, ou seja, não sei se é o facto de já termos errado, mas se a coisa não correu tão bem, já podemos neste momento criar uma coisa diferente e que é importante, muito importante. (P1.19.4); É necessário pormo-nos todos ao mesmo nível, no mesmo patamar, a escola, a família e termos em conta as necessidades das crianças que é o mais importante. (P1.19.6); O Ministério, a autarquia, aquilo que seja... (P1.24.1); as autarquias a tomarem conta disso, porque as autarquias é que podem fazer os levantamentos do número de crianças, pois estão mais junto das escolas, e criarem um departamento (nem sei se seria um departamento), não era preciso estar alguém a tempo inteiro, mas haver alguém que pudesse fazer essa ponte e de início estabelecer essa ligação entre os professores da turma, a criança, a família... (P1.24.2); mais uma vez depende da boa-vontade das escolas e das pessoas, porque não há ninguém específico para fazer aquele trabalho... (P1.24.5); a questão da bolsa de recursos. (P1.25.3)</i></p>
P2		<p><i>Haver equipas de trabalho que analisassem o processo destes alunos logo, que vissem logo...que diagnosticassem inicialmente esses alunos, que pudessem trabalhar com eles traçando estratégias, traçando planos curriculares diferenciados, para aqueles alunos que precisassem, ajudando a fazer a sua integração nas turmas de uma forma faseada (P2.14.4)</i></p>
P3	Sugestões para melhorias na actuação da escola	<p><i>esta escola já faz muito... ou pelo menos dá o seu melhor, o que nem sempre é fácil. (P3.15.6); Talvez pudéssemos acrescentar (mas pode ser que já seja foi feito e eu não tenha conhecimento) uma ajuda na realização dos trabalhos de casa”, porque muitas vezes é apontado que alguns alunos estrangeiros, (tem acontecido mais com as alunas inglesas) não fizeram o trabalho de casa...ou porque não perceberam o que o professor disse, ou porque não apontaram, ou porque têm falta de organização... mas como a realização dos TPC é um dos parâmetros de avaliação acabam por ser um bocadinho prejudicadas...talvez um apoio, não sei se à 4ª feira, na realização e organização do seu estudo pudesse ajudar. (P3.15.7)</i></p>
P4		<p><i>Se calhar valia a pena apostar em um ou dois encontros informais apenas com estes pais, para ouvir e sentir aquilo que eles têm para dizer. Por exemplo, pode haver problemas de rejeição e até de marginalização que eles sentem e que a escola pode nunca se aperceber. Numa reunião geral de pais eles poderão ter dificuldade em dizer isso perante os outros mas porventura individualmente essas coisas podem vir ao de cima. (P4.20.6) alguns deles podem sentir que os filhos lá em casa se queixam por não terem na biblioteca livros que necessitam...e são todas essas situações que valia a pena fazer com eles. (P4.20.7); usar algumas imagens que pudessem ser identificativas do seu meio da sua origem, da sua comunidade, colocando-as na escola para eles terem algo com que se identificar. (P4.20.8); Temos que saber que a inclusão pressupõe também o reconhecimento da diferença, conhecendo-a para a entender. (P4.21.1); Nós às vezes somos muito voluntaristas nisso e depois andamos muito tempo à espera para uma solução que se poderia arranjar mais facilmente...se calhar valia a pena investir numa coisa destas. (P4.21.2)</i></p>

Quadro n.º 13 – *Atitudes dos docentes face aos alunos estrangeiros, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes*

Sujeitos	Bloco: Inclusão dos alunos estrangeiros na EBI c/ JI de Ammaia	
	Categoria: Identificar as atitudes dos docentes face à presença dos alunos estrangeiros, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Principal atitude positiva dos docentes para a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>Não fazer a diferença entre eles (E1.10.10). Não prestar atenção para este assunto e depois as crianças esquecem-se (E1.10.11; foi o que aconteceu com o meu. (E1.10.12)</i>
	Principal atitude negativa dos docentes para a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>chamar a atenção para a diferença (E1.10.13)</i>
	Comparação entre o seu país de origem e Portugal	<i>É muito diferente (E1.11.1); Vocês têm mais democracia (E1.11.2); na maneira de vestir, de falar, de dar a aula... (E1.11.3); porque na minha terra o sistema de dar a aula é do género de uma reunião, tudo mais rigoroso (E1.11.4); A disciplina é muito rigorosa. (E1.11.5); Aqui é mais à vontade, mais democracia... (E1.11.6); por causa da mentalidade do povo (E1.11.7), Parece-me que é aqui. (E1.11.8); não tiveram guerras, revoluções, grandes crises... (E1.11.9); isso influencia a personalidade, a educação, a cultura do povo... (E1.11.10); na minha terra (E1.11.11)</i>

Quadro n.º 14 – *Atitudes da EBI c/JI de Ammaia face aos alunos estrangeiros, na perspectiva dos encarregados de educação imigrantes*

Sujeitos	Bloco: Inclusão dos alunos estrangeiros na EBI c/ JI de Ammaia	
	Categoria: Identificar a forma como a EBI c/JI de Ammaia procede à inclusão dos alunos estrangeiros na comunidade educativa	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
E1	Caracterização do ambiente da escola face à diversidade	<i>Acho que é uma escola tolerante, são abertos (E1.14.14); quando eu estava a estudar na universidade lá na minha terra, e apareceram muitas pessoas de outros países e havia bastante discriminação. (E1.14.15); O povo da minha terra é menos tolerante para estas coisas. (E1.14.16); Vocês são muito tolerantes, (E1.14.17); Claro que acontecem situações (E1.14.18); mas noutros países estas coisas são bem piores, são mais brutos, mais violentos. (E1.14.19); Sim, acolhedora. (E1.14.20)</i>
	Reflexo de preocupações com a Inclusão da diversidade nos documentos chave da escola (PEE, RI)	<i>Não. (E1.14.21); Nunca li. (E1.15.1); Não sabia que existia. (E1.15.2); Eu falava com as professoras para saber da situação, como as coisas corriam com o meu filho (E1.15.3); Não sabia que existia. (E1.15.2); não sabia que isso existia. (E1.15.4)</i>
	Participação dos pais imigrantes na vida da escola e na Associação de	<i>Não. (E1.15.5); Estou aqui nesta escola através do “Centro de Emprego”, por causa do pedido da Associação de Pais mas não pertença à Associação. (E1.15.6);</i>

E1	Pais	
	Preocupação da escola em ver reflectida a opinião e participação dos pais imigrantes	<i>Aqui é um bocadinho diferente. (E1.16.1); Porque lá se nós fazemos festa no fim do ano todos participam, os pais, as crianças... (E1.16.2); Aqui, o que eu vi na festa, estranhei um bocadinho (E1.16.3); porque as crianças estão a cantar, os professores estiveram a preparar esta festa e os pais estão sentados para beber e comer... (E1.16.4); Para mim foi uma surpresa. (E1.16.5); Os pais deviam ver como as crianças cantam, não é para comer, comer é depois! (E1.16.6); Não, não. (E1.16.7); Não. (E1.16.8); Se por exemplo fizessem alguma festa sobre as diferentes culturas... (E1.16.9); podia participar e ajudar mas nunca aconteceu. (E1.16.10)</i>
	Atitude/estratégia adoptada pela escola que melhor contribuiu para a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>A tolerância, as atitudes das pessoas. (E1.16.11)</i>
	Identificação da atitude/estratégia adoptada pela escola que mais dificultou a inclusão dos alunos estrangeiros	<i>juntá-los um bocadinho mais mesmo dentro da turma. (E1.16.12) Não é só fazer estas festas no fim do ano, no natal...fazer estas coisas pequeninas entre as turmas... (E1.16.13)</i>

Quadro n.º 15 – *Formas de colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes*

Sujeitos	Bloco: Colaboração/ parcerias com a comunidade local com vista a inclusão dos alunos estrangeiros e suas famílias	
	Categoria: Identificar as formas de colaboração/parceria entre a escola e a comunidade local com vista a inclusão dos alunos e famílias imigrantes	
	Subcategorias	Unidades de conteúdo ou índices
P1	Caracterização das atitudes da comunidade face à presença de famílias e alunos estrangeiros	<i>Sim, porque se foram habituando ao longo dos tempos a terem estrangeiros por aqui, mais que não sejam as crianças. (P1.25.4); Há por aqui muitos holandeses, há muitos ingleses. As pessoas foram-se habituando a ver gente diferente, foram-se habituando a ver gente vestida de outra maneira, foram-se habituando a ouvir outras línguas... (P1.25.5);</i>
P2		<i>aquele meio é um exemplo do interior do país. (P2.14.5); um meio onde não há problemas sociais muito evidenciados, onde não há muitos problemas com os miúdos na escola mas noto que há um afastamento dos pais em relação ao processo do ensino da aprendizagem. Digamos que os pais colocam os alunos na escola e esperam que os professores resolvam os problemas. (P2.14.6); Não há acções concertadas dos próprios pais para tentar também atender a esses problemas. Digamos que a Associação de Pais deveria ser a maior dinamizadora destas acções e não tenho visto nenhuma iniciativa (pode-me passar alguma) mas não tenho conhecimento que tenha feito nada nesse sentido... (P2.14.7); são meios onde há pouco densidade populacional e esses problemas ainda não existem aqui neste interior. (P2.14.9)</i>

P3	Caracterização das atitudes da comunidade face à presença de famílias e alunos estrangeiros	<i>A nível da comunidade escolar, como já disse, acho que sim, que tanto professores como auxiliares, como alguns alunos (há os que rejeitam mas também há os que tentam ajudar) no geral sim. (P3.16.1); Em relação à comunidade local, a Portagem em si e arredores, não consigo ter essa noção. Como não vivo cá! (P3.16.2); Mas penso que sim, o povo português costuma ser acolhedor. (P3.16.3)</i>	
P4		<i>Com muito espanto meu, sim.(P4.21.3) Não vejo aqui da parte da comunidade nem da parte dos próprios alunos, aquele velho raciocínio de que “vêem para aqui tirar-nos algumas coisas nossa”, não.(P4.21.4) Aceitou com naturalidade a sua inclusão, como os aceita no mercado de trabalho. (P4.21.5)</i>	
E1		<i>Sim, muito. (E1.21.10); recebi grande ajuda e grande apoio. (E1.21.11); Apareceram mais problemas quando eu atingi um certo nível, quando comecei a andar num carro melhor... (E1.21.12); Quando a pessoa está “coitadinha” todos querem ajudar, quando a pessoa evolui e cresce já não é assim... (E1.21.13); É normal (E1.22.1); mas quando cheguei senti-me apoiada. (E1.22.2)</i>	
P1	Relato de alguma iniciativa de colaboração/parceria entre instituições e comunidade local com vista a inclusão das famílias/alunos estrangeiros	<i>Aqui no concelho – daquilo que eu tenho conhecimento, não houve nenhuma. (P1.25.7)</i>	
P2		<i>a nossa escola no ano passado teve um aproveitamento positivo a esse nível...a escolha do recurso utilizado (um recurso improvisado) no caso uma auxiliar, uma técnica que estava com outras funções, de animadora, mas que foi aproveitado para fazer esse papel, tentar melhorar o relacionamento afectivo com estas alunas e ajudá-las a conhecer melhor a organização da escola... (P2.10.3); Foi escolhida porque era a única que falava melhor a língua inglesa, embora não fosse inglesa. Estava aqui ao abrigo de um programa do Centro de Emprego. Ela era holandesa e aproveitou-se esse recurso, precisamente porque falava bem a língua inglesa. (P2.10.5); Parcerias não conheço. (P2.15.1); O único caso que eu conheço é de alguns pais que procuram fora da escola resolver algum problema pontual de alguns alunos...mas parcerias não conheço. (P2.15.2); Existiu pontualmente aquele programa, como eu referi, que foi o caso feliz de termos tido uma técnica colocada pelo Centro de Emprego, em parceria com o Ministério da Educação, que colocou naquela escola e nós aproveitámos as suas potencialidades, rentabilizando esse recurso para ajudar na adaptação das alunas à escola...mas foi pontual, foi esporádico, não foi planeado. (P2.15.3)</i>	
P3		<i>Não tenho conhecimento. (P3.16.4) Existe esta Acção de Formação que vai haver agora aqui na escola, que eu penso ser dirigida essencialmente aos professores, não sei até que ponto não seria interessante poder haver a participação, por exemplo, da nossa auxiliar ou de um pai, de uma mãe... (P3.16.5)</i>	
P4		<i>Eu não estou por dentro desse assunto, não conheço.(P4.21.6)</i>	
E1		<i>Não (E1.22.3); eu não tinha tempo para participar. (E1.22.4); Lembro-me uma vez que estava a participar numa festa em Castelo de Vide, nós levamos comida e havia lá um Padre da minha terra... (E1.22.5)</i>	
P1		Aspectos em que se justificaria essa colaboração/parceria	<i>Se houver uma exposição de fotografia aqui na escola, uma exposição de objectos de determinada cultura ou de determinado país das crianças que frequentem a escola, isso era importante para os alunos...isso era uma coisa que a autarquia podia aproveitar... (P1.25.8); Fazer o levantamento das famílias estrangeiras e das nacionalidades das pessoas que estão no concelho de Marvão e a seguir fazerem uma exposição, não digo que façam uma semana, mas que façam, por exemplo, um fim-de-semana dedicado à Roménia (P1.25.10); não faz mal nenhum tornar visível as comunidades...Holandeses há muitos, ingleses há muitos... não seja só para as crianças, mas para toda a comunidade... (P1.26.1); A Câmara tem a “semana do borrego”, a “semana do azeite” que são coisas nossas, mas podem fazer o fim-de-semana da Roménia,</i>

		<i>podem fazer o fim-de-semana da Holanda... porque o povo gosta de comida e de bebida, como se costuma dizer, isso pode levar a que haja um entendimento melhor e que a própria comunidade aprenda com coisas simples nem que seja só com o bolo que vai comer (P1.26.2); alguém que seja pintor, que faça uma exposição de pintura nesse fim-de-semana (P1.26.3)</i>
P2		<i>Principalmente em relação aos pais. (P2.15.4); Por ser interior e haver, se calhar, poucas famílias estrangeiras a residirem nesta área, estes pais não se agrupam no sentido de arranjar soluções para os seus problemas em conjunto. Mas penso que se conseguissem arranjar estratégias concertadas, para conseguirem que estes alunos, inicialmente, fora do contexto da escola, pudessem ter apoios para aprenderem a língua portuguesa, poderia ser mais fácil. (P2.14.5); Nesta área, os portugueses, por exemplo em Paris ou noutros países, organizaram-se e requisitaram professores específicos para trabalharem a língua, para melhor inserção dos seus filhos. (P2.14.6); Em parceria com o governo português. Arranjar maneira de se organizarem e haver professores dessas áreas específicas para os ajudarem a melhorarem o domínio da língua, sem ser a escola. (P2.14.7); A escola insere esses alunos nos seus currículos normais, mas é preciso esse trabalho extra, sobretudo nessa fase de transição (P2.14.8); A autarquia representa o Estado na sua dimensão local, portanto a autarquia se está predisposta a receber parcerias, podia ser um elemento importante nesta mediação. (P2.14.9)</i>
P3	Aspectos em que se justificaria essa colaboração/parceria	<i>Pode ser muito giro esse pessoas participarem e poderem partilhar as suas experiências. Até porque é uma forma de ter a noção se são bem integrados, quais são as dificuldades que tiveram, etc. É por isso que acho que esta acção vai ser engraçada, se as pessoas também participarem ainda é mais enriquecedor. É das poucas acções que eu vi, senão a única, e pode ser um primeiro passo. É a primeira coisa que eu vi ser feita para essa abertura de espírito. (P3.16.6); Em relação aos pais, as famílias imigrantes, mas não sei se isso existe, haver aulas de português para estrangeiros...para imigrantes. (P3.16.7); nesse aspecto a Câmara Municipal deve ter um papel importante na concretização dessas iniciativas. (P3.16.8); estes pais podiam trocar experiências e nós até poderíamos participar. Porque não ser algum professor de cá que não tivesse horário completo a dar essas aulas? Acho que era uma coisa engraçada e uma boa iniciativa. (P3.16.9)</i>
P4		<i>eu acho que talvez fosse importante, nalguns momentos que são excessivamente significativos para os miúdos e para a nossa cultura, que nós não nos apercebemos bem do desconforto que alguns deles sentem...por exemplo, eu vejo isto em relação ao Natal. Muitos deles aperceberam-se do que é o Natal cá porque para eles as coisas são festejadas de outra forma, com outras datas, enfim...Nalguns desses momentos, eles podiam ser chamados a participar de outra forma, mostrando também as suas tradições. (P4.21.7); Era possível fazer aqui um conhecimento das culturas. (P4.21.8)</i>
E1		<i>agora a situação económica está muito difícil. (E1.22.6); temos que compreender, nós não podemos ficar igual porque é natural...por exemplo, o melhor emprego é para o português não é para o estrangeiro, é a terra deles (E1.22.7); temos que aceitar isto e ficar calados a trabalhar e fazer o que podemos fazer (E1.22.8); Vocês já ajudaram muito quando chegaram esta grande parte dos estrangeiros (E1.22.9) agora já está tudo mais ou menos resolvido (E1.22.10) ...alguns já se foram embora, outros já foram para outros países e esses que ficam, ficam porque estão já habituados e aceitam tudo como está (E1.22.11); neste momento acho que já não preciso de tão grande apoio porque já cada um decidiu (E1.22.12). Esta onda dos emigrantes já acabou (E1.22.13); Do meu país já ninguém sai, já não vale a pena. (E1.22.14)</i>